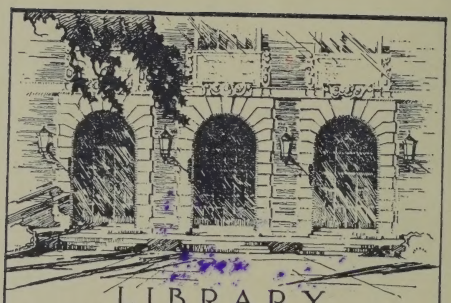
FELICIANO RAMOS
E
LUÍS AMARO DE OLIVEIRA

OS GRANDES ESCRITORES PORTUGUESES

DOS SÉCULOS XVIII, XIX E XX

ANTOLOGIA

LIVRARIA CRUZ
BRAGA



LIBRARY
OF THE
UNIVERSITY
OF ILLINOIS

868.08
R14g

400

The person charging this material is responsible for its return on or before the **Latest Date** stamped below.

Theft, mutilation, and underlining of books are reasons for disciplinary action and may result in dismissal from the University.

University of Illinois Library

APR 14 1959

MAY 31 1973

JUN 28 1973

JUN 22 1973

NOV 1 1974

NOV 1 1974

L161—O-1096

OS GRANDES ESCRITORES PORTUGUESES

DOS SÉCULOS XVIII, XIX E XX

OBRAS DO AUTOR:

HISTÓRIA LITERÁRIA

Ensaios de Crítica Literária — 1933.
Meditações Históricas — 1940.
O Século da Restauração — 1940.
A Personalidade Literária de João de Deus — 1943.
Eugénio de Castro e a Poesia Nova — 1943.
Eça de Queirós e os seus Últimos Valores — 1945.
Trindade Coelho como Homem de Letras — 1946.
História da Literatura Portuguesa — 1950.
Estudos de História Literária do Século XX (em publicação).

ESTUDOS FILOSÓFICOS

Antero de Quental na Poesia Filosófica — 1936.
A Expressão da Liberdade em Antero — 1941.
As Últimas Ideias de Bergson — 1944.
Sob a influência de Bergson — 1947.

ENSAIOS PEDAGÓGICOS

Um Ano de Ensino — 1930.
Antero no «Tesouro Poético da Infância» — 1942.
Em Prol da Educação Nova — 1943.
Garrett no Livro «Da Educação» — 1943.
A Actividade Pedagógica de Trindade Coelho — 1945.
Perspectivas Mentais sobre Educação — 1953.

FELICIANO RAMOS
PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU
E
LUÍS AMARO DE OLIVEIRA
LICENCIADO EM FILOLOGIA ROMÂNICA

OS GRANDES ESCRITORES PORTUGUESES

DOS SÉCULOS XVIII, XIX E XX

LIVRARIA CRUZ
BRAGA
1957

COMPOSTO E IMPRESSO NO
CENTRO GRÁFICO DE FAMALICÃO
DE JOSÉ CASIMIRO DA SILVA
Av. Barão de Trovisqueira, 425/433
VILA NOVA DE FAMALICÃO

868.08
R14g

INTRODUÇÃO

Posto que uma história literária digna deste nome não possa construir-se senão em referência à estrutura das obras, atenta e demoradamente analisadas, o certo é que nem sempre os autores de semelhantes livros são movidos pelo desígnio de, neste ponto, observar tal exigência da ética histórica. E daí vem o aparecimento de obras com denominações referidas à história da literatura, mas que, de facto, o não são, pois se dispensam de considerar a análise crítica das grandes obras primas, refugiando-se em juízos vagos e indistintos. Amparam-se assim em cómodo e irresponsável impressionismo, quando não pendem a ser mais dicionários bibliográficos. Nesta hipótese, estamos simplesmente perante uma falsa história literária ou um simples arremedo dela.

Em compensação, transitam para lugar destacante, nas obras desta espécie, os problemas bibliográficos, as notas concernentes à reconstituição dos textos, os dados biográficos, os aspectos históricos, as afinidades com livros coevos e o estudo das datas.

É indubitável que as questões deste género são inseparáveis da história literária e constituem parte integrante dela, mas não são o seu supra-sumo. De facto, é o estudo crítico-estético das obras a pedra de toque de uma autêntica história da literatura, que pretenda ajustar-se aos factos, de que ela necessàriamente há-de resultar e submeter-se às regras científicas que a condicionam. A história, a filologia, a biografia, o cômputo das

influências, proporcionam à história literária elementos subsidiários e imprescindíveis, mas não absolutamente suficientes para a constituir e lhe dar ser. Isto é, não se deve confundir história literária com ciências auxiliares da história literária. A primeira mantém a sua individualidade própria e inconfundível, não obstante ter de manter-se estreitamente vinculada a estas.

A ciência filológica permite, por exemplo, que se efectue com rigor a restauração de um texto medieval, mas este, no fim da reconstituição, fica à espera que o expliquem. O texto, assim definitivamente fixado, é condição prévia da análise crítica e estética. Ao estabelecimento do texto autêntico, limpo de deturpações e interpolações, é que se seguirá a interpretação, que poderá ser prejudicada, ou mesmo falseada, quando a reconstituição textual for defeituosa.

O trabalho de fixação de um texto, se é menos dificultoso quando se trata de obras modernas, torna-se particularmente delicado para os textos medievais, que nos aparecem desfigurados pela incúria ou ignorância dos copistas e escribas. O historiador, fiado na sua autenticidade, poderá ser levado a praticar erros de interpretação graves.

Não poucas vezes, a ressurreição textual de um escritor, por maior que seja a preparação do filólogo, fica sujeita a erro e a discussão. Carolina Michaëlis consagrou-se à restauração do texto do Cancioneiro da Ajuda com o maior escrúpulo científico, todavia isso não obstou a que recentemente um filólogo americano lhe descobrisse imperfeições. Augusto Magne dedicou-se, durante muitos anos, ao estudo do manuscrito da Demanda do Santo Graal, *e a sua notabilíssima tentativa de edição crítica, que representa um alto serviço à cultura luso-brasileira, não está inteiramente a coberto de objecções, sem menoscabo da dignidade científica com que foi elaborada.*

O historiador da literatura não pode, portanto, menosprezar o auxílio do filólogo, tal como um arquitecto não pode prescindir do auxílio que o pedreiro, o carpinteiro, o pintor, lhe têm de prestar. O que se diz para a filologia, para as edições críticas e para a reconstituição de textos, diz-se, por exemplo, para o estudo das fontes e influências.

A determinação das fontes de uma obra, quando não seja conduzida com bom senso, pode levar a conclusões inaceitáveis. Os rebuscadores de fontes são fàcilmente iludidos por afinidades ocasionais. Há um fosso, quase intransponível, entre a fatigante arte dramática de D. Francisco Manuel de Melo e o teatro genial de Molière. No entretanto, porque em Le Bourgeois Gentilhomme, *de Molière, há situações ou personagens que oferecem semelhanças com outras do* Fidalgo Aprendiz — *este cronològicamente anterior à peça francesa — isto bastou para que se lançasse a tese de que D. Francisco Manuel de Melo havia sido uma das fontes da obra de Molière. Tomou-se a nuvem por Juno. Desigualdades estéticas profundas separam as duas obras dramáticas: uma, a portuguesa, é obra de terceira ordem; a outra, fulgura naturalmente entre as grandes obras primas do género, e mantém hoje todo o seu encanto cómico, toda a sua perene beleza dramática. Perante temas ou episódios idênticos, reagiram os dois escritores de acordo com os recursos do seu temperamento artístico. Ora é o estudo da variabilidade e riqueza destas condições e recursos que conta para a valorização de cada uma das peças. O mesmo tema pode ser objecto de um tratamento mediocre, ou então o pretexto para a criação de uma verdadeira obra de arte. A preocupação de descobrir fontes pode assim levar a dar importância demasiada a identidades superficiais, suscitando problemas de imitação, que só aparentemente diminuem a originalidade de uma obra.*

As Fontes dos Lusíadas, *do Dr. José Maria Rodri-*

gues, tão densas de erudição e saber, informam sobre as várias leituras de Camões, mas não esclarecem o crítico sobre as limitações que essas influências externas impuseram à originalidade do Épico. O Professor Dr. Hernani Cidade, ao estudar a influência de Virgílio em Camões, ultrapassou o método de José Maria Rodrigues, e em vez de se limitar ao simples rol das semelhanças e imitações, considerou essas sugestões externas como um material que Camões elaborou com espírito novo e sob o amplexo do seu génio criador, capaz de renovar temas conhecidos e de os observar sob novas perspectivas. Esta esclarecida compreensão das influências foi praticada por Hernani Cidade na obra de crítica que o eminente professor consagrou a Camões. Assim se salvaguardou a visão do génio artístico do Épico, que um simples conspecto de fontes poderia obnubilar. A menção das fontes de nada serve se não for completada em função de um estudo comparativo das possibilidades artísticas do escritor. Enfim, é imprescindível, para esclarecer a extensão da originalidade do escritor, a intervenção do crítico e do historiador.

Mas casos especiais há em que a determinação da proveniência de uma obra e a sua filiação se tornam prementes. É o caso da pilhagem de textos estranhos, que a ética literária medieval admitia. Um historiador da literatura medieval, que nas suas interpretações não atenda à composição dispersiva das obras, arrisca-se a cair em faltas graves. O facto do plágio textual, que hoje naturalmente se exproba e condena, ser uma operação corrente e admissível durante a Idade Média, tem como consequência a existência, nesse tempo, de obras híbridas, onde os textos alheios se intercalam e reproduzem sem, em geral, se lhes assinalar a origem. É o caso, por exemplo, das Crónicas de Rui de Pina, e mais vastamente de uma obra como a

Corte Imperial. *Nos dois exemplos, encontramo-nos perante escritores que muito se apropriaram de obras de outrem. Perante textos deste género, o historiador terá de caminhar com cautela, e não poucas vezes é prudente permanecer na espectativa, não vá cometer o erro de tentar definir a individualidade artística do escritor de que se trata à face de um passo que lhe não pertence, como já tem sucedido. Tratando-se, portanto, da literatura medieval, o historiador deverá estar permanentemente de sobreaviso e aguardar a descriminação de fontes.*

Em todos estes casos, como em outros, a história da literatura aparece-nos como uma ciência individualizada, embora dependente das ciências auxiliares da história literária. Sem o concurso destas, o historiador, em vários casos, só muito imperfeitamente se desempenhará da sua missão, que se dirige à composição das obras, à definição do seu conteúdo ideológico, à explicação do seu condicionalismo psicológico e ambiental. Semelhante actividade analítica abrirá caminhos novos à penetração do problema da criação literária para cada escritor. De qualquer modo, — repetimos — a história da literatura é essencialmente inseparável da prospecção textual. Sem esta operação prévia, todo o pretenso historiador corre o perigo de se perder na vacuidade e no impressionismo, e de anular cientificamente o seu trabalho.

Impõe-se, portanto, inicialmente, como base indispensável de estudos objectivos de história literária, a organização de compilações do género da que, com esta antologia, tentamos, confiando à publicidade extractos dos escritores relativamente importantes dos séculos XVIII, XIX *e* XX. *Sabe-se quanto é vão pretender dar uma ideia completa e definitiva da personalidade de um escritor através de um trecho, de um passo, de uma poesia isolada. As selecções de textos estão hoje universalmente consagradas, mas nin-*

guém pensa em atribuir-lhes um valor absoluto como meios de conhecimento da obra de um escritor. A antologia apresenta-se simplesmente como um valioso auxiliar na fase da iniciação dos estudos de história literária, pois facilita o primeiro contacto com os escritores, excita a curiosidade de lhes ler todas as obras, concorre para formar o bom gosto e educar cientìficamente o observador, habituando-o a fundamentar os juízos críticos, não em verbalismo e retórica, mas em autênticos factos literários.

A escolha deve incidir, tanto quanto possível, sobre o que em cada escritor se afigure mais relevante ou mais representativo da sua personalidade artística. É contudo impossível, nesta busca do melhor, admitir que o selecionador se tenha de alhear da extensão dos textos ou das limitações impostas por uma escala valorativa inspirada não só pelo mérito estético, mas ainda por ideias construtivas. Tratando-se de uma antologia para a juventude, destinada aos adolescentes das nossas escolas liceais, seria incompreensível qualquer propósito de comprometer a sua saúde psíquica ou prejudicar o seu vigor intelectual, coligindo intencionalmente trechos de índole depressiva ou passos que pudessem favorecer preconceitos ideológicos e encorajar tendências contrárias à essência do homem e à sua nobreza espiritual. Já não aludimos ao tipo moral e ideológico a que há-de subordinar-se a educação em escolas oficiais como os liceus, porque essa ordenação pedagógica nunca se perdeu de vista neste livro.

Numa antologia desta espécie, não parece aconselhável a documentação dos desvios e desconcertos mentais. Foi em consequência destes vários imperativos que achamos impróprio e funesto, por exemplo, fornecer amostras de aspectos lecenciosos e degradantes do poema Os Bur-

ros, *de José Agostinho de Macedo. De igual modo, evitamos as trancrições do primeiro* Anti-Cristo *de Gomes Leal, onde não escasseiam as aberrações ideológicas. Também não nos abalançamos a insistir demasiado no arracionalismo dos nossos «modernistas», especialmente quando se tratava de composições que, de facto, pareciam mais casos de alienação mental do que textos que normalmente patenteassem emoções estéticas. Que benefício haveria, por exemplo, em dar publicidade numa antologia, onde o sério, o racional e o harmonioso devem ter a primazia, à última vontade do poeta Sá Carneiro, que confessa, numa poesia sem brilho formal ou imaginativo, o desejo de que o seu cadáver seja transportado para o cemitério sobre dorso de um burro e ao som da música de latas? Além destes casos, que apontamos a título meramente exemplificativo, outros poderíamos citar entre os que impuseram a observância das regras que circunscreveram o âmbito da escolha e nos estreitaram os movimentos. Há ainda a dizer que tivemos de lutar contra as limitações do espaço.*

Queremos particularmente afirmar que nos esforçamos por dar relevo ao homem, não só como ente superior da natureza, mas também como ser vivo naturalmente contingente, contido, não obstante a sua fuga irreprimível para um além misterioso, pelo condicionalismo da fragilidade.

São inteiramente destituídos de interesse os restantes aspectos? Isso dependerá das preferências estéticas e mentais de cada estudioso, sendo, porém, certo que para o historiador da literatura tudo convém examinar, a fim de concluir com rigor. Sem dúvida que o especialista — e não é este o caso presente — não se deve contentar com textos selectos e, tanto quanto possível, cumpre-lhe obter informação completa e pormenorizada.

Agora trata-se apenas de uma antologia que inau-

gura a grande caminhada através de literatura nacional. Destina-se a servir os que se iniciam nos problemas literários, a esclarecer os que pretendem noções objectivas sobre história da literatura ou desejam fundamentar ideias gerais. Da antologia deve sair-se para continuar a ampliar a informação documental, que permita formular uma ideia mais completa de cada escritor, com tudo que nele exista de caracterizante.

Em cada período, para além do particularismo estético e intelectual — este só reconhecível nos grandes escritores — observa-se uma corrente de direcções dominantes, que, mais ou menos, se apoderam de todos os escritores de uma época. Esta comunidade emotiva e espiritual tira a seiva que a nutre dos pensadores e dos ideólogos em voga, directa ou indirectamente. Isto é, a compreensão dos textos de um escritor, muito especialmente dos de marcada personalidade, obriga ao estudo das correntes de pensamento de cada momento histórico. Ainda sob este aspecto, a antologia não pode excluir o conhecimento do clima ideológico que acompanha a actividade do escritor, e daí o facto de a história da literatura se tornar constantemente subsidiária das correntes de pensamento. Isto quer dizer que a leitura de trechos escolhidos tem de ser comentada e centralizada em relação ao momento intelectual.

Assim, por exemplo, a literatura do século XVIII está numa encruzilhada literária e intelectual. Por um lado, não se romperam ainda os contactos com a cultura antiga, e os homens e factos históricos da Antiguidade continuam a influir na educação literária dos escritores. Mas, por outro lado, torna-se visível a invasão pacífica de um ideário novo e de novos gostos artísticos, cujo alcance mal se adivinha ainda. Presenceia-se uma oscilação entre o passado e o presente. Um inconformista

pedagógico, tão turbulento como Verney, move uma guerra de morte à velha ordem mental portuguesa, mas a cada passo vai buscar aos Antigos elementos para as suas considerações. O poeta Tomás António de Gonzaga, mesmo quando transmite maior vigor à sua expansão emotiva, não se liberta da erudição clássica. A sua linguagem, porém, acusa, pelo espírito renovador que nela vive, uma reacção contra as gastas fórmulas do estilo clássico. Também o prestígio literário dos Clássicos está muito abalado. Correia Garção, por exemplo, já não admite a intangibilidade estética dos Antigos, bem como Verney. Novos escritores e estetas ocidentais fazem concorrência aos escritores greco-latinos. Mesmo entre os apaixonados da Antiguidade, alguns aparecem a dispensar atenção crescente aos clássicos nacionais, *em detrimento dos clássicos de Roma e da Hélade. O magistério dos escritores greco-romanos perde terreno e há já, no Brasil, quem escreva poemas sem se importar muito com eles em matéria de preceituação estética.*

Da França, da Alemanha e da Inglaterra sopra um vento novo que, às vezes, se recebe com desconfiança, como se colhe de uma reacção pessoal do Abade de Jazente. É verdadeiramente, no século XVIII, *que principia a evoluir o processo de decomposição do ideal clássico, que há-de suscitar o rejuvenescimento da literatura portuguesa no século* XIX. *Então uma lufada de ar fresco, e de naturalidade, reconduzirá os escritores à verdade da natureza e da vida, com o consequente repúdio das reminiscências livrescas dos Antigos.*

A campanha em prol da experiência da vida na arte literária exprimiu-se, porém, hesitantemente no decurso do século XVIII. *Foi longo, e por vezes cheio de precalços e contratempos, esse progressivo caminhar no sentido da vida. Só ao dealbar do segundo quartel do século passado, a*

vitória da literatura nova, o Romantismo, está à vista. O século XVIII é assim inseparável da centúria que lhe sucedeu, e por isso, nesta antologia, agregamos ao século XIX os textos que lhe dizem respeito: os séculos XVIII, XIX e XX, se bem que ricos de diversidade, constituem um todo.

O ideário político e filosófico, que condiciona a literatura romântica, constituiu-se de igual modo no período anterior, sob a inspiração de filósofos e escritores franceses e anglo-germânicos, que precipitam o colapso do classicismo. Nos quarenta anos que precederam o aparecimento das Odes Modernas, *de Antero, que traduzem uma rebelião estética e ideológica que, posteriormente, a «Questão Coimbrã» e as «Conferências Democráticas» confirmarão, cria-se uma literatura nacional, muito diferente do Classicismo. Não se estancou, de facto, a capacidade criadora, e novos valores artísticos preencheram o vazio deixado pela literatura clássica. Homens como Garrett, Herculano e Camilo afiançam a reputação do romantismo português, como também balizam a altura estética que então se alcançou. A riqueza criadora desse período e a diversidade estética dos escritores que o compõem tiveram condigna referenciação nesta antologia.*

Quanto ao caso dos escritores contemporâneos, mantemos a orientação adoptada na nossa «História da Literatura» e, em consequência disso, omitimos a transcrição de textos de escritores vivos, mesmo até daqueles que, embora manifestem uma certa vitalidade, deram por terminada a sua carreira literária e já há muito ultrapassaram a fase culminante da criação artística. Em obediência a este plano, renunciou-se, por exemplo, a documentar o teatro de Júlio Dantas, embora este escritor seja o primeiro dramaturgo português do século XX.

No que concerne a escritores desaparecidos, lamenta-se não dispor de espaço suficiente para, nesta antologia, dar

maior projecção à obra de Eugénio de Castro e Teixeira de Pascoais, à poesia de Afonso Lopes Vieira, ao romance de Carlos Malheiro Dias e às investigações históricas de Lúcio de Azevedo, historiador e artista da prosa. Este último requisito, o de artista, faltou a Gama Barros, que foi mais homem de ciência do que homem de letras, e por esta circunstância, apenas, não ganhou direito à representação nesta selecta, posto que a sua obra, História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV, *seja um portentoso monumento histórico. Gama Barros exprime a frigidez crítica, a impermeabilidade à emoção e a impassibilidade perante os acontecimentos humanos, que ele inventaria com perfeita serenidade e independência. Tende a gravitar numa órbita mais estranha à arte.*

Possuem riqueza de imaginação, intenso vigor mental e uma elevada capacidade artística os escritores Antero de Quental, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, grandes entre os maiores homens de letras da segunda metade do século XIX. Estes, assim como Garrett e Herculano, prosseguem muito para além do seu tempo e a sua expansão continua no século XX. É possível saber a história do aparecimento literário dos referidos escritores, mas não é fácil precisar a força influenciante da sua personalidade e a distância a que se projectam. Determinamos-lhe o começo, mas ignoramos onde acabam. Assim de Garrett transitamos para o neo-garretismo de Ramalho Ortigão na segunda metade do século XIX, e, já no nosso século, revela-se o neo-garretismo de Afonso Lopes Vieira e de Raul Brandão. Por conseguinte, ao lado de suspensões definitivas, como a do formalismo clássico, afirma-se também a continuidade de posições artísticas e mentais que ficam e se fortalecem pelos tempos fora. Não deixamos de documentar algumas neste livro.

Ao organizar a presente antologia, não só o presente

volume, mas o que em breve sairá sobre os séculos XVI *e* XVII (Renascimento e Seiscentismo), *também aspiramos a que os trechos escolhidos pudessem servir de apoio documental à nossa* História da Literatura Portuguesa, *cuja segunda edição não tardará a sair do prelo. Servirá ainda esta selecta para as escolas onde se professa o ensino de tipo liceal, nomeadamente liceus, colégios e seminários. Compreende-se então que nos movesse a preocupação de observar os programas de língua e literatura portuguesa do terceiro ciclo.*

Embora o programa de literatura do 7.º ano, quanto a escritores do século XX, *apenas inclua os «simbolistas», demos, com as inevitáveis restrições, mais larga representação a este meio século de literatura, não só para evitar uma ideia demasiadamente incompleta da literatura contemporânea, que é ainda, em parte, um prolongamento natural e uma consequência evolutiva da literatura do século* XX, *mas ainda porque não fazia sentido que, no 7.º ano, os alunos fossem obrigados a esquecer o que as selectas oficiais lhes ensinaram no 2.º ciclo sobre a literatura do século* XX. *Optando por esta orientação, restabelecemos a sequência entre o 2.º e o 3.º ciclo. Deste modo, cremos também servir melhor o rigor histórico e suprir a grave lacuna informativa do programa do 7.º ano sobre 50 anos de produção literária nacional, onde é possível rastrear acontecimentos artísticos de sentido novo e surpreender ideias e tendências que ninguém, superficialmente versado em história da literatura, deve desconhecer.*

Além de que esta antologia dirige-se também à curiosidade intelectual de todas as pessoas que pretendam documentar-se sobre a evolução da actividade literária nacional, e não pode, portanto, faltar à missão de informar o mais completamente possível.

FELICIANO RAMOS.

SÉCULO XVIII

Período da Decadência
do
Classicismo

CAPÍTULO I

NOVAS TENDÊNCIAS INTELECTUAIS

TEXTOS DE:

Luís António Verney
Francisco Xavier de Oliveira
Ribeiro Sanches

LUÍS ANTÓNIO VERNEY

1713-1792

1. Contra o preconceito da superioridade dos Antigos

Se os homens quisessem depor os prejuízos e servir-se dos seus olhos, reconheceriam a verdade do que aqui aponto; mas a preocupação nos Peripatéticos é tal, que não lhes deixa abrir os olhos para ver o que devem. Que importa que Aristóteles, ou todos os Filósofos da Grécia, dissessem que o ar era leve, se estou vendo experiências que provam que é pesado? Que importa que digam que a luz é uma qualidade distinta de todo o corpo, se me mostram efeitos que me obrigam a dizer que é um corpo? Que importa que os Escolásticos afirmem que a organização de um vivente são acidentes que resultam da forma substancial, se eu vejo que é um perfeito artifício que não tem nada que fazer com a forma, pois que existe partida a dita?, se eu vejo que a circulação do sangue e outros humores mostra distintamente que o corpo do animal é uma máquina hidráulica maravilhosa, a qual pode viver muito bem sem alma inteligente, e cuja vida em nada depende do conhecimento? Certamente que de não considerar assim o corpo nascem todos os enganos; e depois que, postas de parte as preocupações, começaram a considerar o corpo humano

como é em si, e examiná-lo mediante as leis do movimento, têm-se descoberto coisas que se ignoravam.

Quero ainda supor que esses Filósofos fossem os maiores homens do mundo; nada disso basta para que eu não ceda à evidência e despreze a sua autoridade. Mas que souberam esses Filósofos em comparação do que nós hoje sabemos? Os Sócrates, Diógenes, Sólons, etc., os Estóicos, e muitos outros, aplicaram-se ao Moral. Mas que Moral é o seu, para se comparar com o nosso? Qualquer pobre mulher católica é infinitamente mais alumiada do que não era Platão, e sabe mais verdades importantes do que ele não sabia metafísicas. O saber então que a alma do homem era um puro espírito, que nós obrávamos por um fim sobrenatural, que o conhecimento deste só podia ser a nossa maior felicidade, era conhecimento que estava reservado para um grande Filósofo; e ainda destes raríssimo o entendia como devia ser. Mas isto, hoje, sabe qualquer menino. Não falo do modo de o dizer; pois é certo que aprendemos mais em uma página dos nossos livros bem escritos do que em livros inteiros de Platão. Mas, ainda que se pudesse comparar com o nosso Moral, nada disto ajuda para a Física.

A Dialéctica dos Antigos era muito diferente da nossa. Os que melhor discorreram, como Sócrates, não se afastaram muito da simplicidade do nosso dizer; os que quiseram subtilizar muito, como os Estóicos e alguns Peripatéticos, deram noutro extremo, que era a confusão. Que semelhança tem a Lógica de Aristóteles com algumas modernas que eu vejo? Tanta como o dia com a noite. O menos mau que eu acho nos Antigos é o método, sendo que falta a quase todos; o pior são as regras, que, pela maior parte, são inutilíssimas. Mas ainda o método é tal, que quem quiser não saber Lógica

basta que leia pelos livros dos Antigos. Abra V. P. Aristóteles, e fico seguro que, depois de ler um dia inteiro, não colherá coisa alguma boa. Estou certo, porém, que, se ler alguma Lógica moderna bem feita, entenderá o que diz, e poderá tirar ditames não só para a Filosofia, mas para toda a matéria, e mui principalmente para formar verdadeiro conceito da Física.

Nesta, pois, que adiantamento fizeram os Antigos? Disputavam sobre os primeiros princípios gerais. Um dizia que de água; outro, que de terra; e outro, que de fogo se compunham todas as coisas; e nisto paravam. Demócrito passava, entre eles, pelo primeiro Físico. Depois dele, Aristóteles, que, nos tratados particulares, não se afasta das suas opiniões; e Epicuro, que o seguiu em tudo. Mas que sabiam estes homens? Aristóteles aplicou-se às observações; conheceu que era necessário entender as leis do movimento, para poder conhecer a natureza; e melhor o deu a entender, tratando, nos livros de *Physico auditu,* do movimento e suas espécies. Mas alcançou porventura as leis do movimento, para explicar os efeitos particulares? Nada menos, porque tal não consta dos seus escritos. Epicuro também disse que tudo se compunha de átomos, que se moviam assim, ou assim. Disse muita coisa boa para aquele tempo; mas, quando quis entrar nas coisas miúdas, não explicou efeito algum natural dando a verdadeira razão dele.

Todos estes homens merecem louvor por aquilo que nos deixaram escrito, e porque chegaram a conhecer alguma coisa que nós hoje temos demonstrada, e talvez nos indicaram a estrada em outras, etc. ... Eu acho, nos antigos Filósofos, espalhados alguns pensamentos que nós hoje recebemos como certos; mas sem método, sem razão, sem demonstração, e, pela maior parte, por via de conjectura. Contudo isso, não se

devem comparar, e muito menos preferir, aos nossos Filósofos modernos. Eles não tinham os Telescópios para observar os astros, os Engiscópios para os invisíveis, e os mais instrumentos sem número de que o método moderno enriqueceu a Física. Todas estas máquinas, ou se inventaram no século passado, ou neste presente, e todos os dias se vão inventando. E que utilidade não resultou destas experiências? que desenganos não temos alcançado mediante estas observações? As leis do movimento, que, segundo Aristóteles, são a chave para penetrar os segredos da natureza, hoje estão demonstradas, e, mediante as ditas, explicam-se muitos efeitos de que se ignorava a causa. Antigamente os Filósofos não viam nos animais senão aquilo que podem observar os carniceiros; nas árvores, aquilo que sabem os carpinteiros; não tinham mais conhecimento das plantas do que pode ter um jardineiro; nem dos metais sabiam outra coisa senão o que sabe um fundidor. Mas hoje os Filósofos fazem anatomia em todas estas coisas; e explica-se a disposição orgânica de muitas destas partes como se explica a disposição de um relógio. Este modo de examinar a natureza tem aberto os olhos aos Filósofos, e tem-lhe mostrado que da disposição maquinal de várias partes dependem alguns movimentos que se atribuíam a causas ocultas. Hoje conhecemos mui bem a fábrica do coração, e, mediante este conhecimento, podemos explicar todos os seus movimentos, o que ignoravam os Antigos, ainda que confusamente soubessem que havia um princípio de movimento. Finalmente, os homens estão hoje cheios de notícias úteis, quando, até aqui, só tinham conceitos impertinentes e expressões mui confusas, de que não se tirava doutrina alguma. Não quero com isto dizer que os que observam a natureza tenham clara ideia das essências

das coisas; mui longe disso. Conheço que muitas coisas se têm descoberto; mas que muitas mais ficam por descobrir, reservadas para os nossos vindoiros. O que digo é que este meio é o único para descobrir a verdade, com esta circunstância de mais: que ou nos descobre a verdade, ou não nos lisonjeia com uma ciência mentirosa; pois nele claramente se distingue o que é verdadeiro, daquilo que é verosímil e que é falso.

2. Em referência a Descartes

Este diálogo podia-se repetir com mais alguns acréscimos, e executar-se com algumas pessoas que ouço falar nestas matérias com tanta satisfação, como se soubessem o que dizem e entendessem a matéria de que falam. Eu tive alguns raios de divertimento, conversando com alguns destes Mestres. Eles confundem todos os autores modernos, e, sem mais exame, os acusam dos mesmos erros, e, com estranha dialéctica, os condenam de ignorância. Como se um homem doutíssimo não pudesse uma vez dizer um despropósito! Os que têm erudição esquisita sabem que no mundo houve um Descartes; e algum deles, mais raro que mosca branca, leu alguma coisa dos Princípios ou Meditações Metafísicas. E aqui é ela: sobe à cadeira e vomita mais decisões contra o pobre Descartes, do que ele não disse palavra. E, sem examinar se ele é seguido em tudo, entende que tudo o que Descartes disse foi e é recebido com a mesma veneração, e são todos obrigados a segui-lo. Em certa jornada que eu fiz, encontrei em uma estalagem um Religioso *** que tivera a felicidade de ler Descartes, o qual, conhecendo que eu era Estrangeiro, entrou logo na matéria; e todo o tempo

que durou a ceia, empregou ele em provar que, segundo os princípios do tal Filósofo, a Eucaristia estava sòmente nos nossos olhos. Veja V. P. como este entendia bem a doutrina dos Cartesianos! Mas eu, que vinha cansado do caminho e com fome, para abreviar a disputa, concedi tudo e meti-me na cama. Não acho melhor modo de responder a esta sorte de gente.

Eu certamente não sou Cartesiano, porque me persuado que o tal sistema, em muitas coisas, é mais engenhoso que verdadeiro; mas confesso a V. P. que não posso falar no tal Filósofo sem grandíssima veneração. Este grande homem na Matemática foi insigne, e inventou algumas coisas até ali ignoradas, e promoveu outras com felicidade. Em matéria de Filosofia, acho que foi inventor de um sistema novo. Isto não parece nada aos ignorantes; mas aos homens que entendem qual é a dificuldade de inventar, e inventar com tanta propriedade, que, ainda depois de descobertas as máquinas, grande parte das experiências esteja da sua parte, é sinal de um engenho elevadíssimo e de grande critério. Além disso, ele foi o primeiro que abriu a porta à reforma dos estudos; pois, ainda que Bacon de Verulâmio e Galileu Galilei tivessem indicado o método de fazer progressos na Física (e alguns outros os fossem imitando), é certo, porém, que Descartes foi o primeiro que fez um sistema ou inventou hipótese para explicar todos os fenómenos naturais, e por este princípio abriu a porta aos outros para a reforma das Ciências. E, ainda que em tudo não acertasse, é também certo que, se ele não fosse o primeiro, os outros não teriam cuidado de emendar os seus erros e de adiantar os estudos como estão hoje.

Onde, com todos estes princípios, não posso sofrer que homens totalmente ignorantes da matéria e que não

sabem de Descartes mais que o nome (e, ainda que o leiam, não têm olhos para o entender), ainda assim tão indignamente o tratem, e injuriem um homem de quem eles não seriam capazes de serem amanuenses. Se estes censores tivessem lido a história das Ciências e do restabelecimento delas, desde o Concílio de Trento a esta parte, formariam diverso conceito destas coisas e não vomitariam tantos impróprios contra os modernos Filósofos, como eu vejo todos os dias em vários autores que, podendo mostrar o seu merecimento, o perdem todo, quando entram a falar nestas matérias com tanta segurança como os que as têm bem estudado. Dizem mil falsidades que nunca sucederam; fingem definições, que nunca se sonharam; confundem a doutrina revelada com as opiniões da Escola; e querem que os SS. PP. aprovassem profèticamente a Escolástica, que se inventou alguns séculos depois deles mortos. Esta é a célebre cantilena destes Mestres, principalmente deste Reino, a qual provém da grande ignorância em que se vive da História antiga e moderna e dos estilos dos outros países, do pouco conhecimento que têm de livros, e, finalmente, de quererem ser mestres em uma matéria em que ainda não foram discípulos.

Verdadeiro Método de Estudar, Carta 8.ª

3. **Novos mestres**

Neste mesmo século XVI, do meio para diante, quero dizer, pelos tempos do Concílio de Trento, começou a estabelecer-se o sistema físico-celeste de Nicolau Copérnico, que, ressuscitando a opinião de Filolau e Heráclides Pôntico sobre o movimento da Terra arredor do Sol, teve muitos sequazes, que assentaram ser um sistema

preferível aos outros. No fim do século XVI, saiu à luz o sistema de Tico Brahe, que também teve sequazes. Mas ninguém mais deu tanta luz à Física, quanta Francisco Bacon de Verulâmio, Chanceler-mor de Inglaterra, o qual, no fim do mesmo século e princípio do seguinte, apontou o verdadeiro método de adiantar a Física, em belissímas obras que a este intento nos deixou, principalmente *De Augmentis Scientiarum* e *De Novo Organo*. Eu considero as especulações deste grande homem como a mais famosa época da verdadeira Filosofia, porque observo, de então para diante, uma total mudança e adiantamento sempre para o melhor. Morreu pelos anos de 1636, de anos 66. No mesmo tempo de Bacon, no fim do XVI e princípios do XVII, floresceu o insigne Galileu Galilei, Florentino, que, seguindo os ditames de Bacon, usou da Matemática para explicar a Física, e aumentou sensìvelmente a Mecânica, a qual, desde Arquimedes até o seu tempo, quase nada se tinha adiantado. Ele descobriu muitas leis do Movimento dos corpos, tanto sólidos, como fluidos, e também da Gravidade, e da Luz, e do Som, etc., de sorte que pode-se dizer que ele foi o que começou a servir-se da boa Física. Morreu em 1642, de anos 78. Começado o século XVII, floresceram Descartes e Gasendo, que, dando um passo mais adiante, descobriram mais terra, e começaram a abrir os olhos ao mundo.

Já se sabe as disputas que os Peripatéticos tiveram com estes novos Filósofos, e as injúrias que contra eles vomitaram. Desde o fim do Concílio de Trento, em que os melhores Teólogos tinham aberto os olhos sobre a Teologia e começado a entender que não se devia misturar com ela a Peripatética, tinha esta descaído muito, mas não tanto que muitos Regulares não entendessem que devia ser a mimosa entre as mais. De que nascia

que com todo o empenho a defendiam, porque, a falar verdade, não entendiam mais, nem tinham outras notícias. Mas depois que se viram atacados por estes modernos Filósofos, os quais nos princípios deste século conspiravam todos para abrir os olhos ao Mundo Literário, não querendo os velhos perder as suas conquistas, fizeram um espalhafato horrendo, e o menos que disseram foi que se tinha levantado uma nova perseguição na Igreja Católica com a publicação destas Filosofias. Mas, como isto eram balas de lã e palavras sem fundamento nem verosimilidade, não faziam brecha. Pelo contrário, os Modernos despediam constantes experiências, que eram balas eficazes. Em modo tal que a dita Filosofia foi-se continuando, e com força, e só os Regulares, e nem todos, seguiam a Peripatética.

A introdução das Academias Experimentais deu novo esforço a esta Filosofia. Depois da morte de Cartésio, no ano de 1650, e a de Gasendo, no de 1655, tinham começado as ditas Filosofias a aquistar crédito, mas ainda com algum medo, pois não tinham toda a necessária protecção que tiveram pouco depois. Não foi senão depois que se abriu a Academia de Londres, no ano 1662 ou 63, e a de Paris, no 1666, que as Ciências Naturais se continuaram com empenho, assistindo-lhe os Reis com o dinheiro e protecção. Dilatou-se ainda mais este costume, porque o Imperador Leopoldo, no ano 1670, movido do bom sucesso das duas Academias, fundou também, ou melhor direi, protegeu uma Academia já começada com o nome de *Academia dos Curiosos da Natureza*. El-Rei da Prússia, em 1700, fundou também a sua Academia Experimental. Os nossos Italianos fizeram o mesmo. O Conde de Marfilli, em 1712, instituiu uma em Bolonha, que também é famosa. Em Pádua e outras partes abriram-se outras. Em 1725, a Impera-

triz Catarina abriu em S. Petroburgo, em Moscóvia, outra famosa; deixando por agora outras muitas que se abriram em diferentes partes da Europa.

Esta dilatação de estudos naturais chamou a si todos os melhores Filósofos, principalmente os Seculares. Também alguns Regulares, nos fins do passado século, começaram a deixar as subtilezas de Aristóteles. Porém, neste XVIII.º século, infinitos se têm declarado contra o antigo estilo, e ensinam pùblicamente a Filosofia moderna. Em Itália, e ainda em Roma, por toda a França, Alemanha, etc., se tem divulgado este método; e os mesmos Regulares, que ao princípio o tinham proibido, não têm hoje dificuldade alguma em defendê-lo. Verdade é que algumas Religiões ainda o não aprovaram; mas também é certo que muitos leitores delas são declaradamente Filósofos modernos. Os doutíssimos Dominicanos e Jesuítas, que pareciam os mais empenhados pelo antigo método, começaram a admitir a nova Filosofia, não só em França, mas ainda em Itália. E eu sei de certo que, em algumas partes de Itália, os Jesuítas, vendo que nas suas escolas e colégios faltavam consideràvelmente os estudantes, que concorriam a outros estudos públicos, se viram obrigados a reformar o antigo método e introduzir os estudos novos. Tão persuadidos estão todos hoje que o antigo método não serve para coisa alguma.

Verdadeiro Método de Estudar, Carta 8.ª

4. O conhecimento do corpo humano

O segundo requisito consiste em saber que coisa é corpo humano. E este é o principal emprego do Médico, visto que neste é que se deve empregar a sua ciência. Onde, não basta saber que coisa é corpo, e o que com-

pete em geral ao corpo; mas particularmente deve saber o que é corpo humano. Da mesma sorte que o relojoeiro não basta que saiba que coisa é metal, mas é necessário saber de que partes se compõe o tal relógio, e que figura e uso tem. Sem este conhecimento, poderá falar muito, mas não saberá que coisa é relógio, que lhe falta e como se conserta. O nosso corpo é uma máquina hidráulica muito mais perfeita que um relógio; pois nele vemos os vasos e fluidos que correm por eles, e os ossos, que sustentam toda a máquina. Basta ver o coração e as artérias e veias que nascem dele (as artérias produzem novos ramos laterais, para distribuírem o sangue por todo o corpo; o qual recebe-se nas veias, que o restituem ao coração) e alguns vasos para fazer as separações, para se capacitar bem do que dizemos. Quem não tem este conhecimento da Anatomia e os que dele se seguem, não é capaz de saber Medicina. Discorra quanto quiser o Galénio sobre as quatro qualidades; se não chegasse a conhecer a circulação do sangue, ignoraria o que são muitas enfermidades, e como se curam. Quem não conhece a máquina dos vasos, não pode saber por que razão a sangria na veia pode ser útil às vezes, e na artéria comummente é prejudicial, mas pode haver ocasiões em que seja necessária na artéria; nem menos poderá saber como se curará a artéria picada com a lanceta, e outras coisas semelhantes. Concedem os mesmos Galénicos que, depois que Harveu descobriu a circulação do sangue, a Medicina tem-se adiantado e aumentado muito. Mas, se quisessem considerar melhor a matéria, achariam que, se não se continuar o estudo da Mecânica do corpo seguindo o mesmo método de Harveu, não poderão saber as causas de outras enfermidades. Finalmente, nisto convém todos os que têm Juízo.

Mas este conhecimento anatómico é o que não se acha neste Reino, e muito menos nessa Universidade, onde de Anatomia não sabem senão o nome. Estes Portugueses vivem persuadidos que Professor Anatómico raríssimas vezes é bom Prático, e com esta ideia lêem só alguns termos para usarem deles nas consultas (que é o mesmo que dizer: para enganarem o mundo, dando a entender que sabem Anatomia) e tudo o mais dizem que pertence ao Cirurgião prático. Na Universidade, ainda que haja uma cadeira de Anatomia, não tem exercício; pois só duas vezes no ano fazem a tal Anatomia em um carneiro, cujas partes se mostram na escola. Não sei se V. P. poderá ler isto sem riso; eu certamente estou-me rindo quando o escrevo. Querer saber a Anatomia do homem pela do carneiro é uma ideia nova. Pois, ainda que as anatomias dos animais ajudem para formar conceito de algumas partes do homem, contudo primeiro se devem examinar muito bem no cadáver do homem; e, ainda depois de observar nos animais, é necessário tornar a confirmar a mesma notícia no homem, para ver se concorda.

Verdadeiro Método de Estudar, Carta 12.ª

5. Sobre Camões e o poema épico

Finalmente, tendo passado brevemente pelas composições pequenas, direi alguma palavra da *Epopeia* ou *Poema Épico*. Se houvesse de falar nisto como devo, faria um tratado; e assim, não saindo do meu estilo, farei sòmente algumas reflexões. Este poema, como já disse a V. P., é a coisa mais dificultosa da Poesia: quer tal engenho, tal erudição, tal juízo, que quem o consi-

dera bem, não se atreve a fazê-lo, muito mais se observa os defeitos em que caíram muitos dos que o têm empreendido. Acima disse a V. P. qual é o artifício deste poema, que compreende em si todas as espécies do Narrativo, e que por isso pede grandíssimo fundamento de Retórica, para o poder tratar bem. Não é esta a fruta dos sonetos e décimas que nascem a cada canto; é coisa mais dificultosa. As regras são tantas e tão dificultosas, que são poucos os que se atrevem, e raríssimos os que não pequem contra algumas. Este é o motivo por que não produzirei muitos testemunhos, principalmente sendo o meu argumento conter-me nos limites de Portugal. Certamente, neste Reino, é raríssimo o poema épico. O *Condestável* de Francisco Rodrigues Lobo, o *Macabeu* de Miguel da Silveira, a *Ulisseia* de Gabriel Pereira de Castro, por confissão dos mesmos Portugueses de melhor doutrina, não merecem este nome. Algum outro que possa haver manuscrito, e que agora não me ocorre, pertence à mesma classe. Assim parece que com razão se disse que a única epopeia que apareceu em Portugal foi a de Camões. Mas isto mesmo confirma o que digo da dificuldade do poema épico.

Se V. P. consulta os seus nacionais, os achará tão preocupados pelo Camões, que mais fàcilmente ouvirão dizer mal da religião, do que do poema épico de Camões. Os que deviam fazer a crítica do dito autor, fazem o elogio. Um destes é Manuel de Faria e Sousa, que, de comentador, se converteu em panegirista, e, em vez de explicar o que o Poeta quis dizer, nos diz o que lhe parece, vendendo-nos as suas imaginações pelas ideias do Poeta, e querendo desculpá-lo ainda nas coisas em que é mais condenável. Com efeito, este comentador mostra entender pouco a matéria que trata, ao mesmo

tempo em que diz mal de todos os melhores Poetas estrangeiros; que certamente ele não leu, ou não chegou a entender, não obstante que muitos o louvem como um oráculo. Inácio Garcês Ferreira, que fez as notas ao *Camões,* entendeu melhor a matéria. Dos livros que ele cita, se conhece logo que há-de ajuizar melhor, porque se serviu dos melhores na Poética, tanto franceses, como italianos. Além disso, escreveu em Itália, onde teve tempo de consultar os homens mais inteligentes sobre as dificuldades que lhe ocorressem. E, com efeito, ajuíza melhor; mas não tão bem que em algumas partes não se engane, como seria fácil mostrar, se tivesse tempo. Contudo, este Português sinceramente reconhece algumas faltas substanciais no Camões, o que basta para me livrar da calúnia dos que me quisessem condenar por meter colherada nesta matéria. Mas, como eu entendo bem a língua portuguesa, parece-me que não sou impróprio para julgar.

Havemos que confessar que Camões teve muito engenho, imaginação fecunda e grande, e que, se tivesse estudado ou tratado com quem ensinasse bem as coisas que devia, poderia desempenhar o argumento da epopeia. Com efeito, o que fez de bom tomou dos nossos, pois nas suas obras reconheço eu que entendia o italiano e que se aproveitou bem do Petrarca, Bocácio e outros. Teve finalmente muitas qualidades de poeta, e para aquele tempo, em que não havia os conhecimentos que hoje há, é maravilha que escrevesse tão bem.

6. Virtude e Nobreza

Nasce este prejuízo, como digo a V. P., de que o Grande ignora que a origem de toda a nobreza é a Virtude. Esta nobreza, ainda que adventícia, pode-se-lhe chamar natureza; os empregos são a nobreza civil; os filhos destes têm nobreza hereditária, que é o ínfimo grau da nobreza. Os Homens nasceram todos livres, e todos são igualmente nobres. O Direito das Gentes introduziu, com as divisões, as Repúblicas e Monarquias, mostrando a experiência que, não se obedecendo a alguém, confundia-se toda a sociedade humana, e mostrando também a boa razão que no estado em que a natureza humana se acha, não se pode conservar, sem obedecer a alguém. O emprego foi a causa que se estimassem aqueles primeiros reinantes, porque dependiam todos deles. Com o tempo, passou com título de herança o que tinha sido eleição. Mas muitas Repúblicas, e talvez as mais famosas, conservaram o governo electivo. Estes Príncipes buscaram entre os cidadãos, os melhores e mais virtuosos homens, para que lhes assistissem, e de quem se servissem na guerra e na paz. Estes foram mais considerados que os outros cidadãos, e este é o princípio de toda a nobreza. Os filhos herdavam dos pais as virtudes, e, conseguintemente, a estimação; porque, na verdade, os pais tinham cuidado de os instruir como deviam. Este costume considerou-se por obrigação, e, com o tempo, foi o mesmo considerá-los filhos de nobres que julgá-los herdeiros das suas virtudes, e estimá-los por este motivo. Talvez entrou aqui a condescendência de alguns Príncipes, que, não podendo premiar os pais, premiaram os filhos, para animar os outros a seguir a

Virtude, vendo que a descendência era remunerada. Abusaram os Nobres desta benignidade, e pretenderam que fosse dívida do nascimento o que só era prémio da virtude. Pretenderam que a honra ou estimação fosse tributo, sem advertirem que, sendo a estimação e honra uma acção exterior com que eu exprimo o conceito que tenho da excelência ou virtude de outro, não posso fazê-lo a um que não tem excelência sobre os outros, ou de quem não se deve formar este conceito.

Mas, por pouco que reflectissem sobre isto, conheceriam estes Senhores que manifestamente se enganavam. O ser filho de um homem ilustre não é o mesmo que ser ilustre. Poderá o abuso introduzir que tenha, entre o Povo, a mesma estimação do pai; mas, assim, como este costume não faz que ele tenha, em si mesmo excelentes virtudes, assim também não faz que seja verdadeiramente nobre. Consiste, pois, toda a nobreza deste homem em se dizer que é filho de um homem nobre, e que se trata com mais fausto que os outros. Haverá outros que tenham tanto e mais dinheiro; mas, porque não estão naquela opinião, não são nobres. O que, examinado bem, quer dizer que a dita nobreza é uma pura opinião do Povo. Dispa V. P. dos seus vestidos este Grande, separe as carruagens e criados, e não poderá distingui-lo do homem mais ordinário do Povo. Onde, sem fausto, tem perdido toda a nobreza. E se, neste estado, o transfere a outro país distante, não só não é nobre, mas é positivamente vil. Mas não o entendem assim muitos Grandes; pois estão tão persuadidos que a excelência é propriedade da sua natureza, que, com esta opinião, colocam-se na primeira esfera dos nobres; na segunda, põem os que têm cargos; na terceira, os que são insignes pela virtude. Mas tudo é pelo contrário. Os homens insignes é que são os verdadeiros

nobres. Esta nobreza é natural, de que ninguém os pode despojar. Respondeu com galantaria uma pessoa a outro que lhe perguntava como distinguiria um nobre de quem o não era, deste modo:

— Despi-los ambos nus, e ouvi-los falar —, dando a entender que os acidentes do vestido e tratamento enganam muito, e impedem formar verdadeiro conceito da Virtude. Em segundo lugar, entram os que têm cargos na República. Aos magistrados e semelhantes, que se dão, ou devem dar, a homens capazes, é devido todo o respeito. Na última e ínfima classe, ficam aqueles que nem pela virtude, nem pelo emprego merecem estimação, mas só a têm pela ascendência.

Temos outra casta de Nobres, ainda mais presumidos, que nem ao menos admitem duas segundas classes de nobreza: tudo o que não são eles desprezam; só para eles valem os títulos. Quando vêem subir algum homem na República a cargos grandes, logo vão buscar o seu nascimento humilde, e, não podendo negar-lhe a estimação pelo emprego, cuidam muito em deslustrá-lo nas conversações particulares. Estes ou são mais ignorantes, ou mais maliciosos. Deviam estes advertir que os títulos são a coisa mais acidental que há no mundo; porque, no estado em que estão muitos Reinos e Repúblicas da Europa (melhor direi: de todo o mundo polido), sòmente os cargos e o dinheiro é que se reputam nobreza, pois com o dinheiro ou se consegue a estimação ou o cargo. Além disso, os títulos nem em todas as partes correm pelo mesmo preço; pois um título de Portugal, transplantado em França ou Itália etc., vale pouco, se ele não tem com que lhe dê preço. Não assim os cargos e o dinheiro, que sempre conseguem a mesma estimação. Um Enviado, ou Embaixador, etc., seja quem quer que for, sempre consegue estimação em toda a parte, e

um homem rico. Mas não sucede assim com outros Senhores, e eu vi alguns, de antiquíssimas famílias, que, achando-se em países distantes, faziam bem miserável e «vergonhosa figura». Além disso, se a nobreza de um titular ou fidalgo nasce da vontade do Príncipe, que quer que aquele homem seja honrado (isto é, seja fidalgo), o mesmo Príncipe que dá o título ou nobreza a um, pode dá-la a cem mil, e, consequentemente, todos ficam igualmente nobres. Não assim a nobreza que consiste na virtude, pois nem o Príncipe ma pode dar, nem tirar. A mesma lei confirma isto, pois degrada os homens da nobreza em certos casos, de que as histórias nos dão mil exemplos. O que mostra, evidentemente, que esta chamada nobreza hereditária, ou jus à estimação dos homens, é coisa que se pode dar e tirar. E, consequentemente, ninguém se deve desvanecer porque a tem, nem desprezar outro porque a conseguiu mais tarde.

E, na verdade, seria coisa digna de riso se nós hoje desprezássemos tantos Imperadores, tantos Reis, Generais, etc., tantos Pontífices, Cardeais, etc., porque tiveram nascimento humilde, sendo certo que neles, ou as virtudes que os levantaram àqueles cargos, ou os mesmos cargos, lhe conciliaram a estimação. Vespasiano não era nobre; nem Tito, ou Domiciano, ou Pertinax, ou Macrino, ou Maximino, ou Filipe, e outros semelhantes; antes, muitos destes eram filhos de pais humildes. Mas todos eram Césares e Senhores do mundo; e muitos deles, como os dois primeiros e o quarto, eram nobres pelas suas virtudes. O mesmo posso dizer de muitas pessoas grandes do mundo. Onde, quem não reconhece isto, ou é muito ignorante, ou louco.

Verdadeiro Método de Estudar, Carta 11.ª

FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA

1702-1783

1. Sobre a educação da mulher

A nossa última prática me conduz naturalmente a falar da educação que se dá hoje às mulheres, quero dizer ao belíssimo género feminino. Parece-me que a dita educação necessita de se emendar em diversas circunstâncias, e julgo que às faltas que se cometem neste artigo, se deve atribuir o grande número de defeitos prejudiciais a esta amabilíssima, e engraçadíssima parte do género humano. 23

Não me dilatarei, nem me cansarei em provar o que tenho por sem dúvida, crendo que o sexo feminino é da mesma forma que o nosso, dotado de uma alma capaz de se aperfeiçoar, e de se ornar. Não é permitido consequentemente que os Pais se descuidem do ensino das Filhas, como se faltando elas de princípio espiritual não fossem dignas que de empregar-se em bagatelas. A primavera da sua idade que se devia passar em instruí-las, se perde inteiramente em lisonjeá-las, e em diverti-las. Que admiração, ou que milagres se segue, se em todo o tempo da sua vida se inclinam tanto aos louvores, às modas, e aos passatempos? Semelhante o seu entendimento a um papel branco, que era capaz de receber os mais belos desígnios

da pena, ou do pincel, se vê parecido pelo mau uso a um borrador cheio de garavunhas, e de rabiscas por um rapaz da escola, no qual por qualquer parte que se veja se descobrem ceteras, algarismos, e caracteres de todas as formas, sem seguimento, nem união, nem utilidade. Se os Pais desejam que as suas Filhas gozem no estado do matrimónio contentamentos sólidos, devem formá-las de sorte que não sirvam depois a fazer vergonha a um marido rasonável, obrigando-o a desgostar-se sensìvelmente de uma união insuportável.

Não é o meu intento que instruídas as Filhas nas línguas, e nas ciências, encham o seu entendimento de um cento de cousas que lhe seriam inúteis. O que eu quisera é que elas entendessem ao menos bastantemente a sua língua materna para a falar com pureza, para a ler com facilidade, e para a escrever com perfeição. Devia ornar-se o seu espírito de um conhecimento geral de todas as matérias, e de todas as ciências que lhes competem, estudando essas mesmas ciências pelos livros escritos com clareza, e com facilidade. Seria mui conveniente dedicar algumas horas todos os dias a estas importantes ocupações. Devia-se-lhes ensinar a copiar os melhores lugares, e as sentenças mais úteis que encontrassem na sua lição; e desta forma assentando a mão aperfeiçoariam o estilo, aprendendo a Ortografia ao mesmo tempo que imprimiriam na sua fiel memória as cousas mais excelentes. A Aritmética particularmente lhes parece necessária, sendo preciso que saibam examinar as contas, e regular as despesas da sua família. Tristes experiências nos tem mostrado muitas vezes que a desordem, e a decadência da maior parte das casas, se origina de uma Mãe de Família pouco instruída, e incapaz de governar os seus negócios domésticos.

Todos estes meus pareceres respeitam particularmente às Filhas que nascem entre a nobreza, e a abundância, às quais depois do exercício de semelhantes ocupações, é certo que ficaria sempre tempo bastante para se recriarem, aprendendo a manear a agulha, a cantar, a dançar, a riscar, e a bordar. Todas estas circunstâncias fazem parte da boa educação. Uma Filha assim doutrinada é sem dúvida que seria muito mais sábia, muito mais honesta, e muito mais amável do que as que hoje conhecemos. Buscada com ânsia, e desejada com empenho, gozaria os contentamentos verdadeiros, que fàcilmente não encontram e que naturalmente não podem encontrar as Filhas que são criadas à moderna. Adornado o seu entendimento de úteis inteligências, lhe daria o privilégio de ser ao mesmo tempo amável, e respeitada a sua companhia. As suas reflexões ensinando-lhe a desprezar o mundo, lhe mostrariam que o espírito era independente dele. Creio que uma Filha educada desta forma, não seria daquelas que modestas sempre de faltas de respiração, de vertigens, e de enxaquecas, se queixam eternamente destas incomodidades nas Assembleias, para passarem o tempo que lhe sobeja, da dissipação continuada com que empregam todo o que tem, naquelas cousas de pouca conta a que chamamos bagatelas.

Que gostosa, e engraçada revolução se observaria no sexo feminino se se desse lugar a este método! As mesas se não sujariam tão ordinàriamente com as murmurações grosseiras, com os discursos impertinentes, algumas vezes escandalosos, e sempre frívolos, de que tanto usam as moças, e as meninas não dos nossos olhos, mas dos nossos dias. Uma conversação mais polida em matérias proveitosas e interessantes, exterminaria o mexerico, a mentira, o embuste, e outros defei-

tos desta espécie, que sendo como males contagiosos se tem pegado à ponta da língua de quase todas as formosas do nosso século. As faculdades intelectuais aperfeiçoadas pelo exercício, corresponderiam ao fim do sábio, e supremo Criador. Uma mulher como eu pinto, ou uma moça como eu quisera, acharia maior divertimento em passar o serão tranquilamente na companhia de um homem de juízo, e de um Escritor engenhoso, do que em ir gastar a noite em um baile com um louco, ou com um ridículo, ou em perder a mesma noite jogando à Quadrilha com três mudos.

Eis aqui verdadeiramente muito moral para uma formosa, e impaciente como vós sois. Tende sofrimento por um pouco, e permiti-me que acabe a minha Carta com uma reflexão, que podereis comunicar a todas as Senhoras conhecidas, e principalmente às duas Belas irmãs, a quem as práticas discretas fazem sono, e cujas formosuras insípidas me fazem fastio. Eis aqui a reflexão, escutai.

Por muito formosa que seja uma mulher, que possui todas as prendas que constituem a glória do Género Feminino, se não tem o entendimento cultivado, e se se acha com ele cheio de extravagâncias, é impossível que possa conservar por muito tempo império algum no coração do homem. Toda a mulher deve compreender que este é o parecer universal de todo o Género humano. Quando a beleza que se adora sofre faltas de discrição e de entendimento, por grande que seja o amor se desmaia, e arrepende. O coração fàcilmente se rebela, sentindo desgosto, e padecendo fastios, e ùltimamente a razão unida com o amor, rompe violentamente os nós que ele formou sem a razão. Não são as prendas corpóreas as que me admiram, as prendas passageiras tem em mim pouco poder, *desta*

qualidade de formosuras se cansam os olhos fàcilmente, e só o Amante que ama a alma é permanente. Quis acabar a Carta como em outra rima, para vos mostrar como sempre vos digo, que por mais que reme não posso chegar a fazer cousa que pese uma oitava. Não há cousa que me faça mais cócegas que o desejo de ser Poeta. Que belas cousas que vos diria a respeito da educação das Filhas, e que formosas cousas diria às Filhas sem educação! Paciência, e pois que Deus conserva umas, e outras soframos todas. A Deus que vos guarde por muitos anos.

Vosso Venerador

F. X. D. O.

Viena de Austria 9 de Novembro de 1737.

Carta LXXXI, A Madame Klembark

2. Contra as superstições e crendices

Observou muito bem um Escritor moderno, e disse que os homens sábios fazem todas as diligências por diminuírem os dissabores da vida, ao mesmo tempo que os loucos se empregam sòmente em aumentá-los. Aplico com muito fundamento a reflexão do dito Escritor a estes fraquíssimos entendimentos em que me falais, que engenhosos para se atormentarem a si mesmos dão ridículas, e supersticiosas atenções aos objectos que os circundam, e aos acidentes que lhes sucedem tirando de uns, e de outros bons anúncios, e maus agouros.

Por grande que seja o absurdo deste costume não deixa de ser mui comum. O vulgo ignorante, os meninos inocentes, e vós outras as mulheres, Senhoras mulheres, não são os únicos culpados desta mania, pois que também reina entre os homens da primeira qualidade, e de grande suposição. Os mesmos sábios não são isentos totalmente. Diz Gassendi na vida que escreveu de Tycho-Brahé, que se este homem encontrava quando saía de casa uma Velha, ou uma Lebre, que formava do encontro um agouro funesto que o obrigava a recolher-se prontamente. Esta qualidade de superstição é mui antiga, e Horácio nos ensina que encontrar uma Cadela prenhe, uma Loba, uma Raposa, uma Cobra, e ver voar os Corvos, os Mochos, eram tudo sinais de funestos presságios. Não há uma linha na mão, não se vê sinal no corpo, e não há objecto algum, sem exceptuar a vassoura da casa, e a pá do lixo, que não possa servir às pessoas supersticiosas para agourar o futuro. Um zunido de ouvidos, uma comichão nos olhos, o uivar dos Cães, um pouco de sal derramado, um pouco de azeite entornado, duas facas, ou dois garfos postos em Cruz, um vidro que se rompe, e mil cousas semelhantes, jamais deixarão de produzir grandes temores às referidas pessoas. Não há cousa alguma que lhes suceda que lhe não cause inquietações cruelíssimas. Os mesmos sonhos lhe prognosticam trabalhos, e tristezas; e efectivamente lhes causam grande melancolia, e grande tribulação, sem considerarem em que os grandes Mestres não têm determinado até agora o modo de interpretar estas ficções sonolentas. Uns as explicam por Analogia, e outros pretendem ao contrário que se devem tomar no sentido oposto ao que parecem. Os Amantes conhecem pelo número das folhas de uma Rosa, de uma Margarita, ou de

um Malmequer se são amados, e se lhe sucederá bem, ou mal nos seus amores. Não sabe uma flor abrir-se, nem murchar-se, não pode uma árvore reverdecer, nem secar, que não vaticine a vida, ou a morte, a prosperidade, ou a desgraça. Não me parece que seja necessária muita lição para observar que a maior parte destes Presságios, são os restos daquela grande superstição de que o Paganismo inundou o Universo. Esta origem aparece evidentemente em muitos Prognósticos daquele tempo.

Ponderam alguns Comentadores na explicação da Ode XVI do Segundo Livro de Horácio, que os Antigos criam que o sal era sagrado como se vê em Homero, e em Platão. Daqui procedia sem dúvida alguma que quando esquecia de se pôr o saleiro na mesa, a consideravam como profanada temendo-se a consequência de alguma infelicidade, como também quando o saleiro ficava sobre a mesa, e que se dormia antes de o fecharem.

Todos sabem o erro comum em que se acham as Parteiras a respeito dos meninos que nascem impelicados, ou para melhor dizer com a cabeça ornada de uma coifa a que os Gregos chamavam *Amnios*. Os Advogados entre os Romanos, compravam por todo o dinheiro esta pele, e persuadiam-se que era de grande socorro para ganhar as Causas que defendiam. Esta opinião se conservou em tal forma, que para exprimir entre nós um homem ditoso dizemos logo que nasceu impelicado, e os Franceses em tal caso que nasceu encoifado.

Os medos, e os tremores que muitas pessoas dizem que sentem à vista de duas sacas, ou de dois garfos postos em Cruz, imagino que tem a sua origem no Cristianismo, e no horror que fazia aos primeiros Cris-

tãos a Santa Cruz, e tudo aquilo que demonstrava a sua figura, ou que renovava a sua lembrança.

Vê-se muito bem sem que se diga, que todas estas ignorâncias são propaladas pela educação, e pelo comércio que os meninos tem com os criados, não nos devendo queixar que sòmente da falta de reflexão, se vemos que estas mesmas ignorâncias se conservam no nosso século que nos parece ilustrado. Se todas as pessoas pudessem com o trabalho de imaginar, veriam que não havendo absolutamente união, nem conexão entre estas cousas a que o vulgar chama presságios, e entre os diversos acidentes da vida, era impossível deixarem de perceber que todos estes prognósticos bizarros são quimeras puras originadas da ignorância, da fraca imaginação de alguns homens, ou da forte maldade de outros, que artificiosamente abusam com insolência do simples desejo que tem criaturas insensatas, de penetrarem as espessas sombras do futuro. Se todas as pessoas, como já disse, pudessem, ou quisessem, fazer reflexões tão fáceis, e naturais, todos os temores fantásticos desapareceriam, e ficariam ditosamente livres dos terrores pânicos, de que tantos homens envergonhando a Natureza humana se amedrontam ao ruído de um grilhão, ao estalo de um bofete, ou ao lado de qualquer outro móvel novo, ou ao zunido de uma palmada dada fora de horas na parede por um vizinho.

Crendo que não há cousa mais permitida que a de me divertir com as visões extravagantes dos que são achacados deste género de folia, vos direi que sou vizinho de uma Velha, mulher donzela por seus pecados, que pode dar assunto para se fazerem muitas Comédias. Não lhe sucede cousa alguma de que já não esteja advertida por algum sinal antecedente. A luz de uma vela conhece que está para lhe chegar uma Carta. Desta

forma é o Oráculo de uma grande parte das suas vizinhas, que se ajuntam todas as manhãs em sua casa para ouvirem as interpretações de tudo quanto sonham. Há outras que se deixam de a consultar, e de lhe dar crédito, é porque se lhe tem metido na cabeça que sem inteligência secreta com o Demónio não poderia fazer a Velha o que faz. Há poucos dias que foi convidada para jantar à mesa da Condessa Tonca onde eu também me achava. Apenas entrou a Velha saiu outra vez da câmara grosseiramente. Pediram-me que a embaraçasse, e assim o quis executar, porém a Velha estava tão confusa que mal me pôde dizer as seguintes palavras: *Senhor Cavaleiro, deixe-me fugir de uma infelicidade que eu tinha já previsto.* Não foi possível obrigá-la a que entrasse outra vez na câmara, e entrando eu a examinar o sinal que nela havia para prognóstico de desgraça, achei treze cobertas sobre a mesa, que é a cousa de que todas as Alemãs formam mil agouros, sendo essa a razão pela qual jamais se verão treze pessoas juntas em uma mesa Tudesca.

O desejo de conhecer o futuro é prova certa de um entendimento débil, e de um génio inferior, e assim se observa que esta paixão domina constantemente no vulgar de ambos os sexos de toda a qualidade, de toda a idade, e de toda a condição. A História de todas as Nações, e de todos os Séculos o confirma. Os tempos mais ignorantes foram também os mais férteis em pessoas achacadas desta epidémica enfermidade.

Os Caldeus que se tinham feito mui célebres na Astronomia, predisseram sem dúvida alguma os Eclipses. O vulgo ignorante, e incapaz de alcançar de que forma a consideração dos Astros podia ensinar aos Filósofos o futuro, que para ele era tão escuro, concluiu que se a consideração dos Astros podia prever os Eclipses, que

também não era impossível que estes superiores objectos dessem a conhecer o destino dos homens. Daqui nasceu aparentemente a Astrologia Judiciária, e esquecendo-se assim os mortais do uso que Deus determinou às Luzes Celestes, que parece que foi o de regular os tempos, e as sesões, entrou a ignorância a persuadir que regulavam o destino dos humanos, que infundiam sobre os seus acidentes, e que finalmente era tão grande o seu poder, que ou tinham o lugar de Providência, ou que pelo menos dirigiam os seus Decretos. Pode-se imaginar maior despropósito, e maior absurdo?

Não foi só o vulgar Caldaico o que praticou a Arte de adivinhar o futuro. Os Judeus seus vizinhos se fizeram mui celebrados no mesmo exercício. Via-se nas ruas da antiga Roma que os de baixa condição praticavam o que em Portugal fazem as Ciganas, e o que aqui, e em toda a Germânia fazem as Boémias, que é dizer *la Buena dicha,* ou a boa fortuna de cada um, mediante uma pequena soma que recebem, e que faz a sua. Os Judeus de família mais elevada procuravam enganar da mesma forma não ao vulgo, mas aos mesmos Senhores daquela Cidade que era a Capital do mundo: porém subiram tão alto com a sua *Buena dicha,* que foi necessário fazerem-se Leis que opostas aos seus enganos os derrubaram. Um Decreto os exilou a todos não só de Roma mas de Itália.

Parecerá incrível que Povos tão sábios, e tão ilustrados como eram os Romanos, caíssem na carriola de se enganarem com absurdos tão grosseiros. É certo que caíram, porém é certo que tinham muito maior escusa do que nós temos. A nossa Religião condena todas estas ideias supersticiosas, e o Paganismo conduzia para elas tão naturalmente, que era necessário um grande fundo de razão para resistir ao torrente, para

condenar o costume, e para se elevar sobre os erros contraídos com a educação.

Acha-se com tudo entre os mesmos Romanos um grande número de pessoas rasonáveis, que condenaram as ditas superstições. Não se pode ler cousa mais judiciosa nesta matéria, que o que se acha escrito na Pharsalia de Lucano. Introduz este Poeta a Larieno, o qual encaminhado o Catão em nome de todo o Exército lhe roga que pois que o Céu os conduziu às vizinhanças do templo de Júpiter Ammon, queira consultar o Oráculo para saber qual será o sucesso das suas Armas. Dá Catão uma resposta digna sem dúvida alguma da grandeza com que mereceu o título de Defensor da liberdade. Ainda que este discurso é um dos melhores lugares daquele Poema, nem o traduzo, nem o repito aqui porque é mui fácil encontrá-lo no Livro IX onde diz

Ille Deo plenus, tacita quem mente gerebat
Hoc satis est dixisse Jovem.

As misérias da vida que são já bastantemente grandes, e numerosas, não tem necessidade de se aumentarem antecipando-se, e as doçuras de que podemos gozar neste mundo são verdadeiramente de tal natureza, que perdem muito da sua estimação sendo esperadas. Se se entendesse bem o nosso próprio interesse, ele só bastava para reprimir a curiosidade pueril, e toda a forma de diligências que depois de nos custarem muito trabalho, e despesas, não servem que sòmente de nos descobrir os enganos, e as extravagâncias daqueles que nos prometem declarar as mesmas cousas, que por nossa utilidade devem ser sempre ignoradas. Finalmente se os entendimentos mais relevados, ilustrados, e sublimes, não podem alcançar os segredos profundos da Providência, como é possível que essas mesmas profundezas

sejam conhecidas de Loucos, de Velhas, e de Sevandijas, e de outras pessoas amostras do mesmo pano, que são ordinàriamente os Professores destes mistérios?

Esta qualidade de gente antigamente necessitava de muita habilidade, e de muitos estudos para enganar. Os Doutores das Ciências ocultas basta dizerem na Era presente que as conhecem para serem estimados. São cridos debaixo sòmente da sua palavra, e enganam tão grosseiramente que enganam as gentes a olhos abertos. Em falando de Aspectos, de Fisionomias, de Quadrado, de Oposições, de Conjunções, de Retrógado, de Signos Zodíacos, e de Casas Celestes, tem conseguido o seu intento, fazendo com que por estas palavras se formem grandes ideias da sua doutrina. Ora vinde cá, e dizei-me pelo amor de Deus. Como é possível que haja pessoa tão crédula que se não envergonhe, persuadindo-se não só a que os segredos do destino se acham escritos em uma taça de Café que se entorna, porém que estão escritos com letras tão distintas, e tão claras, que podem ser explicadas por velhas que nunca souberam ler, e também por algumas moças que nunca saberão escrever. O caso é tão absurdo, e tão monstruoso, que apesar de todos os exemplos quotidianos que temos não se pode crer que há no mundo semelhantes loucos.

Pode ser que imagineis que esta culpa não é tão considerável que mereça a viva censura que lhe faço. Julgai o contrário pelas duas histórias seguintes que tenho por certas, e que servem de mostrar os males em que se precipitam, todos os que dão crédito aos frívolos discursos dos Autores de *la Buena dicha.*

Uma moça donzela da primeira qualidade, Senhora de si mesma, e celebrada pela sua grande formosura possuía vinte mil libras esterlinas de renda. Um Par de Inglaterra a pertendia em casamento. Falando-se

já deste negócio como se estivesse feito, teve esta Senhora a perigosa fantasia de consultar um Doutor da Boa Fortuna, o qual com a confiança praticada ordinàriamente entre os da sua indigna profissão lhe disse. Recusareis um rico Cavalheiro que actualmente vos procura; e dentro em quatro anos se vos apresentará uma grande Personagem que será o vosso Esposo. Esta Senhora foi tão simples que deu inteiro crédito às ridículas promessas do Oráculo. Recusou o Lorde de Inglaterra, porém a Personagem prognosticada, que devia ser pelo menos um dos primeiros Príncipes do Império, não apareceu em dez anos depois da Profecia, tempo em que a dita esperante espirou, partindo para o outro mundo no reprovado estado de virgem louca.

Um Militar Suíço que se tinha distinguido em todas as ocasiões (isto é muito) pelo seu bom juízo, pela sua probidade, e pelo seu valor, tendo a fragilidade de ouvir certos Adivinhadores que se prezavam de ler o futuro nas extravagantes figuras que formam as claras dos ovos deitados na água, se lhe meteu na cabeça que ele era escolhido do Céu, para emendar os erros que tinha observado na administração dos negócios do Cantão de Berne, sua Pátria. Tentado desta ideia formou um projecto, de que resultou perder a cabeça na Cidade de Lausanne, como criminoso que se julgou ser de Lesa-Magestade.

Bastem por ora estas duas histórias para persuadir a todas as pessoas de um, e de outro sexo, os perigos a que expõem em dando ouvidos, e crédito às predições de futuro.

. . . . . .

Carta XI, À Senhora Condessa de Brille, a respeito das superstições.

3. Faltas que cometem os homens

... Falarei pois, a respeito do que dissemos o outro dia, em algumas faltas que cometem os homens por pouca atenção, ou por muita negligência, nas companhias e nas conversações em que se acham; cujas faltas são capazes de fazerem uma pessoa ainda que de merecimento, muito incómoda e pouco agradável nas assembleias.

Em todos os Países os mais civilizados que tenho visto, encontrei semelhantes defeitos, e muito maiores daquele que referirei, porque não vos querendo ocupar com exemplos de fora da terra, eu os dou aqui sòmente de pessoas desta Corte, com as quais nos encontramos todos os dias.

Gesticulário é sem contradição um homem cheio de doçura e de afabilidade. Todos concordam que é bom amigo do seu amigo, e seria por esses princípios mui agradável nas companhias, se a sua língua não tivesse a grande simpatia que tem com as suas mãos. Não abre a boca sem fazer acções. Quando fala bate o compasso, batendo com as mãos e com os dedos a cadência dos seus períodos.

Tenho observado que todos os que o conhecem, se separam quanto podem da sua vizinhança, logo que ele começa a contar uma história. Os que se acham mui perto em semelhante ocasião estão certos de lhe servirem como de púlpito, onde ele assenta de quando em quando as suas palmadas. Está tão costumado a excitar deste modo os seus ouvintes, que eu o vi um dia, contando um caso de infelicidade, dar tantas pancadas em uma pequena mesa que tinha diante de si, que ela aos poucos se foi afastando, e pondo em tal distância

que lhe não chegava. Observei então que batendo dois compassos no ar por falta de objecto, parou com o discurso, não podendo continuá-lo sem tornar a chegar a mesa para si, acabando felizmente com esta assistência a sua história. Tenho para mim que este defeito é heriditário ou natural na sua Família. Seu irmão Mossaforte que vós não conheceis, e que eu vi em Hannover, não sabe falar sem se pegar aos botões do vestido da pessoa com quem discursa, e marcando neles as partes da sua oração, sucede muitas vezes tirar a pessoa com quem fala fora do lugar em que se acha, puxando-lhe com tão grande força pelos botões, como quem puxa com raiva pelas orelhas.

Não haverá uma só pessoa que negue o entendimento de Escolástica, a qual destrói a verdade do Provérbio que diz Muito riso pouco siso. Se siso é espírito ninguém tem mais do que Escolástica com todo o seu riso. Consentireis como todos, que a sua conversação é discretíssima, porém é certo que perde toda a bondade com que os seus discursos divertem os ouvintes, acompanhando-os sempre das violentas risadas, com as quais me parece que pretende que se observe melhor o que ela diz. É possível que não considere esta senhora, que a desconfiança que mostra a respeito da penetração daqueles com quem fala, sendo uma injúria que lhe faz, é também uma afronta que eles lhe não perdoarão fàcilmente?

Achando-me há poucos dias em uma assembleia mui brilhante em que a conversação era mui animada e mui importante, chegou Casibrut, e perguntou logo com muita ânsia a Misseno como estava a sua Pequena? Este é o nome de uma cadela de caça que o dito Cavalheiro estima muito. Não parou aqui Casibrut, nem se calou antes de fazer uma larga numeração de todas as

boas qualidades deste incomparável animal, e das presas que tinha feito indo uma vez caçar nas suas terras. Insensìvelmente introduziu no discurso a destreza com que ele atirava, a ligeireza com que seguia as perdizes, e a certeza com que derribava um veado, e com que prostaria um javali; e pondo em praça e em prática todos os termos de caça atordoou a companhia que sendo quase toda composta de Damas lhe não entendiam a linguagem. Não houve ali pessoa que pudesse articular uma só palavra enquanto ele falou, até que vindo-lhe à memória os seus cavalos se despediu das gentes que livrou assim da sua incómoda presença. Não faltou quem dissesse quando ele se foi, que não gostando este senhor de outros divertimentos, que dos que acha na companhia dos seus cães e dos seus cavalos, faria a felicidade das Assembleias se as não interrompesse separando-se algumas vezes daqueles dignos objectos dos seus cuidados.

O carácter de Brutisca parece-se muito com o de Casibrut. Ambos os dois falam sòmente nos objectos em que se interessam. Brutisca jamais deixa de discorrer a respeito das suas enfermidades verdadeiras, ou imaginárias. No meio do jantar vos divertirá com uma relação dos seus catarros, descrevendo-nos os emplastros, fomentações, unguentos, tinturas e ajudas de que se serve, gabando-vos muito um maravilhoso lenitivo, um admirável sudorífico, e um prodigioso febrífugo em que tem descoberto e experimentado muitas virtudes. Conversações são sempre estas enfadonhas, e que se fazem insuportáveis, principalmente na mesa quando grosseiramente se discorre nelas.

Martinhico ingerindo-se como censor em todas as companhias, se expõem por forças de mau gosto a mil injúrias. Este moço não aparece nas Assembleias que

sòmente para murmurar na cara de todos os circunstantes das acções, dos discursos, e sobretudo dos vestidos de cada um. Logo que não encontra pessoa a quem possa envergonhar, envergonha-se ele mesmo, porque nesse caso não sabe nem o que diz, nem o que há-de dizer. Assenta-se em que não há coisa mais dificultosa, nem mais delicada que a de saber repreender um amigo. De que qualidade podem ser logo as críticas com que Martinhico regala em público a todas as pessoas que vê da primeira vez? Apesar de uma grossaria tão impertinente julga ele que possui a Política no auge mais eminente. O Abade de Bellegarde, não me lembra agora em que lugar das suas obras, faz uma reflexão que convém admiràvelmente a Martinhico: «É certo», diz ele, «que não podemos evitar o conhecimento de certos defeitos que por si mesmo se metem pelos olhos, porém nem sempre é necessário mostrar que os vemos, e muito menos necessário é ainda falar deles ou repreender incivilmente a quem os comete. É querer fazer a figura de homem importante e precioso, o não poder disfarçar ou sofrer as imperfeições e as tolices dos outros. Esta falsa delicadeza é muitas vezes o sinal de um pequeno entendimento, ou de uma grande presunção».

Filadelfa se julga um modelo perfeito da Política e do asseio. Eu a tenho visto muitas vezes pôr à mesa o seu gato, a que dá lugar no seu colo, ou no de outras Damas, onde o planta por modo de fineza que lhes faz. O seu cãozinho ou cãozão chamado Gelfa, que conheceis muito bem, também é introduzido na mesa em algumas ocasiões, e na semana passada logrei a honra de comer com ele no mesmo prato, porque estando junto a Filadelfa, e tendo ela o dito Gelfa nos seus braços, chegava este a fazer-me os repetidos favores de me rapar do meu prato os melhores bocados, sem embargo que

em qualidade de valido de Filadelfa, é sempre a quem ela faz o primeiro prato, escolhendo para ele as coisas mais delicadas.

Enfim, ocupa-se esta senhora com tal excesso no cuidado destes seus dois amigos chamados cão e gato que os serve, come com eles, beija-os, abraça-os, e desgosta a todos os convidados e assistentes. Esta Dama de mais a mais é tão presumida da sua grandeza e da sua qualidade, que não dá a mão direita na sua mesma carroça a pessoa alguma, e em sua casa cuida sempre muito em tomar o melhor lugar. O seu Miau e o seu Au, au, são as únicas criaturas exceptuadas desta regra, inviolàvelmente praticada com todas as outras.

Se vos falasse no carácter de todas as pessoas que julgando-se bem criadas se reputam aqui pelos seus defeitos malfadadas, teríamos carta de légua e meia, porém como não estou para fazer agora um caminho tão comprido fiquemos aqui.

. . . . . .

Cartas Inéditas, 25.ª — A Monsieur de M... sobre diversas impolíticas que cometem as pessoas mais bem criadas.

ANTÓNIO NUNES RIBEIRO SANCHES

1699-1783

1. Sobre o ensino que deve preceder as Escolas Maiores

Parece necessário que fiquem informados todos aqueles, que tiverem a Educação da Mocidade a seu cargo, daqueles estudos intermédios que precedem as ciências das escolas maiores. Até agora se ensinam em certos Colégios, e vinham a ser aquela Filosofia Bárbara das Escolas, com o nome de Lógica, Física, Metafísica, nas quais perdiam o tempo de três ou quatro anos. Agora mostraremos quais devem ser estes estudos.

De cinco modos ilustramos o nosso entendimento, o primeiro é pela Observação, que é aquela percepção ou conhecimento das coisas que ocorrem na vida ordinária, ou estas coisas sejam intelectuais, ou sejam das pessoas, ou das coisas materiais, ou de nós mesmos.

O segundo é pela Lição; pela qual ilustramos o nosso entendimento com os nossos Maiores aprenderam e experimentaram, como se nos valessemos das riquezas que juntaram nossos antepassados.

O terceiro, pelo Ensino dos Mestres de viva voz, e não por postilas, nem temas, explicando o que deve inculcar no ânimo dos discípulos, perguntando, orando, às vezes, e arguindo, não por silogismos, mas em forma do diálogo.

O quarto pela Conversação, na qual aprendemos o que outros sabem: promovemos as forças do nosso entendimento, imitando sem nos apercebermos o judicioso, que ouvimos e que admiramos; e com agrado e amor da Sociedade transformamos o nosso entendimento naquele com quem tratamos.

O quinto pela Meditação, lendo, escrevendo ou meditando: Neste último se encerram todos os quatro modos acima: e este último é a chave de todos os referidos: sem reflexão, sem uma atenção madura do que sabemos, nenhuma acção seria regular, nenhuma operação da alma seria sem defeito.

Devíamos cultivar a memória naquela idade, quando é mais vigorosa, pela observação, leitura, ensino e conversação. A história seria o primeiro ensino: e como resulta um particular gosto saber quando sucedeu tal coisa, e em que lugar, daqui vem necessidade de estudar a Geografia e a Cronologia.

Mas esta história não se há-de incluir a quantos Reis teve uma Monarquia; quantas vezes foi conquistada, e quantos Reinos conquistou. Na história se incluem o conhecimento das coisas naturais, que contêm aquela obra de Plínio Segundo: entramos em um Gabinete de Coisas Naturais: ali notamos o globo terrestre e o celeste: ali notamos os sistemas planetários onde se vêem o sítio onde existe o sol, os planetas e a terra, o lugar das estrelas fixas e o zodíaco; ali vemos de que modo se movem e em que lugar os vemos; deste modo com a explicação de um inteligente Mestre terá o Menino uma ideia clara, o que é a Geografia e a Astronomia.

Neste Gabinete vemos as Aves, os Peixes, os Animais, os Insectos, as Árvores, e as Plantas da África, da Ásia e da América; e pela mesma separação vamos

notando os Minerais, as Pedras, os Mármores, as Pedras Preciosas, os Sais, os Betumes, os Bálsamos, e as diferentes terras e barros; esta é a História Natural, e como é tão natural saber para que servem estas produções da Natureza, o Mestre lhes dirá as propriedades e seu uso na Medicina e nas artes mecânicas e liberais.

Lá em um lugar separado e espacioso, vê uma Pompa pneumática, um Telescópio, um Microscópio, um prisma, um modelo de um moinho de vento, um Relógio: mostra o Mestre o uso destes instrumentos, e de outros mais ou menos complicados; ali adquirirá o discípulo as primeiras ideias das propriedades dos Elementos, da Óptica, das Mecânicas e da Estática: a curiosidade que é tão natural à perícia dotada de boa índole, o incitará a perguntar a causa daqueles efeitos, que vê obrar por aqueles instrumentos, e ficará informado a não ter por milagres o que são efeitos da natureza; ficará informado daqueles primeiros conhecimentos, que lhe servirão por toda a vida em qualquer estado que a fortuna o puser na Sociedade Civil.

Mas não basta para a vida civil ter a memória enriquecida destes conhecimentos da História Sagrada, Profana, Fabulosa e Natural; necessitamos, para ser exactos, pesarmos, medirmos, e contarmos tudo aquilo que temos adquirido pela observação, leitura e ensino, etc. A Aritmética, Álgebra, Geometria, Trigonometria plana, são necessárias para medirmos as alturas, os comprimentos, as distâncias e as profundidades. Além desta utilidade, tem estas Ciências outro bem necessário à Mocidade: elas costumam a serem atentivos e exactos no que fazem, a não crer de leve, a ficar convencido pela sua razão; instigam a seguir e indagar o que é evidente, ou pelo menos certo, e a descansar, quando se achou a verdade.

Falta ainda a este ensino aquela arte de dizer e representar, por palavras, e pela escritura, o que queremos que outros saibam, e fiquem persuadidos, tanto pela arte de excitar as paixões da alma, como pela perspicuidade, elegância e urbanidade do discurso.

Esta arte de saber dizer ensina a Retórica em Prosa; e em verso a Poesia. Duvidaram alguns Mestres da Educação se a Poesia devia entrar no seu ensino: as razões seguintes são em seu favor. Todos os homens se determinam a afrontar os maiores perigos e os maiores trabalhos, pela esperança, que tem de descansarem e viverem felizes: além disso sem repouso, não pode haver trabalho, nem fadiga por muito tempo; evitariam os homens muitas desgraças se no tempo do descanso, do repouso e da tranquilidade, pudessem viver consigo. Quem foi bem instruído na Mocidade, na história e na leitura dos bons Poetas, tem esta vantagem sobre os homens ordinários, que podem estar sós, e divertirem-se sem companhia; porque aumentem a sua felicidade com o que pensam, ou com a leitura em que foram educados; diverte-se a fantasia; o juízo aproveita, e fortifica-se a virtude: e deste modo evitam mil desgostos, mil desordens, que sucedem no curso da vida por não poder estar só um instante, como vemos fazem aqueles que não tiveram uma educação ingénua, e que vivem pela vontade, e pelo parecer dos outros: o que Horácio pinta com tanta vivacidade e elegância. E por esta razão mostrei eu a necessidade que tinham as Escolas Portuguesas de adoptar o Poema de Camões, para educar a Mocidade, como se poderá ver no Prefácio da última edição feita em Paris. Entram nestes estudos intermédios a Lógica e a Metafísica; porque o seu objecto é de discorrer com método e ordem; ter uma ideia clara tanto das palavras e das coisas distinguindo e sepa-

rando o que nelas há de comum com as outras, e de particular; estas duas partes da Filosofia se reduzem a ter método e ordem em tudo que se diz e escreve. Não se entende aqui por Lógica e Metafísica, aquela das Escolas; já se tem por absurdo gastar três anos em aprendê-las. A Lógica e a Metafísica hoje explicadas por um bom Mestre é estudo de quatro meses, se se explicarem os Compêndios que destas ciências se tem escrito em muitas partes da Europa.

A Física experimental entra na mesma classe; e como já temos na nossa Língua a obra entitulada, *Recreação Filosófica,* não necessito de nomear o seu objecto.

Estes são os conhecimentos preliminários, para entrar nas Escolas maiores; e já estou ouvindo que tantas ciências confundiram o ânimo dos meninos e rapazes, que ou ficaram estúpidos, ou que tudo que aprenderam será tão superficialmente, que toda esta instrução lhe venha a ser inútil. Mas Quintaliano já respondeu a esta dificuldade, e o nosso Martinho de Mendonça, nos seus *Apontamentos para a Educação de um Menino Nobre,* livro tantas vezes citado: a dificuldade não está na capacidade dos meninos; toda ela residirá nos Mestres; e se dessipará, se souberem ensinar com método e com ordem; explicando de viva vós um compêndio de cada ciência que ensinarem; pondo diante dos olhos, umas vezes em mapas, outras em tábuas cronológicas, outras em modelos e instrumentos, e com a inspecção das mesmas coisas que ensinarem; deste modo perguntando, capacitando o auditório, e ficando ele mesmo inteirado que compreendem, adiantará o seu ensino.

Este modo de ensinar explicando de viva voz, e perguntando pelo compêndio ou compêndios da ciência que aprendem os ouvintes, é o mais eficaz, para compreenderem uma matéria inteira. Se estivéssemos dentro

da sala de um palácio, não veríamos mais que os objectos, onde se terminava a vista: mas não teríamos nenhuma ideia da sua grandeza, da sua proporção, da sua elevação; mas se estivéssemos fora, postos a uma certa distância, e em tal sítio que descobríssemos o frontespício, a sua elevação, contemplando as proporções entre o corpo do palácio e das mais partes, então é que podíamos formar juízo da sua grandeza, utilidade e magestade; não saberíamos aquelas miudezas da distribuição dos aposentos, da claridade das galerias, mas o juízo que formaríamos de todo ele, seria superior ao conhecimento acanhado que teríamos, ficando dentro.

Assim para compreender à primeira vista uma ciência, é necessário ver sòmente as suas principais partes: explique o Mestre o que faltar naquela inspecção que o discípulo observa; e deste modo se evitará aquela confusão que se teme. Falo com experiência: um Menino pode por dia tomar quatro lições de matérias diferentes com suma utilidade da sua educação.

Das *Cartas sobre a Educação da Mocidade.*

2. Consequências por não criarem as mães seus filhos

. . . . . .

Até agora os danos que sofrem as Mães e os seus partos no corpo; mas os mais consideráveis e lamentáveis são aqueles que se imprimem no ânimo das crianças criadas por amas. Se fôramos nascidos para viver nos desertos da África, ou nos bosques da América, pouco importava que as amas imprimissem no nosso ânimo aquelas ideias de terror, de feitiços, de feiticeiras,

de duendes, de crueldade, e de vingança; mas somos nascidos em sociedade civil, e cristã; aquelas ideias que nos dão as amas são destrutivas de tudo o que devemos crer, e obrar: ficam aquelas crianças expostas ao ensino de mulheres ignorantes, supersticiosas; são os primeiros Mestres da língua, dos desejos, dos apetites, e das paixões depravadas. Chegou o menino a falar, já está cercado de duas ou três mulheres, mais ignorantes, mais supersticiosas, do que a ama; porque estas são mais velhas, e sabem mais destruir aquela primeira inteligência do menino; chega à idade de caminhar, já tem seu mocinho, ordinàriamente escravo, e como foram pelas Mães criados por tais amas, e velhas, são os terceiros Mestres até à idade de seis ou sete anos: e se o mau exemplo do Pai e da Mãe põem o selo a esta educação, fica o menino embebido nestes detestáveis princípios, que mui difícilmente os melhores Mestres podem arrancar aqueles vícios pelo discurso da idade pueril.

Será impossível introduzir-se a boa educação na Fidalguia Portuguesa enquanto não houver um Colégio, ou Recolhimento, quero dizer uma Escola com clausura para se educarem ali as meninas Fidalgas desde a mais tenra idade; porque por último as Mães, e o sexo feminino são os primeiros Mestres do nosso; todas as primeiras ideias que temos, provêm da criação que temos das mães, amas, e aias; e se estas forem bem educadas nos conhecimentos da verdadeira Religião, da vida civil, e das nossas obrigações, reduzindo todo o ensino destas meninas Fidalgas à Geografia, à História sagrada e profana, e ao trabalho de mãos senhoril, que se emprega no risco, bordar, pintar, e estofar, não perderiam tanto tempo em ler novelas amorosas, versos, que nem todos são sagrados: e em outros passatempos, onde o ânimo não só se dissipa, mas às vezes se corrompe; mas o pior

desta vida assim empregada é que se comunica aos filhos, aos irmãos, e aos maridos. Daqui vem, que sendo na mesma Nação, da mesma Família, e da mesma casa, estão introduzidas duas sortes de línguas, ou modos de falar, a conversação que se deve ter com as senhoras, não há-de ser sobre matéria grave, séria; estas conversações judiciosas ficam reservadas para algum velho, ou para algum notado de extravagante: e assim sucede que ficam as Senhoras por toda a vida (ordinàriamente) meninas no modo de pensar; e com tão miseráveis princípios vem elas, as suas amas, as suas aias, e donas, a serem os Mestres daqueles destinados a servir os Reis.

Não me acuse V. Ilustríssima, que saí fora do intento que lhe prometi. Achei que tratar da educação que deviam ter meninas Nobres e Fidalgas merecia a maior atenção porque por último vem a ser os primeiros Mestres de seus filhos, irmãos e maridos. V. Ilustríssima sabe muito melhor do que eu, aqueles monumentos que temos na História Romana, e também na nossa, de tantas Mães que por criarem e ensinarem seus filhos foram os que salvaram a Pátria, e a ilustraram: houve em Roma muitas Cornélias, como em Portugal muitas Filipas de Vilhena. Mas naquele tempo ainda o luxo ou a dissolução não se tinha apoderado do ânimo Português, porque as riquezas não eram tão apetecidas. A conexão que tem a educação da Mocidade Nobre que prometi a V. Ilustríssima, me obriga a ponderar, se não seria mais útil para a conservação e aumento da Religião Católica, transformar-se tantos Conventos de Freiras e das Ordens, principalmente Militares sem exercício algum da sua destinação, nestes estabelecimentos que proponho, tanto para a Mocidade Nobre Masculina, como Feminina? Com o exemplo das educandas, ou Filles de Saint Cyr, fundação perto de Versailles, e com o da

Escola Real Militar, se poderiam fundar no Reino outros ainda mais vantajosos, para a mesma Nobreza, e para conservação e aumento da Religião e do Reino. Mas espero ainda ver nos meus dias estabelecimentos semelhantes em tudo, ou em parte, que satisfaçam todo o meu desejo.

Das *Cartas sobre a Educação da Mocidade.*

3. Ponderação sobre a Língua Latina

Entender e saber a Língua Latina com alguma perfeição não se estima ordinàriamente por qualidade necessária: mas é notado de má criação e é reputado por ignorante, quem a não entende: tantos Autores que escreveram era inútil a um Militar, a um Capitão de Mar, e outros Cargos públicos, não tem outro fundamento mais, do que mostrarem que tem na sua própria Língua todas as Ciências e Artes escritas, e que sabendo-a com perfeição aproveitam o tempo em aprendê-las, que perdiam certamente enquanto estudavam o Latim: mas é engano manifesto. Quem assim escreve, e assim declama, sabe Língua Latina, e não se apercebe que se a não soubesse, teria milhares de ocasiões de desejar sabê-la. Notou M. de Voltaire que Luís XIV, e M. Colbert seu Secretário de Estado não sabiam Latim, e que eles promoveram as Ciências mais que os Reis, e Ministros que foram doutos; e que M. Colbert, sendo já Ministro aprendia esta Língua. Carlos V, Henrique III de França lamentaram-se muitas vezes por a ignorarem:

todos aqueles de quem se pode esperar tiveram boa criação, são reputados saberem latim: porque todos os Mistérios da nossa Religião, todos os actos Religiosos dela são nesta Língua, e será coisa lamentável que um gentil-homem na Igreja entenda tanto como um vilão, ou uma criada. No trato do mundo ocorrem mil ocasiões de saber Latim, uma sentença que se diz nesta Língua em conversação; o título de um livro latinizado, ou em latim; estando nos cargos ou civis ou políticos, ou nos da guerra há milhares de ocasiões onde o Latim é necessário; de outro modo fica o Ministro, ou o General envergonhado, e confuso. Para resolver se um moço Nobre, nesta Escola que se propõe, devia aprender o Latim ou não, não devia ser aquele que o sabe. Pelo contrário devia ser um Gentil-homem, ou Fidalgo com conhecimentos da vida civil e política, que o não soubesse: estou certo que o seu voto nesta matéria seria pela afirmativa, porque terá experimentado quanta confusão, vergonha, e mortificação lhe causou às vezes não entender o Evangelho, os textos dos Pregadores; os Hinos, as Sentenças, e palavras Latinas encadeadas na leitura da Língua vulgar, e sobretudo na conversação.

Além do referido, que é a nossa Língua, acharemos que a Castelhana, a Francesa, e muita parte da Inglesa, não é mais que a Língua Latina, ou corrupta, ou com terminações diferentes: como é possível que um Português tenha uma ideia distinta, clara e completa destas palavras: conceder, sujeitar, reservar, resolver, publicar, exceder, promover, etc., sem saber a Língua Latina? Ainda que aprenda a Gramática da nossa Língua, ainda que venham Bluteaus novos de Irlanda a fazer-nos Dicionários, jamais a saberemos bem, sem ter primeiro aprendido o Latim, e não creio que jamais Português sem ela a escreverá rectamente, apesar das ortografias à Italiana

que começam a vogar nas penas dos Noveleiros e de quem se preza saber antes a Língua Estrangeira do que a sua própria.

Por estas razões, parece que é indispensável que esta Língua entre na educação da Mocidade Nobre: todo o ponto está que quando a aprenderem lhes não ensinem Gramática em lugar de Língua Latina; a Gramática ou se deve ensinar explicando a Língua materna, ou depois de saber medìocramente a Latina; e o primeiro dia que começariam a aprender esta, nesse mesmo começariam a traduzir ou algum Evangelho, ou os Provérbios de Salomão, por ser o Latim mais comum, como são ordinàriamente todas as versões ou interpretações.

Das *Cartas sobre a Educação da Mocidade.*

UNIVERSITY OF ILLINOIS LIBRARY

CAPÍTULO II

A ARCÁDIA LUSITANA

TEXTOS DE:

Correia Garção
Cruz e Silva
Reis Quita
Francisco José Freire

PEDRO ANTÓNIO CORREIA GARÇÃO

1724-1772

SÁTIRA II

1. Sobre a Imitação dos Antigos

Não posso, amável Conde, sujeitar-me
A que às cegas se imitem os Antigos;
Quero dizer, aqueles Portugueses,
A que hoje chamamos Quinhentistas:
O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes
Foram grandes Poetas; qualquer deles
Foi discreto, e foi sábio; enfim as Musas
Lhe embalaram o berço, e lhe cobriram
Com murta, e com loureiro a sepultura;
Mas nem por isso os pobres escaparam
À culpa original: tem suas faltas,
Tem seus altos, e baixos, tem sedeiros,
Onde dá c'os focinhos um Pedante,
Que vá por onde for há-de segui-los,
Que há-de furtar-lhe tudo quanto dizem;
E seja bom, ou mau, isso que importa?
O ponto está que o diga algum daqueles,
Que Craesbeeck imprimiu: há maior teima!

As Graças são muchachas, são risonhas,
São fáceis, são suaves: eles querem
À força por-lhe brancas, e bigodes,
E não lhos sabem pôr: que é o que eu digo?
Imitam o pior; mas não imitam
Os versos mais canoros, e correntes,
A sisuda dicção, a frase pura;
Aquele Ático sal, que não conhece
Quem nunca viu o pórtico de Atenas,
Se quer em caixas ópticas pintado;
Isto é, Anacreonte traduzido,
Aristófanes, Sófocles, e Safo:
Sem que fique de fora o bom Homero,
E outros, em que poder não teve a morte.
Para imitares tu, Senhor, os feitos
De teus claros Maiores, necessitas
De calças, e gibão? Se hoje saísses
Com jaquete, e golilha; quem seria
Tão sério, e tão sisudo, que pudesse
Conter o riso? Nada te valera
Responder-lhe gritando, que imitavas
Os distintos Avós, que dos Noronhas
A Prosápia exaltaram generosa
Nos séculos passados: Todos sabem
Que o valor não consiste nos vestidos,
Antes seguem as modas. A virtude
Assiste com sossego inalterável
Nos grandes corações: Ora esta regra
Corre a nível d'altura do Parnaso.
Imite-se a pureza dos Antigos,
Mas sem escravidão, com gosto livre,
Com polida dicção, com frase nova,
Que a fez, ou adoptou a nossa idade.
Ao tempo estão sujeitas as palavras;

Umas se fazem velhas, outras nascem:
Assim vemos a fértil Primavera
Encher de folhas ao robusto tronco,
A quem despiu o Inverno desabrido.
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes:
Camões dizia *imigo*, eu *inimigo*;
O ponto está que ambos expliquemos
Aquilo que pensámos: a energia
Do discurso, e da frase não consiste
No feitio das vozes, mas na força:
Salvo conforme aos Gárrulos Trovistas,
Que não te chamam justo, sem chamar-te
Ou robusto, ou augusto; inda que sábio
Detestas a lisonja. O raro Apeles
Rubens, e Rafael, inimitáveis
Não se fizeram pela cor das tintas;
A mistura elegante os fez eternos.
Quem não percebe bem este segredo,
Cuida que em dizer *mor* tem dito tudo:
Que muito, se não há discernimento,
E reina a afectação! Vejo Pedantes
Trepados em Cadeiras, descompondo
Os mais honrados Cidadãos de Atenas,
Sem razão, nem vergonha: e vejo gente
Prudente, e sábia embasbacar nos gestos
Do Mono petulante. Muito pode
A opinião, a teima, ou o capricho!
E o Pedantismo pode mais que tudo;
Pois arrasta a Razão, pisa a Verdade;
E em sabendo servir-se da lisonja,
Voa por esses ares, sobe ao cume,
Onde a vaidosa ideia ergueu o Templo
Da fantástica Fama. Ali se abraça
A Soberba, e a Vaidade co'a Preguiça:

Vive a Ignorância ali, dali pretende
Ditar as leis ao Mundo. Mas que digo?
Que furor atrevido me arrebata?
Que Demónio me inspira alegorias,
Sem permissão do Tribunal Censório
Dos Críticos modernos? Não é moda
Um Estro nobre; tudo está mudado:
Há Pragmática nova, estreitas regras,
Que obriga a jejuarmos Poesia
Tão longa quarentena; e não me espanta
Ver Poetas mirrados, se a abstinência
Das Clausuras fugiu para o Parnaso.
Os nobres Portugueses, Cristãos Velhos,
Acaso são Gentios, como foram
Píndaro, Homero, Sófocles, Virgílio,
Para inventarem coisas inauditas?
Fábulas novas? Bastam as pinturas
De quatro bagatelas: uma fonte,
Um bosque, um rio, um campo, um arvoredo,
Um rebanho de cabras, dois Pastores
Com cajado, e surrão; uma Pastora,
Que se está vendo n'água: há melhor coisa?
Quem pode fazer mais? que nos importa
Que o verso seja frouxo, ou deslocado,
Sem gramática a frase, sem pureza,
E sem graça a dicção; ou enfim tudo
Sem conexão, sem ordem, sem juízo?
O caso está que lembrem as pedrinhas
Lá no fundo do rio, sem que esqueça
A gaita do Pastor, nem os abraços
Da simples Pastorinha: e que as palavras
Sejam humildes, velhas, e caducas,
Se quer de quando em quando. Ah, Senhor Conde!
Se isto é ser bom Poeta, bom Poeta

Eu o prometo ser em pouco tempo;
Mas tu, Senhor, bem sabes quanto custa
Ser fidalgo da casa do Deus louro:
Não se compra a dispensa com dinheiro,
Nem vale ter o Pai no Desembargo;
Mas é preciso grande génio, longo,
E escolhido estudo; ouvir a todos,
Seguir a poucos; conversar c'os mortos,
Quero dizer, c'os livros todo o dia,
E toda a noite: ali se faça branco
O cabelo, que foi preto, ou louro.

Obras Poéticas de P. A. Correia Garção.

2. Oh mil vezes feliz
(ode)

Oh mil vezes feliz, o que encerrado
Entre baixas paredes
O tormentoso Inverno alegre passa!
Que de um pequeno campo,
Que ele mesmo cultiva, se alimenta
Apascentando as vacas,
Que da mão paternal sòmente herdou
C'os dourados novilhos,
Enquanto sobre a terra se reclina
Dormindo descansado
Ao som das frescas águas de um regato,
Horrorosos cuidados
O não vem perturbar no brando sono.
A sórdida cobiça
Lhe não faz conceber vastos projectos;
Não pensa, não intenta

Atravessar o Cabo Tormentoso,
Sofrer chuvas, e ventos,
Ouvir roncar as denegridas ondas,
E ver na feia noite
Entre nuvens a Lua ir escondendo
O macilento rosto,
Por ir comerciar c'os pardos Índios,
E Chinas engenhosos.
A sede insaciável de riquezas
Não faz que exponha a vida
Nos desertos sertões às verdes cobras,
E aos remendados tigres.
Ah ilustre Soeiro, doce Amigo,
O ouro de que serve,
Se os anos vão correndo tão velozes?
Se a morte não consente
Que a enrugada, e pálida velhice
Com passos vagarosos
Nos venha coroar de níveas cãs?
O Senhor opulento
Ao seu pobre vizinho encurte o campo,
Que alegre cultivava;
Levantando soberbos Edifícios,
Arranque as oliveiras,
O choupo, que sustenta as roxas uvas,
Para ornar seus jardins
De esteril murta, de cheirosas plantas.
O campo, que ondeava
Com as úteis, e pálidas espigas,
Cubra de fresca sombra
Do espesso cedro, do frondoso louro,
Alegre vá passando
No seio das delícias, e regalos.
Mas ah! que não adverte

Que as três Filhas da noite, as ímpias Parcas,
Girando os leves fusos,
Lhe acabam de fiar os curtos dias.
Que a morte inexorável
Se chega ao rico leito, em que descansa,
Mostrando-lhe entre sombras
A macilenta mão, com que lhe pega.
Já entre mil augústias,
Entre os frios suspiros, que derrama,
Acaba a triste vida,
Que intentava gozar por longos anos.
Só tu, filha do Céu,
Impávida Virtude, não estranhas
O aspecto da morte.

Obras Poéticas de P. A. Correia Garção.

3. Ode III

Pois torna o frio Inverno, sacudindo
Das estridentes asas gelo agudo,
As retalhadas mãos, amável Lídia,
Aqueçamos ao fogo.

Enquanto pelos montes, que branquejam,
As cristalinas canas de anosos troncos
Com os raios do Sol estão brilhando,
Quais brilham de Marília,

Da travessa Marília, os ledos olhos,
À chaminé um pouco nos sentemos:
Já silvando entre ondadas labaredas
A seca lenha estala.

Conversemos, bebamos, murmuremos:
Contigo as Graças vem, comigo Amores,
Que no varrido lar ao lume secam
As orvalhadas penas.

Os froixos arcos bocejando largam,
E nas cruéis aljavas reclinados,
Porque velam de noite, sonolentos,
(Coutados!) adormecem.

Ferve o cheiroso Ponche, que desterra
A pesada tristeza, os vãos temores,
Que deixa voar solto o pensamento
Nas asas da Alegria.

Reluzindo na mesa os cristais limpos,
Nos pedem que bebamos, que brindemos:
Ora bebamos, Lídia; deixa aos Astros
O governo dos Orbes.

Não queiras triste penetrar a densa
Caliginosa névoa do futuro:
Não percas um instante de teus dias;
Olha, que o tempo voa!

Vão com ele nossas esperanças,
Castelos sobre nuvens levantados!
A mais pomposa Cena da Fortuna
D'improviso se troca!

Apenas vi raiar um doce riso,
No angélico semblante de Marília,
Dos olhos me fugiu o lindo gesto
Que os olhos me levava.

Qual sonhado tesouro em negra cinza,
Se tornou todo o meu contentamento:
Ah, Marília cruel! que te custava
Trazer-me nesse engano?

Voai, feri, Amores, esta ingrata;
Fazei-a suspirar por quem lhe fuja:
Prove tormento igual a meu tormento:
Em vão, em vão se queixe.

Perdoa, Lídia, se blasfemo, e grito,
Que Ponche também faz dizer verdades:
É Marília formosa; mas ingrata ....
Creio que o tempo muda.

Obras Poéticas de P. A. Correia Garção.

4. Soneto XVI

O louro Chá no Bule fumegando
De Mandarins, e Brâmenes cercado;
Brilhante açúcar em torrões cortado;
O leite na caneca branquejando.

Vermelhas brasas, alvo pão tostando;
Ruiva manteiga em prato mui lavado;
O gado feminino rebanhado,
E o pisco Ganimedes apalpando.

A ponto a mesa está de enxaropar-nos,
Só falta que tu queiras, meu Sarmento,
Com teus discretos ditos alegrar-nos:

Se vens, ou caia chuva, ou berre o vento,
Não pode a longa noite enfastiar-nos,
Antes tudo será divertimento.

5. Soneto XXVIII

Era alta noite, a Lua prateada
Já no sereno Céu resplandecia;
E a corrente do Tejo parecia,
De ferventes estrelas marchetada.

Então Canídia bela, destoucada
Descalço o lindo pé, filtros urdia,
Em torno de uma loisa, que se abria
De medonhos Espectros rodeada.

Regougavam no cume dos outeiros
Esfaimadas Raposas; na Floresta
Lhe respondiam Mochos agoureiros.

Brama Canídia; e ós Lémures ligeiros
Unhar mandou do bom Delfim na testa
De finado cabelo alguns milheiros.

Obras Poéticas de P. A. Correia Garção.

6. Cantata de Dido

Já no roxo Oriente branqueando
As prenhes velas da Troiana frota
Entre as vagas azuis do mar dourado
Sobre as asas dos Ventos se escondiam.
A misérrima Dido
Pelos paços reais vaga ululando,
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneias.
Só ermas ruas, só desertas praças

A recente Cartago lhe apresenta;
Com medonho fragor da praia nua
Fremem de noite as solitárias ondas;
E nas douradas grimpas
Das cúpulas soberbas
Piam nocturnas, agoureiras aves.
Do marmóreo sepulcro
Atónita imagina
Que mil vezes ouviu as frias cinzas
Do defunto Siqueu com débeis vozes,
Suspirando chamar: — Elisa! Elisa!
D'Orco aos tremendos Numens
Sacrifícios prepara;
Mas viu esmorecida
Em torno dos turícremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças,
E o derramado vinho
Em pélagos de sangue converter-se.
Frenética delira,
Pálido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada;
Já com trémulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouviu, enternecida,
Magoados suspiros, brandas queixas.
Ali as cruéis Parcas lhe mostraram
As Ilíacas roupas, que pendentes
Do tálamo dourado descobriam
O lustroso pavês, a Teucra espada.
Com a convulsa mão súbito arranca
A lâmina fulgente da baínha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro, cristalino peito;

E em borbotões de espuma murmurando,
O quente sangue da ferida salta:
De roxas espadanas rociadas,
Tremem da sala as Dóricas colunas.
Três vezes tenta erguer-se,
Três vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao Céu levanta
Os macerados olhos.
Depois, atenta na lustrosa malha
Do prófugo Dardánio,
Estas últimas vezes repetia,
E os lastimosos, lúgubres acentos,
Pelas áureas abóbodas voando,
Longo tempo depois gemer se ouviram:

Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Enquanto os fados,
Enquanto Deus
O consentiam.
Da triste Dido
A alma aceitai,
Destes cuidados
Me libertai.

Dido infelice
Assás viveu;
Da alta Cartago
O muro ergueu:

Agora nua,
Já de Caronte,
A sombra sua
Na barca feia,
De Flegetonte,
A negra veia
Surcando vai.

Obras Poéticas de P. A. Correia Garção.

ANTÓNIO DINIS DA CRUZ E SILVA

O HISSOPE

1. **Proposição e Invocação**

Eu canto o Bispo, e a espantosa guerra,
Que o Hissope excitou na Igreja de Elvas,
Musa, tu, que nas margens aprazíveis,
Que o Sena borda de árvores viçosas,
Do famoso Boileau a fértil mente
Inflamaste benigna, tu me inflama;
Tu me lembra o motivo; tu, as causas,
Por que a tanto furor, a tanta raiva
Chegaram o Prelado, e o seu Cabido.

Cruz e Silva, *O Hissope* — Canto I.

2. **O Deão na Cerca dos Capuchos**

Sobre uma agra montanha, que se estende
Em pequena distância, dos soberbos
Guerreiros muros da triunfante Elvas,
O célebre Convento se levanta.
Aqui, da mole Inércia no regaço,
Das austeras fadigas descansando,
Da Província, se vê cem Padres graves,

Ex-Guardiões, ex-Porteiros, ex-Leitores,
Ex-Provinciais, e alguns destes famosos
Pelas artes subtis, pela ardileza,
Com que forçado tem o Sp'rito Santo,
Nos rixosos Capítulos, mil vezes,
Os votos a seguir do seu partido.
Destes também no meio, ali se encontram
Do gordo badulaque ex-cozinheiros,
Na fumosa cozinha, entre as tisnadas
Certãs fuliginosas, e marmitas,
Com grande glória sua, jubilados.

Aqui, suando pois, como um cavalo,
Chega o Deão, a tempo, que o Porteiro
A porta da Clausura pronto abria;
E vendo do Deão a grã fadiga,
Desta sorte lhe diz, sobressaltado:
—Que é isto meu Senhor? Que estranho caso
Aconteceu a Vossa Senhoria,
Que por baixo de calma tão intensa,
À nossa Casa o traz tão afrontado?
. . . . . .
. . . . . .
—Nenhum desses desastres, Deus louvado!
Me sucedeu; (o Lara lhe replica)
Ao Padre Guardião sòmente quero
Num negócio falar, se for possível.

—Inda bem: pois cuidei que era outra cousa;
(Lhe torna o bom Porteiro) e de assustado
Fiquei sem sangue, em quase todo o corpo.
O Padre Guardião, antes das cinco,
Não costuma da sesta levantar-se;
Mas, por servir a Vossa Senhoria,

A despertá-lo vou; no entanto pode
Lá na Cerca esperar, tomando o fresco.

Isto dizendo, ao Dormitório sobe;
E o Deão, caminhando para a Cerca,
Com outro Reverendo, acaso topa,
De grã barriga, de cachaço gordo,
Que atento o cumprimenta, e acompanha.

Quis então a Fortuna, que este fosse
Um dos Padres mais graves da Província,
Ex-Guardião, ex-Leitor, e Jubilado,
De todos o mais douto, excepto o Arronches,
Prègador de grã-fama, na Cidade.
O bom Lara, que havia longo tempo,
Que, nesta santa Casa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seus olhos,
Na Cerca entrando, juntos se lhe of'recem
As areadas ruas, as estátuas,
Os buxos, os craveiros, as latadas
De mil flores cobertas, e que, em torno,
O virente jardim adereçavam;
E não bem quatro passos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Na estátua, que primeira ali se encontra,
Pergunta ao Jubilado:—Quem é este
Monsieur Paris? segundo diz a letra
Que por baixo, na base, tem aberta;
Se se houver de julgar pela aparência,
O nome, a catadura, o penteado
Dizendo-nos estão que este bilhostre
Foi Francês, e talvez Cabeleireiro,
Inventor do topete, que o enfeita.

— Páris e não Paris, diz o letreiro,
(Circunspecto lhe volve o Padre Mestre)
Nem Francês, como crê, cabeleireiro
A personagem foi, que representa;
Mas em Tróia nasceu de estirpe régia.
— Pois, se Francês não foi (replica o Lara)
Como monsieur lhe chamam? — c'um sorriso
Lhe torna o Padre Mestre: — Não se admire
Que isto está sucedendo a cada passo:
Ao pé de cada canto, hoje, sem pejo,
Se tratam de monsieurs os Portugueses.
Isto, Senhor, é moda; e, como é moda,
A quisemos seguir; e sobretudo
Mostrar ao Mundo, que Francês sabemos.

— De tanto peso pois (lhe volve o Lara)
É, Padre Jubilado, por ventura,
O saber o Francês, que disso alarde
Fazer quisessem vossas Reverências?
Por acaso, sem esse sacramento,
Não podiam salvar-se, e serem sábios?
Pois aqui, em segredo, lhe descubro,
Que o Francês, para mim, o mesmo monta,
Que a língua dos selvagens Boticudos.

— Não diga, Senhor, tal; que neste tempo,
Oh tempos! oh costumes! (diz o Padre)
O saber o Francês é saber tudo.
É pasmar! ver, Senhor, como um pascácio,
De Francês com dois dedos se abalança,
Perante os homens doutos, e sisudos,
A falar nas ciências mais profundas,
Sem que lhe escape a Santa Teologia,
Alta ciência, aos Claustros reservada,

Que tanto fez suar ao grande Escoto,
Aos Bucónios, aos Lélios, e a mim próprio.
Desta audácia, Senhor, deste descoco,
Que entre nós, sem limite, vai lavrando,
Quem mais sente as terríveis consequências
É a nossa português casta, linguagem,
Que em tantas traduções anda envasada
(Traduções que merecem ser queimadas!)
Em mil termos, e frases galicanas!
Ah! se as marmóreas campas levantando,
Saíssem dos sepulcros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os Antigos
Lusitanos Varões, que com a pena,
Ou com a espada e lança, a Pátria ornaram,
Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos termos,
Com que enfeitar, intentam seus escritos
Estes novos, ridículos Autores;
(Como se a bela, e fértil língua nossa,
Primogénita filha de Latina,
Precisasse de estranhos atavios!)
Súbito, certamente, pensariam
Que nos sertões estavam de Caconda,
Quelimane, Sofala, ou Moçambique;
Até que haja, por fim, desenganados
Que eram de Portugal, que os Portugueses
Eram também, os que costumes, língua,
Por tão estranhos modos afrontaram,
Segunda vez de pejo morreriam.
Mas eles tem desculpa; a negra fome
Os míseros mortais a mais obriga;
Sem saber o que escrevem, escrevendo,
Buscam dela o remédio, e, como logram
Os fins dos seus intentos; o que escrevem,

Seja ou não Português, isso que monta?
Quem desculpa não tem, nem a merece,
É quem vedar-lho deve, e não lho veda.
Mas por ora deixemos estas cousas,
Que o mundo corrigir a nós não toca.
Este, como dizia, foi Troiano,
E nos campos que o Frígio Xanto corta,
Guardando, em doce paz, o seu rebanho,
Eleito foi Juiz do grande pleito,
Que Juno e Palas, entre si, com Venus
Sobre a beleza, um tempo, sustentaram;
No qual não sei porém, se com justiça,
Deu a favor de Vénus a sentença,
Entregando-lhe o rico pomo de ouro,
Que a Discórdia lançara num banquete.

— Já nesse pleito ouvi, (se bem me lembro)
E no pomo falar: (lhe volve o Lara)
Mas o tal monsieur Páris foi um asno;
(Perdoe a sua ausência). Se na causa
De ser Juiz a sorte me coubera,
Daria mal, ou bem minha sentença,
Conforme o meu bestunto me ajudasse,
Sem em nada gravar a consciência:
Mas a maçã havia de eu papá-la,
Pelas custas, por certo; e quando muito,
Daria à Vencedora, dela as cascas.

— Mas diga-me, meu Padre Jubilado,
Se gado apascentou esse marmanjo,
Como de cortesão está vestido,
De cabelo, de bolsa, e penteado?
— Essa é boa! (replica o Reverendo)
Pois parece-lhe a Vossa Senhoria,

Que lhe bastava o seco tratamento
De monsieur, que lhe demos, e um cajado,
Um intonso cabelo, uma samarra?

—Essa razão me quadra (diz o Lara)
E esta Madama Helena (continua)
Que dele está defronte, por ventura
É troiana também, ou é francesa,
Como do penteado mostra o gosto?

—Não foi, Senhor, francesa, nem troiana;
(Responde o Padre Mestre) d'alto sangue,
Em a Grécia nasceu; e no seu trono
Esparta um tempo a viu; mas cetro, esposo,
A pátria, a fama, a glória de alta estirpe,
Tudo deixou por Páris.—Pois que! o Esposo,
A cara pátria, o cetro, a fama, a glória,
Tudo deixou por esse barbas d'alho?
Valente marafona foi por certo,
A tal Madama Helena! e quem foi esta?
Diz a letra, Madama Pena-Lopes,
(Prosseguia o Deão) talvez seria
Tão boa, como essoutra?—Essa (responde
O douto Jubilado) é doutra laia.
A famosa Penélope foi esta,
Do conjugal amor, da fé jurada,
Do sagrado himeneu nas castas aras,
Um perfeito exemplar, grande matrona,
Boa mãe de famílias, e estremada,
Entre as mais do seu tempo, tecedeira.
Numa teia gastou mais de dez anos...

—Que me diz, Padre Mestre? Está zombando!
(O Deão aturdido lhe replica)

Em urdir e tramar uma só teia
Dez anos consumiu a tal Madama;
E diz-me que foi grande tecedeira?
A minha Ama... e mais é uma zoupeira,
Noutro tanto não gastava nove meses:
E contudo, não passa, entre as peritas,
Por grande sabichona neste ofício.

— Nisso mesmo é que esteve a habilidade,
(O Padre lhe tornou) pois que de noite
O que de dia obrava, desmanchava.
— Pior! (diz o Deão). Isso é o mesmo
Que para trás andar, qual caranguejo.
Jurarei cem pares de Evangelhos
Que essa mulher perdido tinha o siso.
. . . . . .

Cruz e Silva, *O Hissope* – Canto V.

3. **Ode Pindárica**

ESTROFE

Bela Ninfa do Ilisso, alta princesa
Da populosa Grécia, insigne Atenas,
Da passada grandeza
Em vão batendo as orgulhosas penas
Às nuvens te remontas,
Inda que os Numes entre si se armassem,
E rivais dar-te o nome disputassem.

ANTÍSTROFE

Sei de quanto fulgor a fronte augusta
De Minerva te ornou o ilustre braço;
Sei que Nemesis Justa
O seu trono firmou em teu regaço;
Que nele da justiça
As primeiras faíscas cintilaram,
Que no Lácio depois tanto brilharam;

EPODO

Sei que no eterno alcáçar da Memória
Indelével gravaram
Sócrates e Zenon a tua glória;
E Solon, que prudente as leis modera,
Que de sangue mão ávida escrevera;

ESTROFE

Sei que teu nome à eternidade voa;
Mas nem por isso esperes arrogante,
Roubar a imortal c'roa,
Que na frente hoje cinge triunfante
A famosa Coimbra;
Pois de Pombal a coruscante estrela
Com seus raios a cobre, e faz mais bela.

ANTÍSTROFE

Já em seu seio a suspirada Astreia,
Rasgando o denso véu com que a cobria
A ignorância feia,
Pela mão a áurea Paz aos mortais guia.
Brilha a tremenda espada;
E ao vê-la, sem asilo, consternados,
Os vícios caem por terra derribados.

EPODO

Nas mãos da Religião cintila pura
Da Fé a imortal tocha:
Já c'o robusto pé calca segura,
Inda sangue estilando, o Fanatismo,
Aborto horrendo do enfuriado abismo.

ESTROFE

A sã Filosofia que até agora
Entre espinhos esquálida jazia,
Vê roxear a aurora
De seu império, cheia de alegria.
Do famoso Carvalho
A um só aceno a fronte ergue vaidosa,
Do erro e preocupação vitoriosa.

ANTÍSTROFE

Ali oh quanta of'rece alta riqueza,
Abrindo seu tesouro sumptuoso,
A vária Natureza!
Já do Liceu o jugo vergonhoso
Intrépida quebrando,
Entrega de seus Reinos a opulência
Nas destras mãos da sólida Exp'riência.

EPODO

Ali d'arte subtil a alma guiada,
Já pisa sem receio
Da formosa verdade a oculta estrada;
Estrada que fechavam com destreza
Negros monstros de sórdida avareza.

ESTROFE

Rompendo dos sentidos a barreira,
Por entre abismos o grão voo estende,
E na feliz carreira
Sua existência a conhecer aprende.
Então rasgando as nuvens,
A contemplar se arroja a Divindade,
Dentro do sagrado horror da eternidade.

ANTÍSTROFE

Lá no supremo Bem toda elevada,
A olhar aprende, impávido o semblante,
Do Fado a mão irada;
A sugigar com freio de diamante
As paixões procelosas,
Que das inatas leis em vitupério,
Costumam destruir seu grande império.

EPODO

Vê o como, seguindo denodados
Os passos da virtude,
Serão eternamente celebrados
Focion o sábio, Aristides o justo,
Alvo inocente do ostracismo injusto.

ESTROFE

Ali do céu, da terra o imenso espaço
A bela Urânia a dividir ensina
Com o imortal compasso;
Urânia, que a Elísia deu benina
O majestoso Henrique,
O grande Nunes, o espantoso Gama,
Herói inda maior que a sua fama.

ANTÍSTROFE

Com seu favor soltando as brancas velas,
O varão grande ao bravo mar se entrega;
Novo hemisfério, e estrelas,
Novas gentes vai vendo, até que chega
Da Aurora às rochas portas,
Sem temer no caminho dilatado
O rosto horrendo de Neptuno irado.

EPODO

Ao estranho rumor das curvas quilhas,
Fora da água as cabeças
Curiosas de Nereu lançam as filhas:
O Luso vem; e pasmam do ardimento
Com que pisa o inóspito elemento.

ESTROFE

Então por longo tempo o Tejo ufano
Fez de seus lenhos acurvar c'o peso
Os ombros do Oceano:
Então Neptuno viu em raiva aceso,
Por todos os seus reinos,
Triunfantes fuzilar as Lusas Quinas
Terror, incêndios, mortes, e ruínas.

ANTÍSTROFE

Mas onde, oh lira, corres costumada
A vencer de um só voo imenso espaço,
D'alto Nume inflamada?
De Tétis deixa o líquido regaço;
E as luminosas asas,
Da pátria ao novo herói rápida volta,
E do Ismeno sobre ele o orvalho solta.

EPODO

Vibrar em campo ao lado da vitória
Estrago, horror, e morte,
É da alma generosa timbre e glória:
Mas na paz ilustrar o povo rude,
O brasão é maior de alta virtude.

ESTROFE

No cáos da ignorância sepultado
Sem leis viveu um tempo, sem cultura,
O Egito abalizado.
Mas Ceres dissipando a névoa escura,
A polícia lhe inspira;
E o Nilo obsequioso, em cem lugares
Estátuas lhe lavrou, ergueu-lhe altares.

ANTÍSTROFE

Claro Pombal, se Elísia, que ditosa
Das frias cinzas a soberba fronte
Aos céus ergue vaidosa,
Vê raiar por teu zelo no horizonte
Da Ciência a luz brilhante,
E grata não lavrar teus feitos claros
Em duro bronze, em mármores de Paros;

EPODO

O génio que me inspira o sacro alento,
Com que triunfante domo
A vil inveja, o torpe esquecimento,
Do meu hino entre a pompa e majestade,
Teu nome levará à Eternidade.

DOMINGOS DOS REIS QUITA

1. Écloga X

ALBANO

Num vale de frondosos arvoredos,
Onde a corrente de uma fontezinha
Por entre verdes juncos, e penedos
Para as praias do Tejo se encaminha;
Onde a relva se vê sempre viçosa,
O roxo lírio, a encarnado rosa,
Ali junto de uma árvore sombria
Sentado estava Albano sobre as flores,
E ao som de uma sanfona, que tangia,
Saudoso cantava seus amores,
E cantavam pendentes dos raminhos
Também os namorados passarinhos.
De uma grinalda a fronte enriquecia
De lírios, e boninas fabricada,
Escrito no instrumento se lhe via
O nome de Pastora suspirada,
E no cajado as prendas excelentes
Como troféu de amor tinha pendentes.
Desordenado andava pelo outeiro
Gostando a verde relva o manso gado
Sòmente do solícito rafeiro
Pelo deserto monte acompanhado,
Enquanto o seu Pastor ao vento dava

As queixas, que saudoso assim cantava:
Solitária campina,
Medonhos vales, rústica aspereza,
Fonte não tendes, árvore ou bonina,
Que não encha meus olhos de tristeza.
Que diferentes são, que deleitosos
Os campos saudosos,
Onde a minha Pastora ausente assiste!
Nada ali se vê triste:
Não sei que nova graça
Estão aquelas plantas respirando!
Que suavemente a calma ali se passa
Ao movimento brando,
Que faz o fresco vento no arvoredo!
Não sei que maravilha ali me of'rece
Qualquer tosco penedo,
Que melhor que estas plantas me parece!
Aqui as mesmas flores a meus olhos
Se convertem em ásperos abrolhos:
Lá os espinhos duros
Em frutos saborosos, e maduros.
Olhos, por quem de amor sempre suspiro,
Vinde ver-me, e vereis pelo meu rosto
As lágrimas correndo em largo giro:
Vereis o triste estado, em que o desgosto
Me tem de larga ausência,
Com tanta violência
Os saudosos ais esta alma exala,
Que parece que estala
O triste coração de sentimento.
Vinde, olhos, consolar-me em tal tormento,
Eu creio que vos virá
Não só cheios de amor, mas de piedade,
Se me vísseis nas ânsias, que conspira

Contra mim o rigor desta saudade.
É possível que lástima não tenhas,
Fado injusto, de ver tão divididos
A quem amor uniu tanto as vontades!
Como cruel te empenhas
Em que eu padeça os golpes repetidos
Do terrível tormento das saudades!
Mas segue o teu costume, dura sorte,
Que por mais que o rigor tirano e forte
Armes contra meu peito,
Não hás-de nunca o laço ver desfeito
Deste constante amor, desta fé pura,
Inda que em meus retiros
Não alcance outros mimos da ventura
Mais que lágrimas tristes e suspiros.
Assim soltava Albano o triste pranto,
Com que a dor da saudade mitigava;
Mas a noite, que as sombras espalhava,
Renovando-lhe o mal deu fim ao canto.

Domingos dos Reis Quita, *Obras Poéticas* — Tomo I.

2. Idílio X

Praias, que banha o tejo caudaloso,
Ondas, que sobre a areia estais quebrando,
Ninfas, que ides escumas levantando,
Escutai os suspiros de um saudoso.
E vós também, ó côncavos rochedos,
Que dos ventos em vão sois combatidos,
Ouvi o triste som de meus gemidos,
Já que de amor calais tantos segredos.
Ai, amada Tircea, se eu pudera

Os teus formosos olhos ver agora,
Que depressa o pesar, que esta alma chora,
No gosto mais feliz se convertera!
Oh como então ficaras conhecendo
Quanto te amo, se visses a violência,
Com que estão de meus olhos nesta ausência
As saudosas lágrimas correndo!
Tanto neste pesar, que estou sentindo,
O triste coração se desfalece,
E tanto me atormenta, que parece
Que ao sofrimento a alma vai fugindo.
Mas oh qual há-de ser a crueldade
Deste terrível mal, em que ando envolto,
Se a qualquer parte enfim, que os olhos volto,
Imagens estou vendo de saudade!
Uma serena tarde já sol posto
Te vi sobre esta penha estar sentada:
Ali naquela fonte prateada
Estiveste banhando o alvo rosto.
Dali de quando em quando os olhos belos
Movidos com tal gesto me voltavas,
Que em cada movimento asseguravas
Uma nova esperança a meus desvelos.
Ali na branca areia se estão vendo
Ainda, doce bem, tuas pisadas,
Que entre as outras, que vejo assinaladas,
Estou distintamente conhecendo.
Vê como vivamente andas impressa
Nesta alma, que por ti se abrasa amante;
Mas nem amor ao meu há semelhante,
Nem outra, que contigo se pareça.
Por ti sempre de olhos desatando
As lágrimas estou nestes retiros,
Entre soluços mil, e mil suspiros

Em vão ando o teu nome derramando.
Nesta praia não há, nem pelo prado
Rústica penha, ou árvore sombria,
Tenra flor, duro tronco, ou fonte fria,
A quem por ti não tenha perguntado.
Talvez se visses quanto sinto ausente,
Tivesses dó de ver-me em tal tormento;
Mas que importa que vejas meu lamento,
Se já teu peito ingrato amor não sente.
Vem colher deste prado as belas flores,
Vem gozar destas sombras a frescura,
Mostra-me ao menos tua formosura,
Inda que armada de cruéis rigores.
Qual a confusa névoa, que escurece
Na luz da madrugada os horizontes,
Que logo dos floridos, e altos montes
Com a vista do Sol desaparece.
Assim eu neste mísero desgosto
O pranto, que desato pela terra,
De meus saudosos olhos se desterra,
Quando o sol lhe aparece de teu rosto.
Ah se pudesses ver, doce inimiga,
O estrago, que causa esta saudade,
Pode ser que o impulso da piedade
Te obrigasse ao que o amor te não obriga.

Domingos dos Reis Quita, *Obras Poéticas*, Id.

3. Canção

Ao pensamento vinde, meus cuidados,
Vinde, minha gostosa companhia,
Tão amáveis, que, quando mais lembrados,

Mais minha glória sois, minha alegria.
Doce emprego, recreio delicioso
Das largas horas, em que vivo ausente
Da soberana luz, por quem ansioso
Ora suspiro triste, ora contente,
Doces, doces cuidados, que à memória
Me trazeis num momento tanta glória.
Que vivamente estou na conjectura
Aqueles graciosos olhos vendo,
Que movendo-se cheios de ternura,
Mil segredos de amor me estão dizendo.
Os dourados cabelos, que voando
Representam do Sol os resplandores,
Aquela gentil boca, que calando
Me diz num só suspiro mil amores,
Aquela formosura incomparável
Mais que tudo a meus olhos agradável.
Para quem vive ausente suspirando
Não há glória maior, não há ventura
Como estar solitário recordando
Do bem amado a graça, a formosura:
As promessas, a fé, os juramentos,
A ternura, as finezas, e os agrados.
Oh causa de tão doces pensamentos!
Oh motivo gentil de meus cuidados!
Glória não tem, e gosto não respira
Quem de amor por teus olhos não suspira.
Nunca depois da noite tenebrosa
A manhã orvalhando as tenras flores
Me foi tão bela como a luz formosa
Me é sempre de teus claros resplandores.
Nunca na tempestade o navegante
Tanto suspira pelo porto amigo,
Como eu, ó bela Ninfa, a todo o instante

Suspiro por te ver, e estar contigo.
Oh mal haja o poder do injusto fado,
Que me traz de teus olhos separado.
Vem ver-me no deserto desta praia,
Aonde por ti vivo suspirando,
Vem, Tircea, que à sombra desta faia
Em amor estaremos praticando.
Aqui verás o sol na água esconder-se,
Esmaltando de roxo os horizontes,
Cintilar as estrelas, e só ver-se
A mal distinta luz nos altos montes:
Tronco aqui não verás, nem branca areia,
Em que o teu doce nome se não leia.
E logo a minha cítara tangendo,
E tu a sonorosa voz soltando,
Verás as belas Tágides erguendo
As douradas cabeças goteando:
Virão as brancas ondas dividindo
Até na branca areia pé tomarem,
Os Delfins as viram logo seguindo
Para nossos acentos escutarem:
Aqui verás Amor colhendo flores
Só para nos ouvir cantar de amores.
Ó graça de meu canto, e minha lira,
Esperança, ventura, luz, e glória,
Por quem meu coração tanto suspira,
Sempre te trago impressa na memória;
A se acaso algum leve esquecimento
Me tece a inconstante fantasia,
Logo torna a buscar-te o entendimento,
Assim como o sequioso a fonte fria:
Ver-te do pensamento separada
Um instante não posso, Ninfa amada.
Quantas vezes entre estes arvoredos

Proferindo o teu nome a voz levanto
A chamar-te: estes ásperos rochedos
Me ajudam condoídos de meu pranto!
E quantas entre ideias enganosas
Se me está vivamente figurando
Que te digo mil queixas amorosas,
Que me estás com branduras consolando,
Que me juras de ser sempre constante,
Que eu te afirmo de ser eterno amante!
Voa, Canção, aos olhos, que eu adoro,
Dize-lhe, Canção, dize que te leiam,
E que prémio não quero do que choro
Mais do que por verdade só te creiam.

Domingos dos Reis Quita, *Obras Poéticas*, Id.

FRANCISCO JOSÉ FREIRE

1. Écloga, sua origem, definição, estilo, virtudes e vícios

A Poesia Bucólica também se compreende na classe de Poesia dramática; pois nela se podem imitar os três modos, porque se faz a imitação, como já temos dito, e de tudo temos exemplo nas Éclogas de Virgílio. Na Écloga 4 temos o modo Exegético, porque é só o Poeta o que fala; na Écloga 3 temos o Dramático, em que o Poeta introduz pessoas a falar; e na Écloga 8 temos o modo *Mixto;* porque nela umas vezes fala o Poeta, e outras, diversa pessoa, que introduz.

Esta espécie de poesia é certo que é a mais antiga, provamos segundo no princípio desta Arte, e que foram os inventores dela, conforme Eliano, e Diodoro, os Pastores de Lacedemónia, e na opinião de outros, como Ateneo, foram ou *Diomo,* ou *Nómio,* ou *Dafnis.* Neste ponto não há certeza; o que sabemos é, que as Éclogas mais antigas, de que temos notícia, são as de Teócrito, e Mosco, *Poetas Sicilianos,* como prova João Ventimiglia no livro I dos Poetas Sicilianos. Nenhuma outra cousa é a Poesia Bucólica, senão *a imitação de acções rústicas exprimidas em verso;* e ainda que ela tome o nome da voz *Bubulcus,* que significa o Vaqueiro, contudo também nela se podem compreender os Lavradores, os Hortelãos, os Caçadores, os Pescadores, e outros semelhantes sujeitos; de modo que quando ela

representar os costumes de Pastores, chama-se *Pastoril,* de Caçadores *Venatória,* e de Pescadores *Piscatória.* Destes últimos nunca se valeu a Antiguidade para sujeitos das suas Éclogas, e foi o primeiro, que os introduziu o famoso Sannazaro, a quem seguiu o Padre Jannetaso, Jesuíta de grande nome na Poesia.

Monsieur de Fontenelle em um discurso, que fez sobre a Écloga, não aprova muito as Piscatórias; e a razão, que dá, é, que o Canto, e o ócio, de que nascem os versos da gente do campo, não convém muito aos Pescadores; porque passam uma vida cheia de trabalhos e perigos, os quais não sofrem o discorrer em objectos agradáveis à vista; pois sempre o ânimo anda aflito; porém esta crítica, se bem que não é mal fundada, é demasiadamente rigorosa; porque a Poesia é como a Pintura, e em qualquer género de objectos pode brilhar com boas luzes.

Quando dissemos na definição que a écloga era *imitação de cousas rústicas,* não quisemos nisto dizer, que só as cousas humildes lhe podiam servir de matéria; pois também admite argumentos sublimes, como de Cometas, Terramotos, movimentos dos Astros, etc., porém sempre o modo, e estilo há-de ser rústico. Assim o praticou Virgílio, quando introduziu a Sileno tratando da natureza das cousas celestes e terrestres, que não são impróprias da gente do campo, porque é muito observadora. Tem o artifício da Écloga três circunstâncias principais, a que o Poeta deve muito atender: a primeira é o *Título,* a segunda é o *Exórdio,* e a terceira a *Narração.* Alguns querem também nestas partes compreender o *Epílogo,* porém este muitas vezes se omite.

O *Título* ou se pode deduzir da pessoa principal da Écloga, como a I de Virgílio intitulada *Tityrus,* ou da

matéria, de que se trata, como a 4 do mesmo Poeta com o título de *Pollio,* e a 8 intitulada *Pharmaceutria* em razão dos encantamentos, e magias, que contém. O *Exórdio* pode-se formar de diversos modos, segundo a variedade das Éclogas; porque convém um naquela em que o Poeta começa a falar, e outro naquela que principia por Pastores, falando uns com os outros. Em primeiro lugar, pode-se deduzir da invocação das Musas, das Ninfas, ou de alguma pessoa de grande esfera, como Virgílio, quando principiou dizendo: *Sitelides Musae,* etc., e também: *Postremum hunc, Aretusa,* etc. Em segundo lugar pode-se começar pela mera proposição da cousa, que se há-de tratar, como fez Virgílio, principiando: *Damonis Musam dicemus, et Alphesibaei.*

Ou pelas circunstâncias e adjuntos de lugar, tempo, etc., segundo o mesmo Poeta: *Forte sub arguta consederat Ilice Daphnis.*

Em último lugar pode-se principiar *ex abrupto* v. g. ou por interrogação, como lemos em Virgílio: *Cur non Mopse,* etc. e *Quod te, Maeri, pedes?* etc., ou também convidando-se o Poeta a si mesmo para cantar, de que temos o exemplo em Sannazaro, começando uma Écloga:

Sed jam vulgatos et nos referamus amores,
Quos pariter ...

Sobre a *Narração* não nos ocorre outra cousa que dizer, senão que seja proporcionada, própria da matéria da Écloga e urdida com estilo humilde. Este deve ser corrente, brando, puro, e sem ornato de sentenças, e agudezas, que excedam a esfera de um homem rústico. Contudo admite algumas metáforas, comparações, argumentos chamados *ab impossibili,* e alegorias; e são estas tão próprias das Éclogas, que muitas vezes esta é uma continuada alegoria, entendendo-se debaixo de nomes de Pastores, e acções humildes, pessoas grandes, como

Príncipes, e assuntos elevados, v. g. Genetliacos, Epitalâmios, Epicédios, Epinícios, etc.

Em semelhante Poesia é igualmente mui próprio o verso *Intercalar*, de que usou muito Virgílio, Sannazaro, Bargeo, Pontano, e outros. Não lhe é menos conveniente o *Amabeu*, principalmente se um Pastor responder a outro em versos, e números iguais, e às vezes com vozes e sentenças semelhantes, ou também contrárias; porém nisto deve haver grande cuidado em ordem a que a Écloga não saia tão artificiosa, que se perca a pintura do verosímil, representando-se o que não se pode naturalmente esperar de homens camponeses, não menos a respeito de conceitos refinados, que de palavras graves, e imagens sublimes, por alheias da matéria, de que se trata, e da fantasia e entendimento de quem a trata.

2. Se a Tragédia deve constar de matéria verdadeira ou falsa

Entramos em um ponto dos mais dificultosos da Poética; porque são infinitos os Autores, que seguem uma e outra opinião. Donato tratando da Tragédia e Comédia, diz: *Omnis Comœdia de fictis est argumentis. Tragœdia sœpe ab historica fide petitur.* Escaligero, no livro 3, cap. 97, da *Poética* segue a doutrina de dizer: *Differt autem Comœdia a Tragœdia in eo quoque. Illa enim accipit ex historia, et rem, et nomina primaria, ut Agamemnonis, Herculis, Hecubœ; aliqua affingit. At Comœdia fingit omnia atque personis, maxima ex parte, pro re imponit nomina.* O Padre Delrio de Tragaed., cap. 2, afirma mais, porque diz: *Comœdia fingit res, quas exhibet; Tragœdia rerum gestarum veris utitur argumentis. Hinc tanto humanæ vitæ utilior ita, quanto vera fictis præstant.*

O mesmo seguem Antifanes Poeta no princípio do liv. 6: *in Atheneo;* Casaubono, liv. 6, cap. 1, pág. 248. Buonamici nos seus *Discursos Poéticos,* cap. 7, e outros muitos.

Entre tão diversas opiniões, umas que dizem pertencer à Tragédia assuntos sempre históricos, outras algumas vezes fabulosos, expenderemos nós a que nos parece mais provável, e o faremos com aquela clareza, que nos for possível, para que se entenda este ponto, que não deixa na maior parte dos Autores de ser tratado com escuridade.

Dizemos, portanto, que como a tragédia é uma imitação, deve quem imita, se quer deleitar e mover os afectos, assemelhar vivamente os objectos e fazê-los com a sua arte presente a fantasia dos outros, como faria a mesma natureza. Quanto mais forte e viva for esta imitação e semelhança, tanto mais nos deleitará, ferindo vivamente a nossa fantasia e fazendo com mais eficácia conhecer ao entendimento as cousas imitadas, o que faz acordar muitas vezes aqueles mesmos afectos que sentiríamos em nós, se víssemos os mesmos originais. Para isso se conseguir, há-de mostrar o imitador que representa cousas realmente verdadeiras, ainda que a sua intenção não seja que sejam cridas como tais.

Qualquer representante não é tão louco que pretenda, fazendo v. g. a parte de Hércules ou Belisário, que o auditório o tenha por algum destes Heróis; contudo ele, quanto puder, há-de fingir que é tal; porque se a narração fingida não fizer o mesmo que fariam as verdadeiras personagens, não moverá os afectos dos que o ouvem, e por consequência fàcilmente desagradará a sua representação. Do mesmo modo há-de mostrar o Poeta, quanto puder, que diz as cousas certas e verdadeiramente sucedidas; ainda que não seja da sua intenção fazer com que elas sejam por tais. Não seguindo

esta regra, esteja certo que não moverá as paixões alheias, nem causará algum deleite.

Assentada esta doutrina como certa, dizemos que para deleitar não é absolutamente necessário na Tragédia, nem na Epopeia, que o Poeta se valha do fundamento de buscar pessoas e acções tomadas em parte da história. A razão é, porque tanto com fingir totalmente o assunto, quanto com o fingir sobre a verdade histórica, se consegue o intento do Poeta, que é o de deleitar a fantasia e de fazer ao mesmo tempo com que o entendimento apreenda cousas possíveis, críveis, e verosímeis a ele. Igualmente, ou ao menos com pouca diversidade, nos poderá causar deleite v. g. o *Torrismondo* de Tasso, sujeito fingido, que a *Rodoguna* de Corneille, argumento verdadeiro; porque tanto um como outro assunto parecem novos e ao mesmo tempo verosímeis.

O povo, que é sempre a maior parte, não considera, nem pode saber quando houve semelhantes Tragédias, se os argumentos são certos ou se se fizeram tais acções e existiram aquelas pessoas; basta-lhe para se deleitar, conhecer que são possíveis e verosímeis as ditas acções. Por esta razão estávamos quase para dizer que bem podiam alguns Poetas modernos deixar de trabalhar tão obstinadamente por ver se descobrem em alguma parte da História antiga um Argumento novo para as suas Tragédias.

É certo que o povo do nosso tempo não faz diferença alguma entre os assuntos, que são remotos e desconhecidos, e aqueles que totalmente são fingidos; e talvez que em todo o auditório não haverá senão duas ou três pessoas, e pode ser que nenhuma que saiba, v. g. que verdadeiramente houve *Rodoguna,* e os casos que lhe sucederam. Bem desconhecidos e totalmente estranhos haviam ser a primeira vez que se ouviram no

teatro os nomes de *Aristodemo, Corradino, Poliuto, Nicomedes, Marianne, Pertarito, Belisário,* e outros muitos. Contudo, causaram estas Tragédias um grande deleite, sem que para este influisse, e concorresse em alguma cousa a precedente notícia, de que a História falava nestas pessoas.

Segundo pois esta doutrina, que estabelece Muratori, se segue não ser absolutamente necessário, que o argumento da Tragédia, e da Epopeia seja realmente verdadeiro para conter beleza, e poder deleitar ao auditório. Contudo sempre devemos confessar, que mais agradáveis, belas, e estimáveis serão as Tragédias e Epopeias fundadas na História, que as imaginadas inteiramente pela fantasia poética. Por este motivo costumavam os antigos buscar assuntos conhecidos para urdir semelhantes Poemas. Que seja mais louvável uma Tragédia ou uma Epopeia fundada em argumento verdadeiro, se prova com razões convincentes. Primeiramente, mais difícil é (segundo mostra Castelvetro no seu *Comento à Poética de Aristóteles*) fingir sobre um sujeito verdadeiro, que sobre um feito de novo pela fantasia. Em segundo lugar assim o afirma Aristóteles, dizendo que mais nos agradam os sucessos conhecidos: *porque o possível é verosímil, e crível; e é claro, que as cousas sucedidas são possíveis, pois, se fossem impossíveis, não teriam sucedido.* Quer dizer o Filósofo, que se tomem nomes, e acções verdadeiras, conhecidas do povo, ou pela história, ou pela fama, para que fiquem sendo mais prováveis, possíveis, e maravilhosos os sucessos, que se ajuntam pela Tragédia, e Epopeia ao facto histórico.

É cousa evidente, que o povo mais fàcilmente há-de crer por possível tudo o que se lhe representa no Poema, depois que confusamente crê, e sabe, que sucedera o

caso, que nele se expõe, do que se o ignorara. Sabe v. g. não pouca gente, que a Rainha Maria Stuarda morrera degolada por ordem da tirana Isabel de Inglaterra. Se sobre este assunto se ordenar uma Tragédia, é certo que ficará sendo muito mais provável e possível o enredo da acção Trágica, que tecer o Poeta; porque já muitos sabiam confusamente, e em compêndio esta história, e assim crêem que ela sucedera do mesmo modo que a lêem ou vêem representar. Mas nem por isso deve ser a intenção do Poeta o fazer crer que a tal história sucedera como ele conta; basta-lhe ùnicamente, para conseguir o seu fim, que a tenham por possível e verosímil.

Em terceiro lugar, melhor é tomar nas Tragédias nomes, e sucessos verdadeiros do que absolutamente fingidos; porque daqui nasce màior comodidade ao povo, o qual mais fàcilmente compreende as cousas, quando já antes delas tem alguma notícia. Além desta utilidade ainda há outra, que é poupar-se ao trabalho de estar aprendendo nomes novos e distinguindo no Drama umas pessoas das outras. Do mesmo modo que nós experimentamos um grande gosto, vendo uma pintura, em cujas figuras, ainda que para nós desconhecidas, conhecemos que a natureza está bem imitada; porém maior o sentimos, quando estas figuras bem pintadas nos são individualmente conhecidas, como v. g. a morte dos Inocentes, a de Cleópatra e outras muitas cousas. Assim do mesmo modo, maior deleite causa a Tragédia, quando nela se representam pessoas, e cousas conhecidas em parte, do que quando estas são totalmente desconhecidas.

Disse *conhecidas em parte;* porque a informação precedente, que o povo há-de ter do sujeito e das pessoas da Tragédia, ou Epopeia, não há-de ser tanta que não lhe pareça novo em parte quanto propõe o Poeta;

e também não há-de ser tão pouca que custe à gente capacitar-se de todos os nomes, e circunstâncias estranhas, como sucede nos assuntos que inteiramente são fingidos. Desta maneira é que os Poemas ficam sendo novos, e ao mesmo tempo mui fáceis em se compreenderem; e esta perfeição falta naqueles argumentos, os quais, ainda que extraídos de histórias antigas, contudo são totalmente desconhecidos, e estranhos ao nosso povo; e por este motivo pouca injustiça lhes faria quem os pusesse na classe daqueles que de todo são fingidos.

3. Da Fábula, e suas propriedades

Principiaremos este Capítulo tratando da Fábula, como voz que se aplica a diversas significações, v. g. quando se entende por um sucesso fingido, como as transformações de Ovídio, e tudo o mais, que dos seus Deuses e Heróis escreveu a liberdade dos antigos Poetas. Cornificio no liv. i, tratando da Fábula, diz: *Fabula est, quae neque veras, neque verosimiles continet res; ut hae, quae tragaediis traditae sunt.* Do mesmo modo Cicero no liv. i de Invent. escreve: *Fabula est, in qua nec verae, nec verosimiles res continentur, ejusmodi est angues ingentes alites juncti jugo.* Porém a definição de Aristóteles é que a Fábula nenhuma outra cousa é, senão *rerum compositio;* porque o Poeta, ou seja como heróico, ou trágico, ou cómico, antes que entre a escrever, concebe e finge aquelas cousas que depois há-de expor em verso; é a esta imagem ou imitação da verdadeira acção, com que se compõem as cousas inventadas, é que se dá o nome de fábula. Nesta imitação difere muito o Poeta do Historiador, como tantas vezes temos insinuado; porque

este tudo quanto escreve é fundado sobre o que outros disseram ou obraram; o Poeta porém (falo do que é óptimo, para não haver implicações nas doutrinas desta Arte) ou finge tudo, ou se vale de algumas cousas sucedidas, ou altera outras como melhor lhe parece. Deste modo, sendo toda a máquina de qualquer Poema argumento do engenho e lição do Poeta, em nenhuma cousa mostra tanto estas qualidades e a sua ciência, como na fábula, por ser a cousa mais própria do engenho e o parto mais nobre da invenção.

Quatro circunstâncias aponta o Filósofo na sua *Poética,* que deve ter a fábula para ser perfeita. A primeira é *Principium, ac velut anima Tragaedia;* porque a fábula é a primeira cousa, e a que serve de boa base, em que as outras se sustentam. É verdadeiramente a alma; pois assim como esta é a forma do homem, assim a fábula é a forma do Poema, definindo e aperfeiçoando a sua natureza; porque, havida que seja a fábula, logo se conhece se o Poema é Tragédia, se Comédia, ou Epopeia. A segunda circunstância é *Imitatio actionis;* porque na fábula narram-se as cousas, não como foram, mas como verosìmilmente podiam suceder. A terceira é *Finis Tragaediae;* porque assim como a acção é o fim nas cousas humanas (pois os homens para obrarem bem, se encaminham a alguma acção), assim a fábula, como imagem e imitação de alguma acção humana, é o fim a que se encaminha o resto da Tragédia. A última circunstância que aponta Aristóteles, é *Sine actione, Et fabula Tragaedia esse non potest, sine moribus potest;* e a razão é clara, porque não pode haver Tragédia sem haver alguma acção que fabulosamente se exponha nela: o que se considera como menos importante é se esta acção há-de ser *morata,* ou abundante de sentenças, etc., e ainda que nestas partes não seja completa, contudo

sempre se deve louvar: *Habens fabulam, et coagmentationem rerum,* como ensina o mesmo Filósofo.

Basta de discurso nesta matéria, que trataram largamente infinitos Autores, discorrendo (quase inùtilmente para o assunto) da fábula em geral, que compreende todas as cousas que podem servir na Poesia de alguma instrução, ou sejam morais, ou físicas, ou teológicas. Resta agora discorrermos sobre as propriedades da fábula, em que são poucos os Escritores da Poética que deram as luzes precisas; e só nos parece que o Padre Donato, a quem seguimos, foi o que se explicou com mais clareza e extensão que não seja fastidiosa; porém, como isto nos há-de ocupar algumas páginas, para fugirmos à prolixidade, iremos explicando-nos em Capítulos separados; e neste só diremos que são oito as propriedades da Fábula, como nos ensina Aristóteles, e expõem os seus intérpretes, e vem a ser *Implexio, Virisimilitudo, Integritas, Magnitudo, Unitas, Episodium, Admirabilitas, Perpessio.*

4. Da comédia, sua origem, definição e matéria

Nasceu a Comédia na Grécia inventada pelos vindimadores, segundo a opinião de Ateneu; ou teve a sua origem de certas festas, que faziam os Agricultores de Atenas, os quais discorrendo pelas Vilas e Lugares, celebravam as festas de algumas divindades suas. Pareceu bem aos habitadores da Cidade reduzir esta rústica pompa ao termo de um espectáculo civil e polido. Assim o afirma Cassiodoro na *Epístola* 51, do liv. 4 afastando-se pouco do que diz Eustácio no 14 da *Odisseia* de Homero, encostado à autoridade de Pausánias.

Escaligero, fundado na autoridade de Teócrito, diz no cap. 5 do liv. 1, que a Comédia se originou de umas certas Canções que inventaram os rústicos do campo, as quais ordenadas em verso jambo cortavam pelos vícios alheios, de modo que não só estes eram infamados, mas ainda as pessoas mesmas, que neles caíam, nomeando-lhes os seus nomes com picante e mordaz irrisão. Com um semelhante princípio servia a Comédia de pretexto de se vingar cada um de quem queria; e muitas vezes nem escapava a inocência; de que temos um claro exemplo em Sócrates inocentemente infamado pela vil maledicência do cómico Aristófanes. Era permitida esta liberdade, porque se entendeu naquele tempo que esta mordacidade dos versos fálicos e jambos, ultrajando a pessoas determinadas, e discorrendo ao mesmo tempo em cousas lascivas, poderia receber-se como cousa ridícula, e causar deste modo alguma utilidade. Com efeito, o povo ateniense, gostando que se reprimisse a insolência dos grandes, agradava-se muito de ouvir as sátiras, que faziam as Comédias aos Juízes e Governadores, persuadindo-se que o temor da infâmia os poderia refrear; porém não se conseguiu este fim, ou porque a ridicularia das facécias misturada com a seriedade das repreensões não podia ser útil; ou porque a maledicência dos Cómicos excedia todo o sofrimento humano. Assentaram pois os Magistrados em proibir com severas leis e rigorosas penas tão desenfreada liberdade, mandando que nenhum Cómico se atrevesse a dizer mal nomeadamente de alguém; e para isto foi tirado da Comédia o Coro; porque ainda em toda a Fábula houvesse ditos picantes, contudo o Coro era o que tinha por ofício próprio repreender e escandalizar.

Ouçamos a Horacio:

Sucessit vetus hic Comedia non sine multae
Laude, sed in vitium libertas excidit, et vim
Dignam lege regi: lex est accepta, Chorusque
Turpiter obticuit sublato jure nocendi.

Exterminada a Comédia *Antiga,* sucedeu a chamada Média, a qual se não satirisava os vivos, usava de toda a maledicência contra os mortos, principalmente se tinham sido Autores de algumas obras. Como não foi proibida esta liberdade, compôs Cratino uma Comédia contra a *Odisseia* de Homero; e por este, ou por outros motivos houve também lei para não se praticar este uso; e entrou a praticar-se a Comédia *Nova,* que entre os Gregos deveu toda a sua perfeição a Menandro, e entre os Latinos a Terêncio.

Estes foram os princípios e progressos da Comédia: vejamos agora a que se reduzem a sua essência e regras principais. A definição de Élio Donato é esta: *Comaedia est privatorum, et civilium negotiorum citra infelicitatem complexio.* Cícero diz que a Comédia é uma imitação da vida, um espectáculo dos costumes e uma imagem da verdade: *Imitatio vitae, spectaculum consuetudinis, imago veritatis.* Muitos Autores entendem que Aristóteles definira a Comédia, quando disse: *Esse peiorum imitationem, non secundum ommne vitium, sed secundum ridiculum, quod est turpitudinis particula;* porém outros sentem o contrário, por faltar nestas palavras o fim da Comédia. Também é defeituosa a definição de Ricobono, que diz: *Est imitatio, quae fit metro, saltatione, harmonia, modo dramatico in materia ejus vitii, quod risum movet:* e a razão é, porque nela não explica que as pessoas Cómicas não devem ser ilus-

tres, mas particulares, e que o fim não há-de ser desgraçado mas sim feliz, ao contrário da Tragédia. Entre tantas definições daremos a nossa, seguindo em parte a do Padre Donato, e em parte a de Luzan, que nos pareceram as mais convenientes.

Definimos pois a Comédia dizendo, que é: *uma imitação de um facto particular e de pouca importância, formada de modo que mova o riso, a qual acabe com fim alegre e se encaminhe a ser útil, divertindo ao auditório e inspirando o amor à virtude e aversão ao vício.*

Disse, *imitação de um facto particular e de pouca importância,* para a distinguir da acção Trágica, que só admite a representação das fortunas e decadências de personagens ilustres, como Reis, Heróis e Capitães famosos. Contra esta regra pecaram quase sempre os Espanhóis, porque introduziram nas suas Comédias Reis, Príncipes, Imperadores e outras pessoas desta esfera, motivo porque o seu Cascales diz que semelhantes Comédias nem são tais, nem delas têm alguma sombra; mas que ùnicamente são uns hermafroditas e uns monstros da Poesia.

Eu bem sei que Pedro Corneille quer absorver este pecado, dizendo que se pode usar de pessoas ilustres na Comédia, e chamar-lhe então *Heróica;* mas eu não sei em que doutrina sólida estabeleceu ele esta sua opinião, que fortemente lhe reprova Mons. Dacier, *Poética,* cap. 5. Se se fundou no exemplo de Plauto, o qual introduziu a Júpiter e Mercúrio no seu *Anfitrião,* fundou-se muito mal; porque bem se vê que este Poeta não introduziu as tais divindades com a seriedade e grandeza, que lhes convinha, senão com um carácter ridículo e jocoso, que é o modo como podiam entrar em uma Comédia.

Disse, *formado de modo que mova o riso,* para se distinguir também da Tragédia, que move ao terror e

compaixão. A Comédia pinta e representa os vícios de uma República, e o excitar o riso são as cores desta pintura e a alma desta representação; por isso lhe serve de inscrição: *Castigat ridendo mores.*

Disse, *a qual acabe com fim alegre,* etc., para se diferençar também da Tragédia, cujo fim, para ser óptimo, como ensina Aristóteles, há-de ser infeliz.

Muitos entendem, erradamente, que o fim da Comédia é causar riso; quando o seu fim é ùnicamente causar utilidade por meio do deleite, como sucede a outras espécies de Poesia. Consegue-se esta utilidade, e deleite representando os vícios sem terror, os defeitos pessoais, e o carácter das pessoas humildes ou particulares, para que o auditório ou se faça mais advertido nos seus defeitos ou mais constante nos seus trabalhos. Este carácter gracioso é mui deleitável, e pertence à espécie da graciosidade *nobre;* e a que é *plebeia* consiste em equívocos indecentes e em frialdades próprias da plebe; e de ambas temos exemplos em Terêncio e Plauto, cujo merecimento mostrarei em outro lugar. Mas, como estou tratando da matéria da Comédia, justo será que explique esta com mais clareza, e extensão. Já temos dito que a matéria da Comédia é de mui pouca consideração, e que consiste em cousas ridículas. Ainda que algumas vezes envolva cousa considerável, como celebridade de matrimónios, descobrimento v. g. de algum filho ou pai que era desconhecido, contudo sempre é ridículo o modo com que estas cousas se pintam e representam.

Resta agora advertir alguma cousa sobre o ridículo. Consiste este em se saber vivamente pintar o carácter de alguns sujeitos, que nos costuma causar riso, v. g. um velho avarento, uma velha caduca, um homem camponês vindo à Corte, um criado astuto, um sujeito cheio de pre-

sunção, de valente, ou de fidalgo, ou de sábio em todas as ciências, etc. Consiste também nas acções tão próprias para o que se representa, e às vezes tão repentinas, que não se possa sofrer o riso com estes acidentes não esperados. Ultimamente consiste nos ditos engenhosos, galantes e facetos, ou nos vestidos extravagantes, ou na imitação de alguns defeitos corporais, como olhos tortos, narizes mui compridos, pernas aleijadas, corpos corcovados e anões, etc., como explica o Padre Donato, pág. 243, cap. 55.

CAPÍTULO III

O TEATRO NO SÉCULO XVIII

TEXTOS DE:

Correia Garção
Reis Quita
António José da Silva

CORREIA GARÇÃO

1724-1772

TEATRO NOVO

CENA VI

1. **Braz, Monsieur Arnaldo e os ditos**

BRAZ

Amigo Aprígio Fafes, aqui trago
Monsieur Arnaldo, prático arquitecto:
O Pozzi, Paradossi, e Bibiena
Traz ali no emicrâneo; a Perspectiva
Na pineal lhe velica com tal força,
Que em cada pulsação da traca-artéria,
Um Teatro magnífico levanta.

APRÍGIO

Viva, viva, Senhor Arnaldo; Agora
Que estamos todos juntos, comecemos
A nossa conferência: venha a branca:
Vossês não ouvem? Tragam mais cadeiras.

ARTUR

Quero que apar de mim se assente Aldonsa.

BRANCA

Queres q'eu fique cá da outra banda? *Para Inigo.*

JOFRE

Para bem, para bem, Senhora Aldonsa.

ALDONSA

Se tu souberas, Jofre...

JOFRE

Bem entendo.

INIGO

Que te parece, Branca, o Tupinamba?

BRANCA

Velho, e relho.

APRÍGIO

Sentemo-nos, Senhores:
Que grave Tribunal! Que majestoso!
Mal sabe o Mundo agora, que pendente
Deste conclave está o seu destino.
Oh quanto, amada Pátria, quanto deves
A teu bom Cidadão Aprígio Fafes,
Suando, e tressuando por salvar-te
Do pélago profundo da Ignorância,
Onde pobre jazias, atolada
Entre péssimos Dramas corriqueiros!
Deste cano real hoje te saco,
Qual saca o Gandaeiro um prego torto
D'entre os chichelos velhos da enxurrada.

GIL

Senhor Aprígio Fafes, isto é tarde,
E eu tenho que fazer: vamos ao ponto.

APRÍGIO

Sim, Senhor, sim, Senhor: o caso é este:
E bem o sabeis vós, há quanto tempo
Que eu desejo fundar um bom Teatro:
Agora que a Fortuna me depara
Feliz ocasião de executá-lo
Com o favor, ali, de meu Compadre,
É preciso ajuntar a sarabanda,
Repartir os papéis, escolher obra,
As vistas idear, e celebrarmos
Com solene escritura este contrato.

GIL

Senhor Aprígio Fafes, o Teatro
Depende, mais que tudo, do Poeta:
Que fazem bastidores, e instrumentos
Sem Dramas regulares? Uma boa,
E perfeita Tragédia, inda despida
Da magnífica pompa do aparato,
Tem mais graça, e mais força, que um mau Drama
No Teatro de Reggio, ou de Veneza,
Com soberbas tramóias recitado.

JOFRE

Amigo Gil Leinel, ninguém te nega
O contante poder da Poesia:
Mas quem há-de sofrer Catão, ou Dido
Do grande Metastásio, repetido
Entre velhas cortinas, sem orquestra?

APRÍGIO

Nada, nada, Senhores; deste modo
Aqui nos amanhece: todos juntos

Não podemos faltar: irá votando
Por turno cada qual, quando lhe toque.
Continua, meu Gil, dize o que entendes.

GIL

Errado, vai, quem julga que o Teatro
Só para divertir o povo rude,
Dos antigos Poetas foi achado,
Com mais alto desígnio, Atenas, Roma,
E outras Cidades mil, o receberam:
Pode nelle ensinar-se à Mocidade
Guardar as santas Leis, a fé devida
À cara Pátria, ao Príncipe, aos Amigos:
Pode nele mostrar-se quanto é feio
O pálido semblante da Cobiça;
Da Avareza infeliz; da triste Inveja:
Mas para recolher tão grande fruto,
É necessário, Aprígio, que o Poeta
Em sisuda dicção, em frase nobre,
Com sonoroso verso torneado,
Exponha ao povo fábulas sublimes,
Tragédias, ou Comédias regulares.
Daqui venho a tirar, que no Teatro
Não devemos sofrer Drama imperfeito,
Cuja graça consiste na doçura
D'afeminada Música morderna,
Na remendada frase de mil vozes
Bárbaras, ou guindadas, ou rasteiras.
Longe, longe de nós esta mania:
Restauremos o Português Teatro,
Desagravando a casta língua nossa
Dos aleivos, que sem razão lhe assacam.

APRÍGIO

Viva o Doutor Leinel, Doutor das Gentes:
Quem me dera que o bom Goldoni ouvisse
Como ronca um poeta de Lisboa!
Agora fala Braz Licenciado.

BRÁS

Eu que posso dizer? que me parece
Muito mal tudo quanto aqui se disse.
Que proveito tiramos em meter-nos
No princípio em camisa de onze varas?
Tragédia é cousa que ninguém atura:
Quem ao Teatro vem, vem divertir-se,
Quer rir, e não chorar; lá vai o tempo
De lágrimas comprar às carpideiras:
Não faltaram boas Óperas, Comédias
Em Francês, Italiano, em outras línguas,
Que pode traduzir qualquer pessoa,
Com enredo mais cómico; que o povo,
Só se agrada de lances sobre lances:
Quem isto não fizer, jamais espere
Que o povo diga *bravo,* e dê palmadas.
É o voto que dou.

APRÍGIO

Òptimamente.
Arnaldo, agora vota.

ARNALDO

Meus Senhores,
Venho ajustar o preço do Teatro;
Com Dramas não me meto: os Bastidores
É só o que me toca. Porém digo,
Que regular Tragédia nas Itálias

Muito há que se não usa; que a mudança
De Vistas sobre Vistas; as tramóias,
Mares, incêndios, Dragos, e batalhas,
São cousas de que o povo se namora.
Já eu fiz em Teatro trovoadas,
Com raios e relâmpagos tão próprios,
Que as damas desmaiavam: era um gosto
Ver a gente fugir dos camarotes
Espantada, bradar misericórdia.

ALDONSA

Negro gosto! Quem pode divertir-se
Co'a pavorosa cena de um flagelo?

BRANCA

Bom Arquitecto! Mágico parece.

APRÍGIO

Calai-vos, filhas. Vote agora Inigo.

INIGO

Muito dizer podia, pois que tenho
Experiência bastante de Teatros;
Actor de profissão; isto me basta:
E também, Senhor Gil, o louro Apolo,
De comigo tratar não se envergonha:
Mas por não demorar a conferência,
Em branco assinarei; estou por tudo.

ARTUR

O cão é Mouro.

APRÍGIO

Inigo, desabafa;
Dize quanto souberes: fala, fala:
És a coluna do Teatro novo.

INIGO

Pois se devo falar, digo, Senhores,
Que o Teatro sem Dança pouco vale;
Muito menos sem Música. Podia
Quem a glória quisesse de primeiro,
Pôr no Teatro as Óperas cantadas
Na língua Portuguesa: eu aqui trago
Uma por mim composta nesse gosto.
É a perda de Tróia: vê-se Eneias
Sair com o Pai às costas: vai Ascânio
Com os caros Penates abraçado:
Arde a Cidade: caem as altas torres:
Embarca a gente Frígia: muitos anos
Por inóspito mar anda vagando,
Até que surgem no distante Lácio,
Onde Enéias a Turno tira a vida,
E casa com Lavínia.

APRÍGIO

Bravo! Bravo!

INIGO

Tem vários duos, árias, cavatinas:
Eu cuido que desbanco a Metastásio.

BRANCA

Agora sigo-me eu.

APRÍGIO

Espera, Branca.
Perdoa, amigo Jofre, que a memória
Principia a faltar-me: preterido
Por engano ficaste: e bem podias
Pedir a tua vez. Perdoa, e fala.

JOFRE

Em tal não reparei: eu sou sincero,
Digo o que entendo; e cuido que Teatro
Sem Música, e sem Dança, nada vale:
Há cousa mais formosa, que a ligeira
Calada Pantomima, cujos gestos,
Sem auxílio das vozes, representam
Recônditas paixões, mudos suspiros,
Que entende o coração, ouvem os olhos?
Que melhor espectáculo, que os leves
Grandes saltos mortais? Que ver nos ares
Bater c'os calcanhares oito vezes,
Torcer o corpo, e revirar os braços?
Mas nunca votarei em que façamos
Ópera em Português, toda cantada:
Para tanto não é a língua nossa:
Algumas árias, duos, recitados
Se podem tolerar; o mais em prosa:
Para o Teatro nós não temos verso.

APRÍGIO

Falas como um Catão. Que dizes, Branca?

BRANCA

Eu sou de parecer, que só se façam
As Portuguesas Óperas impressas:
Encantos de Medeia; Precipícios
De Faetonte; Alecrim e Mangerona:
Em outras nunca achei galantaria.

APRÍGIO

Esse voto era digno de mais anos.
A ti, amigo Artur, que te parece?

ARTUR

Que podem parecer-me tais loucuras?
Estou tonto de ouvir estes senhores!
Parece-me que estou entre Paulistas,
Que arrotando Congonha, me aturdiam
Com a fabulosa ilustre descendência
De seus claros Avós, que de cá foram
Em jaleco e ceroulas. Mas pergunto:
As Comédias de Calderon, Mureto,
Candamo, e Salazar, isso não presta?
Tem bichos, meus Senhores? Tanta gente,
Imperadores, Reis, Infantes, Duques,
Os Condes, e os Marqueses, que as ouviam
Com gosto, e com prazer, eram uns asnos?
Só estes, meus Senhores, têm juízo?
Que Colombos, e Gamas denodados,
Para achar novos Climas, novos Mares!
Pois digo-vos, que só se a minha Aldonsa
For de contrário voto, o meu dinheiro
Servirá para as bárbaras ideias,
De que prenhes trazeis essas cabeças.

APRÍGIO

Aldonsa, minha Aldonsa, que nos dizes?

ALDONSA

Eu digo que me louvo no teu voto.

GIL

Fala, formosa Aldonsa, tu bem sabes
Quais são as leis, e regras do Teatro.

ALDONSA

Não aceito a lisonja; porém digo,
Que enfim aprovo quanto tu votaste.

APRIGIO

Eu que tenho dois votos, digo o mesmo.

ARTUR

Acabou-se a questão; vivamos todos.

APRÍGIO

Agora, amigo Gil, que obra faremos?

GIL

Eu tenho vários Dramas traduzidos
De Sófocles, d'Eurípedes, Terêncio.

APRÍGIO

Nada de Grego, nada; fora, fora:
Sempre te ouvi dizer, que eles não tinham
Os lances amorosos de que gosta
O povo Português.

GIL

Queres a *Castro*
Tragédia do Ferreira?

APRÍGIO

Deus me livre!
Amigo Gil Leinel, eu desejava
Um Drama teu: conheço nesses olhos
A suave ternura de teus versos.

GIL

Pois, Amigo, encetemos o Teatro
Com a minha Ifigénia.

APRÍGIO

Belo nome!
Isso é que eu chamo título arrogante;
E que em vermelhas letras, nas esquinas
Há-de pescar curiosos a cardumes.
Repartam-se os papeis; vamos a isso.

GIL

Ifigénia, será Aldonsa bela.

ALDONSA

É extenso o papel?

GIL

Não; é pequeno.
O Senhor Jofre seja Aquiles: seja...

ARTUR

Espere; tenha mão, Senhor Poeta;
Veja como reparte essas garrochas,
O primeiro Galã a mim me toca.

GIL

Não podes ser, Galã; hás-de ser Barbas.

ARTUR

Eu Barbas! Eu que empresto o meu dinheiro!

GIL

E que tem o dinheiro c'oa figura?
Um velho nunca pode ser mancebo.

ARTUR

Senhor Poeta Gil, faça-me graça,
E ponha-se na rua.

Levantam-se todos.

APRÍGIO

Artur... Amigo...
Onde está a prudência desses anos?

ARTUR

Quais anos. *Antes que todo es mi Dama:*
Aldonsa, não a largo; tenho dito.

JOFRE

Que tal, Senhora Aldonsa?

ALDONSA

Escuta, Jofre.

BRANCA

Senhor Artur Bigodes, não se engrile;
Será o que quiser: quer ser Aquiles?

BRÁS

Arnaldo amigo, vamo-nos safando,
Que isto não para aqui.

ARNALDO

É gente douda.

Vão-se os dois.

Correia Garção — *Teatro Novo.*

DOMINGOS DOS REIS QUITA

1728-1770

A CASTRO

CENA I

INÊS

Príncipe, divertir em vão procuras
A tristeza mortal, que me acompanha:
Deste ameno jardim as verdes plantas,
Que tão alegres já meus olhos viram,
Medonhas me parecem: cada sombra
Um assassino armado me figura:
Se agita os ramos o ligeiro vento,
Imóvel fico, esmorecida tremo:
Quando te vejo, um novo sobressalto
O coração me anima: mas não posso
Dissipar os temores, que me cercam.

PRÍNCIPE

Formosa Inês, o ânimo serena:
Em fantásticos sustos não consumas
Os instantes a nosso amor devidos.
Descansa no solícito desvelo
De um coração, que nesses olhos arde,
Que sempre vigilante tem buscado
Destruir os obstáculos contrários
A teu feliz repouso, a teus desejos.

INÊS

Do teu constante amor não desconfio;
Que benigno me ampara, e cuidadoso;
Mas a desgraça temo, que invejosa
Já começa a turbar minha ventura;
Pois ignorando Afonso que nos liga
Do Sagrado Consórcio o santo laço,
Nova aliança firma com Castela;
E para ser o vínculo mais forte
Da jurada amizade, determinam
Que tu dês a Beatriz a mão de Esposo.
A Princesa com pompa majestosa
Para nossas fronteiras se encaminha.
Apesar de importantes embaraços
El-Rei da Corte sai, talvez irado
De ouvir as tuas frívolas escusas,
E já pisando as margens do Mondego,
Do Embaixador de Espanha vem seguido.
O soberbo Coelho, o audaz Pacheco,
Seus cruéis conselheiros, o acompanham,
Que no rigor das Leis endurecidos
Não conhecem brandura, nem Piedade.

PRÍNCIPE

Confesso que a chegada repentina
De meu Pai a Coimbra, acompanhado
Do Conde Embaixador, me traz confuso;
Porém como tem sido impenetrável
O segredo de nossos Desposórios,
Julgará que de novo forcejando,
Com sólidas razões possa arrancar-me
Da paixão amorosa, em que me obstino.
Mas quanto são errados seus projectos!

De meu constante Amor as puras chamas
Não lhes seriam menos invencíveis,
Que o laço indissolúvel, que me liga.
Descansa, bela Inês, nada receies.
Príncipe amado, descansar não posso
Nos sustos que me afligem.

PRÍNCIPE

A quem temes,
Se meu Amor, e braço te defendem?

INÊS

Temo a soberba Espanha, o cego Povo,
E temo de teu Pai severo, e justo
O grande coração, e de meus filhos
Receio o lamentável desamparo.

PRÍNCIPE

Reprime, bela Castro, o terno pranto,
Que suportar não posso a dura mágoa
De ver teu rosto em lágrimas banhado.
Julgas que eu possa do menor perigo
Ver os teus belos dias ameaçados,
Sem que para salvar-te exponha a vida?
Primeiro me verás, amada Esposa,
O sangue derramar em tua defesa,
Do que sofrer que a mão mais respeitável
Para ofender-te intente levantar-se.
Sai da tribulação de vãos receios,
Em paz o fruto goza da ternura,
Que o extremoso coração me inflama,
Enquanto sobre o Trono, que me espera,
Tranquilo possessor, a bela fronte
Esta mão te não cinge c'o Diadema.

INÊS

Senhor, quisera o Céu que não tivesse
Tronos o teu Amor para oferecer-me,
E que tua alma só o prémio fosse
De meus desvelos, e de meus suspiros.
Tu verias então como elevada
Na glória de ser tua, não temia
Da contrária fortuna os duros golpes:
Meus tristes olhos não derramariam
Mais que as suaves lágrimas, que exala
Um coração ferido de ternura.
Só então me julgara venturosa.
Quanto, Príncipe amado, a sorte invejo
Dos humildes Pastores inocentes,
Que no centro das selvas, onde habita
O prazer, e o sossego, alegres gozam
Das doçuras de seus casto amores.
A ventura os iguala, Amor os une,
Sem que a mão da Política orgulhosa
Curto limite ponha a seus desejos.

CENA II

ALMEIDA E OS DITOS

ALMEIDA

Senhor, chegou El-Rei, e já entrando
Vem à primeira sala do Palácio.
Apressa os passos, corre a recebê-lo.

INÊS

Ai de mim! socorrei-me, Céus piedosos!

PRÍNCIPE

Sossega, Inês amada, não te assustes,
A teu quarto segura te retira.
Segue, fiel Almeida, a aflita Esposa.
Sim, vai no sobressalto perigoso
Com teu sábios conselhos confortá-la.

CENA III

PRÍNCIPE E EL-REI

PRÍNCIPE

Neste instante, Senhor, fui avisado
Da tua inesperada, e feliz vinda,
E a toda a pressa já me encaminhava
A beijar respeitoso a Mão Augusta.

REI

Aquele filho, Príncipe, que sabe
Respeitar a seu Pai, não fica imóvel
Aos paternos mandados, obediente
A vontade submete a seus preceitos.
Tu a meus rogos surdo, tu remisso
Às invioláveis, soberanas ordens,
E à luz da razão cego não respeitas
Mais que a louca paixão, que te domina.

PRÍNCIPE

Desculpa como Pai, Senhor, meus erros.

REI

Príncipe, como Rei atento devo
Regular meus Estados, a Justiça

Equilibrando com balança recta,
Desde o dia fatal, que o Céu benigno
Depositou em minhas mãos o Ceptro,
Ainda não propôs a meus cuidados
Mais altos, importantes interesses
À felicidade pública: e tu deves
Mais prudente cuidar, mais advertido
No precioso sossego deste Povo,
Que o indiscreto amor, que te alucina,
Vai lançar n'um abismo de discórdias.
Beatriz já partiu, e em breve tempo
A veremos gostosa entrar na Corte,
Que para recebê-la se prepara
Com magníficas pompas, e com festas.
Hoje pertendo, Filho, se publiquem
Com aplauso festivo os Desposórios;
E para que à feliz solenidade
O decoro não falte majestoso,
Vem os Grandes da Corte, Conselheiros,
E mesmo Embaixador comigo trago.
Resolve, não vaciles, hoje quero
Que tão grave negócio se conclua.

PRÍNCIPE

Hoje, Senhor!

REI

Sim, Filho, perigosa
Nos pode ser a dilação mais breve.
O mesmo Sol, que o curso já declina,
Há-de ver meus projectos completados.
E que esperas? Que os olhos da Princesa
As tuas repugnâncias examinem?

E que ultrajada com desprezos duros
A Espanha volte enfim desesperada?
Que as estrangeiras Cortes nos criminem
Esta desordem, como facto indigno?
Esperas que Castela a toda a Europa
Se queixe de lhe havermos sem justiça
Do tratado solene a fé violado?
Estas mesmas razões o seu Ministro
Já em particular me representa.
E não presumas que esta Monarquia
Possa sofrer em paz tão grande injúria.
Conheço o seu orgulho, não duvides
Que para despicar-se tome as armas.
E prevenir devemos os perigos,
Antes que se levante a tempestade.

PRÍNCIPE

Em vão, Senhor, te espantam seus furores.
Não tirará de nos mover a guerra
Mais que a vergonha de ficar vencida.
Os ameaços de Espanha não receies:
Inda suas Cidades desoladas
Estão nossos triunfos publicando:
Inda lembrada está que o nosso braço
A libertou das armas Agarenas.

REI

Não deve um Rei cegar-se da vanglória,
Desprezando a equidade, porque a sorte
De vencedor o nome lhe tem dado.
Nem sempre na campanha se orna a fronte
De triunfantes louros, a fortuna
Muda às vezes a glória em triste infâmia.

Não é porque eu de indigno terror
Da belicosa Espanha as iras tema:
Mas se no campo armado for preciso
Disputar-lhe a razão, justifiquemos
Antes nossos legítimos direitos,
E não demos à sua inimizade
Um vão pretexto. Dos cansados Povos
Devemos ter piedade, que triunfando
Também as Monarquias se enfraquecem.
O Monarca guerreiro compra a glória
C'os gemidos, c'o sangue dos vassalos.
Assim para evitar a guerra odiosa,
E para segurar a nova aliança,
Vem jurar os felices Desposórios.
Não te dilates, vem, amado Filho,
Minha Real palavra desempenha,
Firma do Estado os grandes interesses.
Sim, entre os braços deste Pai, que te ama,
Obediência promete resoluto.

PRÍNCIPE

Ah! perdoa, Senhor...

REI

Que! tu repugnas?

PRÍNCIPE

Ah! perdoa, Senhor, que a teus preceitos
Obedecer não posso. Se me ordenas
Que a vida exponha contra o ferro, e fogo
Em defesa da Pátria, ou para o Ceptro
Te conservar, Senhor, na Mão Augusta,
Determina, serás obedecido,

Correr me verás pronto a dar o sangue
Entre as agudas armas do inimigo;
Mas que este coração, que tenho dado,
Outro jugo suporte, outras cadeias,
A minha fé, amor o não consente.

REI

Um coração cobarde, que se deixa
Dominar de paixões afeminadas,
De cingir o Diadema não é digno.
Tu, que me deves suceder no Trono,
E mover do Governo as longas rédeas,
Como serás, os Povos regulando,
Rígido defensor das Leis Sagradas,
Se não pisas c'os pés os vãos prazeres?
Vence gloriosamente a paixão cega,
Que os sentidos assim te desordena.
Por instantes aqui chegar espero
O Conde Embaixador; e adverte, Filho,
Que muito nos importa que a seus olhos
Escondas teus delírios vergonhosos.

PRÍNCIPE

Ah! Senhor, o respeito mais sagrado
Não pode reprimir... ah! não me atrevo
A dizer-te o que sente o peito aflito:
Conheço que és meu Pai, meu Soberano,
Esta lembrança a língua me entorpece;
Mas, Senhor, não oprimas, não constranjas
Um coração cercado de agonias;
E se prudente queres que não cheguem
A maior auge os males, que receias,

O Embaixador me afasta da presença,
E prevenido manda a toda a pressa
Que de Beatriz a vinda se suspenda.

REI

Ingrato Filho, já que te não movem
Conselhos saudáveis, brandos rogos
De um Pai enternecido, sem demora
Os absolutos Decretos executa
De um justiçoso Rei, e se rebelde
Às soberanas ordens te mostrares,
Saberei castigar o teu delito
Não como Pai, mas como Rei severo.

PRÍNCIPE

Este ingrato castiga, este rebelde.
Que acharás cada vez mais criminoso.

REI

Retira-te, imprudente, de hoje em diante
Objecto me serás de horror, e de ira,
Como até agora o foste de ternura.

Reis Quita — *A Castro*.

ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA

1705-1739

Guerras do Alecrim e Mangerona

Interlocutores: D. Lanserote, velho; *D. Cloris* e *D. Nise,* suas sobrinhas; *D. Tibúrcio,* sobrinho de D. Lanserote; *D. Gil Vaz* e *D. Fuas,* pretendentes das duas sobrinhas; *Sevadilha,* criada de Lanserote; *Fagundes,* velha criada do mesmo; *Semicúpio,* criado de D. Gil Vaz.

PARTE I

CENA II

Um velho, D. Lanserote, quer casar um sobrinho, chegado da província, com uma de duas sobrinhas que tinha em casa, mas elas escarnecem dele.

Sai D. Lanserote.

D. Lan. — Fagundes, depressa, vá deitar mais um ovo nos espinaíres, que aí vem meu sobrinho D. Tibúrcio, já que sou tão desgraçado que por mais meia hora não chega depois de jantar.

Fag. — Eu vou, meu Senhor; mas cuido que o noivo a estas horas comerá novilho. *(Vai-se).*

D. Lan. — Agora, minhas sobrinhas, é chegado o vosso esposo; não tenho que encomendar-vos o modo com que o haveis de tratar.

D. Cloris — Já vem tarde. *(Aparte).*

D. Nise — Veremos a cara a este noivo. *(Aparte).*

Sev.—Pois dizem que é um elegante lapuz. *(Aparte).*

Sai D. Tibúrcio com botas vestido ridiculamente.

D. Lan. — Amado sobrinho, dá-me os braços. É possível que vejo a um filho de meu irmão!

D. Tib. — Sim, Senhor; mas primeiro mande Vossa Mercê ter cuidado naquelas choiriças, que vêm no alforge, não as dizime o Arrieiro, que tem em cada mão cinco águias rapantes.

D. Lan. — Isso me parece bem seres poupado; eu vou a isso. *(Vai-se).*

D. Cloris — Que te parece, Nize, a descrição do noivo?

D. Nise — Muito bom princípio leva.

Sev. — Parece que o seu génio mais se casa com o alforge. *(Aparte).*

D. Tib. — As primas não são más; porém a moça me toa mais. *(Aparte).*

Sai D. Lanserote.

D. Lan. — Sossegai, Sobrinho, que já tudo está arrecadado.

D. Tib. — Agora sim, amado tio meu, por cujos humanos aquedutos circula em nacarados licores o sangue de meu progenitor, permiti que os meus sequiosos lábios calculem esses pés, dedo por dedo.

D. Lan. — Levantai-vos; sois discretos, meu sobrinho: pois vosso pai era um pedaço de asno, Deus lhe perdoe.

D. Tib. — Não está mais na minha mão, em abrindo a boca me chovem os conceitos aos borbotões.

D. Lan. — Falai a vossas primas, e minhas sobrinhas, D. Nise, e D. Cloris.

D. Tib. — Eu vou a isso.

SONETO

Primas, que na guitarra da constância
Tão iguais retenis no contraponto,
Que não há contraprima nesse ponto,
Nem nos porpontos noto dissonância:

Oh falsas não sejais nesta jactância;
Pois quando atento os números vos conto,
Nessa beleza harmónico remonto
Ao plectro da Febina consonância:

Já que primas me sois, sede terceiras
De meu amor, por mais que vos agaste
Ouvir de um cavalete as frioleiras;

Se encordais de ouvir-me, ó primas, baste
De dar à escaravelha em tais asneiras,
Que enfim isto do amor é um lindo traste.

D. Lan. — Também sois Poeta, meu sobrinho?

D. Tib. — Também temos nosso entusiasmo, Senhor tio; isto cá é veia capilar e natural.

D. Lan. — Oh, quanto me pesa que sejais Poeta, pois por força haveis de ser pobre.

D. Tib. — Àgora, Senhor, eu sou um rico Poeta. Pois, primas, que dizeis da minha eloquência? Não me respondeis?

D. Cloris — Os Anjos lhe respondam.

D. Nise — Aí não há mais que dizer.

D. Tib. — Ah, Senhor tio, esta rapariga é cá da obrigação de casa?

D. Lan. — É moça da almofada.

D. Tib. — Não é mal estreada; e que olhos que tem! Benza-te Deus!

Sev. — Quer Deus que trago um cominho por amor do quebranto.

D. Lan. — Eu cuido, Sobrinho, que mais vos agrada a criada do que a noiva.

D. Tib.—Tudo o que é desta casa me agrada muito.

D. Lan. — Agora vamos ao intento: Sabereis, minhas Sobrinhas, que o vosso primo D. Tibúrcio, filho de meu irmão D. Trifónio, e de Dona Pantaleoa Reboldan, o qual também era irmão de vosso pai, e meu irmão, D. Blianis, vem a eleger uma de vós outras para esposa, pela mercê que me faz; que a ser possível casar com ambas, o fizera sem cerimónia, que para mais é o seu primor.

D. Tib. — Por certo que sim; e não só com ambas, mas até com a criada; pois, como digo, desejo meter no coração tudo o que for desta casa.

D. Lan — Eu o creio, meu Sobrinho, nisso saís a vosso Pai.

D. Cloris — Não vi maior asno! *(Aparte).*

D. Nise — Nem eu maior simples! *(Aparte).*

Diz dentro Semicúpio:

Semic. — Quem merca o Alecrim?

D. Cloris —Ó Sevadilha, chama a esse homem do Alecrim, anda depressa.

Sevad. — Entrou no fadário! *(Aparte).*

D. Lan. — Não estranheis este excesso de minha Sobrinha, porque haveis de saber, que há nesta terra dois ranchos, um do Alecrim, outro da Mangerona; e fazem tais excessos por estas duas plantas, que se matarão umas às outras.

D. Tib. — E Vossa Mercê consente que minhas primas sigam estas parcialidades?

D. Lan. — Não vedes que é moda; e como não custa dinheiro, bem se pode permitir!

D. Tib. — Bem sei que isso são verduras da mocidade, mas contudo não aprovo.

D. Lan — E a razão?

D. Tib. — Não sei.

D. Cloris — Vossa Mercê como vem com os abusos do monte, por isso estranha os estilos da Corte.

D. Nise — Calai-vos, mana, que ele há-de ser o maior apaixonado que há-de ter o Alecrim e a Mangerona.

D. Tib. — Se eu enlouquecer, não duvido.

Sai Semicúpio com um molho de Alecrim ao ombro.

Semic. — Quem quer o Alecrim?

D. Cloris — Anda para cá: tem mão, não o ponhas no chão.

Semic. — Pois aonde o hei-de pôr?

D. Cloris. — Aqui no meu colo: ai, no chão, o meu Alecrim? Isso não!

Semic. — Pois não só o ponha no colo, mas no pescoço.

D. Cloris — A quanto é o molho?

Semic. — A real e meio, por ser para Vossa Mercê.

D. Cloris — Põe aí cinquenta molhos.

Semic. — Pelo que vejo, esta é D. Cloris. *(Aparte).* Eis aí tem todos os molhos, reparta lá com a Senhora, que suponho também quererá o seu raminho.

D. Nise — Ai, tira-te para lá, homem, com esse mau cheiro.

Semic. — Já sei que esta é a da Mangerona de D. Fuas. *(Aparte).*

D. Tib. — Bem haja minha prima que não é destas invenções.

D. Lan. — Porque é da Mangerona, por isso aborrece o Alecrim.

D. Tib. — Resta-me que Vossa Mercê também tenha algum rancho.

D. Lan. — Olhai vós, não deixo cá de mim para mim de ter minha parcialidade.

António José da Silva — *Guerras do Alecrim e da Mangerona.*

PARTE II

CENA VII

Semicúpio, criado de D. Gilvaz, transformado em juiz, inquire as testemunhas a respeito do roubo de um capote de D. Lanserote e de umas pessoas que estiveram escondidas na sua capoeira: dispõe-se o velho para casar as sobrinhas com D. Gil e D. Fuas.

D. Gilv. — Aí parou uma sege; se serão elas?

Semic. — Lá está quem as há-de encaminhar; senta-te, que aí vem subindo a primeira testemunha.

Sai D. Lanserote.

D. Lan. — Senhora, aqui estamos todos à ordem de Vossa Mercê.

Semic. — Venham entrando um a um.

D. Lan. — Senhor, lembre-se do meu capote.

Semic. — Eu já tenho tomado isso a mim; vá descansado que eu puxarei bem pela justiça, e farei quanto ela der de si.

D. Lan. — Não tenho mais que dizer. Vai-se.

D. Gilv. — Homem, tu me tens atónito com as tuas indústrias!

Semic. — Bem é que as reconheças: ah!, Senhor, esteja de meio perfil para que o não conheça D. Nise, que lá vem.

Sai D. Nise.

D. Nise — Venho morta: nunca em tal me vi!

Semic. — Uma vez é a primeira: sente-se minha Senhora, desabafe-se, suponha que está em sua casa.

D. Nise — Ai Senhor, não sei que respeito infunde a cara de um juiz, que faz titubear o mais valente coração!

Semic. — E mais eu, que pareço um Papiniana assanhado! Diga o seu nome: vá lá escrevendo, Senhor escrivão.

D. Nise — Chamo-me D. Nise Sílvia Rufina Fábia Lizarda Laura Anarda, e...

Semic. — Basta, Senhora, e pode Vossa Mercê com todos esses nomes?

D. Nise — Ainda faltam quartorze.

Semic. — Liberal andou a natureza; em tão poucos anos tanta perfeição! E do costume?

D. Nise — Não entendo.

Semic. — Ponha lá, que do costume jejua. Sabe quem furtou aquele capote ao Senhor seu tio?

D. Nise — Presumo que foi um criado de D. Gil, que entrou disfarçado a vender Alecrim.

Semic. — Tenho largas notícias desse criado, e me dizem que é ardiloso *quantum satis*.

D. Nise — Isso é pasmar!

Semic. — E sabe se aqueles homens da capoeira seriam ladrões?

D. Nise — Não Senhor, porque um era D. Gil, e outro D. Fuas, que ambos...

Semic. — Diga, não se faça rubicunda.

D. Nise — Senhor, os ditos vieram por causa de amor; e como veio meu tio, se esconderam na capoeira.

Semic. — Rapaziadas. Ora ande, vá-se aí para dentro, e não faça outra; seja sisuda, e virtuosa, que assim manda o direito, *honeste vivere.*

D. Nise — À obediência de Vossa Mercê, vai-se.

D. Gil — Homem acabemos com isto, venha D. Cloris, por quem estou suspirando.

Sai Fagundes.

Fag. — Muito bons dias, meu Senhor.

Semic. — Chegue-se para cá; olhe para mim, Vossa Mercê a meu ver tem cara de testemunha falsa, ou eu me enganarei.

Fag. — Serei o que Vossa Mercê quiser.

Semic. — Como se chama?

Fag. — Ambrósia Fagundes Birimboa Franchopana e Gregotil.

Semic. — Isso são nomes, ou alcunhas?

Fag. — Será o que Vossa Mercê for servido.

Semic. — Casada, ou solteira?

Fag. — Nem casada, nem solteira, assim, assim.

Semec. — Assim como?

Fag. — É que tenho o marido no Brasil há quarenta e sete anos.

Semic. — De que anos casou?

Fag. — De quarenta juntos, que os fui fazer à porta da Igreja.

Semic. — Que anos tem?

Fag. — Vinte e cinco bem puxados.

Semic. — Não é nada, casou de quarenta, tem o

marido no Brasil há quarenta e sete anos, e diz que tem vinte e cinco de idade! Vá-se daí boada, falsaria, que a hei-de amarrar a uma escada, e deitá-la por essa janela fora.

Fag. — Eu não sei contar, senão pelos dedos: ouça Vossa Mercê, que eu quero dar a minha cartada.

Semic. — A quartada dei eu; ande, não cuide que se há-de lavar com uma bochechada de água, vá-se para dentro.

Fag. — Eu vou rebolindo. *(Vai-se.)*

D. Gil — Acaba já com isso.

Sai Sevadilha.

Sevad. — Sou criada de Vossa Mercê.

Semic. — Ai, que já a justiça começa a abrir os olhos para ver a Sevadilha! Eu encosto a vara, que estou varada, Menina como é o seu nome?

Sevad. — Sevadilha sem mais nada.

Semic. — Que anos tem?

Sevad. — Sete muito fanados.

Semic. — Só sete? Não sois má cartinha para um sete levar. Casada, ou solteira?

Sevad. — Estou para casar com um daqui do seu vizinho. D. Gil, que ainda que feio, é mui carinhoso.

Semic. — Esse foi o que furtou o capote a seu amo?

Sevad. — Esse mesmo.

Semic. — Logo é ladrão?

Sevad. — É o vício que tem, que se não fosse isso, era um moço perfeito.

Semic. — Ai, Sevadilha, que esse ladrão...

Sevad. — Que tem meu Senhor?

Semic. — Nada, nada: e por um triz, que não deponho a judicatura, e perco o juízo: assina-te aqui em branco, que eu estou pelo que disseres.

Sevad. — Eu não sei escrever.

Semic. — Porém sabes muita letra: vai-te aí para dentro. A rapariga me pôs a ver jurar testemunhas.

Sevad. — Eu já vi uma cara, que se parecia com a deste juiz. Vai-se.

Semic. — Entre quem falta.

D. Gil — Resta D. Cloris; Simicúpio, perdoa que hei-de falar-lhe.

Semic. — Faça o que lhe digo, e não tenha graças comigo.

D. Gil. — Como estás inchado!

Semic. — Se queres ver o vilão, mete-lhe a vara na mão.

Sai D. Cloris.

D. Clor. — Senhor juiz, logo declaro que eu de furtos não sei, e só que D. Gil, foi um dos da capoeira, está inocente, porque...

D. Gil. — Porque foi possível obedecer-te, querida Cloris. Levante-se.

D. Clor. — Que vejo! D. Gil? Cobra alentos o meu coração.

D. Gil. — Não te admires dos sucessos do meu amor; que os influxos do teu Alecrim sabem triunfar dos maiores impossíveis.

Semic. — Aliás, que um Semicúpio sabe fazer possíveis as maiores dificuldades. Aí tem, Senhor D. Gilvaz, o seu bem de portas a dentro: tenho cumprido a minha palavra, e se não está bem servido, busque quem o faça melhor.

D. Clor. — Uma vez que me vejo em tua casa, não porei mais em contingências a minha fortuna.

Semic. — Isso mesmo; quem disse casa, casa.

Sai D. Lanserote.

D. Lan. — Que é isto, Senhor? As testemunhas vêm, e não tornam?

Semic. — Já está concluída e sentenciada a devassa.

D. Lan. — Quem são os culpados?

Semic. — As senhoras suas sobrinhas, que são umas finas ladras.

D. Lan. — Minhas sobrinhas, ladras? De que sorte?

Semic. — Desta sorte: vamos saindo cá para fora.

Vai-se Simicúpio trazendo a todos para fora, e diz o seguinte:

Porque vistos estes sucessos, consta que a Senhora D. Nise furtou o coração do Senhor D. Fuas, e a Senhora D. Cloris o de D. Gil; e assim é de razão, que lho restituam, casando com ele; porque no matrimónio se entregam os corações com as vontades.

António José da Silva — Id., id.

CAPÍTULO IV

A ACADEMIA DAS BELAS LETRAS OU NOVA ARCÁDIA

TEXTOS DE:

Bocage
Agostinho de Macedo
Curvo Semedo

MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

1766-1805

SONETOS

1

Chorosos versos meus desentoados,
Sem arte, sem beleza, e sem brandura,
Urdidos, pela mão da Desventura,
Pela baça Tristeza envenenados:

Vede a luz, não busqueis, desesperados,
No mudo esquecimento a sepultura;
Se os ditosos vos lerem sem ternura,
Ler-vos-ão com ternura os desgraçados:

Não vos inspire, ó versos, cobardia
Da sátira mordaz o furor louco,
Da maldizente voz a tirania:

Desculpa tendes, se valeis tão pouco;
Que não pode cantar com melodia
Um peito, de gemer cansado e rouco.

2

Já sobre o coche de ébano estrelado
Deu meio giro a noite escura e feia;
Que profundo silêncio me rodeia
Neste deserto bosque, à luz vedado!

Jaz entre as folhas Zéfiro abafado,
O Tejo adormeceu na lisa areia;
Nem o mavioso rouxinol gorjeia,
Nem pia o mocho, às trevas costumado:

Só eu velo, só eu, pedindo à sorte
Que o fio, com que está minha alma presa
A vil matéria lânguida, me corte:

Consola-me este horror, esta tristeza;
Porque a meus olhos se afigura a morte
No silêncio total da natureza.

3

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar c'o sacrílego gigante.

Como tu, junto ao Ganges sussurrante
Da penúria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Também carpindo estou, saudoso amante.

Ludíbrio, como tu, da sorte dura,
Meu fim demando ao céu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura.

Modelo meu tu és... Mas, ó tristeza!...
Se te imito nos transes da ventura,
Não te imito nos dons da natureza.

4

Adamastor cruel! De teus furores
Quantas vezes me lembro horrorizado!
Oh monstro! quantas vezes tens tragado
Do soberbo Oriente os domadores!

Parece-me que entregue a vis traidores
Estou vendo Sepúlveda afamado,
Co'a esposa, e c'os filhinhos abraçado,
Qual Mavorte com Vénus e os Amores:

Parece-me que vejo o triste esposo,
Perdida a tenra prole, e a bela dama,
Às garras dos leões correr furioso;

Bem te vingaste em nós do afouto Gama!
Pelos nossos desastres és famoso:
Maldito Adamastor! Maldita fama!

5

Já por bárbaros climas entranhado,
Já por mares inóspitos vagante,
Vítima triste da fortuna errante,
Té dos mais desprezíveis desprezado;

Da fagueira esperança abandonado,
Lassas as forças, pálido o semblante,
Sinto rasgar meu peito a cada instante
A mágoa de morrer expatriado;

Mas ah! Que bem maior, se contra a sorte
Lá do sepulcro no sagrado hospício
Refúgio me promete a amiga Morte!

Vem, pois, oh nume aos míseros propício,
Vem livrar-me da mão pesada e forte,
Que de rastos me leva ao precipício!

6

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava;
Ah! Cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana:

De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem dana.

Prazeres, sócios meus, e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abismo vos sumiu dos desenganos:

Deus, oh Deus!... Quando a morte à luz me roube
Ganhe um momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.

7

Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura:

Conheço agora já quão vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento;
Musa... Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a língua quase fria
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... A santidade
Manchei!... Oh! Se me creste, gente ímpia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

CANTATAS

8 — À morte de Inês de Castro

Longe do caro esposo Inês formosa
Na margem do Mondego,
As amorosas faces aljofrava
De mavioso pranto.
Os melindrosos, cândidos penhores
Do tálamo furtivo,
Os filhinhos gentis, imagem dela,
No regaço da mãe serenos gozam
O sono da inocência.
Coro subtil de alígeros Favónios,
Que os ares embrandece,
Ora enlevado afaga
Com as plumas azuis o par mimoso,
Ora, solto, inquieto
Em leda travessura, em doce brinco,
Pela amante saudosa,

Pelos tenros meninos se reparte,
E com ténue murmúrio vai prender-se
Das áureas tranças nos anéis brilhantes,
Primavera louçã, quadra macia
Da ternura, e das flores,
Que à bela natureza o seio esmaltas,
Que no prazer de amor ao mundo apuras
O prazer da existência,
Tu de Inês lacrimosa
As mágoas não distrais com teus encantos.
Debalde o rouxinol, cantor de amores
Nos versos naturais os sons varia,
O límpido Mondego em vão serpeia
C'um benigno sussuro, entre boninas
De lustroso matiz, almo perfume;
Em vão se doura o sol de luz mais viva,
Os céus de mais pureza em vão se adornam
Por divertir-te, ó Castro:
Objectos de alegria amor enjoam
Se amor é desgraçado.
A meiga voz dos zéfiros, do rio
Não te convida o sono:
Só de já fatigada
Na luta de amargosos pensamentos,
Cerras, mísera, os olhos;
Mas não há para ti, para os amantes
Sono plácido, e mudo;
Não dorme a fantasia, amor não dorme:
Ou gratas ilusões, ou negros sonhos
Assomando na ideia, espertam, rompem
O silêncio da morte.
Ah! Que fausta visão de Inês se apossa!
Que cena, que espectáculo assombroso
A paixão lhe afigura aos olhos d'alma!

Em marmóreo salão de altas colunas
Ao sólio majestoso, e rutilante
Junto ao régio amador se crê subida;
Graças de neve a púrpura lhe envolve,
Pende augusto docel do tecto de ouro;
Rico diadema de radioso esmalte
Lhe cobre as tranças, mais formosas que ele,
Nos luzentes degraus do trono excelso
Pomposos cortesãos o orgulho acurvam;
A lisonja sagaz lhe adoça os lábios,
O monstro da política se aterra,
E se Inês perseguia, Inês adora.
Ela escuta os extremos,
Os vivas populares, vê o amante
Nos olhos estudar-lhe as leis que dita;
O prazer a transporta, amor a encanta;
Prémios, dádivas mil ao justo, ao sábio
Magnânima confere,
Rainha esquece o que sofreu vassala:
De sublimes acções orna a grandeza,
Felicita os mortais, do ceptro é digna,
Impera em corações... mas céus! Que estrondo
O sonho encantador lhe desvanece!
Inês sobressaltada
Desperta, e de repente aos olhos turvos
Da vistosa ilusão lhe foge o quadro.
Ministros do furor, três vis algozes,
De buídos punhais a dextra armada,
Contra a bela infeliz bramindo avançam.
Ela grita, ela treme, ela descora,
Os frutos da ternura ao seio aperta,
Invocando a piedade, os céus, o amante;
Mas de mármore aos ais, de bronze ao pranto,
À suave atracção da formosura,

Vós, brutos assassinos,
No peito lhe enterrais os ímpios ferros.
Cai nas sombras da morte
A vítima de amor lavada em sangue,
As rosas, os jasmins da face amena
Para sempre desbotam,
Dos olhos se lhe some o doce lume,
E no fatal momento
Balbucia, arquejando: «Esposo, esposo».
Os tristes inocentes
À triste mãe se abraçam,
E soltam de agonia inútil choro.
Ao suspiro exalado,
Final suspiro da formosa extinta
Os amores acodem.
Mostra a prole de Inês, e a tua, ó Vénus,
Igual consternação, e igual beleza:
Uns dos outros os cândidos meninos
Só nas asas diferem,
(Que jazem pelo campo em mil pedaços
Carcases de marfim, virotes de ouro)
Súbito voam dois do coro alado:
Este raivoso, a demandar vingança
No tribunal de Jove,
Aquele a conduzir o infausto anúncio
Ao descuidado amante.
Nas cem tubas da fama o grão desastre
Irá pelo Universo:
Hão-de chorar-te, Inês, na Hircânia os tigres,
No torrado sertão da Líbia fera
As serpes, os leões hão-de chorar-te.
Do Mondego, que atónito recua,
Do sentido Mondego as alvas filhas
Em tropel doloroso

Das urnas de cristal eis vem surgindo,
Eis, atentas no horror do caso infando,
Terríveis maldições dos lábios vibram
Aos monstros infernais que vão fugindo.
Já c'roam de cipreste a malfadada,
E, arrepelando as nítidas madeixas,
Lhe urdem saudosas, lúgubres endechas.
Tu, eco, as decoraste,
E, cortadas dos ais, assim ressoam
Nos côncavos penedos, que magoam:

Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores:
Morrei, amores,
Que Inês morreu.

Mísero esposo,
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Já não é teu.

Sua alma pura
Nos céus se encerra:
Triste da terra
Porque a perdeu!

Contra a cruenta
Raiva ferina
Face divina
Não lhe valeu.

Tem roto o seio,
Tesouro oculto,
Bárbaro insulto
Se lhe atreveu.

De dor, e espanto
No carro de ouro
O númen louro
Desfaleceu.

Aves sinistras
Aqui piaram,
Lobos uivaram,
O chão tremeu.

Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores:
Morrei, amores,
Que Inês morreu.

Id., págs. 174-179.

9 — À morte de Leandro e Hero

De horrenda cerração coroada a noite,
Surgira há muito da ciméria gruta;
Tapando o longo céu co'as asas longas,
Reina em meio Universo:
Ocupam-lhe os degraus do negro trono
A tristeza, o silêncio,
O medo, a solidão, o amor, e o crime;
Voam-lhe em roda lúgubres fantasmas,
Aves sinistras pousam-lhe no grémio.
Eis manso e manso as nuvens se entumescem
Eis o líquido peso
Rompe os enormes, carregados bojos,
Em torrentes sussurra, e cai na terra.
Rebentam furacões, flamejam raios,

O estrondoso trovão no céu rebrama.
O Helesponto nas rochas ferve, e ronca.
Tu, abídeno amante,
Tu velas neste horror com a saudade.
Já corres insofrido às ermas praias,
Donde é teu uso arremessar-te ao pego,
E, destro nadador, talhando as vagas,
Teus gostos demandar na oposta margem.
Ao longe em celsa torre, estância cara
De Hero, sol dos teus dias,
O brilhante sinal, o amigo lume
(Que é no facho de amor por ela aceso)
Vês entre as sombras cintilar a espaços,
E como que te acena, e te suspira.
Debalde o mar bramindo, o céu troando,
Teu ímpeto ameaçam:
Ardem-te na alma os sôfregos desejos,
Fulgurante ilusão, dourando as trevas,
Num quadro tentador te of'rece aos olhos
Glórias a furto, vívidos prazeres,
Doces mistérios que da luz se temem.
A sagaz esperança
Te reforça, te incita,
Jura aplacar-te o ar, pôr freio às ondas,
Dar-te aos suspiros da suave amada.
Atento à meiga voz que atrai, que mente,
No monstruoso pélago te arrojas:
À queda repentina alteia um grito
O corvo grasnador na destra parte,
E os écos, despertando ao som medonho,
Gemem nas brutas, cavernosas fragas.
O triste agouro te arripia as carnes,
Teus cabelos eriça;
Mas prevalece amor, e expulso o medo,

Forças a equórea, túmida braveza.
Metade já no trânsito afanoso
Indústria, e robustez vencido haviam:
Nisto a procela horríssona recresce,
Tingem sombras do inferno os véus da noite,
Que o súbito relâmpago retalha;
Braveja o mar, aos astros se remontam
Serras, e serras de fervente espuma;
Carrancudos tufões arrebatados
Dobrando a força, a raiva, lutam, berram,
E revolvem do pélago as entranhas:
Rochedo imóvel, aferrado à terra,
Rebate apenas o horroroso assalto...
Ah! Leandro infeliz! Tu já fraqueias,
A destreza, o vigor nas mãos, nas plantas
Já, mísero amador, já te falecem.
Procuras o distante, o caro lume,
Astro benigno que te influi e guia,
Olhas, vês que te falta,
Que desapareceu, que jaz extinto:
Suspiras, esmoreces,
Da tua doce luz desamparado.
Invocas o grão Deus que rege os mares:
De teus rogos não cura, imoto e surdo.
Invocas de Nereu potente as filhas:
Elas ardem por ti, mas, invejosas
Do objecto encantador que lhes preferes,
Às marítimas fúrias te abandonam.
Hero invocas, e amor, e os céus, e a sorte:
A sorte é implacável,
Dos males que dispõe não se arrepende,
Teus dias sinalou de um termo infausto.
Debalde te auxilia o deus mimoso,
O alado criador de teus suspiros,

Dos amorosos bens que desfrutaste,
O facho luminoso em vão meneia
Para encurtar-te as sombras,
E mais fácil tornar a undosa estrada;
Em vão co'as asas brandas
Tenta arrasar os orgulhosos mares.
Sobre altos escarcéus o fado escuro
Folga, triunfa e reina,
Punge, ameaça, desespera os ventos,
Enrola a morte nas horrendas vagas.
Ela, pronta a seu mando, ela acomete
O deplorável moço:
Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,
O tardo movimento eis lhe sopeia,
Pelas águas o embebe, e de Hero o nome
Do ansioso coração num ai lhe arranca.
Abaixo, acima co'as cavadas ondas
Vai vem mil vezes o infeliz mancebo...
Ai! Já sem vida aqui, e ali vagueia
À discrição do mar, e o mar com ele
De Sesto às praias súbito arremete;
Dá contra a torre de Hero, ali rebenta,
E deixa o triste corpo à margem nua.
Tu, entretanto, carinhosa amante,
Que fazias (oh céus!), que imaginavas?
Solitária, anelando,
Nas trevas espantosas,
Nos soltos ventos, alterosos mares
Lias de feio azar presságios feios.
Em torno à viva luz que vigiavas,
(Que em raro véu com arte envolto havias,
Resguardando-a dos ares indignados)
Em torno à viva luz eis de improviso
Negro insecto voou, zuniu três vezes,

E à terceira apagou a esperta chama;
(Foi no ponto funesto em que o mancebo
Com teu nome adoçou o extremo arranco)
Do repentino assombro espavorida,
Atónita, convulsa,
O agourado clarão não renovaste.
Em ânsias implorando os deuses todos,
E mais que todos o que em ti reinava,
A bem do afouto, desvelado amante
Ao númen indulgente, à mãe piedosa
Mil incensos, mil vítimas votaste.
Depois, cevando a revoltosa ideia
Em terríveis imagens,
Ora do moço audaz o usado arrojo
Reprovavas contigo,
Ora a cega imprudência maldizias
Com que em tão desabrida, horrível noite
A perigosa sanha aventuraras...
Ah! triste! Contra ti não te conjures:
Foi lei dos fados a imprudência tua.
Hero desanimada,
Metida em profundíssimo letargo,
Jaz sem tino, e sem voz até que aponta
A purpúrea manhã no céu já ledo
Farto o cruel destino,
Adelgaçara os ares,
Ao pego a mansidão restituíra
Depois que a terna vítima saudosa
Foi sufocada nas voragens feras.
Ele, o duro opressor dos desditosos,
Ele do almo prazer que os dois gozaram
Está vingado em parte, e da vingança
À desesperação comete o resto.
Hero, ah! Hero infeliz! Tu pelas águas

Húmida vista, suspirando, alongas.
Não vês o nadador por quem desmaias,
O teu bem não flutua
Pelas ondas desertas.
Eis a consternação te inclina os olhos
À pedregosa areia
Onde o desventurado está sem alma.
Que vista! Que terror! As alvas carnes,
Rotas nas rochas pelo embate undoso,
Inda gotejam sangue, aberta a boca,
Parece que inda quer, que inda procura
Chamar-te, ó Hero, murmurar teu nome.
No espectáculo horrendo,
Mísera, tu reparas,
Tu... céus! Não lhe acudis! Tu reconheces
O querido semblante, o corpo amado,
Entre as sombras da morte inda formoso:
Com palidez que a pinta,
Gritas, arquejas, desesperas, fremes,
Deitas as mãos de neve às tranças de ouro,
E as tranças de ouro, delirando, arrancas.
Levada enfim de um ímpeto raivoso,
Te arremessas da torre, e dás, e entregas
O teu ao derradeiro, ao mudo amante.
Lá jazem sobre a areia lutuosa
As vítimas do fado;
Nas angústias mortais a linda moça
Inda, estendendo os amorosos braços,
Tenta apertar o suspirado objecto.
Apiedados delfins nas ondas surgem,
E altos sons (ó prodígio!) derramando,
Lamentam junto à praia o duro caso:
As mesmas ninfas invejosas d'Hero
Soluçam de pesar nos vítreos lares.

Um marmóreo padrão se erige em breve;
Compadecidas mãos a história triste
Gravam na lisa pedra; a pedra existe:
Mas o monstro voraz, que rói penedos,
Comendo em parte a fúnebre escritura,
Só deixa soletrar-lhe
O remate piedoso,
Em meus piedosos versos trasladado,
Carpido ao som da lira:
Inda agora de ouvi-lo Amor suspira.

Aos dois amantes
D'Abido e Sésto
Ardor funesto
Deu negro fim

Foram-lhe algozes
Os seus extremos;
Mortais, amemos,
Mas não assim.

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

1761-1831

O ORIENTE

1 — Proposição, Invocação e Dedicatória

O magnânimo Herói, que no Oceano
Primeiro a estrada abriu do ignot'Oriente,
Fazendo ouvir o nome soberano
De Deus a estranho clima, e estranha gente;
Acrescentando ao ceptro Lusitano
Um vasto Império n'Ásia florescente;
Farei, se me for dado, em nobre verso,
N'esta Empresa imortal pelo Universo.

Desce dos Céus, Inspiração Divina,
Sacro fogo, que os Vates alimenta,
Meu remontado espírito ilumina,
E seus sublimes êxtases sustenta;
Os voos lhe dirige, a estrada ensina,
Por onde os Astros elevar-se intenta,
E, se é possível, igualar no Canto,
O que no Mundo escutara a Esmirna, e Manto.

Aos séculos eu mostro o mar vencido.
(Vasto Império do vento tormentoso)
Descoberto o Oriente, e nele erguido
Lusitano Pendão vitorioso;
Eu mostro d'Ásia o colo submetido
Dos Reis de Lísia ao Trono poderoso;
E aclamo neste memorando feito
Unidos Povos mil com laço estreito.

Pois não descubro na presente idade
Quem das Musas aos dons dê preço, e glória,
Quando fazem viver na Eternidade
Portentosas acções, que aponta a História;
A ti, sòmente a ti, Posteridade,
Consagro o Canto; em perenal memória,
Meu nome em ti s'escute, em ti se veja,
Salvo d'opróbio, e dos farpões da Inveja.

Se outra Lira imortal deu nome ao Gama,
Não se estanca em seus dons Alma Natura,
O seio desabrocha, hoje derrama
Em minh'alma mais fogo, e luz mais pura:
Filosófica luz, e etérea chama,
Que desterra da mente a sombra escura;
Que imitação servil prostra, e derruba,
E extrai mais altos sons d'Épica tuba.

Para a escutar seu eco a turba Aónia,
Surja do escuro túmulo ignorado
Esse, que ao som da Cítara Meónia
Inda enche o Mundo de sonoro brado:
O que os passos lhe segue, honra d'Ausónia,
Ouça do Tejo o Canto sublimado:
Não sòmente s'eleva, e os astros pisa
Britano, Vate, o timbre do Tamisa.

Eu penetro os umbrais da Eternidade,
Vedado ao vulgo augusto Santuário;
Livre do peso da cadente idade,
E dos acintes do Destino vário;
Corro co'o pensamento a imensidade,
Nem deslumbrado vou, nem temerário,
Voz interna me diz que afronte a sorte,
Com sublimes Canções vencendo a Morte.

Da praia ocidental meu Estro tema
Seu voo rapidíssimo, e elevado,
As portas entra da soberba Roma,
A quem do Mundo o Império o Céu tem dado:
Eis do sepulcro do Grão Tasso assoma
Raio de imensa luz, dele animado
C'uma centelha, só, à etérea esfera
Entre os Vates do Lácio erguer-se espera.

Eis na roda do tempo aponta o dia,
Que o dedo do Imortal assinalara,
Em que a glória da Lusa Monarquia
Chegue a tudo o que o sol brilhante aclara:
Que se escute seu nome onde ousadia
Nunca em lenhos undívagos chegara,
E que o Pendão da Cruz no aceso Oriente
Chame a si deste Globo última gente.

De áurea paz no regaço deleitoso
Manuel do Império as rédeas sustentava;
Impondo o freio ao Mouro belicoso,
Sobre a Lua Africana o Trono alçava;
Um novo Ciro mais vitorioso
A providência eterna preparava,
Guiando os passos seus, qual já n'outr'ora
Do Persa em frente a Babilónia fora.

O Oriente, Canto I.

A MEDITAÇÃO

2 — O Homem Primitivo

A doce habitação do Éden viçoso,
onde um momento se firmou teu sólio
perdeste para sempre; errante e triste,
foste habitar nos bosques solitários,
das estações ludíbrio, horror da terra,
que indócil a teu braço, entre os abrolhos
te deu apenas mísero sustento,
que disputaste às rebeladas feras.
Foi tua dita efémera sòmente:
qual costuma nascer na primavera
resplandecente o sol, risonho o dia,
que súbito negrume em nuvem densa
rouba ao sol o clarão e a paz aos ares,
tal o destino do mortal primeiro;
nascendo, viu a luz serena e pura;
viu-a no berço e túmulo num ponto;
e tanto pode em nós inda seu crime,
que temos por herança o mal e a morte.
Foi para nós desterro o que era pátria;
a um dia d'ouro séculos de ferro
se viram suceder, fechada noute,
profunda escuridão pousou na terra.
De mistura co'as feras alimárias,
o rei da criação nos bosques vive,
estado insocial, embora aclame
teus falsos bens quimérica igualdade.
O sábio hipocondríaco eloquente,
que os homens aborrece, os homens buscà,

que anela os bosques só e estima a corte,
que adora a solidão, mártir da glória,
se ele comigo nas agrestes margens
do Amazonas medonho os homens vira,
nus, sem cultura, bárbaros, sem pátria,
Então chamara a liberdade sua
mais dura inda que o cárcere e que os ferros,
e só menos cruel que o jugo injusto
qu'esses, que ele ilustrou, cobardes sofrem.
Pelo vasto sertão sem lares giram,
quais feras brutas só que o pasto buscam
nos lacerados membros palpitantes
de seus mesmos iguais; e, de assustada,
doce mãe Natureza os olhos tapa.
A fome atroz e a gula à vida cevam.
Amortecida a luz do entendimento,
o débil, maquinal, confuso instinto,
contra a injúria do ar lhe ensina apenas
a mal vestir enregelados membros
de hirsutas peles de animais que matam.
Gente errante, infeliz, não sente apego
à terra em que nasceu, repousa e dorme,
onde a seus olhos se esvaece o dia,
e, quase um tronco, a outro corpo encosta.
Se o Sol, surgindo c'os ardentes raios,
toca os olhos ao bárbaro, desperta.
Ora um tigre veloz o despedaça,
ora, ele, se mais pode, afoga um tigre.
Não s'ouve um pranto, lágrimas não correm
(feudo que à morte e à dor paga a ternura),
quando a Parca lhe corta o fio extremo.
O cavador esquálido na terra
jaz, ou no ventre de esfaimado abutre.
Nenhuma pia mão seus olhos fecha,

nenhuma boca os últimos suspiros
lhe toma e lhe conserva; assim nos bosques
viveram meus iguais, e ainda hoje vivem
muitos que esconde a América opulenta.

Do Poema *A Meditação.*

CURVO SEMEDO

1766-1839

1 — O Rouxinol e a Cigarra

Nas horas da calma ardente
Um rouxinol sonoroso
Doces gorjeios soltava
Sobre um loureiro frondoso.

Dois pastores que defronte
À sombra estavam sentados
Seu grato cântico ouviam
Embebidos e encantados.

Eis cigarra presunçosa,
Que a leda cena observava,
Pousou no extremo do ramo
Onde o rouxinol cantava.

E d'ímpia inveja mordida
Lhe diz: «Teimoso sossega
«Que das aves importunas
«És o maior cegarrega.

«Incessante dia e noite
«Atroas todo este prado;
«Com teus dissonantes guinchos
«Tens-me os ouvidos quebrado.

«Atento um pouco me escuta
«Se cantar melhor pretendes,
«Que inda que tens a voz rouca
«Ao menos o estilo aprendes.»

O doce músico alado,
Sem dar assenso à invejosa,
Prosseguiu com mais doçura
Na cantilena saudosa.

Ela então por ver se acaso
O turbava e confundia,
A cantiga estrugidora
Fervorosa principia.

Um dos pastores irado
Contra a louca impertinente
Diz: «Aguarda, toma o prémio,
«De cantiga tão cadente.»

Ergueu-se e com mão tão certa
Lhe atira uma torroada
Que a mal fadada cantora
Caiu por terra esmagada.

Se a inveja assim castigassem,
Não seriam turbadoras
Dos rouxinóis do Parnaso
Cigarras estrugidoras.

Poesias Líricas — Apólogos, Curvo Semedo, págs. 109-110 (Ed. de Lisboa, 1890).

CAPÍTULO V

A POESIA DOS DISSIDENTES

TEXTOS DE:

Tolentino
Filinto Elísio
José Anastácio da Cunha
Marquesa de Alorna

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA

1741-1811

1

A GUERRA

Musa, pois cuidas que é sal
o fel de autores perversos,
e o mundo levas a mal,
porque ledes quatro versos
de Horário e de Juvenal.

Agora os verás queimar,
já que em vão os fecho e os sumo;
e leve o volúvel ar,
de envolta c'o turvo fumo,
o teu furor de rimar.

Se tu de ferir não cessas,
que serve ser bom o intento?
Mais carapuças não teças,
que importa dá-las ao vento,
se podem achar cabeças?

Tendo as sátiras por boas,
do Parnaso nos dois cumes
em hora negra não revoas;
tu dás golpes nos costumes,
e cuidas que é nas pessoas.

Deixa esquipar Inglaterra
Cem naus de alterosa popa,
deixa regar sangue a terra.
Que te importa que na Europa
haja paz ou haja guerra?

Deixa que os bens e a gentalha
brigar ao *Casaca* vão,
e que, enquanto a turba ralha,
vá recebendo o balcão
os despojos da batalha.

Que tens tu que ornada história
diga que peitos ferinos,
em sanguinosa vitória,
inhumanos, assassinos,
são do mundo a honra e a glória?

As guerras precisas são,
nelas a paz se assegura;
não metas em tudo a mão,
musa louca: porventura
encomendam-te o sermão?

Deixa que o roto taful,
a quem na pátria foi mal,
vá cruzar de norte a sul;
cubram-lhe o corpo venal
três palmos de pano azul.

Deixa que em tarimba estreita
o desperte a aurora ingrata;
que o duro cabo, que o espreita,
o faça, ao som da chibata,
virar à esquerda e à direita.

Deixa-lhe em sangue envolver
duro pão, que lhe dá Marte;
e, para não poder viver,
deixa-lhe aprender esta arte
de matar e de morrer.

Vá junto à queimada zona
arvorar em rotos muros
o estandarte de Belona;
calejem-lhe os ombros duros
as correias da patrona.

Voe-lhe aos ares um pé;
sobre o outro, com valor,
a Plutão cem mortos dê;
arda de raiva e furor
sem nunca saber porquê.

Sem causa, entre dentes trazes
a grande arte das batalhas;
murmurar de seus sequazes;
e, quando da guerra ralhas,
outra com a língua fazes.

Dizes que uma guerra acesa
é teatro de impiedade;
chamas-lhe crua fereza,
flagelo da humanidade,
triste horror da natureza.

Pintas um bravo guerreiro,
e a meus olhos vens mostrá-lo,
para ferir mais ligeiro,
metendo o ardente cavalo
sobre o exangue companheiro.

A um lado e a outro lado
a morte mandando vai
c'o sanguinoso traçado,
até que ele mesmo cai
de um pelouro atravessado.

Co'as cabeças abatidas,
vão de ferro vil marcados,
maldizendo as tristes vidas,
mil cativos maniatados,
vertendo sangue e feridas.

Entre horrorosos troféus,
o general desumano
manda falso incenso aos céus,
e de espalhar sangue humano
vai dando louvor a Deus.

Dizes que se compra quina,
porque altas febres desterra,
e que em colégios se ensina,
em uma aula a arte da guerra,
em outra a da medicina;

Que no frio, vasto norte,
cem Boerhaves eloquentes
enchem de oiro o cofre forte,
porque perdidos doentes
arrancam das mãos da morte.

Que ali mesmo grosso fruto
colhe Saxe entre os soldados,
porque em minado reduto
fez voar, despedaçados,
dez mil homens num minuto.

Tirando então consequências,
zombar dos homens procuras
e das suas vãs ciências;
sempre cheios de loucuras
e cheios de incoerências.

Se a paz, em dias felizes,
à cara Pátria os conduz,
dizes que estes infelizes
mostram, rindo, os peitos nus,
cortados de cicatrizes;

Que este reconta aos parentes
como em perigoso passo,
zunindo balas ardentes,
uma lhe quebrou um braço,
outra lhe levou os dentes;

Que outro, da perna cortada
abençoa a horrível chaga,
porque ao peito, pendurada,
trará algum dia, em paga,
inútil fita encarnada.

Dizes que entre os animais
proíbe guerras o instinto;
e que, surdo a tristes ais,
vês com horror o homem tinto
no sangue de seus iguais.

Musa, não discorres bem;
pois se uns com os outros cabem
e juntos a um pasto vem,
é só porque inda não sabem
a virtude que o oiro tem.

Por preciosos metais
não põem peito a bravos mares?
Traze exemplos mais iguais;
sábios homens não compares
com os brutos animais.

Trazem focinho no chão,
e nós sempre ao alto olhamos;
temos em dote a razão;
e por isso levantamos
uns contra os outros a mão.

Se os homens se não matassem
e impunemente crescessem,
pode ser que não achassem
nem fontes de que bebessem,
nem campos que semeassem.

Em vão febres inimigas
os mirrados corpos gastam;
tornam as forças antigas;
e está visto que não bastam
nem malinas, nem bexigas.

Travem-se cruas batalhas,
arrasem batidos muros
os soldados de quem ralhas;
adornem-lhe os membros duros
grossas, tresdobradas malhas.

Sabe que mil males faz
a mole tranquilidade,
e que em seu seio nos traz
brando luxo e ociosidade,
danosos filhos da paz;

Que nos causa ocultos danos,
fingindo rosto inocente;
que a guerra de largos anos
conservou antigamente
a inocência dos romanos;

Que enquanto ao duro exercício
eram seus corpos afeitos,
e da paz não houve indício,
não lavrava nos seus peitos
mortal peçonha do vício.

Não havia mãos profanas;
eram suas almas sãs;
e nas símplices cabanas
fiavam grosseiras lãs
as castas moças romanas.

Fez Jano os povos amigos,
inerte ócio os peitos toma;
c'os combates, c'os perigos
foram-se, ó austera Roma,
os teus costumes antigos.

Entre as nações sossegadas
sabe que o ócio arreigado
e as paixões em paz criadas
fazem mais sangue no estado
do que os gumes das espadas.

Deixa, pois, haver queixumes;
metam-se armadas no fundo,
acenda a guerra os seus lumes;
que assim tornará ao mundo
a inocência dos costumes.

A intacta fé, a verdade
venham com as baterias;
desça do céu a amizade;
e torne a doirar os dias
de Saturno a antiga idade.

Musa vã, que em ti não cabes,
os guerreiros arraiais
nem vituperes, nem gabes;
e não te metas jamais
a falar no que não sabes.

Haja bloqueio, haja assédio;
o sangue humano espalhado
nem sempre te cause tédio;
que em boa dose tomado,
té o veneno é remédio.

Deixa ir o mundo seu passo,
e, contra si mesmo armado,
corte c'um braço o outro braço;
põe na boca um cadeado,
faze o que eu mil vezes faço.

Emprega melhor teu canto;
e, pois queres que te louvem,
mão das sátiras levanto:
poesias que os homens ouvem
um com riso e cem com pranto.

De bons anos na função
leva a Filis fria glosa;
beija-lhe a nevada mão;
chama-lhe Vénus formosa,
inda que seja um dragão.

Nicolau Tolentino de Almeida, *Obras Completas.*

2

O colchão dentro do toucado

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a mãe ordena
Que o furtado colchão, fofo, e de pena,
A filha o ponha ali, ou a criada.

A filha, moça esbelta, e aperaltada,
Lhe diz co'a doce voz, que o ar serena:
— «Sumiu-se-lhe um colchão, é forte pena;
Olhe não fique a casa arruinada.»

— «Tu respondes assim? Tu zumbas disto?
Tu cuidas que, por ter pai embarcado,
Já a Mãe não tem mãos?» E dizendo isto,

Arremete-lhe à cara e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sai-lhe o colchão de dentro do toucado.

3

Pouco progresso dos discípulos

Em rotos pergaminhos encostado,
Sobre nua cadeira ao alto erguida,
Vou consumindo a miserável vida,
De bisonhos rapazes escutado.

Da antiga Roma o século doirado
Anda sempre entre nós em crua lida;
De Cícero a facúndia conhecida,
Do púrpuro Horácio o gosto delicado.

Mas destes homens mil passagens belas,
Que na cabeça à viva voz lhe encaixo,
Vão-lhe lá hoje perguntar por elas?

Só para consolar-me, neles acho
Os mais bonitos moldes de fivelas
E de sapatos com entrada abaixo.

Idem, id.

FILINTO ELÍSIO

(Francisco Manuel do Nascimento)

1734-1819

1

Carta ao senhor F. J. de B.

I

Lembras-me, amigo Brito, quando a pluma
Para escrever magnânimo meneio.
Ama o meu Brito a lusitana Língua,
Pura como ele, enérgica, abastada,
Estreme de bastardo francesismo
E que a joio não trave de enxacoco;
E, quando lê, rejeita a frase spúria
Que com senão mal-assombrado afeia
Asseiada escritura e ideia nobre,
De legítimos lusos termos digna;
Mas discreto critica, e faz justiça
Sem torpe inveja, sem paixão obscura.
Que, amigo, muitos mordem nos bons versos
Do facundo Garção, Dinis prestante,
Sem de Horácio ter lido um só conselho,
Sem que acaso divino entusiasmo
Nunca na alma encharcado lhes fervesse.

Muitos querem vaidosos dar penada
Na Língua Portuguesa, que as correntes
Das cristalinas águas não gostaram,
Vertentes dos volumes caudalosos
De Barros, Brito, Sousa, e de Lucena,
De Ferreira e Camões: fartura arrotam
De Português, porque inda hoje remoem
As mesquinhas migalhas, que das bocas
De amas vilãs, de brejeirais lacaios
Na recente memória lhes caíram
Afeitos a tão magra, ôca pitança,
Se amuam contra as raras iguarias
Com que os brindam os clássicos bizarros
Em suas mesas guapas e opulentas.
Oh clássicos do nosso augusto séc'lo,
Que sempre fostes o patente molde
De elegante escritura genuína,
Oh quanto deveis hoje, mais que nunca,
Ser o que são bandeiras nas batalhas!
Quando vai roto o exército, e esgarradas
Co medo e fuga as marciais fileiras,
Longe da rota o general previsto
Manda cravar em sítio bem disposto
Os contos das bandeiras. — Troam logo
Os rufos do tambor eco-batente;
Voltam a vista os vagos fugitivos,
Aonde os rufos clamam; vêm nos ares
Soltas as cores dos pendões jurados,
Correm, vão-se apinhar em torno deles;
E, cobrando com vê-los novos brios,
Rugem leões, as brigas já repedem,
Caiem na hostil corte, rompem, vencem.
A vista das bandeiras em triunfo
Lhes transmudou a fuga. — Nós desta arte

Usar convém, na fuga e desbarato
Em que nos pôs o exército confuso
Da pujante ignorância, a qual cercou-nos,
E de vencida nos levou, no tempo
Do nosso mal sofrido cativeiro.
Cumpre ao pé dos pendões enfileirar-nos;
Entrarmos na refrega c'os cediços
Pedantes, c'os os casquilhos da moderna,
Que nos mofam, nos seguem, nos perseguem,
Quais bandos de pigmeus, e vem armados
Cada um como um Sansão, como um Alcides,
Valentes como impávidos Quixotes,
Os da corja académico-tarouca
Com bexigas e estalos farfalhudos;
E os mais com pelas de francês conduta,
De alferes, rango, massacrar, ressortes,
Egídio, populácea, e iguais remendos
De mal alinhavada francesia.
Não que à Língua Francesa eu ódio tenha,
Que fora absurdo em mim. Ninguém confessa,
Mais sincero, o valor de seus bons livros,
De todo o bom saber patentes cofres,
De polidez e de eloquência ornados.
Bastara em seu louvor, se o carecera,
Ser bem vista e prezada em toda a Europa,
Das Cortes, e dos Sábios no Universo;
Conter em si, ou próprio, ou traduzido,
Quanto Minerva pôs no peito humano,
As fadigas das Artes, das Ciências,
E os enfeites do flórido discurso.
Mas, como fora escarnecido em França
O que empreendesse impar de frases lusas
Um discuroso francês em prosa ou verso,
Assim pede entre nós ser apupado

O tareco doutor, que à pura força
Quer atochar de termos bordalengos
O nativo desdém da nossa fala.
Se temos de pedir a alguma bolsa
Termos que nos faleçam, seja à bolsa
De nossa Mãe Latina, que já muito
Nos acudiu em pressas mais urgentes,
Quando em bronca escassez já laboramos,
Ao sairmos das mãos da bruta gente.
. . . . . .

Filinto Elísio, *Poesias*.

JOSÉ ANASTÁCIO DA CUNHA

1744?-1787

1

Em ti mil graças sempre estão chovendo;
Se falas, graças mil se estão ouvindo;
Mil graças nessa boca se estão rindo,
Graças mil nesses olhos se estão vendo.

Umas beijam-te as mãos; outras, correndo
A teus mimosos pés, te vão seguindo;
Umas por tuas faces vêm subindo,
Outras por teus cabelos vêm descendo.

Não são só Três as Graças! milhões delas
Que te acompanham a gentil figura
Ficam, postas em ti, sendo mais belas.

Já quis contá-las; mas achei loucura,
Que é reduzir a número as Estrelas
Contar as graças nessa formosura.

José Anastácio da Cunha, *Obra Poética.*

2

Foges-me, prenda cara?
É talvez só minha desdita,
Ou também de outro a dita
Que de mim te separa?

Volta os olhos, sequer, por compaixão;
Verás meu coração
Atrás de ti sair do aflito peito,
Pelos olhos em lágrimas desfeito!

Não são suspiros estes que estou dando;
É a alma saudosa
Que estou já exalando.
É a alma que ansiosa
Atrás de ti, como uma flecha, parte
E a mim me deixa só, por não deixar-te.

Levas-me o que vale mais que a mesma vida.
Mas no meu coração fica esculpida
A tua imagem, tão perfeitamente,
Que nem dos anos à força, ou de esquivança,
Pode ser destruída.

E comigo andará continuamente,
Até da vida à hora derradeira,
Será minha vingança
Tê-la prisioneira.
Presa estará, de dia,
Do entedimento em amorosos laços;
E, de noite, nos braços
Da amortecida, amante fantasia.
Nem eu creio que rompa a mesma morte
De um amor como o meu a prisão forte.

Idem, id.

3

RECORDAÇÕES DE UM OBJECTO AUSENTE

Voai, ternos suspiros,
Voai nas asas dos ligeiros ventos;
Ide contar a Márcia quais tormentos
Sofre minha alma aqui nestes retiros.
Suspiros lacrimosos,
Enchei-lhe de piedade os seus ouvidos,
Arrancai-lhe do peito mil gemidos;
Dizei-lhe que, cercado de agonia,
Vivo aqui nesta serra escura e fria.

Acompanhai meus ais, olhos saudosos.
Vertei copiosas lágrimas, vertei.
Estes amenos prados deleitosos
Agora humedecei.
Oh flores delicadas,
Do meu saudoso pranto rociadas!
Se para vos colher
Nalguma madrugada aqui vier
Essa formosa ninfa, que me adora,
Dizei-lhe que o orvalho cristalino
Não é da roxa aurora,
É dos olhos de Olino;
Dizei-lhe, claras fontes,
Que as águas deste montes
Vossa clara corrente não turbou;
Mas que foram as lágrimas, que a dor
Dos olhos arrancou
Ao seu fiel pastor.
Amantes rouxinóis, que enterneceis
Com vossas queixas meu aflito peito;

Dizei-me, tristes aves, se fazeis
No coração de Márcia o mesmo efeito —
De Márcia, por quem vivo, a quem adoro,
Por quem são estas lágrimas que choro.
. . . . . .

Idem, id.

4

A ESFERA AMOROSA

Entre estas verdes sombras, tão caladas,
Da luz da lua apenas perturbadas,
Neste ameno silêncio passar quero.
Aqui há-de vir ter por quem espero.
Aqui há-de vir ter! ... — Ah Ninfa! ah! quanto,
Ah! quanto já me tardas! ... Entretanto
Um violento fogo me devora;
Do peito o coração quer saltar fora.

Coração terno, quando pressentires
Que ela já se avizinha; quando a vires;
Quando junto ao seu peito te apertar;
Quando o seu também vires palpitar,
Temo que da ternura o forte efeito
Te faça rebentar dentro do peito.
Ah! que crueis receios! ... Que terríveis
Imagens me rodeiam! Quão possíveis,
E infalíveis sempre, quando o fado
Decreta atormentar um desgraçado:
— Se acaso não virá? ... Se pressentida
Seria? ... — Oh céus! A sua cara vida...
A terra é solitária e é fragosa,

A selva dilatada e tenebrosa...
Até dizem que nela alguns pastores
Têm visto feras! ... Deusa dos amores,
Afugenta tão fúnebres ideias,
E o frígido receio, que nas veias
Correr não deixa o sangue livremente.
Terei de ser em tudo descontente?

Ó fonte copiosa, que com brando
Murmúrio este bosque vais regando,
Mova-te à compaixão minha agonia,
Um doce sono aos olhos meus envia!
Ela em vindo há-de ver-me, há-de acordar-me...
Porém, não! De ti quero retirar-me,
Não quero adormecer... Céus! E quão louco
És ainda, Mirtilo!. . E, por um pouco,
Perder querias glória mais que humana?
Quando da tua Ninfa soberana
Ao longe pressentires as pisadas,
E o ruído das roupas delicadas;
Quando airosa movendo o pé ligeiro
Ao longo deste plácido ribeiro,
Com o favor da escassa luz da lua,
Vires que se avizinha a Ninfa tua;
— Oh! Ninfas destas árvores e fontes,
Não duvido que nestes férteis montes
Tenhais de amor sabido mil segredos;
Tereis visto e passado dias ledos;
Mas se os corações nossos ver pudésseis,
Eu vos juro que inveja nos tivésseis.

Vereis, Ninfas, a força tão incrível
De um ardor terno, ardor inextinguível,
Quando virdes voar-me arrebatado

Em a vendo — e em seus braços apertado
Nada poder dizer-lhe, e só no peito
Sentir de amor o coração desfeito;
E ambos de um só fogo consumidos,
Ambos sem cor, sem fala e sem sentidos!...

Ah! Mirtilo! Mirtilo!... Um desgraçado
Como tu, inda espera que há-de o fado
Conceder-lhe uma glória tão subida?
Cuidas que inda hás-de ter gosto na vida?...
Amor manda que espere; esperar quero.
Esta é a última vez que nele espero.
Vós, doces esperanças, e tu, Fado,
Que tanta vez me tendes enganado,
Vénus e Amor, ah! — basta de crueldade!
Ao menos uma vez tende piedade!
Deixai, deixai-me ver minha Marfida,
E por paga tomai — tomai a vida.

Idem, id.

5

ODE

Ditoso o que em paternas, poucas geiras
Seus desejos encerra e seus cuidados;
E respira, contente, o ar nativo
Em terra sua!

Seus gados lhe dão leite; pão seus campos,
Seus rebanhos vestidos; pelo estio,
Acha nas próprias árvores a sombra;
De inverno o lume.

Correm-lhe em um desleixo abençoado
Suavemente as horas, dias e anos;
Com saúde no corpo, paz no espírito,
Vela tranquilo.

O sono solto dorme; o estudo e cómodo
Possui unidos — lícito recreio —,
E com meditação mais saborosa
Goza o retiro.

Deixem-me assim viver desconhecido;
Deixem-me assim morrer, sem ser chorado;
Do mundo homisiado — e sem que a campa
Diga onde jazo.

Idem, id.

ABADE DE JAZENTE

(Paulino António Cabral)

SONETOS

1

Oh quanto vive alegre o que da Aldeia
À rústica vivenda se acomoda;
Adonde os campos lavra, as vides poda,
E em santa paz o seu casal grangeia.

Veste o burel peludo, e não receia
Que o culpe o mundo por faltar à moda;
E sem que tema da fortuna a roda,
Com gosto almoça, e com sossego ceia.

Teme a Deus, teme ao Rei, e assim procura
Lograr dos anos seus o giro inteiro,
Sem que o fim lhe antecipe a parca dura.

Até que em braços de um fiel herdeiro,
Ouvindo o Credo velho ao Padre Cura,
Morre feliz na fé do Carvoeiro.

Paulino Cabral de Vasconcelos, *Poesias*.

2

Oh mal haja da França a habilidade,
Que assim nos impingiu os seus costumes
Nas merendas, nos jogos, nos perfumes,
Com que vai estragando a mocidade.

Andarem de contínuo em sociedade
Os homens, e mulheres em cardumes,
Sem cautelas, receios, nem ciúmes;
E a isto hão-de chamar civilidade!

Olhai, homens coitados, a quem toca
Zelar a própria honra com desvelos,
Que a experiência a todos vos convoca:

Vigiai, e vereis, que esses Marmelos
Namoram com os olhos, com a boca,
Com os pés, com as mãos, e cotovelos.

Idem, id.

3

As sestas longas do fervente estio
Passo à sombra do rústico carvalho,
E, revergado ao tépido borralho,
As noites largas pelo inverno frio.

Nos lisos seixos do pequeno rio,
Vivas trutas em curva rede entralho,
A perdiz na esparrela, e sem trabalho
O coelho veloz caço no fio.

A fruta cômo, à própria mão colhida,
Bebo da pura fonte, e a rude gente
Já por uso parece-me polida.

Tudo aqui me consola; e, tão sòmente,
Para lograr de todo alegre a vida,
Falta-me Nize, de quem vivo ausente.

Idem, id.

MARQUESA DE ALORNA

1750-1839

1 — Aquele outeiro sombrio

CANTATA

Aquele outeiro sombrio
Está de névoas coberto;
Escorre entre canas, perto,
Fraco e murmurando, um rio.
Naquele negro pinhal,
Como tocha funeral,
Brilha modesta candeia,
Que ao pastor pobre alumeia
Com a luz embaciada;
Vem por corvos arrastada
A Tarde;
A luz apenas das estrelas arde!...
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Das frestas dos edifícios
Vergonhoso mocho voa,
E com seus uivos atroa
Os Génios dos malefícios;
Saiem Fadas peregrinas
A dançar sobre ruínas,
E vêm por entre perigos
Gnomos, trasgos, inimigos.

Alumeia
O pirilampo incerto esta coreia.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Estão todas apagadas
As luzes da *Outra-Banda;*
Pelas praças ninguém anda,
Vagam as sombras caladas.
Naquele triste convento
Dobra o sino sonolento;
O ar c'os sons esmorece.
O horizonte empalidece;
O vapor outonal
Cobre-o de um véu fatal,
Sombrio.
Suspira o vento e nasce o calafrio.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Vêm aflitos pensamentos,
Vêm desde Sintra queixosos,
Vagar ternos e medrosos
Ao redor de monumentos...
A campa de Isa alvejando,
A escuridão vai cortando...
Dorme a quieta africana...
Dormirá a raça humana...
Não rompe o mundo
Letargo tal, um sono tão profundo.
Da manhã,
Para os mortos, a graça, a luz é vã.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Com teu clarão moderado,
Que objecto me estás mostrando?
Que me estás afigurando,
Crepúsculo descorado?...
Sombra majestosa e cara,
Que nas mãos da Parca avara
Enches todo o meu sentido!
És tu, Hermínio querido?
Se te retrata a saudade,
Apaga as cores a realidade.
Entretanto,
O teu túmulo lava este meu pranto.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Sobre o teu marmóreo altar,
Onde oculto me magoas,
De plátano cinco c'roas
Venho hoje depositar.
Recebe, Armínio, a mais pura;
Duas leve-as a ternura,
De meu pranto comovida,
A Márcia, a Lília querida;
Aos dois penhores
Dos nossos tristes, doces amores,
Condoída,
Of'reço duas, of'recera a vida.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

2 — Sensíveis Passarinhos

CANÇÃO

Sensíveis Passarinhos, até quando
Nesses brandos gorjeios que formais
Haveis de copiar meus tristes ais?
Hei-de viver convosco suspirando?
Convosco falam
Estes gemidos,
Que, enternecidos,
Grutas, penhascos, montes, tudo abalam.

Quanta inveja vos tenho, ternas aves,
Que explicais, nesse canto delicado,
Talvez o mesmo que eu num triste brado,
E fazeis vossas mágoas mais suaves!
Oh! se algum dia
Eu, suspirando,
Tornasse brando
O motivo do mal que me agonia!...

Nos salgueiros, nas frescas bordas de água,
No tosco seio de algum tronco informe,
Asilo a vosso gosto achais conforme,
E eu choro em desamparo a minha mágoa.
Do fado injusto
Choro o delírio,
E o meu martírio
Grava amor em meu peito com bem custo.

Bem que, aves, fosseis ninfas engraçadas,
E que o fogo amoroso ou terna história
De vós mesmas conserve só memória,

Nos gestos infelizes transformadas,
Cortais libertas,
Gemendo, os ares,
E os meus pesares
Eu choro entre prisões, que, oh Fado, apértas!

Se a filha de Corónis sofre a pena
De ver perdido o gesto encantador,
Por clamorosos ais a mágoa, a dor
Faz ouvir a que Palas a condena.
Ao universo,
Voando, a explica,
Enquanto indica
Sòmente o que eu padeço um rude verso.

Eu vejo suspender-se a natureza
Aos ais que lá no centro do retiro
Exala Filomela; um só suspiro
Da voz não lhe interrompe a fortaleza.
Nem por ventura
Ressoa a gruta;
Atento a escuta
O bosque todo envolto em noite escura.

O quieto silêncio, a obscuridade,
Que geram mil saudosos pensamentos,
Parece que das aves aos tormentos
Por estímulo servem, de piedade,
Queixo-me em vão,
Pois meus gemidos
Ficam perdidos
Nesta insensível, negra solidão.

Basta, triste Canção, que a noite escura
Já manda recolher aos caros ninhos
Os suspirantes, ternos passarinhos,
E em vão lhes contò a minha desventura.
Quando nascer
A madrugada,
Eu, magoada,
Tornarei o silêncio a interromper.

3 — Os dois Cisnes

Moram dois Cisnes no mar
Que evitam com susto a praia.
Sua alvura faz cegar,
Sua luz como o Sol raia.
Entre juncos e salgueiros
Que, numa penha musgosa
Que forma a cela de um monge,
Lançam sombra pavorosa,
Esta veda a luz do dia,
E aumenta a melancolia.

Só do tecto do Castelo,
De entre o musgo gotejante
Espreitando, os olhos rompem
O ambiente verdejante.
Então ao longe apercebem
Os dois Cisnes prateados,
Seus gestos, e que repousam
Com os colos enlaçados.

Quando as dunas e os outeiros
Vai prateando o luar,
Sobre o fluante espelho
Vêem-se os cisnes navegar.
Um deles aflito vira
Para trás a vista amarga,
Como quem leva saudades
Do doce asilo que larga.

Quando o Sol nasce, desmaiam
Pela manhã as estrelas,
Toca a sineta do claustro
Das penitentes donzelas,
Então cada qual dos cisnes
Na fugida se disputa,
E com rápida carreira
Procura a sombria gruta.

Por este modo lidaram
Muito tempo nestes lares;
E a Fama já lhes chamava
Dois amantes singulares.
É feliz quem vive amando
Em suave companhia;
Do seu bem se não separa
Um só instante, um só dia.

Nisto um sonoro gemido
Retiniu na praia um dia,
Motivado duma flecha
Que o peito a um deles feria.
De sangue purpúreo jorro
Pelo golpe lhe saiu,
E com ele o folgo, a vida
Para sempre lhe exauriu.

O companheiro fiel,
Junto dele vigiando,
Nem comida, nem socorro
Quis ir de alguém aceitando.
Do alvíssimo cadáver
Cobriu com junco a ferida,
E por três dias e noites
Canta a fatal despedida.

Triste Cisne! melhor fora
Acabar também agora.
Muito mais sofre que a morte
Quem perpètuamente chora,
Quem com olhos quebrantados
Pranteia os casos passados.

CAPÍTULO VI

A NOVA LITERATURA PORTUGUESA NO BRASIL

TEXTOS POÉTICOS DE:

Cláudio Manuel da Costa
Alvarenga Peixoto
Silva Alvarenga
Gonzaga
Basílio da Gama
Santa Rita Durão

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

1729-1780

SONETOS

1

Onde estou! Este sítio desconheço;
Quem fez tão diferente aquele prado!
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado:
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era:
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

2

Campos, que ao respirar meu triste peito,
Murcha e seca tornais vossa verdura,
Não vos assuste a pálida figura,
Com que o meu rosto vedes tão desfeito.

Vós não vistes um dia o doce efeito
Cantar do Deus de Amor e da ventura;
Isso já se acabou; nada já dura;
Que tudo à vil desgraça está sujeito.

Tudo se muda enfim: nada há, que seja
De tão nobre, tão firme segurança,
Que não encontre o fado, o tempo, a inveja.

Esta ordem natural a tudo alcança;
E se alguém um prodígio ver deseja,
Veja meu mal, que só não tem mudança.

INÁCIO JOSÉ ALVARENGA PEIXOTO

1744-1793

SONETO

1

Eu vi a linda Estela, e namorado
Fiz logo eterno voto de querê-la;
Mas vi depois a Nize, e a achei tão bela,
Que merece igualmente o meu cuidado.

A qual escolherei, se neste estado
Não posso distinguir Nize de Estela?
Se Nize vir aqui, morro por ela;
Se Estela gora via, fico abrasado.

Mas, ah! que aquela me despreza amante,
Pois sabe que estou preso em outros braços,
E esta não me quer por inconstante.

Vem, Cupido, soltar-me destes laços;
Ou faz de dois semblantes um semblante,
Ou divide o meu peito em dois pedaços!

2

LIRA

A Bárbara Heleodora, sua esposa, remetidas do cárcere da Ilha das Cobras

Bárbara bela,
Do Norte estrela,
Que o meu destino
Sabes guiar,
De ti ausente,
Triste, sòmente,
As horas passo
A suspirar.

Por entre as penhas,
De incultas brenhas,
Cansa-me a vista
De te buscar;
Porém não vejo
Mais que o desejo,
Sem esperança
De te encontrar.

Eu bem queria
A noite e o dia
Sempre contigo
Poder passar;
Mas orgulhosa
Sorte invejosa,
Desta fortuna
Me quer privar.

Tu, entre os braços,
Ternos abraços
Da filha amada
Podes gozar;
Priva-me a estrela
De ti e dela,
Busca dois modos
De me matar!

Manuel Inácio da Silva Alvarenga

1749-1818

1 — Madrigal I

Suave fonte pura,
Que desces murmurando sobre a areia,
Eu sei que a linda Glaura se recreia
Vendo em ti de seus olhos a ternura;
Ela já te procura;
Ah! como vem formosa e sem desgosto!
Não lhe pintes o rosto:
Pinta-lhe, ó clara fonte, por piedade,
Meu terno amor, minha infeliz saudade.

2 — Madrigal XLVI

Ó garça voadora,
Se além do golfo inclinas os teus giros,
Ah, leva os meus suspiros
À mais gentil pastora destes montes!
Não temo que te enganes; prados, fontes,
Tudo se ri com ela;
Não é, não é tão bela,
Quando surge no céu, purpúrea aurora;
Ó garça voadora,
Se além do golfo inclinas os teus giros,
Ah! leva por piedade os meus suspiros.

3 — Glaura dormindo

Voai, zéfiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bela está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

Mais me elevam sobre o feno
Suas faces encarnadas,
Do que as rosas orvalhadas
Ao pequeno beija-flor.
O descanso, a paz contente
Só respiram nestes montes:
Sombras, penhas, troncos, fontes,
Tudo sente um puro ardor.

Voai, zéfiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bela está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

O silêncio, que nem ousa
Bocejar e só me escuta,
Mal se move nesta gruta,
E repousa sem rumor.
Leve sono, por piedade,
Ah!, derrama em tuas flores
O pesar, a mágoa, as dores,
E a saudade do pastor!

Voai, zéfiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bela está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

Se nos mares aparece
Vénus terna e melindrosa,
Glaura, Glaura mais formosa
Lhe escurece o seu valor.
No vestido azul e nobre
É sem oiro e sem diamante,
Qual a filha de Thaumante,
Que se cobre de esplendor.

Voai, zéfiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bela está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

É suave o seu agrado
A meus olhos nunca enxutos,
Como são os doces frutos
Ao cansado lavrador.
Mas longe da ventura,
Às mudanças vivo afeito,
Encontrando no seu peito
Já brandura e já rigor!

Voai, zéfiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bela está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

TOMÁS ANTÓNIO GONZAGA

1744-1810

1 — Eu, Marília, não sou algum vaqueiro

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte:
Dos anos ainda não está cortado;
Os pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o próprio Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste,
Nem canto letra que não seja minha.
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil pastora,
Depois que o teu afecto me segura
Que queres do que tenho ser senhora.

É bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra o monte e pradó;
Porém, gentil pastora, o teu agrado
Vale mais que um rebanho e mais que um trono.
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do sol em vão se atreve;
Papoila ou rosa delicada e fina
Te cobre as faces, que são cor da neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo bálsamos vapora.
Ah! não, não fez o Céu, gentil pastora,
Para glória de amor igual tesouro!
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado;
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rês, o nédio gado.
Já destes bens, Marília, não preciso
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marília, basta
Que os olhos movas, e me dês um riso.
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marília, no meu braço;
Aqui descansarei a quente sesta,
Dormindo um leve sono em teu regaço.

Enquanto a luta jogam os pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabelos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela!

Depois que nos ferir a mão da morte,
Ou seja neste monte, ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dois a mesma terra.
Na campa rodeada de ciprestes,
Lerão estas palavras os pastores:
«Quem quiser ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos que nos deram estes.»
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela!

2 — Vou retratar a Marília

Vou retratar a Marília,
A Marília, meus amores;
Porém como, se eu não vejo
Quem me empresta as finas cores:
Dar-m'as a terra não pode;
Não, que a sua cor mimosa
Vence o lírio, vence a rosa,
O jasmim, e as outras flores.
Ah socorre, Amor, socorre
Ao mais grato empenho meu!
Voa sobre os Astros, voa,
Traze-me as tintas do Céu.

Mas não se esmoreça logo,
Busquemos um pouco mais,
Nos mares talvez se encontrem
Cores que sejam iguais.
Porém não, que em paralelo
da minha Ninfa adorada
Pérolas não valem nada
E nada valem corais.
Ah socorre, Amor, socorre
Ao mais grato empenho meu!
Voa sobre os Astros, voa,
Traze-me as tintas do Céu.

Só no Céu achar-se podem
Tais belezas, como aquelas,
Que Marília tem nos olhos,
E que tem nas faces belas.
Mas às faces graciosas,
Aos negros olhos que matam,
Não imitam, não retram
Nem Auroras nem Estrelas.
Ah socorre, Amor, socorre
Ao mais grato empenho meu!
Voa sobre os Astros, voa,
Traze-me as tintas do Céu.

Entremos, Amor, entremos,
Entremos na mesma Esfera:
Venha Palas, venha Juno,
Venha a deusa de Citera.
Porém não, que se Marília
No certame antigo entrasse
Bem que a Páris não peitasse,
A todas as três vencera.

Vai-te, Amor, em vão socorres
Ao mais grato empenho meu:
Para formar-lhe o retrato,
Não bastam tintas do Céu.

3 — Acaso são estes

Acaso são estes
Os sítios formosos,
Aonde passava
Os anos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Enquanto pastava
O manso rebanho,
Que Alceu me deixou?
São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Daquele penhasco
Um rio caía;
Ao som do sussurro
Que vezes dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas:
Parece que o rio
O curso voltou.

São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Meus versos, alegre,
Aqui repetia;
O eco as palavras
Três vezes dizia.
Se chamo por ele
Já não me responde;
Parece se esconde
Cansado de dar-me
Os ais, que lhe dou.
São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Aqui um regato
Corria sereno
Por margens cobertas
De flores e feno;
À esquerda se erguia
Um bosque fechado,
E o tempo apressado,
Que nada respeita,
Já tudo mudou.
São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Mas como discorro?
Acaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço de um dia?
Existem as fontes
E os freixos copados;
Dão flores os prados,
E corre a cascata,
Que nunca secou.
São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Minha alma, que tinha
Liberta a vontade,
Agora já sente
Amor e saudade.
Os sítios formosos,
Que já me agradaram,
Ah! não se mudaram;
Mudaram-se os olhos,
De triste que estou.
São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

4 — Nesta triste masmorra

Nesta triste masmorra,
De um semi-vivo corpo sepultura,
Inda, Marília, adoro
A tua formosura.
Amor na minha ideia te retrata;
Busca, extremoso, que eu assim resista
À dor imensa, que me cerca e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:
Vejo o teu rosto e escuto
A tua voz e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos;
Eu beijo a tíbia luz em vez da face,
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a ilusão minha;
A violência da mágoa não suporto;
Foge-me a vista e caio,
Não sei se vivo ou morto.
Enternece-se Amor de estrago tanto;
Reclina-me no peito, e com mão terna
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento
Por largo espaço a imagem de um defunto,
Movo os membros, suspiro,
E onde estou pergunto.
Conheço então que Amor me tem consigo;
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe digo:

— Se queres ser piedoso,
Procura o sítio em que Marília mora,
Pinta-lhe o meu estrago,
E vê, Amor, se chora,
Se, as lágrimas verter, a dor a arrasta.
Uma delas me traze sobre as penas,
E para alívio meu só isto basta.

Da *Marília de Dirceu*.

JOSÉ BASÍLIO DA GAMA

1740-1795

1

MORTE DE LINDÓIA

Não faltava,
Para se dar princípio à estranha festa,
Mais que Lindóia. Há muito lhe preparam
Todas de brancas penas revestidas,
Festões de flores as gentis donzelas.
Cansados de esperar, ao seu retiro
Vão muitos impacientes a buscá-la.
Estes de crespa Tanajura aprendem
Que entrara no jardim triste e chorosa,
Sem consentir que alguém a acompanhasse.
Um frio susto corre pelas veias
De Caitutú, que deixa os seus no campo;
E a irmã por entre as sombras do arvoredo
Busca co'a vista, e treme de encontrá-la.
Entram, enfim, na mais remota e interna
Parte de antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Célebre, uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins e rosas.
Este lugar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer, a mísera Lindóia.

Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores;
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um fúnebre cipreste, que espalhava
Melancólica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seus corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços; e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobressaltados,
e param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem de chamá-la, e temem
Que desperte assustada e irrite o monstro,
E fuja e apresse no fugir a morte.
Porém o destro Caitutú, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quis três vezes
Soltar o tiro, e vacilou três vezes
Entre a ira e o temor. Enfim sacode
O arco, e faz voar a aguda seta,
Que toca o peito de Lindoia, e fere
A serpente na testa; e a boca e os dentes
Deixou cravado no vizinho tronco.
Açouta o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros
Se enrosca no cipreste, e verte envolto
Em negro sangue o lívido veneno.

Leva nos braços a infeliz Lindóia
O desgraçado irmão, que ao despertá-la
Conhece — com que dor! — no frio rosto
Os sinais do veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos, em que amor reinava um dia,
Cheios de morte, e muda aquela língua,

Que ao surdo vento e aos ecos tantas vezes
Contou a larga história de seus males.
Nos olhos Caitutú não sofre o pranto,
E rompe em profundíssimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já trémula gravado
O alheio crime e a voluntária morte...
Inda conserva o pálido semblante
Um não sei quê de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece:
Tanto era bela no seu rosto a morte!

Do poema *Uraguai*.

JOSÉ DA SANTA RITA DURÃO

(1722-1784)

MOEMA

É fama então que a multidão formosa
Das damas que Diogo pretendiam,
Vendo avançar-se a nau na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam;
Entre as ondas com ânsia furiosa
Nadando, o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta água, que flutua vaga,
O ardor que o peito tem banhado, apaga.

Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espectáculo assombrada,
E ignorando a ocasião da estranha empresa
Pasma da turba feminil que nada:
Uma que às mais precede em gentileza
Não vinha menos bela do que irada;
Era Moema que de inveja geme
E já vizinha a nau, se apega ao leme.

«Bárbaro (a bela diz) tigre e não homem!...
Porém o tigre, por cruel que brame,
Acha forças, amor, que enfim o domem,
Só a ti não domou por mais que eu te ame.

Fúrias, raios, coriscos que o ar consomem
Como não consumis aquele infame?
Mas pagar tanto amor como tédio e asco...
Ah que o corisco és tu... raio... penhasco!

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Não me ofenderas a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano;
Porém, deixando o coração cativo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e d'esta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

Tão dura ingratidão menos sentira,
E esse fado cruel doce me fora,
Se a meu despeito triunfar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora!
Por serva, por escrava, te seguira
Se não temera de chamar senhora
A vil Paraguaçú que, sem que o creia,
Sobre ser-me inferior, é néscia e feia.

Enfim tens coração de ver-me aflita
Flutuar moribunda entre estas ondas,
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai sòmente com que aos meus respondas!
Bárbaro, se esta fé teu peito irrita
(Disse vendo-o fugir) ah, não te escondas!
Dispara sobre mim teu cruel raio!...»
E indo dizer o mais, cai num desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pálida a cor, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor soltando o leme,
Entre as salsas espumas desce ao fundo.

Mas, na onda do mar, que irado freme,
Tornando a aparecer, desde o profundo:
«Ah Diogo cruel!» disse com mágoa,
E sem mais vista ser sorveu-se n'água.

Choraram da Baía as ninfas belas,
Que, nadando, a Moema acompanhavam;
E, vendo que sem dor navegam delas,
À branca praia com furor tornavam.
Nem pode o claro herói sem pena vê-las,
Com tantas provas que de amor lhe davam;
Nem mais lhe lembram o nome de Moema
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

Do *Caramuru*, canto VI.

IDADE ROMÂNTICA

SÉCULOS XIX E XX

Período do Romantismo

Desde a publicação do poema «Camões» até 1865

CAPÍTULO I

ALMEIDA GARRETT

O poeta, o romancista e o dramaturgo

ALMEIDA GARRETT

(1799-1854)

1 — Invocação do poema «Camões»

Saudade! gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o íntimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera,
— Mas dor que tem prazeres — Saudade!
Misterioso númen que aviventas
Corações que estalaram, e gotejam
Não já sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lágrimas — Saudade!
Mavioso nome que tão meigo soas
Nos lusitanos lábios, não sabido
Das orgulhosas bocas dos Sicambros
Destas alheias terras — ó Saudade!
Mágico númen que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitário amigo,
Do vago amante à amada inconsolável,
E até ao triste, ao infeliz proscrito,
— Dos entes o misérrimo na terra —
Ao regaço da pátria em sonho levas
— Sonhos que são mais doces do que amargo,

Cruel é o despertar! — Celeste númen,
Se já teus dons cantei e os teus rigores,
Em sentidas endeixas, se piedoso
Em teus altares húmidos de pranto
Depus o coração que inda arquejava
Quando arranquei do peito malsofrido
À foz do Tejo — ao Tejo, ó deusa, ao Tejo
Me leva o pensamento que esvoaça,
Tímido e acobardado entre os olmedos
Que as pobres águas deste Sena regam,
Do outrora ovante Sena. Vem, no carro
Que pardas rolas gemedoras tiram,
A alma buscar-me que por ti suspira.

Camões — Canto I,

2 — A conversar co'as pedras solitárias

Eu vi sobre as cumiadas das montanhas
De Albion soberba as torres elevadas
Inda feudais memórias recordando
Dos Bretões semi-bárbaros. Errante
Pela terra estrangeira, peregrino
Nas solidões do exílio, fui sentar-me
Na barbacã ruinosa dos castelos,
A conversar co'as pedras solitárias,
E a perguntar às obras da mão do homem
Pelo homem que as ergueu. A alma enlevada
Nos românticos sonhos, procurava
Aureas ficções realizar dos bardos;
Murmurei os tremendos esconjuros
Do Scaldo sabedor; — falei aos écos
Das ruínas a língua consagrada

Dos menestreis; — perfiz solenemente
Todo o rito; invoquei firme e sem medo
Os génios misteriosos, as aéreas
Vagas formas na virgem d'alvas roupas
Que, as tranças de ouro penteando ao vento,
Canta as canções dos tempos que passaram
Ao som da harpa invisível que lhe tangem
Os domados espíritos que a servem,
Como o subtil Ariel, por invencível,
Encantado feitiço.

— Ou mal ouvido
Foi o invocar do menestrel estranho,
Ou triste realidade dissipava
Fantasias de vates. Nem seteiras
Me bruxuleavam namoradas cores
De bordado talim, sérica banda
Por mão furtiva de gentil donzela
Deitada em hora escusa ao cavaleiro
Que aventuras correr se vai ao Oriente
E a ganhar do infiel a Terra Santa.
Nem, d'além vales, nos corcéis armados
Vi descidas viseiras, peitos de aço
Onde se espelha vacilante a lua,
Enquanto aguardam que da ameia soe
Corno de anão que abata a erguida ponte.
Não vi quadrigas de vistosas justas
Nas praças d'armas à lançada viva
Disputar-se o colar de ouro maciço,
Prémio do vencedor, por mãos bem lindas
Ao peito inda sangrento pendurado.

Nada!... Só pelos fossos entupidos
Do desfolhar do outono, e bronco entulho

Dos muros derrocados, — soltas pedras
E imunda terra à vista afiguravam
Insepultos cadáveres, golpeados
Membros, inda cobertos de aço e ferro,
Dos que em contenda injusta pareceram
Pelo vaidoso orgulho ou vão capricho
Do castelão soberbo. Nas ameias
Se me antolhavam hórridas cabeças
Hirta a grenha, co'as carnes laceradas
Do corvo — certo amigo dos tiranos,
Que regalado o trazem. Tristes vítimas!
Mais crime não teriam que a vontade
Do imperioso senhor, que a seus vassalos
Vilões de sua terra — seus como ela —
Quis do poder que tem mostrar a alçada.

Ao pé dessas janelas recortadas,
Em que inda o tempo conservou resquícios
Dos já pintados vidros, fresta escassa
Dá luz medonha à escuridão sombria
De fétidas masmorras inda inteiras,
Mais duradouras que os salões dourados:
Como se a idade, que destruiu palácios,
Memórias de prazer, luxos, pompas,
Catasse mais respeito a tais vestígios
De atrocidade e crimes, — e escrevesse,
Ao passar, com a fouce enferrujada,
No limiar dessas portas: Escarmento
Às gerações porvir. — Doía-me a alma
Na solidão das ruínas; e a lembranças
Mais gratas me fugia o pensamento,
Para os vergéis da pátria esvoaçando.

Idem, id.

3 — Camões chora a morte de Catarina Ataíde

«Correi sobre estas flores desbotadas,
Lágrimas tristes minhas, orvalhai-as,
Que a aridez do sepulcro as tem queimado.
Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

«O viço de meus anos se há murchado
Nas fadigas, no ardor sevo de Marte;
Estranhas praias, ignoradas gentes,
Bárbaros cultos vi; gemi na angústia,
Penei ao desamparo, em soledade;
Vaguei sòzinho à míngua e sem conforto
Pelos palmares onde ruge o tigre:
Tudo sofri no alento duma esp'rança
Que, no instante de vê-la, me há fugido...
Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

«Longe, por esse azul dos vastos mares,
Na soidão melancólica das águas
Ouvi gemer a lamentosa Alcione,
E com ela gemeu minha saudade.
Alta a noite, escutei o carpir fúnebre
Do nauta que suspira por um túmulo
Na terra de seus pais; e aos longos pios
Da ave triste ajuntei meus ais mais tristes...
Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

«Os ventos pelas gáveas sibilaram;
Duras rajadas de escarcéu tremendo
As descosidas pranchas semeavam

Pelas cavadas ondas... Feia a morte
Nos acenou co'as as roxas agonias
Malditas da esperança... — E eu só a via;
Eu só, na cerração da tempestade,
Via brilhar a luz da meiga estrela,
Único norte meu. Por mar em fora
Os duros membros negros estendia
Esse gigante cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi, primeiro a seus amores
Corri o véu dos interpostos séculos:
Quis-me punir do ousado sacrilégio
Com que os segredos seus vulguei na lira.
As iras lhe arrostei, ouvi sem medo
Os amarelos dentes a ranger-lhe
Por entre os furacões d'atra procela.
Vi-o a esquálida barba, de despeito
Arrepelar-se e a cor terrena e pálida
Ao clarão dos relâmpagos luzir-lhe,
Da sanguinosa cólera inflamada.
Não me aterrou, que do almejado porto
Me iluminava o farol de luz amiga...
Lume consolador, fanal de esperança,
Quando na praia já, sem luz me deixas!
Engano lisonjeiro da existência,
Que verdade cruel te há dissipado?
Que ímpia mão te ceifou no ardor da sesta,
Rosa de amor, rosa purpúrea e bela?

«Os ecos das soidões que leva o Ganges,
As veigas onde cresce a palma do Indo
Aprenderam teu nome, e o meigo acento
De minha branda lira repetindo,
No sussurro das folhas rescendentes
A filha de Ciniras murmurava;

Seus perfumados troncos, entalhados
Por minhas mãos, embalsamado pranto
Ao receber teu nome derramavam:
A criminosa Mirra parecia
De tão virtuoso amor envergonhar-se...
Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

Ó gruta de Macau, soidão querida,
Onde tão doces horas de tristeza,
De saudade passei! gruta benigna
Que escutastes meus lânguidos suspiros,
Que ouviste minhas queixas namoradas,
Ó fresquidão amena, ó grato asilo
Onde me ia acoitar de acerbas mágoas,
Onde amor, onde a pátria me inspiraram
Os maviosos sons e os sons terríveis
Que hão-de afrontar os tempos e a injustiça!
Tu guardarás no seio os meus queixumes,
Tu contarás às porvindouras eras
Os segredos de amor que me escutaste,
E tu dirás a ingratos portugueses
Se português eu fui, se amei a Pátria,
Se, além dela e do amor, por outro objecto
Meu coração bateu, lutou meu braço
Ou modulou meu verso eternos carmes.
Pátria, pátria, rival tu foste d'*Ela!*
Tu me ficaste só, não desampares
Quem por *Ela* e por ti sofreu constante.
Quem por ti só agora o fio extremo
Ténue conserva da existência aflita...
Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

«Desamparou-me! — Triste e sem conforto
Fiquei só, neste vale de amargura.
Linda, mimosa flor, à sombra tua,
Rasteira grama, vegetava apenas
Minha tímida esp'rança: amareleço,
Desabrigada planta, ao sopro ardente
Do norte queimador. — Quem te há cortado,
Quem, rainha das flóridas campinas
Te decepou sem dó — que faz, que espera,
Que não leva também, que não arranca
A humilde ervinha que sem ti falece?
Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,
Oh, leva-me contigo à campa fria.»

Canção, canção de morte era esta sua,
Que em tom carpido os montes repetiam
Da umbrosa Sintra. Sobre um calvo cerro
Da pedregosa encosta da montanha
Que os mouriscos torreões inda coroam,
Assim cantava aos sossegados ventos,
Qual moribundo cisne gorjeando
Pelas ribas do Eurotas. Parecia
Que manso pelas auras suspirava
A enternecida Inês, vendo o seu vate,
Seu imortal cantor, gemer como ela.
Ele uma seca, emurchecida c'roa
De desfolhadas rosas apertava
No ansiado peito; a fio e fio as lágrimas
— Embalde! — sobre as flores ressequidas
Corriam da grinalda; o acre do pranto
Mais lhe queimava a tez: não torna ao viço
Flor que poisou na lousa do sepulcro.

Camões — Canto V.

4 — Aben Afan

Quem é este guerreiro muçulmano,
Que tão gentil, tão majestoso brilha
Nas pitorescas árabes alfaias
Que o talhe heróico, o altivo porte, a graça
Esbelta, de marcial beleza, arreiam?
Branca em torno da fronte em três dobradas
Voltas o cinge estofa resplendente
como a neve nos picos anuveados
Da serra das Estrelas. Puras virgens
A deduzirem em lidados fusos,
De Alvor nos verdes plainos, e a teceram
Ao som das namoradas cantilenas
Dos romances do Oriente, que as memórias
Contam de avós nas terras apartadas
Donde vieram ao reclamo tredo
Do vingativo pai pela ofendida
Honra da loira virgem. — Encurvadas
Em demi-lunar círculo rebrilham
A esmeralda, da cor dos verdes campos,
A safira, que o azul do céu reflecte,
E as ametistas, roxas como a humilde
Violeta modesta, que se esconde
Do Sol criador na flórea primavera.
Olhos negros — tão negros como as tranças
Que, ao destoucar-se, a noite esparze longas
Pelas ebúrneas costas — vivo lume
E o fogo da progénie do deserto,
Do rosto baço, como tochas, lançam,
Acesas no aguçado minarete
À hora das preces, na mesquita. Baço,
Baço é o rosto — que o sol crestou as faces,

Há longas gerações, da raça altiva
Dos filhos do ermo, — porém belo, e cheio
De animada expressão; e o vivo realçam
Carmim das faces crespos fios de ébano,
Que em anéis romanescos lhe dividem
O bem fendido, nítido bigode.
Forra-lhe o peito cota de aço fino
Entalhada em lavor custoso de oiro.
Longo, pesado e curvo, o alfange pende-lhe
Fiel à esquerda: a morte se há postado
Nos gumes desse alfanje, e d'aí colhe
Ampla ceifa de vidas. Quantas lágrimas
De viúvas, d'órfãos, nesses feros gumes
Corrido têm, sem lhe embotar os fios,
Sem lhe embaciar a lâmina brilhante!

D. Branca — Canto II.

5 — As Minhas Asas

Eu tinha umas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Que, em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao céu.
— Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que m'as deu.
Eu inocente como elas,
Por isso voava ao céu.

Veio a cobiça da terra,
Vinha para me tentar;
Por seus montes de tesouros
Minhas asas não quis dar.

— Veio a ambição co'as grandezas,
Vinham para mas cortar,
Davam-me poder e glória;
Por nenhum preço as quis dar.

Porque as minhas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao céu.

Mas uma noite sem lua
Que eu contemplava as estrelas,
E já suspenso da terra
la voar para elas,
— Deixei descair os olhos
Do céu alto e das estrelas...
Vi, entre a névoa da terra,
Outra luz mais bela que elas.

E as minhas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Já não se erguiam ao céu.

Cegou-me essa luz funesta
De enfeitiçados amores...
Fatal amor, negra hora
Foi aquela hora de dores!
— Tudo perdi nessa hora
Que provei nos meus amores,
O doce fel do deleite,
O acre prazer das dores.

E as minhas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Pena a pena me caíram...
Nunca mais voei ao céu.

Das *Flores sem Fruto.*

6 — Os Cinco Sentidos

São belas — bem o sei, essas estrelas,
Mil cores — divinais têm essas flores;
Mas eu não tenho, amor, olhos para olhar.
Em toda a natureza
Não vejo outra beleza
Senão a ti — a ti!

Divina — ai! sim, será a voz que afina
Saudosa — na ramagem densa, umbrosa.
Será, mas eu do rouxinol que trina
Não oiço a melodia,
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti — a ti!

Respira — n'aura que entre as flores gira,
Celeste — incenso de perfume agreste.
Sei... não sinto: minha alma não aspira,
Não percebe, não toma
Senão o doce aroma
Que vem de ti — de ti!

Formosos — são pomos saborosos,
É um mimo — de néctar o racimo:
E eu tenho fome e sede... sequiosos,

Famintos meus desejos
Estão... mas é de beijos,
É só de ti — de ti!

Macia — deve a relva luzidia
Do leito — ser por certo em que me deito;
Mas quem, ao pé de ti, quem poderia
Sentir outras carícias,
Tocar noutras delícias
Senão em ti — em ti!

A ti! ai, a ti só os meus sentidos
Todos num confundidos,
Sentem, ouvem, respiram;
Em ti, por ti deliram.
Em ti a minha sorte,
A minha vida em ti:
E quando venha a morte
Será morrer por ti.

Das *Folhas Caídas.*

7 — Guimar

Era a menina mais linda
Que naquela terra havia;
Tão formosa e tão discreta
De outra igual se não sabia.
Muito lhe quer Dom João,
Muito de mais lhe queria;
Seus amores, seus requebros
Não cessam de noite e dia.
Por fidalgo e gentil moço
Ninguém tanto a merecia;

Senão que o Pai donzela
Outro conselho seguia:
Casá-la quer muito rica
com um mercador que aí havia,
Sem fazer caso de amores,
Sem lhe importar fidalguia.
Dom João, quando isto soube,
Por pouco se não morria.
Foi-se dali muito longe
Sem dizer para onde ia.
Três meses por lá andou,
Três meses nessa agonia;
A vida que lhe pesava
Sofrê-la já não podia.
Mandou selar seu cavalo
Sem cuidar no que fazia;
Deitou por esses caminhos
Sem saber adonde ia.
O cavalo é quem mandava
Cavaleiro obedecia.
Passou por terras e terras,
Nenhuma não conhecia.
À sua tinha chegado
Onde estava não sabia.
Era por manhã de Maio,
Todo o campo florescia,
Os passarinhos cantavam,
O prado verde sorria;
Lá de dentro da cidade
Um triste clamor se ouvia.
Eram sinos a dodrar,
E era toda a clerezia,
Eram nobres, era povo
Que da igreja saía...

Entrou as portas a dentro,
De rua em rua seguia,
Chegou à de sua dama,
Essa sim que a conhecia.
As casas onde morava,
As janelas aonde a via,
Tudo é coberto de preto,
Mais preto que ser podia.
Mandou chamar uma dama
que ela consigo trazia:
— «Dizei-me por Deus, Senhora,
Dizei-me por cortesia,
Por quem trazeis, que sorria?»
— «Trago-o por minha senhora,
Dona Guimar de Mexia,
Que é com Deus a sua alma,
Seu corpo na terra fria.
E por vós foi, Dom João,
Por vosso amor que morria.»
Dom João quando isto ouviu
Por morto em terra caía,
Mas a dor era tamanha
Que à força dela vivia.
Os seus olhos não choravam,
Sua boca não se abria.
Mirava a gente em redor
Para ver o que faria.
Vestiu-se todo de preto,
Mais preto que ser podia,
Foi-se direito à igreja
Onde sua dama jazia:
«Eu te rogo, sacristão,
Por Deus e Santa Maria,
Eu te rogo que me ajudes

A erguer esta campa fria».
Aí a viu tão formosa
Tal como dantes, a via;
Aí morta, sepultada,
Inda outra igual não havia,
Pôs os joelhos em terra,
Os braços ao céu erguia,
Jurou a Deus e à sua alma
Que mais não a deixaria.
Puxou do seu punhal de oiro,
Que na cintura trazia,
Para a acompanhar na morte
Já que em vida não podia.
Mas não quis a Virgem Santa,
A Virgem Santa Maria,
Que assim se perdesse uma alma
Que só de amor se perdia.
Por juízo alto de Deus
Um milagre se fazia:
A defunta a mão direita
Ao seu amante estendia,
Seus lindos olhos se abriram,
A sua boca sorria;
Volta a vida que se fora,
Com todo o amor que não se ia.
Seu pai, o foram buscar,
Que já estava na agonia;
Vêm amigos, vêm parentes,
Todos em grande alegria.
Dão graças à Santa Virgem,
Cujo milagre seria;
E a Dom João dão a esposa,
Que tão bem a merecia.

Do *Romanceiro*.

8 — Carta de Carlos a Joaninha

É a ti que escrevo. Joana, minha irmã, minha prima, a ti só.

Com nenhum outro dos meus não posso nem ouso falar. Nem eu já sei quem são os meus: confunde-se, perde-se-me esta cabeça nos desvarios do coração. Errei com ele, perdeu-me ele... Oh! bem sei que estou perdido.

Perdido para todos, e para ti também. Não me digas que não: tens generosidade para o fazer, mas não o digas. Tens generosidade para o pensar, mas não podes evitar de o sentir.

Eu estou perdido.

E sem remédio, Joana, porque a minha natureza é incorrigível. Tenho energia de mais, tenho poderes de mais no coração. Estes excessos dele me mataram... e me matam. Tu não compreendes isto. Joaninha, não me entendes decerto; e é difícil.

És mulher, e as mulheres não entendem os homens. Sempre o entrevi, hoje sei-o perfeitamente. A mulher não pode nem deve compreender o homem. Triste da que chegar a sabê-lo!

E daí... quando se tem de morrer, antes saber a morte de que se morre do que expirar na ignorância do mal que nos matou.

Tu és jovem e inexperiente, a tua alma está cheia de ilusões doces: vou dissipar-tas enquanto se não condensam, que te ofusquem a razão e te deixem para sempre escrava cega do maior inimigo que temos — o coração.

Quero contar-te a minha história: verás nela o que vale um homem.

Sabe que os não há melhores do que eu, e, tão bons, poucos. Olha o que será o resto!

Tu não ignoras já hoje o porque fugi da casa materna: sabia-a manchada de um grande pecado, e imaginei-a poluída de um enorme crime.

Esse homem que é meu pai, não o podia ver; hoje que sei o que ele me é... Deus me perdoe, que ainda o posso ver menos!

Minha avó, julguei-a cúmplice no crime; ela só o era no pecado. Perdoe-lhe Deus; e bem pode e bem deve, já que a fez tão fraca. Minha pobre mãe sucumbiu por sua culpa, por sua irremissível complacência...

Deus pode e deve, repito... mas eu, como lhe hei-de perdoar eu este rubor que sinto nas faces ao nomear minha mãe.

Tem padecido e sofrido muito... coitada! A sua penitência é um martírio, a sua velhice uma longa paixão, e esse homem, que a perdeu, um verdugo sem piedade. Mas tudo isso é com Deus, não é comigo.

Eu sou filho; minha mãe morreu sem perdoar — não posso perdoar eu.

E quem me há-de perdoar a mim? Ninguém, nem quero. Não serás tu, minha irmã; não, que não deves. Porque eu amei-te com um coração que já não era meu; aceitei o teu amor sem o merecer, sem o poder possuir, traí quando te amava, senti quando to disse, menti-te a ti, menti-me a mim, e não guardei verdade a ninguém.

Mas espera, ouve; deixa-me ver se posso atar o fio desta minha incrível história-incrível para ti, bem simples para quem conheça o coração do homem.

Sai de Portugal, e posso dizer que não tinha amado ainda. Inclinações de criança, galanteios de sociedade, ligações que nasceram da vaidade, ou que só os sentidos alimentam, não merecem o nome de amor.

Eu não tinha amado.

Há três espécies de mulheres neste mundo: a mulher que se admira, a mulher que se deseja e a mulher que se ama.

A beleza, o espírito, a graça, os dotes de alma e do corpo geram a admiração.

Certas formas, certo ar voluptuoso criam o desejo.

O que produz o amor não se sabe; é tudo isto às vezes, e mais do que isto, não é nada disto.

Não sei o que é; mas sei que se pode admirar uma mulher sem a desejar, que se pode desejar sem a amar.

O amor não está definido, não o pode ser nunca. O amor verdadeiro; que as outras coisas não são isso.

Eu vivi poucos meses em Inglaterra: mas foram os primeiros que posso dizer que vivi. Levou-me o acaso, o destino — a minha estrela, porque eu ainda creio nas estrelas, e em pouco mais deste mundo creio já — levou-me ao interior de uma família elegante, rica de tudo o que pode dar distinção neste mundo.

Estranhei aqueles hábitos de civilização, que me agradavam contudo; moldei-me fàcilmente por eles, afiz-me a vegetar docemente na branda atmosfera artificial daquela estufa, sem perder a minha natureza de planta estrangeira. Agradei; e não o merecia. No fundo de alma e de carácter eu não era aquilo por que me tomavam. Menti: o homem não faz outra coisa. Eu detesto a mentira, voluntàriamente nunca o fiz, e todavia tenho levado a vida a mentir.

Menti pois, e agradei porque mentia. Santo Deus! para que sairia a verdade da tua boca, e para que a mandaste ao mundo, Senhor?

Havia três meninas naquela família. Dizer que eram as três graças é uma vulgaridade cansada, e tão

banal que não dá ideia de coisa alguma. Três anjos seriam; três anjos posso dizer com mais propriedade. E quando em nossos longos passeios solitários, por aqueles campos sempre verdes, por aquelas colinas coroadas de arvoredo, tapetadas de relva macia, os seus vestidos brancos, singelos, simples, trajados sem arte, flutuavam com a brisa da tarde ... e os longos anéis de seus cabelos — os de uma eram loiros, os de outra castanhos, não há nome para a indefinida cor dos da terceira — quando esses longos anéis descaíam de sua ondada espiral com o orvalho húmido do crepúsculo — e que a essa luz vaga e misteriosa eu as contemplava todas três com adoração e recolhimento da alma — sinceramente exclamava: São três anjos celestes, que é forçoso adorar! ...

E assim é que adorava os três anjos, todos três, não podia adorar um sem os outros.

Que me queriam elas, é certo; que insensìvelmente se habituaram à minha companhia e já não podiam viver sem ela... ai! era preciso ser um monstro para o não confessar com lágrimas de gratidão e de remorso.

Os mais difíceis e delicados ápices da perfeição de sua tão caprichosa e tão expressiva língua, as belezas mais sentidas de seus autores queridos, o espírito e tom difícil de sua sociedade tão desdenhosa e fastienta, mas tão completa e tão calculada para sublimar a vida e a desmaterializar — isso tudo, e um indefinível sentimento do gentil, que só com natural tacto se adquire, é verdade, mas que se não alcança com ele só — isso tudo o aprendi ali das suaves lições que insensìvelmente recebia a cada instante.

Se valho alguma coisa, tudo valho por elas: se tenho merecido alguma consideração no mundo, toda lha devo.

Vês que confesso a dívida, verás como a paguei.

O tom perfeito da sociedade inglesa inventou uma palavra que não há nem pode haver noutras línguas enquanto a civilização as não apurar. *To flirt,* é um verbo inocente que se conjuga ali entre os dois sexos, e não significa namorar — palavra grossa e absurda que eu detesto — não significa «fazer a côrte»; é mais do que esta amável, é menos do que galantear, não obriga a nada, não tem consequências, começa-se, acaba-se, interrompe-se, adia-se, continua-se ou descontinua-se à vontade e sem comprometimento.

Eu *flartava,* nós *flartávamos,* elas *flartavam*...

E não há mais doce nem mais suave entretenimento de espírito do que o *flartar* com uma elegante e graciosa menina inglesa; com duas é prazer angélico, e com três é divino.

Para quem nasceu naquilo, não é perigoso; para mim degenerou, breve, aquela plácida sensação em mais profundo sentimento.

Veio a admiração primeiro.

E como se eu admirava todas três, as minhas gentis fascinadoras!

E elas conheciam-no, riam, folgavam e estavam encantadas de me encantar.

Fizeram nascer os desejos!

Julguei-me perdido, e quis fugir.

Não me deixaram e zombaram de mim, da ardência do meu sangue espanhol, da veemência das minhas sensações...

Em breve eu amava perdidamente uma delas — queria muito às outras duas; mas amar, amar deveras, de alma cuidava eu, do coração ia jurá-lo, era a segunda — Laura, a mais gentil, mais nobre, mais elegante e radiosa figura de mulher que creio que Deus moldasse

numa hora de verdadeiro amor de artista que se dignou tomar por esse pouco de greda que tinha nas mãos ao formá-la.

Das *Viagens na Minha Terra.*

9 — Frei Luís de Sousa

ACTO SEGUNDO

É no palácio que fora de D. João de Portugal, em Almada; salão antigo, de gosto melancólico e pesado, com grandes retratos de família, muitos de corpo inteiro, bispos, donas, cavaleiros, monges; estão em lugar mais conspícuo, no fundo, o de el-rei D. Sebastião, o de Camões e o de D. João de Portugal. Portas do lado direito para o exterior, do esquerdo para o interior, cobertas de reposteiros com as armas dos condes de Vimioso. São as antigas da casa de Bragança, uma aspa vermelha sobre campo de prata com cinco escudos do reino, um no meio e os quatro nos quatros extremos da aspa; em cada braço e entre dois escudos uma cruz floreteada, tudo do modo que trazem actualmente os duques de Cadaval; sobre o escudo coroa de conde. No fundo um reposteiro muito maior e com as mesmas armas cobre as portadas da tribuna, que deita sobre a capela da Senhora da Piedade, na igreja de S. Paulo dos domínicos de Almada.

CENA I

MARIA E TELMO

MARIA *(saindo pela porta da esquerda e trazendo pela mão a Telmo, que parece vir de pouca vontade)* — Vinde, não façais bulha, que minha mãe ainda dorme. Aqui, aqui nesta sala é que quero conversar. E não teimes, Telmo, que fiz tenção e acabou-se!

Telmo — Menina!...

Maria — «Menina e moça me levaram de casa de meu pai» — é o princípio daquele livro tão bonito que minha mãe diz que não entende; entendo-o eu. Mas aqui não há menina nem moça; e vós, senhor Telmo Pais, meu fiel escudeiro, «faredes o que mandado vos é». E não me repliques, que então altercamos, faz-se bulha, e acorda minha mãe, que é o que eu não quero. Coitada! Há oito dias que aqui estamos nesta casa, e é a primeira noite que dorme com sossego. Aquele palácio a arder, aquele povo a gritar, o rebate dos sinos, aquela cena toda... oh! tão grandiosa e sublime, que a mim me encheu de maravilha, que foi um espectáculo como nunca vi outro de igual majestade!... À minha pobre mãe aterrou-a, não se lhe tira dos olhos; vai a fechá-los para dormir e diz que vê aquelas chamas enoveladas em fumo a rodear-lhe a casa, a crescer para o ar e a devorar tudo com fúria infernal... O retrato de meu pai, aquele do quarto de lavor, tão seu favorito, em que ele estava tão gentil homem, vestido de cavaleiro de Malta com a sua cruz branca no peito, aquele retrato não se pode consolar de que lho não salvassem, que se queimasse ali. Vês tu? Ela que não cria em agouros, que sempre me estava a repreender pelas minhas cismas, agora não lhe sai da cabeça que a perda do retrato é prognóstico fatal de outra perda maior, que está perto, de alguma desgraça inesperada, mas certa, que a tem de separar de meu pai. E eu agora é que faço de forte e assisada, que zombo de agouros e de sina... para a animar, coitada!... que aqui entre nós, Telmo, nunca tive tanta fé neles. Creio, oh, se creio! que são avisos que Deus nos manda para nos preparar. E há... oh! há grande desgraça a cair sobre meu pai... decerto! e sobre minha mãe também, que é o mesmo.

Telmo *(disfarçando o terror de que está tomado)* — Não digais isso... Deus há-de fazê-lo por melhor, que lho merecem ambos. *(Cobrando ânimo e exaltando-se)*. Vosso pai, D. Maria, é um português às direitas. Eu sempre o tive em boa conta; mas agora, depois que lhe vi fazer aquela acção, que o vi, com aquela alma de português velho, deitar as mãos às tochas, e lançar ele mesmo o fogo à sua própria casa; queimar e destruir numa hora tanto de seu haver, tanta coisa de seu gosto, para dar um exemplo de liberdade, uma lição tremenda a estes nossos tiranos... Oh, minha querida filha, aquilo é um homem! A minha vida, que ele queira, é sua. E a minha pena, toda a minha pena é que o não conheci, que o não estimei sempre no que ele valia.

Maria *(com as lágrimas nos olhos, e tomando-lhe as mãos)* — Meu Telmo, meu bom Telmo, é uma glória ser filha de tal pai, não é? Dize!

Telmo — Sim, é; Deus o defenda!

Maria — Deus o defenda! Amen. E eles, os tiranos governadores, ainda estarão muito contra meu pai? Já soubeste hoje alguma coisa das diligências do tio Frei Jorge?

Telmo — Já, sim. Vão-se desvanecendo, ainda bem! Os agouros de vossa mãe... hão-de sair falsos de todo. O Arcebispo, o Conde de Sabugal, e os outros, já vosso tio os trouxe à razão, já os moderou. Miguel de Moura é que ainda está renitente; mas há-de-lhe passar. Por estes dias fica tudo sossegado. Já o estava, se ele quisesse dizer que o fogo tinha pegado por acaso. Mas ainda bem que o não quis fazer: era desculpar com a vilania de uma mentira o generoso crime por que o perseguem.

Maria — Meu nobre pai! Mas quando há-de ele sair

daquele homízio! Passar os dias retirado nessa quinta tão triste d'além do Alfeite, e não poder vir aqui senão de noite, por instantes, e Deus sabe com que perigo!

Telmo — Perigo nenhum; todos o sabem e fecham os olhos. Agora é só conservar as aparências aí mais uns dias, e depois fica tudo como dantes.

Maria — Ficará, pode ser; Deus queira que seja! Mas tenho cá uma coisa que me diz que aquela tristeza de minha mãe; aquele susto, aquele terror em que está, e que ela disfarça com tanto trabalho na presença de meu pai (também a mim mo queria encobrir, mas agora já não pode, coitada!); aquilo é pressentimento de desgraça grande... Oh, mas é verdade... vinde cá. *(Leva-o diante dos três retratos que estão no fundo; e apontando para o de D. João).* De quem é este retrato aqui, Telmo?

Telmo *(olha, e vira a cara de repente).* — Esse é... há-de ser... é um da família destes senhores da casa de Vimioso, que aqui estão tantos.

Maria *(ameaçando-o com o dedo).* — Tu não dizes a verdade, Telmo.

Telmo *(quase ofendido).* — Eu nunca menti, senhora D. Maria de Noronha.

Maria — Mas não diz a verdade toda o senhor Telmo Pais, que é quase o mesmo.

Telmo — O mesmo!... Disse-vos o que sei, e o que é verdade; é um cavaleiro da família de meu outro amo que Deus... que Deus tenha em bom lugar.

Maria — não tem nome o cavaleiro?

Telmo *(embaraçado).* — Há-de ter; mas eu é que...

Maria *(como quem lhe vai tapar a boca).* — Agora é que tu ias mentir de todo... cala-te. Não sei para que são estes mistérios: cuidam que eu hei-de ser sempre criança! Na noite que viemos para esta casa, no

meio de toda aquela desordem, eu e minha mãe entramos por aqui dentro sós e viemos ter a esta sala. Estava ali um brandão aceso, encostado a uma dessas cadeiras que tinham posto no meio da casa; dava todo o clarão da luz naquele retrato ... Minha mãe, que me trazia pela mão, põe de repente os olhos nele e dá um grito. Oh, meu Deus! ... ficou tão perdida de susto, ou não sei de quê, que me ia caindo em cima. Pergunto-lhe o que é; não me respondeu. Arrebata da tocha, e leva-me com uma força ... com uma pressa a correr por essas casas, que parecia que vinha alguma coisa má atrás de nós. Ficou naquele estado em que a temos visto há oito dias, e não lhe quis falar mais em tal. Mas este retrato que ela não nomeia nunca de quem é, e só diz assim às vezes: «O outro, o outro...» este retrato e o de meu pai que se queimou, são duas imagens que lhe não saem do pensamento.

Telmo *(com ansiedade)* — E esta noite ainda lidou muito nisso?

Maria — Não; desde ontem pela tarde, que cá esteve o tio Frei Jorge e a animou com muitas palavras de consolação e de esperança em Deus, e que lhe disse do que contava abrandar os governadores, minha mãe ficou outra; passou-lhe de todo, ao menos até agora. — Mas então, vamos, tu não me dizes do retrato? Olha *(designando o de el-rei D. Sebastião)* aquele do meio, bem sabes se o conhecerei: é o do meu querido e amado rei D. Sebastião. Que majestade! Que testa aquela tão austera, mesmo de um rei moço e sincero ainda, leal, verdadeiro, que tomou ao sério o cargo de reinar, e jurou que há-de engrandecer e cobrir de glória o seu reino! Ele ali está... E pensar que havia de morrer às mãos de mouros, no meio de um deserto, que numa hora se havia de apagar toda a ousadia reflectida que

está naqueles olhos rasgados, no apertar daquela boca!... Não pode ser, não pode ser. Deus não podia consentir em tal.

TELMO — Que Deus te ouvisse, anjo do céu!

MARIA — Pois não há profecias que o dizem? Há, e eu creio nelas. E também creio naqueloutro que ali está *(indica o retrato de Camões)*, aquele teu amigo com quem tu andaste lá pela Índia, nessa terra de prodígios e bizarrias, por onde ele ia... como, é? ah, sim...

Numa mão sempre a espada e noutra a pena...

TELMO — Oh! o meu Luís, coitado! bem lho pagaram. Era um rapaz, mais moço do que eu, muito mais... e quando o vi a última vez... foi no alpendre de S. Domingos em Lisboa, parece-me que o estou a ver, tão mal trajado, tão encolhido... ele que era tão desembaraçado e galã... e então velho! velho alquebrado, com aquele olho que valia por dois, mas tão sumido e encovado já, que eu disse comigo: «Ruim terra te comerá cedo, corpo da maior alma que deitou Portugal». E dei-lhe um abraço... foi o último... Ele pareceu ouvir o que estava dizendo o pensamento cá por dentro, e disse-me: «Adeus, Telmo! S. Telmo seja comigo neste cabo da navegação... que já vejo terra, amigo» — e apontou para uma cova que ali se estava a abrir. Os frades rezavam o ofício dos mortos na igreja... Ele entrou para lá e eu fui-me embora. Daí a um mês, vieram-se aqui dizer: «Lá foi Luís de Camões num lençol para Sant'Ana». E ninguém mais falou nele.

MARIA — Ninguém mais!... Pois não lêem aquele livro que é para dar memória aos mais esquecidos?

TELMO — O livro sim; aceitaram-no como o tributo de um escravo. Estes ricos, estes grandes, que oprimem

e desprezam tudo o que não são as suas vaidades, tomaram o livro como uma coisa que lhes fizesse um servo seu e para honra deles. O servo, acabada a obra, deixaram-no morrer ao desamparo, sem lhes importar com isso... Quem sabe se folgaram? Podia pedir-lhes uma esmola, escusavam de se incomodar a dizer que não.

Maria *(com entusiasmo)* — Está no céu. Que o céu fez-se para os bons e para os infelizes, para os que já cá da terra o adivinharam! Este lia nos mistérios de Deus; as suas palavras são de profeta. Não te lembras o que lá diz o nosso rei D. Sebastião? Como havia de ele então morrer? Não morreu *(mudando de tom)*. Mas o outro, o outro... quem é este outro, Telmo? Aquele aspecto tão triste, aquela expressão de melancolia tão profunda... aquelas barbas tão negras e cerradas... e aquela mão que descansa na espada como quem não tem outro arrimo, nem outro amor nesta vida...

Telmo *(deixando-se surpreender)* — Pois tinha, oh! se tinha!... *(Maria olha para Telmo, como quem compreendeu, depois torna a fixar a vista no retrato; e ambos ficam diante dele como fascinados. No entanto, e às últimas palavras de Maria, um homem embuçado com o chapéu sobre os olhos levanta o reposteiro da direita e vem, pé ante pé, aproximando-se dos dois, que o não sentem)*.

Do drama *Frei Luís de Sousa*.

CAPÍTULO II

ALEXANDRE HERCULANO

O poeta, o romancista e o historiador

ALEXANDRE HERCULANO

1810-1877

1 — A cruz mutilada

Amo-te, ó cruz, no vértice firmada
De esplêndidas igrejas;
Amo-te quando à noite, sobre a campa,
Junto ao cipreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
As preces te rodeiam;
Amo-te quando em préstito festivo
As multidões te hasteiam;
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
No adro do presbitério,
Ou quando o morto, impressa no ataúde,
Guias ao cemitério;
Amo-te, ó cruz, até, quando no vale
Negrejas triste e só,
Núncia do crime, a que deveu a terra
Do assassinado o pó:

Porém quando mais te amo,
Ó cruz do meu Senhor,
É, se te encontro à tarde,
Antes de o Sol se pôr,

Na clareira da serra,
Que o arvoredo assombra
Quando à luz se fenece
Se estira a tua sombra,

E o dia últimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hino da tarde
O pinheiral murmura.

E eu te encontrei, num alcantil agreste,
Meia quebrada, ó cruz. Sòzinha estavas
Ao pôr do Sol, e ao elevar-se a lua
Detrás do calvo cerro. A soledade
Não te pode valer contra a mão ímpia,
Que te feriu sem dó. As linhas puras
De teu perfil, falhadas, tortuosas,
Ó mutilada cruz, falam de um crime
Sacrílego, brutal e ao ímpio inútil!
A tua sombra estampa-se no solo,
Como a sombra do antigo monumento,
Que o tempo quase derrocou, truncada.
No pedestal musgoso, em que te ergueram
Nossos avós, eu me assentei. Ao longe,
Do presbitério rústico mandava
O sino os simples sons pelas quebradas
Da cordilheira, anunciando o instante
Da *Avé-Maria;* da oração singela,
Mas solene, mas santa, em que a voz do homem
Se mistura nos cânticos saudosos,
Que a natureza envia ao céu no extremo
Raio de Sol, passando fugitivo
Na tangente deste orbe, ao qual trouxeste

Liberdade e progresso, e que te paga
Com a injúria e o desprezo, e que te inveja
Até na solidão, o esquecimento!

Foi da ciência incrédula o sectário,
Acaso, ó cruz da serra, o que na face
Afrontas te gravou com mão profusa?
Não! Foi o homem do povo, a quem consolo
Na miséria e na dor constante hás sido
Por bem dezoito séculos: foi esse
Por cujo amor surgias qual remorso
Nos sonhos do abastado ou do tirano,
Bradando — esmola! a um; — piedade! ao outro.

Ó cruz, se desde o Gólgota não foras
Símbolo eterno de uma crença eterna;
Se a nossa fé em ti fosse mentida,
Dos opressos de outrora os livres netos
Da sua ingratidão dignos de opróbrio,
Se não te amassem, ainda assim seriam.
Mas és núncia do céu, e eles te insultam,
Esquecidos das lágrimas perenes
Por trinta gerações, que guarda a campa,
Vertidas a teus pés nos dias torvos
Do teu viver d'escravidão! Deslembram-se
De que, se a paz doméstica, a pureza
Do leito conjugal bruta violência
Não vai contaminar, se a filha virgem
Do humilde camponês não é ludíbrio
Do opulento, do nobre, ó cruz, t'o devem;
Que por ti o cultor de férteis campos
Colhe tranquilo da fadiga o prémio,
Sem que a voz de um senhor, qual d'antes, dura
Lhe diga: — «é meu, e és meu! A mim deleites,

Liberdade, abundância: a ti, escravo,
O trabalho, a miséria unida à terra,
Que o suor dessa fronte fertiliza,
Enquanto, em dia de furor ou tédio,
Não me apraz com teus restos fecundá-la».

Quando calada a humanidade ouvia
Este atroz blasfemar, tu te elevaste
Lá do Oriente, ó cruz, envolta em glória,
E bradaste, tremenda, ao forte, ao rico:
«Mentira!» e o servo alevantou os olhos,
Onde a esperança cintilava, a medo,
E viu as faces do senhor retintas
Em palidez mortal, e errar-lhe a vista
Trépida, vaga. A cruz do céu no oriente
Da liberdade anunciara a vinda.

Cansado, o ancião guerreiro, que a existência
Desgastou no volver de cem combates,
Ao ver que, enfim, o seu país querido
Já não ousam calcar os pés d'estranhos,
Vem assentar-se à luz meiga da tarde,
Na tarde do viver, junto do teixo
Da montanha natal. Na fronte calva,
Que o Sol tostou e que enrugaram anos,
Há um como fulgor sereno e santo.
Da aldeia semideus, devem-lhe todos
O tecto, a liberdade, e a honra e vida.
Ao perpassar do veterano, os velhos
A mão que os protegeu apertam gratos;
Com amorosa timidez os moços
Saúdam-no qual pai. Nas largas noites
Da gelada estação, sobre a lareira
Nunca lhe falta o cepo incendiado;

Sobre a mesa frugal nunca, no estio,
Refrigerante pomo. Assim do velho
Pelejador os derradeiros dias
Derivam para o túmulo suaves,
Rodeados de afecto, e quando à terra
A mão do tempo gastador o guia,
Sobre a lousa a saudade ainda lhe esparze
Flores, lágrimas, bênçãos, que consolem
Do defensor do fraco as cinzas frias.

Pobre cruz! Pelejaste mil combates,
Os gigantes combates dos tiranos,
E venceste. No solo libertado,
Que pediste? Um retiro no deserto,
Um píncaro granítico, açoutado
Pelas asas do vento e enegrecido
Por chuvas e por sóis. Para ameigar-te
Este ar húmido e gélido a segure
Não foi ferir do bosque o rei. Do estio
No ardor canicular nunca disseste: —
«Dai-me, sequer, do bravo medronheiro
O desprezado fruto!» O teu vestido
Era o musgo, que tece a mão do inverno
E Deus criou para trajar as rochas.
Filha do céu, o céu era o teu tecto,
Teu escabelo o dorso da montanha.
Tempo houve com que esses braços te adornava
C'roa viçosa de gentis boninas,
E o pedestal te rodeavam preces.
Ficaste em breve só, e a voz humana
Fez, pouco a pouco, junto a ti silêncio.
Que te importava? As árvores da encosta
Curvavam-se a saudar-te, e revoando
As aves vinham circundar-te de hinos.

Afagava-te o raio derradeiro,
Froixo do sol ao mergulhar nos mares,
E esperavas o túmulo. O teu túmulo
Devera ser o seio destas serras,
Quando, em génesis novo, à voz do Eterno,
Do orbe ao núcleo fervente, que as gerara,
Elas nos fauces dos vulcões descessem
Então para essa campa flores, bênçãos,
Ou de saudade lágrimas vertidas,
Qual do velho soldado a lousa pede,
Não pediras à ingrata raça humana,
Ao pé de ti no seu sudário envolta.

Este longo esperar do dia extremo,
No esquecimento do ermo abandonada,
Foi duro de sofrer aos teus remidos,
Ó redentora cruz. Eras, acaso,
Como um remorso e acusação perene
No teu rochedo alpestre, onde te viam
Pousar tristonha e só? Acaso, à noite,
Quando a procela no pinhal rugia,
Criam ouvir-te a voz acusadora,
Sobrelevar à voz da tempestade?
Que lhes dizias tu? De Deus falavas,
E do seu Cristo, do divino mártir,
Que a ti, suplício e afronta, a ti maldita
Ergueu, purificou, clamando ao servo,
No seu transe final: «Ergue-te, escravo!
És livre, como é pura a cruz da infâmia.
Ela vil e tu vil, santos, sublimes
Sereis ante meu pai. Ergue-te, escravo!
Abraça tua irmã: segue-a sem susto
No caminho dos séculos. Da terra
Pertence-lhe o porvir, e o seu triunfo
Trará da tua liberdade o dia».

Eis porque teus irmãos te arrojam pedras,
Ao perpassar, ó cruz! Pensam ouvir-te
Nos rumores da noite, a antiga história
Recontando do Golgota, lembrando-lhes
Que só ao Cristo a liberdade devem,
E que ímpio o povo ser é ser infame.
Mutilada por ele, a pouco e pouco,
Tu em fragmentos tombarás do cerro,
Símbolo sacrossanto. Hão-de os humanos
Aos pés pisar-te; e esquecerás no mundo.
Da gratidão a dívida não paga
Ficará, ó tremenda acusadora,
Sem que as faces lhes tinja a cor do pejo;
Sem que o remorso os corações lhes rasgue.
Do Cristo o nome passará na terra.

Não! Quando, em pó desfeita, a cruz divina
Deixar de ser perene testemunho
Da avita crença, os montes, a espessura,
O mar, a lua, o murmurar da fonte,
Da natureza as vagas harmonias,
Da cruz em nome, falarão do Verbo.

Dela no pedestal, então deserto,
Do deserto no seio, ainda o poeta
Virá, talvez, ao pôr do sol sentar-se;
E a voz da selva lhe dirá que é santo
Este rochedo nú, e um hino pio
A solidão lhe ensinará e a noite.

Do cântico futuro uma toada
Não sentes vir, ó cruz, de além dos tempos
Da brisa do crepúsculo nas asas?
É o porvir que te proclama eterna;
É a voz do poeta a saudar-te.

Montanha do oriente
Que, sobre as nuvens elevando o cume,
Divisas logo o sol, surgindo a aurora;
E que, lá no ocidente,
Última vez seu radioso lume,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Rochedo, que descansas
No promontório nú e solitário
Como atalaia que o oceano explora
Alheio às mil mudanças
Que o mundo agitam turbulento e vário,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Sobros, robles frondentes,
Cuja sombra procura o viandante,
Fugindo ao sol a prumo que o devora,
Nesses dias ardentes
Em que o Leão nos céus passa radiante,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Ó mato variado
De rosmaninho e murta entretecido,
De cujas ténues flores se evapora
Aroma delicado,
Quando és por leve aragem sacudido,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Ó mar, que vais quebrando
Rolo após rolo pela praia fria,
E fremes som de paz consoladora,
Dormente murmurando
Na caverna marítima sombria,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Ó lua silenciosa,
Que em perpétuo volver, seguindo a terra,
Esparzes tua luz ameigadora
Pela serra formosa,
E pelos lagos que em seu seio encerra,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Debalde o servo ingrato
No pó te derribou
E os restos te insultou,
Ó veneranda cruz:

Embora eu te não veja
Neste eterno pedestal;
És santa, és imortal;
Tu és a minha luz!

Nas almas generosas
Gravou-te a mão de Deus,
E, à noite, fez nos céus
Teu vulto cintilar.

Os raios das estrelas
Cruzam o seu fulgor;
Nas horas do furor
As vagas cruza o mar.

Os ramos enlaçados
Do roble, choupo e til,
Cruzando em modos mil,
Se vão entretecer.

Ferido, abre o guerreiro
Os braços, solta um ai,
Pára, vacila; e cai
Para não mais se erguer.

Cruzado aperta ao seio
A mãe o filho seu,
Que busca, mal nasceu,
Fontes da vida e amor.

Surges, símbolo eterno,
No céu, na terra e mar,
Do forte no expirar,
E do viver no alvor!

Alexandre Herculano, *A Harpa do Crente.*

2 — Recordações

Era por uma destas noites vagarosas do inverno em que o brilho do céu sem lua é vivo e trémulo; em que o gemer das selvas é profundo e longo; em que a soledade das praias e ribas fragosas do oceano é absoluta e tétrica.

Era a hora em que o homem está recolhido nas suas mesquinhas moradas; em que pelos cemitérios o orvalho se pendura do topo das cruzes, e, sòzinho, goteja das bordas das campas; em que só ele chora os mortos. As larvas da imaginação e o gear nocturno afastam do campo santo a saudade da viúva e do órfão, a desesperação da amante, o coração despedaçado do amigo. Para se consolarem, os infelizes dormiam tranquilos nos seus leitos macios! ... enquanto os vermes iam roendo esses cadáveres amarrados pelos grilhões da morte. Hipócritas dos afectos humanos, o sono enxugou-lhes as lágrimas!

E depois, as lousas eram já tão frias! Nos seios do

torrão húmido o sudário do cadáver tinha apodrecido com ele.

Haverá paz no túmulo? Deus sabe o destino de cada homem. Para o que aí repousa sei eu que há na terra o esquecimento!

Os mares pareciam naquela hora recordar-se ainda do rugido harmonioso do estio, e a vaga arqueava-se, rolava e, espreguiçando-se pela praia, reflectia a espaço nas golfadas de espuma a luz indecisa dos céus.

E o animal que ri e chora, o rei da criação, a imagem da divindade, onde é que se escondera?

Tremia de frio em aposento cerrado, e sentia confrangido a brisa fresca do norte que passava nas trevas e sibilava contente nas sarças rasteiras dos caminhos desertos.

Sem dúvida, o homem é forte e a mais excelente obra da criação. Glória ao rei da natureza que tiritando geme!

Orgulho humano, que és tu mais — feroz, estúpido ou ridículo?

Não eram assim os Godos do oeste quando, ora arrastando por terra as águias romanas, ora segurando com o seu braço de ferro o império que desabava, imperavam na Itália, nas Gálias e nas Espanhas, moderadores e árbitros entre o Setentrião e o Meio-Dia:

Não eram assim, quando o velho Theoderik, semelhante ao urso feroz da montanha, combatia nos campos cataláunicos, rodeado de três filhos, contra o terrível Átila e ganhava no seu último dia a sua última vitória:

Quando a larga e curta espada de dois gumes se convertera em fouce da morte nas mãos dos Godos, e diante dela retrocedia a cavalaria dos Gépidas, e os

esquadrões dos Hunos vacilavam, dando roucos gritos de espanto e de terror.

Quando as trevas eram mais cerradas e profundas, viam-se à claridade das estrelas relampaguear as armas dos Hunos, volteando em redor dos seus carros, que lhes serviam de valos. Como o caçador espreita o leão tomado no fogo, os Visigodos os vigiavam esperando o romper da alvorada.

Lá, o sopro gelado da noite não fazia confranger nossos avós debaixo das armaduras. Lá, a neve era um leito como outro qualquer, e o rugir do bosque, debatendo-se nas asas da tempestade, era uma cantilena de repouso.

O velho Theoderik caíra atravessado por uma frecha despedida pelo ostrogodo Handags, que, como os da sua tribo, combatia pelos Hunos.

Os Visigodos viram-no, passaram àvante e vingaram-no. Ao pôr do sol, Gépidas, Ostrogodos, Ciros, Burgundos, Turíngios, Hunos, misturados uns com outros, tinham mordido a terra cataláunica, e os restos da inumerável hoste de Átila, encerrados no seu acampamento fortificado, preparavam-se para morrer; porque Theoderik jazia para sempre, e o *frankisk* dos Visigodos era vingador e inexorável.

O romano Aécio teve, porém, piedade de Átila e disse aos filhos de Theoderik: — ide-vos porque o império está salvo.

E Thorsmund, o mais velho, perguntou a seus dois irmãos Theoderick e Friderick: — está acaso vingado o sangue de nosso pai?

De sobejo o estava ele! Ao aparecer do dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se viam senão cadáveres.

E os Visigodos deixaram entregues a si os Romanos,

que, desde então, não souberam senão fugir diante de Átila.

Quem contará, porém, as vitórias de nossos avós durante três séculos de glória? Quem poderá celebrar o esforço de Eurik, de Teudes, de Leuwigild; quem saberá todas as virtudes de Rekáred e de Wamba?

Mas, em qual coração resta hoje virtude e esforço, no vasto império de Espanha?

Do *Eurico o Presbítero.*

3 — Os Visigodos

A Raça dos Visigodos, conquistadora das Espanhas, subjugara toda a Península havia mais de um século. Nenhuma das tribos germânicas que, dividindo entre si as províncias do império dos Césares, tinham tentado vestir sua bárbara nudez com os trajos despedaçados, mas esplêndidos, da civilização romana soubera como os Godos ajuntar esses fragmentos de púrpura e ouro, para se compor a exemplo de povo civilizado. Leuvigildo expulsara da Espanha quase que os derradeiros soldados dos imperadores gregos, reprimira a audácia dos Francos, que em suas correrias assolavam as províncias visigóticas dalém dos Pirenéus, acabara com a espécie de monarquia que os Suevos tinham instituído na Galécia e expirara em Toletum, depois de ter estabelecido leis políticas e civis e a paz e ordem públicas nos seus vastos domínios, que se estendiam de mar a mar e, ainda, transpondo as montanhas da Vascónia, abrangiam grande porção da antiga Gália Narbonense.

Desde essa época, a distinção das duas raças, a conquistadora ou goda e a romana ou conquistada, quase

desaparecera, e os homens do norte haviam-se confundido jurìdicamente com os do Meio Dia em uma só nação, para cuja grandeza contribuíra aquela com as virtudes ásperas da Germânia, esta com as tradições da cultura e polícia romanas. As leis dos Césares, pelas quais se regiam os vencidos, misturaram-se com as singelas e rudes instituições visigóticas, e já um código único, escrito na língua latina, regulava os direitos e deveres comuns, quando o arianismo, que os Godos tinham abraçado o Evangelho, se declarou vencido pelo Catolicismo, a que pertencia a raça romana. Esta conversão dos vencedores à crença dos subjugados foi o complemento da fusão social dos dois povos. A civilização, porém, que suavizou a rudeza dos bárbaros era uma civilização velha e corrupta. Por alguns bens que produziu para aqueles homens primitivos, trouxe-lhes o pior dos males, a perversão moral. A monarquia visigótica procurou imitar o luxo do império que morrera e que ela substituíra. Toletum quis ser a imagem de Roma ou de Constantinopla. Esta causa principal, ajudada por muitas outras, nascidas em grande parte da mesma origem, gerou a dissolução política por via da dissolução moral.

Debalde muitos homens de génio revestidos da autoridade suprema tentaram evitar a ruína que viam no futuro: debalde o clero espanhol, incomparàvelmente o mais alumiado da Europa naquelas eras tenebrosas e cuja influência nos negócios públicos era maior que a de todas as outras classes juntas, procurou nas severas leis dos concílios, que eram ao mesmo tempo verdadeiros parlamentos políticos, reter a nação que se despenhava. A podridão tinha chegado ao âmago da árvore, e ela devia secar. O próprio clero se corrompeu por fim. O vício e a degeneração corriam soltamente, rota a última barreira.

Foi então que o célebre Ruderico se apossou da coroa. Os filhos do seu predecessor Vitiza, os mancebos Sisebuto e Ebas, disputaram-lhe largo tempo; mas, segundo parece dos escassos monumentos históricos dessa escura época, cederam por fim, não à usurpação, porque o trono gótico não era legalmente hereditário, mas à fortuna e ousadia do ambicioso soldado, que os deixou viver em paz na própria côrte e os revestiu de dignidades militares. Daí, se dermos crédito a antigos historiadores, lhe veio a última ruína na batalha do rio Críssus ou Guadalete, em que o império gótico foi aniquilado.

No meio, porém, da decadência dos godos, algumas almas conservavam ainda a têmpera robusta dos antigos homens da Germânia. Da civilização romana elas não haviam aceitado senão a cultura intelectual e as sublimes teorias morais do cristianismo. As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os Godos logo que, assentando o seu domínio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos o campo agricultado, o lar doméstico, o templo da oração e o cemitério do repouso e da saudade. Nestes corações, onde reinavam afectos ao mesmo tempo ardentes e profundos, porque neles a índole meridional se misturava com o carácter tenaz dos povos do norte, a moral evagélica revestia esses afectos de uma poesia divina, e a civilização ornava-os de uma expressão suave, que lhes realçava a poesia. Mas no fim do século sétimo eram já bem raros aqueles em quem as tradições da cultura romana não haviam subjugado os instintos generosos da barbaria germânica e a quem o cristianismo fazia ainda escutar o seu verbo íntimo, esquecido no meio do luxo profano do clero e da pompa insensata do culto exterior. Uma longa paz com as outras nações tinha convertido a

antiga energia dos Godos em alimento das dissensões intestinas, e a guerra civil, gastando essa energia havia posto em lugar dela o hábito das traições covardes, das vinganças mesquinhas, dos enredos infames e das abjecções ambiciosas. O povo, esmagado debaixo do peso dos tributos, dilacerado pelas lutas dos bandos civis, prostituído às paixões dos poderosos, esquecera completamente as virtudes guerreiras de seus avós. As leis de Vamba e as expressões de Ervig no duodécimo concílio de Toletum revelam quão fundo ia nesta parte o cancro da degeneração moral das Espanhas. No meio de tantos e tão cruéis vexames e padecimentos, o mais custoso e aborrecido de todos eles para os afeminados descendentes dos soldados de Theoderik, de Thorsumud, de Theudes e de Leuvigildo era o vestir as armas em defensão daquela mesma pátria que os heróis visigodos tinham conquistado para a legarem a seus filhos, e a maioria do povo preferia a infâmia que a lei impunha aos que recusavam defender a terra natal aos riscos gloriosos dos combates e à vida fadigosa da guerra.

Idem.

4 — O declínio da Nobreza e o poder real no tempo de D. João I

A luta da Nobreza para defender a própria existência como corpo político oferece, durante um longo decurso de anos, o espectáculo de contínuos desbaratos dessa casta, que, pelas riquezas, pelo número, pelo valor e pelas memórias do passado, parecia dever assombrar perpètuamente o trono e conservar as classes inferiores na servidão. Este fenómeno, que terminou pela ruína completa da fidalguia no reinado de João II, singular ao

primeiro aspecto, tem explicação fácil. Era uma necessidade para o progresso da civilização; resultava do modo de ser da sociedade. João das Regras não fazia mais do que ordenar melhor o combate, defini-lo mais claramente e apressar o seu desfecho. Noutra qualquer época, o discípulo de Bártolo não se distinguiria talvez na série dos ministros e privados que, pelo menos desde o reinado de D. Dinis, combateram a quase independência dos orgulhosos barões do reino, e que, por isso, favoreceram a emancipação do povo. Eram, em grande parte, as circunstâncias que punham agora em relevo o génio, indubitàvelmente superior, do chanceler e que lhe deram na história um alto lugar entre os estadistas eminentes.

Posto que aos nobres não faltassem chefes hábeis, nem ousadia para sustentar aos seus privilégios, nem, finalmente, esse instinto de vida que se dá nos corpos colectivos do mesmo modo que nos indivíduos, existiam dois factos que lhes invalidavam os meios de resistência contra os seus terríveis adversários, os concelhos e os juristas. Esses dois factos eram, por um lado a falta de uma opinião precisa e uniforme entre eles acerca da questão de dinastia e de independência nacional, e por outro a persuasão comum, estribada em mil exemplos, de que a paz, a justiça e a liberdade só poderiam preponderar pelo triunfo completo do poder do rei contra as classes privilegiadas. Esta persuasão geral dera, digamos assim, uma força irresistível à Monarquia, que era em fim chamada a exercer uma influência quase exclusiva no desenvolvimento da civilização do país.

O papel de uma grande parte das mais nobres famílias na grave questão de independência, que a morte de D. Fernando suscitara, não fôra por certo, como o leitor sabe, nem o do patriotismo nem o da lealdade; e os cál-

culos interesseiros, as ligações de linhagem, tinham tomado o passo, entre essas famílias, a todas as outras considerações. Muitos fidalgos seguiram a parcialidade de Castela, porque a fortuna parecia dever-se inclinar para aquele lado; muitos esperaram o desfecho da contenda, conservando-se numa situação dúbia; muitos, enfim, ainda depois das vitórias do Mestre de Avis, ao primeiro capricho não satisfeito, à primeira pretensão desprezada, não hesitavam em desertar dos estandartes sacrossantos da pátria para virem combater contra ela à sombra dos pendões estrangeiros, e em voltarem depois, por desgostos com o príncipe castelhano, ao serviço do rei natural, que haviam abandonado. Ao lado destes homens sem pudor e sem fé apareceram na história os ânimos nobres e grandiosos, que, pela devoção e lealdade ao chefe da nova dinastia e à liberdade nacional, contrastam profundamente com ess'outros caracteres repugnantes e torpes. A consequência deste proceder contraditório, desta flutuação de opiniões, era o enfraquecimento da força moral, e ainda material, da casta privilegiada.

Por outra parte, a revolução que colocara no trono o filho bastardo de Pedro I fôra essencialmente popular, e os homens dos concelhos, que, sitiando os orgulhosos alcaides dos castelos, acometendo os solares senhoriais, opondo a partazana e o machado pião à lança e à espada do cavaleiro, tinham reduzido castelos, enlameado com os pés ludrosos aposentos de paços, varrido as lanças e montantes com os chuços e almarcovas, haviam ganhado a força que resulta sempre da unidade de pensamento, do entusiasmo ardente e da confiança gerada pelo hábito do triunfo. A aliança do rei com os concelhos era antiga: começara no berço da Monarquia. O povo interessava em que o poder desta vigorasse dilatando-se, porque era

esse o meio de se libertar das tiranias locais; o rei interessava em que os concelhos fossem poderosos e livres, porque eram a alavanca mais bem temperada para aluir a independência e fazê-la cair despedaçada em volta do seu trono. A revolução de 1384 tornava mais íntima esta aliança, ao passo que dividia os adversários e, além disso, os enfraquecia escrevendo na frente de muitos o ferrete de desleais.

Para acabar de destruir a preponderância, e até o equilíbrio, dos elementos políticos, a pena do jurista, mais pesada que o montante do soldado, porque representava a inteligência, achava-se na balança do lado do ceptro. Educados na admiração da sociedade romana na época do império, deslumbrados pela indubitável superioridade das suas instituições civis sobre as rudes e incompletas usanças tradicionais da Idade Média, os *letrados* acolhiam com o mesmo culto supersticioso as máximas da política despótica dos Césares. A ciência do direito romano, à qual a sociedade civil moderna deve muito, deve talvez tudo, foi quem, para desconto, trouxe o absolutismo às nações cuja índole política era de origem germânica e liberal. No regaço da ordem, da equidade, da harmonia nas relações da vida comum, passou aninhada a tirania simples e culta, a tirania de um só substituta da de muitos, a tirania respeitadora *do meu* e *do teu,* vingadora dos crimes, grandiosa, ilustrada, mas implacável contra aquele que dissesse o *pensamento e a língua do homem são livres,* e que se atrevesse a suspeitar que a realeza fosse uma delegação humana, e não um símbolo da omnipotência de Deus.

Deste modo, a aliança tríplice da unidade monárquica, da ciência e do princípio de associação, cuja forma mais bela, mais enérgica, mais vivaz, tem sido e será sempre o município, era uma coalizão que se tornava

em toda a Europa cada vez mais ameaçadora para a casta privilegiada, mas que em Portugal actuava com dobrada violência na época de D. João I pelas circunstâncias a que já aludimos. É por isto que, apesar de tantos caracteres elevados e de tantos homens valentes e cheios de amor da pátria que então surgiram das fileiras aristocráticas; apesar da índole cavaleirosa do príncipe, das riquezas da fidalguia, e das instituições e costumes, que, recordando a todo o momento o poder dos antigos ricos-homens e infanções, deviam dar imensa força moral e material aos seus descendentes, a decadência da Nobreza como elemento político era rápida e decisiva e será perceptível para qualquer que leia a história dos fins da Idade Média. A ideia contrária a ela era a ideia progressiva. O ciclo da monarquia absoluta mandava já do oriente os seus primeiros clarões. A providência assim o ordenava, e o combater e o estrebuchar do privilégio, que queria viver de vida própria, erão vãos, porque não podiam chegar a uma causa final, e faltava-lhes apenas um século para se tornarem impossíveis.

Do *Monge de Cister.*

5 — Últimos tempos de D. Afonso Henriques

No longo crepúsculo de velhice aborrecida e enferma, o coração do valente Afonso I ainda pode dilatar-se pela última vez nos contentamentos de uma grande vitória. A sua boa espada repousava havia muito na baínha junto do seu leito de dor; mas consolá-lo-ia a certeza de que deixava um filho digno dele no esforço, e uma nação cheia de energia e de esperança, a qual lhe devia quase inteiramente a sua vida política. A resistência

invencível que as forças de terra e de mar do império muçulmano tinham encontrado em Portugal, provava-lhe que o povo educado por ele passara em curtos anos de débil infância a juventude robusta. O edifício da independência nacional, desenhado pelo conde Henrique, cimentado por D. Teresa e realizado de todo o ponto por ele, achava-se, enfim concluído com a segurança necessária para resistir à destruidora acção dos séculos. Quando na ebriedade da vitória, ou ao sentir-se grande e forte, o rei de Portugal tomava para si os títulos de feliz, de príncipe egrégio, e de triunfador, o orgulho que os ditava era nobre e legítimo, porque se estribava na voz da consciência e no testemunho unânime de amigos e de inimigos, de estranhos e de naturais.

O último ano da vida de Afonso I passou sem que a história tivesse que mencionar acerca deste príncipe. O guerreiro como que já dormitava no sono da morte, que em breve devia cerrar-lhe perpètuamente as pálpebras. Apenas alguns documentos dessa época nos mostram, que nos seus derradeiros dias não abandonou de todo o leme do estado, ao passo que se mostrava ainda liberal para a igreja, com quem sempre repartira largamente os frutos das suas conquistas. Veio, enfim, a falecer a 6 de Dezembro de 1185, depois de governar este país com os títulos de infante e de príncipe doze anos, e com o de rei quarenta e cinco. Ordenara ele que o enterrassem no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde jaziam também as cinzas de sua esposa D. Mafalda. Aí, de feito, descansou finalmente aquele corpo, gasto de tantas lidas, em sepultura modesta conforme permitia a rudeza dos tempos, até que el-rei D. Manuel lhe levantou o rico mausoléu, em que ainda hoje se guardam os ossos do fundador da monarquia.

Seguindo as fases deste longo reinado, e julgando imparcialmente as acções do homem, que a Providência pôs à frente da nação para a guiar nos primeiros anos da sua existência, conhece-se que o pensamento de fixar a independência portuguesa subjugava no espírito do príncipe outras quaisquer considerações, ainda talvez com ofensa de algumas, que deveriam ser respeitadas. É realmente àquela ideia, que vão ligar-se muitos actos de Afonso Henriques, os quais, avaliados separadamente, dariam direito a acusá-lo de pouca fé e de ambição desmedida. Além da revolta contra D. Teresa, que mais se há-de atribuir à Nobreza do que a um mancebo inexperiente, a quebra do tratado feito com o imperador em 1137, o engano imaginado para colher desprevenida a guarnição de Santarém, as crueldades praticadas com os sarracenos, principalmente a mutilação dos habitantes de Lisboa, que se entregavam pedindo o baptismo (se é que essa barbaridade não foi antes obra dos cruzados), a maneira, enfim, por que se houve com o rei de Leão, seu genro, cujo nobre e generoso carácter não pode deixar de fazer sombra ao de Afonso I, foram acções que, avaliadas por si sós, serão sempre dignas de repreensão, ao menos em quanto os monumentos nos não revelarem algumas circunstâncias ainda ignoradas, que possam absolvê-las. Mas se as ligarmos ao pensamento a que o rei de Portugal se votara, e que, por assim nos exprimirmos, ele incarnara em si, quem não desculpará tais acções, sobretudo se atendermos à barbaria da época, à dificultosa situação do país, e à fraqueza real de uma sociedade desmembrada de outra, que forcejava para reconduzi-la ao próprio grémio? A grande necessidade a que Afonso I tinha de prover era a de dar homogeneidade e robustez interna e externa à nação que se constituía. Para isto impor-

tava que ao mesmo tempo buscasse o favor da igreja, primeiro elemento de força naqueles tempos, que favorece a fidalguia, principal nervo dos exércitos, e que, finalmente, desse o máximo grau de vigor ao espírito municipal, sem o que, em nossa opinião, nunca houve, nem haverá energia popular, ou vivo afecto à terra natal. Ao lado deste trabalho de organização interior, cumpria-lhe dilatar os limites do território que herdara, demasiado estreitos para o estabelecimento de um estado independente. O temor do seu nome entre Muçulmanos e Cristãos, e a audácia das suas tropas eram meios para o obter. Naturalmente belicoso, duas gerações sucessivas aprenderam na sua escola o duro míster da guerra, e alcançaram legar aos vindouros as gloriosas tradições de esforço e amor pátrio, que a nação guardou religiosamente durante alguns séculos. Antes, porém, que Afonso I pudesse confiar à sorte das batalhas a independência do país, precisava de a amparar, quando planta débil, com a destreza da política. Daí nascia, em certas circunstâncias, um proceder, que, absolutamente considerado, a severidade da moral condenará. Visto, porém, o quadro à conveniente luz, as manchas, que aliás assombrariam a nobre e altiva figura do nosso primeiro rei, quase desaparecem, e a simpatia, que em todos os séculos a gente portuguesa mostrou pela memória do filho do conde Henrique, torna-se respeitável, porque tem as raízes num afecto dos que mais raros são de encontrar nos povos, a gratidão para com aqueles a quem muito deveram. Este afecto nacional chegou a atribuir a Afonso Henriques a auréola dos santos, e a pretender que Roma desse ao fero conquistador a coroa que pertence à resignação do mártir. Se uma crença de paz e de humildade não consente que Roma lhe conceda essa

coroa, outra religião também veneranda, a da pátria, nos ensina que, ao passarmos pelo pálido e carcomido portal da igreja de Santa Cruz, vamos saudar as cinzas daquele homem, sem o qual não existiria hoje a nação portuguesa, e, porventura, nem sequer o nome de Portugal.

Da *História de Portugal.*

6 — D. Sancho I

Nos fins de Março de 1211 Sancho I, na idade ainda robusta de 57 anos, cedera ao mal interno que o devorava. Apenas um mês ou pouco mais antes de ele ir repousar debaixo das abóbadas de Santa Cruz de Coimbra em sono perpétuo, recebia de Roma o Arcebispo de Compostela o encargo de desagravar o clero português, com o qual, aliás, o príncipe falecera inteiramente conciliado.

Mas parece que a notícia dos últimos sucessos que referimos chegou logo depois à cúria papal.

Havia dois anos que Sancho não só legara a Inocêncio III cem marcos d'ouro no seu testamento, mas aí mesmo lhe rogava que sustentasse e fizesse respeitar as disposições nele contidas. Para que estas ficassem realmente debaixo da protecção do pontífice, era necessário que ele confirmasse o diploma que encerrava a última vontade do rei de Portugal. Talvez em consequência das perturbações que com breve intervalo seguiram este acto, Sancho diferiu o impetrar a confirmação; mas, serenados os ódios e restabelecida a paz com os prelados do Porto e de Coimbra, ele a pediu ao papa e, conjuntamente, a da absolvição que obtivera do eleito de Braga pelo arrependimento e penitência dos excessos passados.

Acedeu Inocêncio III às suas súplicas, encarregando os Arcebispos de Braga e Compostela e o Bispo de Zamora de fazerem cumprir aquelas disposições testamentárias e ratificando a absolvição de todas as censuras compelidas pelo eleito Pedro. Declarou, todavia, que as verbas do testamento real em que se doavam diversos mosteiros se entenderiam ùnicamente em relação ao direito de padroado. De tudo quanto se lia nas letras apostólicas o mais notável era o vivo desejo que o pontífice mostrava de que os legados pios fossem cumpridos em vida do próprio rei e de que este não deixasse a cargo de outrem aquilo que por si podia executar. Tal pretensão, na verdade estranha, dà motivo à suspeita de que as ideias recebidas na Cúria Romana àcerca das intenções do herdeiro da coroa eram pouco favoráveis a este. Infelizmente para a igreja, Sancho não podia já seguir os conselhos de Inocêncio; porque, ao chegarem aquelas cartas a Portugal, tinham passado alguns meses desde que este príncipe fora sepultado.

O valor histórico dos vinte e seis anos que durou o reinado do filho de Afonso I não é, porventura, menor que o do dilatado governo deste; mas os caracteres das duas épocas são tão diferentes quanto o foram os dotes e o génio dos príncipes que presidiram à vida política de cada uma delas. Menos hábil capitão que seu pai, sem aquela superioridade de engenho e de audácia que incitava a grandes empresas o fundador da monarquia, Sancho I, ficou muito longe de obter o mesmo renome como conquistador, posto consumisse em guerras, na maior parte obscuras e inúteis, os melhores anos da idade viril. Por esta parte, nem os dois reis nem as duas épocas sofreram comparação. Diante da espada de Afonso Sarracenos os Cristãos recuam aterrados, as cidades e castelos abrem as suas portas, os limites do

país alargam-se, e as bases da existência de Portugal, cimentadas com torrentes de sangue, assentaram inabaláveis no ocidente da Espanha: Sancho, depois de uma conquista que torna logo a perder, debate-se por anos em lutas estéreis com Leão e, se recupera uma parte do norte e poente do Alentejo, é porque os almoades, que já começam a decaír e que não têm bastantes forças para sustentar um domínio quase inútil naquelas charnecas inóspitas, as abandonam, e os cristãos, principalmente as ordens militares, as vão desbravando e construindo aí castelos e preceptórias. Mas se, afastando os olhos das linhas das fronteiras, os volvemos para o interior do país, o nome do segundo não surge ante nós menos glorioso que o do primeiro, e o seu reinado se nos afigura como o complemento do reinado anterior. Fertiliza com as cinzas dos mártires e do Corão, sulcada e revolvida pelo ferro dos combatentes e pelo redomoinhar das batalhas, a terra de Portugal recebe das mãos de Sancho as sementes da grandeza e da força real nesses concelhos que por toda a parte se estabelecem, nessas granjas e aldeias que se povoam nos distritos menos sujeitos a invasões e correrias, nesses castelos das fronteiras que se coroam de ameias e que se abastecem de petrechos de guerra. Virtude trivial era naqueles tempos o valor que afronta a morte.

Sem o grandioso pensamento que dirigiu todas as suas conquistas; sem a destreza política e extraordinários talentos militares com que supriu a falta de força e de recursos da monarquia que fundava; Afonso I, apesar de todo o seu esforço e actividade, não houvera de ser considerado senão como um cavalheiro feliz. Por este lado, seu filho parece ter sido demasiadamente mimoso da fortuna. Vingou-se ele, porém, nobremente, trabalhando por adquirir, e merecendo com efeito, o

apelido de povoador. A história, tão sujeita ao erro comum de achar mais bela a coroa infértil do louro que o ramo frutífero da oliveira, tratou com desdém os últimos anos do reinado de Sancho, porque o príncipe buscara durante eles substituir as povoações aos desertos, o campo cultivado ao baldio e, enfim, a vida à morte. A energia com que prosseguiu neste empenho temo-la visto no processo da anterior narrativa, e o seu maior elogio está no complexo dos documentos que provam a sua actividade e que, talvez, são uma limitada porção dos que outrora existiram. Fosse que o estado de enfraquecimento a que o país chegara em consequência de quase um século de incessantes combates a isso o constrangesse; fosse o desengano de que a sua perícia militar não era suficiente para equilibrar a falta de recursos de Portugal com as forças superiores dos Muçulmanos e dos Leoneses; fosse, enfim, por inspiração própria ou guiado pelos conselhos dos seus válidos, entre os quais nos aparece, posto que nebuloso e vagamente desenhado, o vulto sagás do chanceler Julião, é certo que este monarca seguiu sinceramente o sistema que o estado interno da nação aconselhava e habilitou os seus sucessores para serem, senão mais valentes, ao menos mais felizes soldados.

Tal é a justiça que se deve a Sancho I como rei. Como homem o seu carácter moral não foi relativamente mau; foi vulgar, isto é, teve os defeitos comuns aos príncipes e barões da época em que viveu. Ignorante e crédulo, porque a ciência, segundo então se pensava, era só feita para ânimos apoucados; irrascível e violento, porque a moderação não se aprende nos campos de batalha, onde seu pai o educara, parece ter sido, além disso, assás inclinado aos galanteios e ao passatempo da caça. Também um certo número de factos

da sua vida lançam sobre ele as suspeitas de cubiçoso e de haver entesourado somas avultadas por meios gravosos para a nação. Com efeito, ainda supondo que houvesse tirado ricos despojos da transitória conquista de Al-faghar e das suas entradas em Leão, é certo que tanto aquela como estas lhe trouxeram também despesas inevitáveis. Se depois reflectirmos nas devastações do território pelos inimigos, na fome que rareou a população e nas edificações de tantos castelos, que deviam ser dispendiosas, apesar da contribuição em trabalho paga pelos municípios e chamada anúduva, qualquer se persuadirá de que não só a nação mas também o príncipe estariam pobres. Pelo que respeita à primeira, o próprio Sancho assegurava que muitas vezes os defensores do estado careciam do necessário, e todavia, ele estava perto de um milhão de morabitinos, quase tudo em ouro cunhado, isto é, mais de três milhões de cruzados da moeda actual, soma a bem dizer incrível, se atendermos à raridade dos metais preciosos naquela época. Semelhantes riquezas pressupõem frequentes rapinas ou um sistema tributário demasiado violento. De feito, numa lei de Afonso II se encontram as provas de que tanto o rei como os seus barões obtinham por um preço incomparàvelmente inferior os objectos mais necessários à vida, imposto monstruoso que nos pode dar ideia das outras exacções fiscais. Neste procedimento, diametralmente oposto aos desígnios de povoar o reino, está em parte a explicação da inutilidade com que em muitas partes se tentou tornar habitados lugares desertos ou convertidos em montões de ruinas.

Mas aquilo em que o reinado de Sancho tem, acaso, mais subida significação histórica é em ter então começado esse facto tão variado como complexo que se protrai

por três séculos e que constitui a principal feição pública da nossa Idade Média. Falamos da aliança do rei e dos conselhos entre as classes privilegiadas, o clero e a fidalguia. Nestas primeiras fases da luta há não só um começo, mas também um resumo ou, antes, um símbolo de toda ela. Os burgueses do Porto, acometendo o seu bispo e seu senhor com os oficiais da coroa, sequestrando-lhe os bens, expulsando-o coberto de ignomínia e afrontando a cólera dos membros da poderosa família de Martinho Rodrigues, são o tipo das resistências e má vontade que nos municípios e nos reis acharam geralmente as duas altas classes do estado, até a monarquia obter delas final e decisiva vitória. Sancho, abandonando os habitantes do Porto, transportando, digamos assim, a sua força inerte de moribundo para o campo adverso, associando-se, até, ao clero para ajudar a submeter os burgueses, dava um deplorável exemplo aos sucessores e entibiava os ânimos populares para as futuras contendas. Não pode, apesar disso, condená-lo a história, pois que tudo parece indicar que os últimos meses da sua vida foram uma dilatada agonia; e se ainda nestes nossos tempos, em que o sentimento religioso se acha atenuado e frouxo, almas que se dizem rijamente temperadas vacilam ao aproximar-se a morte e se acurvam, não só aos terrores salutares e santos da religião mas, até, muitas vezes às crenças supersticiosas da infância, que revivem então importunas, como deixaremos de desculpar um homem ignorante e crédulo, nascido numa época férrea, de sacrificar à voz dos remorsos, muitos dos quais seriam legítimos, tanto as conveniências como a lealdade política?

Da *História de Portugal.*

CAPÍTULO III

ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

1800-1875

1 — A Visão

... Eu voei co'o pensamento
Qual relâmpago ligeiro,
Aos muros silenciosos
De solitário mosteiro.

Melancólico e silvestre
Era todo esse lugar:
De um lado, montanhas ermas,
Do outro, pinhais e o mar.

E eu entrei ao mesmo tempo
No fundo do santuário;
Das campas o surdo estrondo
Movi com pé temerário.

Por toda a parte achei noite,
E o silêncio mais profundo:
Nenhuma voz! nenhum passo!
Nenhum dos filhos do mundo!

Só do mocho sobre o tecto
O triste piar se ouvia,
Que bela abóbada extensa
Se alongava e se perdia.

Logo, o relógio da torre
Meia-noite fez ouvir;
Do templo os ecos acordam,
E tornam logo a dormir.

Depois um sino, tocado
Por forte, invisível mão,
Chamou triste os pensamentos
Para a nocturna oração.

Do coro, até 'li deserto,
Foram cheios os lugares;
No ar até 'li calado,
Reinaram ternos cantares.

A hora, o lugar, as trevas
E aquelas vozes suaves
Reuniram na minha alma
À ternura ideias graves.

Ao tronco de uma coluna
Pensativo me encostei.
Muito mais triste que dantes
E muito mais só me achei.

Emudeceu todo o coro;
Eis as luzes se retiram;
Bateu a porta ao fechar-se;
As santas irmãs saíram.

Da alâmpada veladora
O lume, já quase extinto,
De mil trémulos fantasmas
Encheu do templo o recinto.

Logo o relógio da torre
Uma hora fez ouvir;
Do templo os ecos acordam
E tornam logo a dormir.

Afastei-me horrorizado,
E veloz nesse momento
Ao dormitório tranquilo
Me arrojei co'o pensamento.

Mão na face e olhos na lua,
Vi, dentro da escura cela,
Chorosa virgem sentada
Às grades de alta janela.

Conheci por seus cabelos
E seus trajos seculares
Que não era das votadas
Eternamente aos altares.

Conheci que um pensamento
Nutria triste e profundo;
E eu disse: «Qual eu me vejo,
Se vê sòzinha no mundo!»

E todos quantos afectos
Sua alma encerrados tinha,
Num profético delírio
Foram presentes à minha.

Apertei-lhe a mão com força
E, chegando-a ao coração,
«Ambos achamos, lhe disse,
O que buscamos em vão.

«Por este céu me protesta,
Que eu juro por este céu,
Tu seres minha eternamente
Eu, ser para sempre teu.»

O céu ouviu nossos votos,
Viu-nos a lua abraçar,
E ambos juntos assentados
Ficamos a conversar.

Logo o relógio da torre
Duas horas fez ouvir;
Os ecos de novo acordam
E tornam logo a dormir.

Mas esta virgem quem era?
Porque entrou na solidão?
Donde o seu ar pensativo?
Donde a interna agitação?

Alta noite!... ela sòzinha!...
Porque razão não tremeu?
Ao mortal desconhecido
Como súbito se deu?

Onde existe esse mosteiro,
Esse encantador lugar?
De um lado montanhas ermas!
Do outro, pinhais e o mar!

Homens, deixai meu segredo;
Basta saber que eu sou dela,
Seja onde for seu retiro,
Seja quem for essa bela.

Mulheres, este fantasma
Vos excede nos encantos,
Serão dele eternamente
O meu amor e os meus cantos.

2 — À Ermitagem da Montanha

Fortuna, escuta os meus rogos,
Torna em verdade os meus sonhos,
Ambiciosos mas simples,
Austeros, porém risonhos.

O que te peço é bem pouco;
Mas se este pouco me dás,
Nunca mais uma só queixa,
Nem um rogo me ouvirás.

Altas montanhas desertas
Nessa deserta paragem,
Vizinhas do ermo dela,
Me acolham numa ermitagem.

Seja caverna espaçosa
No seio de alto rochedo,
Vestido de musgo e silvas,
E coroado de arvoredo.

Peles me sirvam do leito,
Dê-me água vizinha fonte,
Meu sustento em frutos e ervas
Liberal me of'reça o monte.

Grosseira lã me revista,
More comigo a inocência,
Reine o silêncio na gruta,
Corra em paz minha existência.

Voz humana jamais soe
Em meu asilo selvagem,
Oiçam-se os ventos e as águas
E o sussurro da folhagem.

Oiçam-se as pombas sem dono
Rolar na mata vizinha,
Zumbir no silvado a abelha,
Cantar-me à porta a andorinha.

Branca vaca ande no monte,
Que ao sol posto à cova traga
O seu leite de presente
À mão que fiel o afaga.

Oh destino afortunado!
É possível?... Num deserto?...
Tão longe de todo o mundo?
Da minha Júlia tão perto?

Ah! gozemos desta imagem,
Nutramos o coração:
Tenho pois ao pé de Júlia
Minha humilde habitação!

Ela a conhece de longe.
E se não vê meu rochedo,
Vê meu lume toda a noite,
De dia o meu arvoredo.

Que palácio do Oriente
Iguala a escura caverna
De uma Montanha, onde os olhos
Vagam da amante mais terna?

Apenas do leito salta,
Ainda meio despida
Corre à janela, e contente
Saúda a remota ermida.

Passa o dia trabalhando
Sempre em lugar donde a veja,
Olha-a quando um raio extremo
Do ocaso o sol lhe dardeja;

E quando a tinta da noite
Vem o universo alagar,
Inda à janela sentada
Encara o mesmo lugar.

Se o rouxinol canta ao longe,
Assim se exprime consigo:
«Onde canta esta avezinha?
«Será junto ao meu amigo?»

Se vê renascer meu lume,
Diz saudosa: «A mão que eu amo
«Agora naqueles montes
Pôs no fogo um novo ramo.»

Se alta noite o vê mais frouxo,
Se o vê de todo extingir,
Diz: «Num leito solitário,
Pobre ermita, vais dormir.»

Branqueja a manhã celeste;
Por diante da vidraça
Madrugadora andorinha
Cantando fugaz lhe passa.

«Bons dias, bela andorinha,
«Vens tu dos montes de além?
«Dorme acaso, ou vens trazer-me
A saudação do meu bem?

«Inda ficava deitado
«No momento em que saíste?
«Dize-lhe quando voltares,
«Que eu te falei, que me viste.»

Ao florir da primavera
No meu asilo campestre,
Levarei à minha Júlia
A primeira flor silvestre.

Levar-lhe-ei no seco estio
Águas, que o frio invernal
Tiver no seio das rochas
Mudado em puro cristal.

No outono os frutos silvestres,
Os mais doces e os melhores;
No inverno meus bons desejos,
Meus versos e os meus amores.

Ah! no inverno... quantas vezes
Durante as noites sombrias
Há-de passar à janela
As horas longas e frias!

O rijo vento das serras,
Mugindo, negro, alagado,
Lhe açoitará co'os cabelos
O lindo colo gelado.

A vela ao tufão se apaga;
Fica em trevas o aposento;
Júlia sofre... Ah! que doçura
Acho no seu sofrimento!

É por mim que ela padece,
Que ela afronta a tempestade,
Co'o peito encostado à pedra,
O semblante unido à grade.

Tigre! que bárbaro gosto!
Que horrendo amor! que delírio!
É só porque Júlia te ama,
Que folgas co'o seu martírio!

Lê, lê antes em sua alma;
Não sabes neste momento,
Quais seus únicos desejos?
Seu contínuo pensamento?

«Como a noite vai medonha!
«A chuva se precipita!
«Rola o trovão! brilha o raio!
«Quem há-de salvar o eremita!

«Não vejo a sua fogueira;
«Uma caverna selvagem...
«Este frio... Ah! pobre amigo!
«Porque estás só na ermitagem?

«Se eu pudesse ir contigo,
«Voaria sem receio;
«Tuas mãos estão geladas,
«Aquecera-as em meu seio;

«Dar-te-ia dos meus vestidos,
«Acenderia a fogueira,
«E ficaríamos juntos
«Conversando a noite inteira.

«Não oiço ao longe latidos?
«Sim; é talvez o seu cão;
«Os lobos giram na serra
«Pelo horror da escuridão.

«Já bateram duas horas!
«Que flauta doce e queixosa
«Soa aos muros do mosteiro
«Nesta noite procelosa!

«Um relâmpago diurno
«Tingiu instantâneo o céu;
«Vi um homem, não me engano,
«Era escuro o manto seu.

«Um homem... às duas horas...
«Parado... e neste lugar,
«Quando toda a natureza
«Se parece aniquilar!

«O seu ar misterioso...
«Sua longa roupa escura...
«Num deserto... alguns fantasmas
«Não saiem da sepultura?!

«O raio cai na montanha.
«Enche os céus clarão brilhante,
«Reconheço à luz terrível,
«É este, o meu terno amante.

«Sem temor ao frio, à neve,
«À chuva, aos trovões, aos ventos,
«Quis vir juntar aos meus sonhos
«Da flauta os meigos acentos.»

Sim, Júlia, querida Júlia;
Ah! pudesse o meu amor
Dar-te da sua violência
Uma prova inda maior!

Atravessar por desertos
A extensão da imensidade;
Passar mil séculos juntos
No meio da tempestade;

Fender todo inteiro a nado
De fogo um mar infinito;
«Júlia, eu te amo, eu te amo, ó Júlia,»
Ninguém me ouvirá outro grito.

3 — Da sua Lira

De Atridas os feitos, de Cadmo os louvores
tentei celebrar;
e a lira rebelde só cantos de amores
me quis entoar.

Impus-lhe outras cordas... Trabalho perdido!
A lira troquei;
aos feitos de Alcides a nova convido...
e *Amor* lhe escutei!

Adeus, grandes homens! Buscai n'outra lira
o vosso louvor!
A minha não sabe; não pode; suspira
só cantos de amor.

A Lírica de Anacreonte.

4 — Médico à Força

ACTO II — CENA VI

Sganarelo

Quem é forte em medicina,
enfim, quem é como eu sou,
por força que logo atina.
Um matasanos qualquer,
se estivessem para ouvi-lo,
punha-se: «tem isto e aquilo»,
e não salvava a mulher.
Eu, sem cara carrancuda,
chego, boto o olho, e venço;
não entro a palrar, nem penso;
declaro logo: está muda.

Januário

É verdade: mas tomara
saber donde lhe veio.

Sganarelo

Nada mais fácil: proveio
(até se lhe lê na cara)
proveio de ter perdido
o uso da fala.

Januário

Bem;
porém de que é que provém
(nisto é que eu estou confundido)
ter perdido o uso da fala?
percebe?

Sganarelo

Percebo tudo;
a causa é fácil achá-la;
a causa é o órgão estar mudo.
Nesse ponto os bons autores
concordam todos comigo.

Januário

Sim, senhor; mas o que eu digo,
se dão licença os doutores,
é que tomara saber
o seu pensar, sim o seu,
sobre o que pôde fazer
que o órgão lhe emudeceu.

Sganarelo

Aristóteles sobre isso
diz coisas, que é mesmo um pasmo.

Januário

Creio.

Sganarelo

Que homem de toitiço!
a mim produz-me entusiasmo!
Aristóteles!

Januário

Pois sim...

Sganarelo

Grande homem! tinha de altura
mais do que eu, tudo isto; assim!...

(indicando o seu próprio braço, desde a mão até ao cotovelo).

Januário

Alentada criatura!

Sganarelo

Mas, tornando à vaca fria...
sim, ao que eu lhe vinha expondo;
eis a sua teoria,
e com ela lhe respondo:
O impedimento que impede
Que ela dê à taramela...
ùnicamente procede
de um certo estado... uma aquela...
no tempero dos humores
diverso do que era dantes;
humores, que nós, doutores,
denominamos pecantes.
Humores pecantes... veja
se não é frisante o nome!
Ora como isto assim seja...
tome bem sentido, tome;
os vapores levantados
das exalações intensas,
dos influxos procriados
na região das doenças...
chegando... (não perca o fio)
chegando... (explico-me assim)
chegando num corropio...
O senhor sabe latim;
não sabe?

Januário

Não sei.

Sganarelo *(levantando-se de súbito)*

Não sabe
o latim?!

Januário

Eu não senhor;
nunca intentei ser doutor.
Mas vamos à história; acabe.

Sganarelo *(com o maior entusiasmo)*

Cabriciés dominé orum;
domum tecum ablativó
sund rachânté pinheirórum
humóres infinitivó.
Hora a hora; *vis* tu queres;
rançorum doençam gatis:
muliéres as mulheres,
fervet olium carrapatis.
Laudo laudas introjones,
merídies omnibus dabit;
curativo cum demónes
Aristótelés sarabit.

Januário

Ai! não ter eu estudado!

Joaquina

Aquilo é que é ter memória!

Lucas

Não entendi (mau pecado!)
nem pada daquela história:
mas lá que é famosa, isso é.

Sganarelo (para Januário)

Ora os vapores que eu digo,
recorda-se bem?

Januário

Olé!

Sganarelo

(Não é parvo o nosso amigo.)
Quando os tais vapores vão
aqui, do lado direito,
onde mora o coração,
para a esquerda aqui do peito
onde nós temos o baço,
ao passarem pelo bofe
que em latim chamamos *sasso,*
ou segundo os gregos, *trofe,*
tendo comunicação
co'o cérebro, ou *roz* no hebreu,
pela veia cava, então
co'os vapores (percebeu?)
co'os vapores que o omoplata
nos ventrílocos encerra,
fazem uns aos outros guerra;
daqui é que a coisa data.
(Por quem é, não perca o fio...)

Januário

Não perco.

Sganarelo

Os ditos vapores,
que são de humor muito frio,
e bastante corruptores,
(aqui é que bate o ponto;
repare bem...)

Januário

Muito bem!

(aparte)

Já tenho o miolo tonto.

Sganarelo

Outros humores, que vêm
no diafragma pela aorta
como uns borbotões de peste,
como acham aberta a porta,
(toda a atenção que me preste
não é de mais).

Januário

Adiante,
homem, já me falta o ar!

Sganarelo

Pois sim. Atenção bastante,
e já vai tudo entrujar.
Os vapores *ossabandus*
nequis, nequer, potarinum
quiper milus flos cabrinum,
cavallones aldubrandus.
Ora aqui tem claramente
porque a menina está muda.

Joaquina

Sempre esta gente que estuda
Sabe muito mais qu'a gente.
Pois não, marido?

Lucas

É verdade;
língua assim...

Januário

Faz admirar!
O que me fez novidade
foi trocar-nos o lugar

do baço e do coração...
O coração sempre ouvi
que ficava à esquerda; aqui;
e à direita o baço; não?

Sganarelo

Antigamente assim era;
mas a moderna ciência
trocou tudo isso; pudera!
hoje há mais experiência.

Médico à Força (Teatro de Molière).

5 — Necessidade de Estudar os Antigos Escritores

Mancebos (se os há aí que se dêem às letras), vós que encetais a mui árdua e perigosa vereda que pelas letras conduz à fama, seja qual for o género de poesia para onde propendais, seja qual for o vosso não vulgar engenho, sejam quais forem os louvores que os velhos na arte vos concedam, e os aplausos com que as sociedades vos afoutem, não vos deis pressa de aparecer: os conselhos que Horácio vos deu duram com toda a força que a natureza e a prática lhe bafejaram. Deve-se compor de espaço, consultar os bons e peritos, guardar por nove anos, chamar e tornar a chamar dez vezes à unha a obra já perfeita. O amor próprio nos persuade e impele a aparecermos cedo: devia ele, se não fora cego, ter-nos mão para nos não sairmos senão a horas.

A melhor fruta colhe-se mais tarde.

(*Rodrigues Lobo*).

Muito mais vale começar a jornada com dia claro, do que, para adiantar horas, largar a pousada pelo escuro da noite, em que os tropeços são fáceis, perigosas as quedas, e quase certo o extravio, que afinal, lançadas as contas, nos farão chegar mais tarde e menos gostosos ao lugar que demandamos.

Repetirei, porque nunca o repeti-lo será de sobra, o que já por semelhante ocasião disse em outro meu livrinho: contra esta enfermidade, que se tornou praga, e nos traz a todos lastimosamente gafados, não há mais remédio senão socorrermo-nos aos livros mestres de nossa língua. A aversão que vós outros, gente moça, lhes tendes, bem sei donde nasce, que também eu por aí passei: correm para vós, como rio caudal, os livros dessa França, todos especiosos e doirados, todos galhardos e loução, arrebicados e argutos no dizer, prometedores de maravilhas nos títulos e índices, conversando convosco paixões fortes e brandos afectos, uns vomitando república por todas as folhas, outros por todos os poros exalando comodíssima incredulidade, e todos à uma embebidos do presente, afinados pelo vosso ponto e, se o posso dizer, mancebos como vós mesmos. Não já assim os nossos pátrios autores: estes não vos saem ao caminho; pousam, antes jazem, pela escuridão erma das bibliotecas, mal envoltos na grosseira capa de seu tempo, enterrados no pó, meio devorados dos bichos. Se os olhais por fora, parece-vos que a vida vos não daria para um só volume: se os consultais por dentro já os títulos vos não namoram, os índices vos descoroçoam. Folheai-los por alto, vêm os milagres incríveis, a história encarecida ou chã, a poesia enleada e escura, o estilo incorrecto e desflorido, o amor grave e sisudo, os costumes castos, a moral severa, a fé religiosa e inconcussa; cada página na sua simplicidade apregoa

Deus, revém por cada poro o cheiro do mundo velho: mas esforçai, afazei-vos por alguns dias a sofrê-los e consenti-los: continuá-los-eis sem tédio, logo com gosto, com ânsia, reconhecendo afinal quanto as primeiras mostras vos haviam mentido, como pelo meio e fundo daquele enganoso dissabor andavam sumidas galas, jóias, riquezas, maravilhas, que vos enchem os olhos, vos cativam a vontade, e fazem que vos pese do tempo que os não conhecestes.

A Primavera.

6 — Morte de Martim Moniz

No dia 21 de Outubro, dia já memorando e assinalado com sangue nos fastos da Igreja pelo martírio de onze mil santas, determina el-rei concluir a todo o custo. No acometimento, que vai ser geral, há dois pontos sobremaneira arriscados, a torre ambulante e a despenhada subida do norte: aos seus experimentados portugueses os confia.

Deixa aos lotaringos a brecha; aos restantes estrangeiros reparte os vários lanços do muro; para si nada reserva: aparecerá por toda a parte, ajudará e acudirá a todos. É Martim Moniz o capitão a quem toca vingar com um bando de portugueses a mais que difícil espalda da cidade, e descarregar-lhe ao centro da nuca um golpe temerário e, porventura, decisivo.

De quem este fidalgo fosse, quase não alcançamos notícia; só o divisamos como certos deuses indigetes da infância dos povos, que transparecem resplandecendo por entre nuvens. Dum conde castelhano, que a Portu-

gal viera pelos dias de D. Henrique, o presumem neto; mereceu pelejar em Ourique entre os valorosos de el-rei, na dianteira do exército; foi por dois filhos origem de duas séries de nobreza, que ainda permanecem; a só claridade da sua morte lhe supre uma vida patente de façanhas, e o seu nome se vinculou indelével na porta da muralha que ainda lhe serve de monumento.

Chegados à fralda da encosta, Martim Moniz se volta de repente contra os companheiros, que, alçados os rostos, contemplavam atónitos o aprumado e fragoso do monte, onde só alguma erva de longe em longe parecera haver podido tomar pé, e em cuja crista, por cima do muro fechado e torreado, ressaía ainda a alcáçova; massas monstruosas penduradas, ameaçando despenhos, e cuja mínima parte sobraria a alagá-los; e sobre a alcáçova, sobre as torres, sobre a muralha, os terçados, os alfanjes, as azagaias que giram resplandecendo!

«Procurais o caminho? — disse — eu vo-lo ensinarei. Se o acometer é agro, impossível nos será a fuga. Se nos recusarem a porta, forçá-la-emos. Se entramos, cativa está a cidade: se caíssemos, cairíamos tão alto que vencêssemos em glória os vencedores. Tende fé nas divinas promessas, recordai-vos de Santarém. Adverti como somos postos hoje em exemplo a naturais e estrangeiros! Encomendemo-nos aos anjos, que nos acudam com suas asas, e subamos por onde jamais não volveremos a descer».

E eles subiam arremessadamente; o capitão lhes levava uma larga dianteira. A cada passo que davam, o terreno decrépito se lhes esboroava debaixo das sapatas ferradas. Ora lhes era forçado tomar as armas entre os dentes, debruçar e valer das mãos para trepar; ora ir fincando pelo resvaladiço do solo as pontas das lanças.

Choviam de cima os penedos, que, rodando dispartidos para todos os cabos, tomavam alguma da gente, com a qual se iam, de tombo em tombo, mergulhar no fundo do vale; e as risadas dos mouros ferviam nos ares, e todas as frontes portuguesas tressuavam, e as respirações resfolegavam amiudadas, e os corações pulavam de furor; e a muralha se avizinhava, e os olhos que dela se despregavam de relance descobriam por toda a parte um estendido e formoso painel do mundo, o mar, a armada, os montes, as povoações mouras e, para trás e para baixo, um abismo cada vez mais profundo!

Vendo os cercados que se ousava arvorar escada contra aquele muro, pôr mão violenta naquela porta, como valentes que eram, e seguros de si, deixados em cima os necessários para derrubar os escaladores, descem a abri-la, saem generosamente a campear. Martim Moniz lhes tem rosto, os aperta, os rechaça, os persegue; pela mesma porta que os despejou os recalca para a praça e, embravecido na matança, se interna após eles. Aqui principiou na apertada senda um fluxo e refluxo dos dois bandos contendores. Mais numerosos os de dentro, não menos varões, e avantajados como gente de casa, precipitam-se rijo, arremessam ante si os portugueses. A porta, temeràriamente aberta, vai-se fechar; de cima do muro a salvo consumarão a derrota. Moniz, a quem o malogro de tantas fadigas desespera, à porta se atira novamente como trave balouçada de aríete, aguenta-se contra o peso e esforços de dentro, ruge como leão, apelidando os seus soldados, fá-la gemer, bocejar, entreabrir-se. Inclinado contra ela, com os pés ambos repulsando a terra, com o ombro e com a fronte o madeiro, sobejando-lhe ainda alma da que em todos os membros lhe pulula para esgrimir a espada, ora com ela acena aos companheiros, ora pela abertura, cada vez

mais devassa, a rodeia como corisco pelos rostos e braços dos resistentes; até que, fraqueando estes um pouco, e sendo já perto portugueses, pondo no empenho o último de suas forças e escorrendo em sangue, que já de largas feridas lhe repuxa, entre o umbral e a couceira se arroja. Deitado e moribundo, barafusta ainda, oferece-se por ponte à vingança portuguesa; e sentindo sobre si o correr de soldados seus, que já não pode ver, despede com um grito de alegria a grande alma, e abre da mão a espada, finalmente viúva.

Quadros Históricos de Portugal.

CAPÍTULO IV

POESIA ULTRA-ROMÂNTICA

TEXTOS DE:

João de Lemos
Augusto de Lima
A. Gonçalves Dias
Luís Augusto Palmeirim
A. X. Rodrigues Cordeiro
Soares de Passos

JOÃO DE LEMOS

(1818-1890)

1 — A Lua de Londres

É noite; o astro saudoso
Rompe a custo um plúmbeo céu,
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, húmido véu,
Traz perdida a cor de prata,
Nas águas não se retrata,
Não beija no campo a flor,
Não traz cortejo de estrelas,
Não fala d'amor às belas,
Não fala aos homens d'amor.

Meiga lua! os teus segredos
Onde os deixaste ficar?
Deixaste-os nos arvoredos
Das praias d'além do mar?
Foi na terra tua amada,
Nessa terra tão banhada
Por teu límpido clarão?
Foi na terra dos verdores,
Na pátria dos meus amores,
Pátria do meu coração?

Oh! que foi; deixaste o brilho
Nos montes de Portugal,
Lá onde nasce o tomilho,
Onde há fontes de cristal;
Lá onde viceja a rosa,
Onde a leve mariposa
Se espaneja à luz do sol;
Lá onde Deus concedera
Que em noites de Primavera
Se escutasse o rouxinol.

Tu vens, ó lua, tu deixas
Talvez há pouco o país
Onde do bosque as madeiras
Já têm um flóreo matiz;
Amaste do ar a doçura,
Do azul céu a formosura
Das águas o suspirar,
Como hás-de agora entre gelos
Dardejar teus raios belos
Fumo e névoa aqui amar?

Quem viu as margens do Lima,
Do Mondego os salgueirais,
Quem andou por Tejo acima
Por cima dos seus cristais,
Quem foi ao meu pátrio Doiro
Sobre fina areia d'oiro
Raios de prata esparzir,
Não pode amar outra terra
Nem sob o céu d'Inglaterra
Doces sorrisos sorrir.

Das cidades a princesa
Tens aqui, mas Deus igual
Não quis dar-lhe essa lindeza
Do teu e meu Portugal;
Aqui a indústria e as artes,
Além de todas as partes,
A natureza sem véu;
Aqui oiro e pedrarias,
Ruas mil, mil arcarias,
Além... a terra e o céu.

Vastas serras de tijolo,
Estátuas, praças sem fim
Retalham, cobrem o solo,
Mas não me encantam a mim;
Na minha pátria uma aldeia
Por noites de lua cheia
É tão bela, e tão feliz!
Amo as casinhas da serra
Co'a lua da minha terra
Nas terras do meu país.

Eu e tu, casta deidade,
Padecemos igual dor,
Temos a mesma saudade,
Sentimos o mesmo amor:
Em Portugal o teu rosto
De riso e luz é composto,
Aqui triste e sem clarão,
Eu lá sinto-me contente,
E aqui lembrança pungente
Faz-me negro o coração.

Eis pois, ó astro amigo,
Voltemos aos puros céus,
Leva-me, ó lua, contigo
Preso num raio dos teus,
Voltemos ambos, voltemos
Que nem eu, nem tu podemos
Aqui ser quais Deus nos fez,
Terás brilho, eu terei vida,
Eu já livre e tu despida
Das nuvens do céu inglês.

O Trovador.

2 — O Sino da Minha Terra

Tange, tange, augusto bronze;
Teu som alegre e festivo,
Despertando ecos do peito,
Faz-me ficar pensativo!

Era assim que tu cantavas
Quando nasceu minha mãe,
Quando a viste ser esposa,
E após ter filhos também.

Choraste-a quando ao sepulcro...
Longe ideia tão funesta!
Era assim que te alegravas
Todos os dias de festa.

Era assim que tu folgaste
Quando fui, débil menino,
Mergulhar nas santas águas
O meu corpo pequenino.

Era assim que ao céu dizias,
Acompanhando a oração,
— Mais um roubo a Satanás,
Para Deus mais um cristão. —

Tange, tange, augusto bronze;
Teu som alegre e festivo,
A cada nova pancada
Me torna mais pensativo.

Quantas vezes, me chamaste
Em meio de meus folguedos,
A louvar c'o povo todo
Da Igreja lindos segredos!

Ora à missa convidando,
Ora ao solene sermão,
Ora a invejar os anjinhos
Que levava a Procissão.

Eu era doido no templo
C'os sons do órgão sagrado,
Canto, incenso, ramalhetes,
E c'o trono iluminado.

Minhas preces mal sabidas
Eram todas d'inocência,
Inda os lábios recusavam
As preces da penitência.

Oh! como tu me recordas
Nessa voz enternecida,
Doce viver dessas horas
Da aurora doce da vida!

Tange, tange, augusto bronze;
Teu som, casado comigo,
A cada nova pancada
Me torna mais teu amigo.

Às vezes nas horas quentes
Quando eu brincava e sorria,
Vinhas tu bradar-me: — reza,
Que é chegado o meio dia — !

Às vezes n'hora da sesta
Acordava ao teu clamor;
Era um cristão que pedia
A visita do Senhor.

Hei vivido de ti longe,
Desde a infância não te ouvi,
De novo agora te escuto,
De novo a infância senti.

Vou partir... talvez p'ra sempre;
Levem-me os ecos da serra
Estes sons que hei-de amar sempre
O sino da minha terra!

Se inda aqui vier morrer,
Chora no meu funeral,
E se for em terra alheia,
Repete o alheio sinal.

Tange, tange, augusto bronze;
Teu som, casado comigo,
Inda na morte me agrada,
Inda ali sou teu amigo.

Idem.

3 — A Via Férrea

Que vem além, no horizonte?
Que rebentou desse monte
Em carreira tão veloz?
Parece enorme serpente,
Sibilante monstro ingente,
Raivoso, direito a nós!
Oh! pavor estranho e sumo!
Oh! fantástica visão!
Da cabeça sai-lhe fumo,
Da boca, aceso carvão!...

Transpõe tudo, o vale e a vargem!
Se chega dum rio à margem,
Logo o rio deixa atrás;
Alta montanha na frente,
Dum lado o vês, de repente
Do outro lado o verás;
Casas, bosques, monumentos,
Té ao longe, o próprio mar,
Com rapidez de momentos,
Passam, somem-se no ar!

Faz lembrar o mundo, a vida,
Como seta despedida,
Que parte direita ao fim:
Fumo, sonho dum instante!...
Aqui vai... logo distante....
Fugindo.... fugindo assim...
E passa a locomotiva
Prados, árvores em flor....
Como passa fugitiva,
Em nós a idade, o amor!

Como da campa na estância,
Se vão amigos da infância,
Ou do tempo juvenil,
Como os prazeres de outrora
Se somem a cada hora,
No desengano senil!
E vamos, vamos, depressa,
Que nos apressa o carvão...
Já se anda forrando a eça...
Já se avista a estação!...

À noite, quem vê de lado
Todo o monstro iluminado,
Palácio semelha então;
Palácio estranho, movente,
Arrastando vária gente
De diversa condição;
E no palácio encantado,
Rindo, chorando se vai...
Até que o termo é chegado...
Pára a máquina, dando um ai!

O monstro silvou, chegando,
E ainda de quando em quando,
Como quem suspiros dá;
Talvez seja de cansado
Que esse forte, agudo brado,
À chegada, solte lá!...
Que monstro é este? não dizem?
É do mundo, ou infernal,
Ou celeste a sua origem?
Que é isto? É bem ou mal?

Deve ser bem, se não erro;
Chamam-lhe via de ferro,
Que pôs às distâncias fim:
E de homem audaz processo
Por santa lei do progresso,
Que a mesma foi sempre assim.
Nem se cuide que isto é salto
Do tempo, nos fastos seus,
Pois vem só da lei do alto,
É sòmente a mão de Deus!

AUGUSTO DE LIMA

(1821 — 1867)

Infância e Miséria

Se eu tivera o pincel omnipotente
De Rafael, de Rubens, ou de Apelles;
Se o milagroso escopro de Canova
A minha dextra ousada manejasse;
Se na pedra ou na tela a vida eterna
Eu pudesse infundir c'um leve sopro,
Que majestoso, que eloquente grupo
Ou na tela ou pedra hoje criara!

Era um grupo formoso, um quadro augusto
Qual antes nunca vi, qual vejo ainda
No fulgor de verdade ante meus olhos
Que de vê-lo e descrevê-lo se não cansam;
Não, não era, não foi visão nem sonho
Mas na verdade sòmente... a existência
Numa fase comum... a humanidade
No relevo dos factos cinzelada!

Era um grupo formoso, um quadro augusto
Não de amor, de ventura ou de alegria,
Mas de infortúnio, e dor, e de miséria
Casados por ludíbrio à inocência!
Era a infância dormindo na desgraça,
Esquecendo risonha a voz da fome,
Era a vida a raiar entre os andrajos
A indigência assentada ao pé do berço.

Quase às portas de um templo consagrado
Às artes, ao prazer, ao luxo, aos ricos,
Quando a turba pejava as áureas portas
Do marmóreo edifício... ao pé, bem perto,
Sobre as húmidas pedras do lagedo,
Jaziam abraçadas três crianças
Cujo anjo tutelar, e cujo amparo
Era apenas o sono da inocência!

Dormiam todas três; quanto era belo
Vê-las unidas, enfeixadas numa,
Repartindo o calor dos tenros corpos
Como o pão que despertas esmolavam!
Quanto era belo o vê-las — como a ave
Que em presença da morte esconde n'asa
A plumosa cabeça — reclinadas
No regaço da fome e da miséria!

Dormiam todas três; talvez bem doce
Roçando levemente aquelas almas
Um breve, meigo sonho de alegria
Fizesse palpitar-lhe os débeis peitos!
Mas não, não pode ser... não pode o Eterno
Deslumbrar-nos em sonhos co'a ventura
Quando se há-de acordar à voz da fome
Estendendo a quem passa a magra dextra!

Como eram já sombrios, macilentos
Aqueles infantis, serenos rostos
Onde a vida em botão abria a custo
Como a flor que desponta em plaga estranha!
Nas pálidas feições como se liam
De um precoce sofrimento os negros traços!
Como a lívida fome lhes roubava
O plácido sorriso da inocência!

Que triste sorte, amargurada vida
Arrastavam sem queixa aqueles anjos!
Em lugar dos brinquedos inocentes
E dos gozos sem par da curta infância,
Esmolavam, coitadas, no abandono
O pão negro e acerbo da indigência,
Sem um tecto a não ser o céu da pátria,
E sem mãe senão tu, ó caridade!...

Até quando, ó meu Deus, até que dia
Se há-de ver no banquete da existência
Um manjar que não seja para todos,
Um lugar de que alguém possa expulsar-se?
Até quando será o mundo inteiro
Património d'alguns, e para os outros
A penúria, a nudez, o desamparo,
E por só privilégio a fome e o cárcere?

Dormiam todas três; que meigo sono
O veneno da vida lh'adoçava!
Como em cada feição se via impresso
O benefício olvido da existência!
Irmãos no sangue, e na desgraça gémeas,
Embaladas talvez no mesmo berço,
Dormiam todas três na mesma pedra
Igual sono de infância e desconforto!

Eu vi aquele grupo! era formoso
De sofrimento e graça; iluminava-o
De um estranho fulgor a majestade
Sinistra, mas augusta, da miséria!
Eu vi aquele grupo! assim não visse
Naquele estreito quadro a negra história
De muitas gerações... assim não lesse
Teu pungente epigrama, ó sociedade!

A. GONÇALVES DIAS

(1823-1864)

Inocência

Ó meu anjo, vem correndo,
Vem tremendo,
Lançar-te nos braços meus;
Vem depressa, que a lembrança
Da tardança
Me aviva os rigores teus.

Do teu rosto, qual marfim
De carmim,
Tinge um nada a cor mimosa;
É belo o pudor, mas choro
E deploro
Que assim sejas tão medrosa.

Por inocente tens medo
De tão cedo
De tão cedo ter amor;
Mas sabe que a formosura
Pouco dura,
Pouco dura como a flor.

Corre a vida pressurosa
Como a rosa,
Como a rosa na corrente;
Amanhã terás amor?
Como a flor,
Como a flor fenece a gente.

Hoje ainda és tu donzela
Pura, e bela,
Cheia de meigo pudor;
Amanhã menos ardente
De repente
Talvez sintas meu amor.

LUÍS AUGUSTO PALMEIRIM

(1825-1893)

As Ondas

Como os meus desejos
As ondas são,
Se d'encontro às rochas
A partir-se vão;
Refervem as ondas
Em negro cachão,
Como os mil desejos
Do meu coração.
Ao menos, as ondas,
Enganos não têm;
Se contra os rochedos
A partir-se vêm!
Que as rochas a prumo
Nas praias d'além,
Meiguices não fingem
Qu'enganam ninguém.
Mas, Ela, nos olhos
Que falam d'amor,
As ondas do peito
Repele sem dor;
Seus olhos são rochas
De meigo fulgor,
Onde vão quebrar-se
Meus hinos d'amor.
Ao menos, vós, ondas
Nas rochas quebrais;
Que as rochas não ouvem
Das ondas os ais;
Nem vós por lá tristes
Como eu suspirais;
Por olhos, que encantam,
Mas são desleais.
São negras as rochas
Erguidas no mar;
Nem elas entendem
O teu suspirar;
Nem elas convidam
As ondas a amar,
Nem podem ouvir-te
No teu murmurar.
Mas olhos qu'entendem
Humilde pedir,
Não devem calados
Meus prantos ouvir;

Qu'então, são mais rochas
Que a rocha a luzir,
Nas trevas da noite
Do mar ao bramir.
As ondas nas rochas
Lá vão fenecer,
Fingindo rigores,
Rigores sem ter.
Mas eu, nem ao menos,
Me é dado morrer,
Por Deus fui fadado
D'enganos viver!
Seus olhos, são negros,
Dum negro sem par;
São como os rochedos
Erguidos no mar.
Por noites escuras
Sempre a negrejar.
Assim os seus olhos
Soubessem amar!

A. X. RODRIGUES CORDEIRO

(1819-1896)

1 — Imagens da vida

Esta praia que inda há pouco
viste, bela, adormecida,
não a vês ora açoitada
da tormenta embravecida?
Não a vês? Pois é a imagem,
a triste imagem da vida.

Esta selva que ainda ontem
de verdes folhas vertida
era das aves o encanto
não a vês hoje despida?
Não a vês pois é a imagem,
a triste imagem da vida.

Este dia que entre galas
e risos da luz nascida
raiou; não vês fugindo,
buscando a noite escondida?
Não o vês? Pois é a imagem,
a triste imagem da vida.

Oh! a vida! Não a creias
sempre risonha e florida
donzela, mas não a temas;
tu és do céu protegida,
que os anjos do céu não deixam
a irmã na terra esquecida.

2 — Trevas e Luz

Donde vimos? Da noite onde não brilha
um lampejo sequer da luz serena,
que o Senhor deu ao mundo;
vimos da escura treva que em partilha
à ignorância coube, e vê sem pena;
vimos do antro profundo.

Que buscamos? O sol que regenera,
a estrela d'alva, a palma da vitória,
o vívido calor;
buscamos nova vida e nova era,
mais risonho país, com ele a glória,
com ela a paz e o amor.

Quem somos? Os intrépidos mareantes
que buscamos o porto suspirado,
que inda ontem se não via;
olhamos e não vemos como dantes
a negra cerração, o ar toldado,
nem vislumbres de dia;
entrevê-se no éter do horizonte;
das brumas através no vácuo imenso
um vulto se afigura;

à proa se desenha erguido monte,
já mais claro se vê e menos denso,
a rota é já segura.

Avante! assim o quer nosso destino.
— Avante, e em Deus! — É este o nosso lema
na bandeira reluz.
Argonautas, o nosso velocino,
a divisa que o campo nos extrema,
é o porvir, a luz.

Terra! Terra! se grita, a terra amiga,
a paragem, o porto sem igual,
nosso Éden, nosso amor.
Ó pobres, eis o prémio da fadiga!
Ó ricos, eis o oiro que mais val!
Graças, graças, Senhor.

SOARES DE PASSOS

(1826-1860)

1 — O Noivado do Sepulcro

Vai alta a lua! na mansão da morte
Já meia noite com vagar soou;
Que paz tranquila; dos vaivéns da sorte
Só tem descanso quem ali baixou.

Que paz tranquila!... mas eis longe, ao longe
Funérea campa com fragor rangeu;
Branco fantasma semelhante a um monge,
D'entre os sepulcros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se!... na amplidão celeste
Campeia a lua com sinistra luz;
O vento geme no feral cipreste,
O mocho pia na marmórea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se!... com sombrio espanto
Olhou em roda... não achou ninguém...
Por entre as campas arrastando o manto,
Com lentos passos caminhou além.

Chegando perto duma cruz alçada,
Que entre os ciprestes alvejava ao fim,
Parou, sentou-se e com voz magoada
Os ecos tristes acordou assim:

«Mulher formosa, que adorei na vida,
«E que na tumba não cessei d'amar,
«Por que atraiçoas, desleal, mentida,
«O amor eterno que te ouvi jurar?

«Amor! engano que na campa finda,
«Que a morte despe da ilusão falaz:
«Quem d'entre os vivos se lembrara ainda
«Do pobre morto que na terra jaz?

«Abandonado neste chão repousa
«Há já três dias, e não vens aqui...
«Ai, quam pesada me tem sido a lousa
«Sobre este peito que bateu por ti!

«Ai, quam pesada me tem sido!» e em meio,
A fronte exausta lhe pendeu na mão,
E entre soluços arrancou do seio
Fundo suspiro de cruel paixão.

«Talvez que rindo dos protestos nossos,
«Gozes com outro de infernal prazer;
«E o olvido cobrirá meus ossos
«Na fria terra sem vingança ter!»

— Oh nunca, nunca! de saudade infinda,
Responde um eco suspirando além...
— «Oh nunca, nunca!» repetiu ainda
Formosa virgem que em seus braços tem.

Cobrem-lhe as formas divinais, airosas,
Longas roupagens de nevada cor;
Singela c'roa de virgíneas rosas
Lhe cerca a fronte dum mortal palor.

«Não, perdeste meu amor jurado;
«Vês este peito? reina a morte aqui...
«É já sem forças, ai de mim, gelado,
«Mas ainda pulsa com amor por ti.

«Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
«Da sepultura, sucumbindo à dor:
«Deixei a vida... que importava o mundo,
«O mundo em trevas sem a luz do amor?

—«Saudosa ao longe vês no céu a lua?
—«Oh vejo sim... recordação fatal!
—«Foi à luz dela que jurei ser tua
«Durante a vida, e na mansão final.

«Oh vem! se nunca te cingi ao peito,
«Hoje o sepulcro nos reúne enfim...
«Quero o repouso do teu frio leito,
«Quero-te unido para sempre a mim!»

E ao som dos pios do cantor funéreo,
E à luz da lua de sinistro alvor,
Junto ao cruzeiro, sepulcral mistério
Foi celebrado, d'infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
Já desse drama nada havia então,
Mais que uma tumba funeral vazia,
Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém mais tarde, quando foi volvido
Das sepulturas o gelado pó,
Dois esqueletos, um ao outro unido,
Foram achados num sepulcro só.

2 — O Firmamento

Glória a Deus! Eis aberto o livro imenso,
o livro do infinito,
onde em mil letras de fulgor intenso
seu nome adoro escrito.
Eis de seu tabernáculo corrida
uma ponta do véu misterioso:
desprende as asas remontando à vida,
alma que anseias pelo eterno gozo!

Estrelas que brilhais nessas moradas,
quais são vossos destinos?
Vós sois, vós sois as lâmpadas sagradas
de seus umbrais divinos.
Pululando no seio omnipotente
e sumidas por fim na eternidade,
sois as faíscas de seu carro ardente
ao rolar através da imensidade.

E cada qual de vós um astro encerra,
um sol, que apenas vejo,
monarca de outros mundos como a terra,
que formam seu cortejo.
Ninguém pode contar-vos: quem pudera
esses mundos contar a que dais vida,
escuros para nós, qual nossa esfera
vos é nas trevas da amplidão sumida?

Mas vós perto brilhais, no fundo acesas
do trono soberano:
quem vos há-de seguir nas profundezas
deste infinito oceano?
e quem há-de contar-vos nessas plagas

que os céus ostentam de brilhante alvura,
lá onde sua mão sustém as vagas
dos sóis que um dia romperão na altura?

E tudo outrora na mudez jazia,
nos véus do frio nada;
reinava a noite escura; a luz do dia
era em Deus concentrada.
Ele falou! e as sombras num momento
se dissiparam na amplidão distante
Ele falou! e o vasto firmamento
seu véu de mundos desfraldou ovante!

E tudo despertou, e tudo gira
imerso em seus fulgores;
e cada mundo é sonorosa lira
cantando os seus louvores.
Cantai, ó mundos, que seu braço impele,
harpas da criação, fachos do dia,
cantai louvor universal Àquele
que vos sustenta e nos espaços guia!

Terra, globo que geras nas entranhas
meu ser, o ser humano,
que és tu com teus vulcões, tuas montanhas,
e com teu vasto oceano?
tu és um grão de areia arrebatado
por esse imenso turbilhão dos mundos
em volta de seu trono levantado
do universo nos seios mais profundos.

E tu, homem, que és tu, ente mesquinho,
que soberbo te elevas,
buscando sem cessar abrir caminho
por tuas densas trevas?

Que és tu com teus impérios e colossos?
um átomo subtil, um frouxo alento:
tu vives um instante, e de teus ossos
só restam cinzas, que sacode o vento.

Mas ah! tu pensas, e o girar dos orbes
à razão encadeias;
tu pensas e, inspirado em Deus, te absorves
na chama das ideias:
Alegra-te, imortal, que esse alto lume
não morre em trevas de um jazigo escasso!
Glória a Deus, que num átomo resume
o pensamento que transcende o espaço!

Caminha, ó rei da terra! se ainda és pobre,
conquista áureo destino,
e de século em século mais nobre
eleva a Deus teu hino!
e tu, ó terra, nos floridos mantos
abriga os filhos que em teu seio geras,
e teu canto de amor reúne aos cantos
que a Deus se elevam de milhões de esferas!

Dizem que já sem forças, moribunda,
tu vergas decadente:
oh! não, de tanto sol que te circunda,
teu sol ainda é fulgente.
Tu és jovem ainda; a cada passo
tu assistes de um mundo às agonias,
e rolas entretanto nesse espaço
coberta de perfumes e harmonias.

Mas ai! tu findarás! além cintila
hoje um astro brilhante;

amanhã ei-lo treme, ei-lo vacila
e fenece arquejante.
Que foi? quem o apagou? foi seu alento
que extinguiu essa luz já fatigada;
foram séculos mil, foi um momento
que a eternidade fez volver ao nada.

Um dia, quem o sabe? um dia, ao peso
dos anos e ruínas,
tu cairás nesse vulcão aceso
que teu sol denominas;
E teus irmãos também, esses planetas,
que a mesma vida, a mesma luz inflama,
atraídos enfim, quais borboletas,
cairão como tu na mesma chama.

Então, ó sol, então nesse áureo trono
que farás tu ainda,
monarca solitário e em abandono,
com tua glória finda?
Tu findarás também, a fria morte
alcançará teu carro chamejante;
ela te segue, e profetiza a sorte
nessas manchas que toldam teu semblante.

Que são elas? talvez os restos frios
de algum antigo mundo,
que ainda referve em borbotões sombrios
no teu seio profundo.
Talvez, envolta pouco a pouco a fronte
nas cinzas sepulcrais de cada filho,
debaixo deles todos de repente
apagarás teu vacilante brilho.

E as sombras pousarão no vasto império
que teu facho alumia.
Mas que vale de menos um saltério
dos orbes na harmonia?
outro sol como tu, outras esferas
virão no espaço descantar seu hino,
renovando nos sítios onde imperas
do Sol dos sóis o resplendor divino.

Glória a seu nome! um dia meditando
outro céu mais perfeito,
o céu d'agora a seu altivo mando
talvez caia desfeito.
Então mundos, estrelas, sóis brilhantes,
qual bando de águias na amplidão disperso,
chocando-se em destroços fumegantes,
desabarão no fundo do universo.

Então a vida, refluindo ao seio
do foco soberano,
parará, concentrando-se no meio
desse infinito oceano;
e acabado, por fim, quanto fulgura,
apenas restarão na imensidade
o silêncio, aguardando a voz futura,
o trono de Jeová e a eternidade.

CAPÍTULO V

CAMILO CASTELO BRANCO NO ROMANCE PASSIONAL

CAMILO CASTELO BRANCO

(1826-1890)

1 — Morte de um lobo

Uma noite de Novembro caía neve, e os aspectos do céu, profundamente frio, tinham umas estrelas trémulas, lucilantes, e um luar álgido, que dava às concavidades nevadas a claridade nítida duns lagos de prata fundida. O padre vestia polainas de saragoça assertoadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de peles e uma carapuça alentejana escarlate, que lhe abafava as orelhas. Debaixo da lapela da véstia resguardava a escorva da clavina, e caminhava curvado, com as mãos nas algibeiras e os olhos vigilantes nas gargantas dos cerros. Uivos longínquos de lobo ouviam-se, e punham-lhe vibrações na espinha, e um terror grande naquela imensa corda de serras, onde ele, àquela hora se considerava o único ente exposto a ser comido pelas feras esfomeadas. Pulava-lhe o coração.

Ao trepar a um outeiro, entaliscado de rochedos que pareciam resvalar de encontro a ele, ouviu o uivo ali perto, para lá da espinha do cerro. Tirou a clavina do sovaco, e lívido, com a sensação estranha do fígado despegado, meteu o dedo tremente, automático, no gatilho. Fez um acto de contrição: provava quanto as reli-

giões são importantes, urgentes, nas crises, nos conflitos sérios do homem com o lobo. Esperou.

A fera assomara na lomba do outeiro, recortando-se esbatida no horizonte branco com uma negrura imóvel, sinistra; parecia um bronze, um emblema de sepulcro. Ela quedou-se por largo espaço num aspecto de admiração, de surpresa. Depois descaiu sobre as patas traseiras, com ares contemplativos, de uma pacatez fleugmática. Mediam trinta passos entre a fera e o frade. Estava ao alcance da bala o lobo; mas o frade, caçador astuto, manhoso, receava perder um dos tiros. Pôs-lhe a pontaria com um gesto de espalhafato; dava gritos como quem açula cães: «Boca! pega! cerca! Aí vai lobo!» Ecos respondiam; e a fera, menos versada na física dos sons reflexos, olhava crespa, espavorida, para o lado em que repercutiam os brados. Ergueu-se e desceu mui de passo com uns vagares irónicos, com a cauda de rojo e dorso eriçado a ladeira da colina.

O padre via-a negrejar na linha flexuosa do declive. Pensou retroceder; mas o lugarejo da Felícia estava mais perto que a sua aldeia, e para aquele lado latiam cães de um faro que adivinha o lobo antes de lhe ouvir o uivo e o faiscavam pela inquietação das reses nos currais. Trepou afouto ao teso do outeiro. Ganhava ânimo; bebera uns tragos de aguardente de uma cabaça atada com um polvorinho no correão. Sentiu-se capaz de afrontar o rebelde, se ele o não respeitasse como o rei da criação, segundo afirmativas de teólogos que nunca viram lobo.

Do topo olhou para baixo; não o avistou. Carcavava-se um algar emaranhado de bravio espesso, onde se embrenhara. Estugando o passo, ganhou uma chã ladeada de extensas leiras de feno, alvejantes como um estendal de lençóis; e, quando olhava para trás receoso,

viu a alimária, a grandes passos, com a cabeça alta, atravessar a leira da esquerda, parecendo querer cortar-lhe o passo na estrema do caminho que entestava com a aldeia.

O padre agachou-se, coseu-se com o valo de urzes e giestas que formavam o tapume das terras cultivadas, e muito derreado, arquejando com o dedo no gatilho e a fecharia rente da barba, caminhou paralelo com o lobo, que o farejava de focinho anelante e as orelhas fitas; e assim que a fera passou de perfil em frente do tapigo, o rei da criação, que o era pelo direito do bacamarte, despediu-lhe a primeira bala com a dextra pontaria de quem havia já matado águias com zagalotes. O lobo, varado pela espádua até ao coração, decaiu sobre um dos quadris, escabujou em roncos frementes, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteiriçado numa grande agonia, e morreu.

(Sentimentalismo e História).

2 — A Encomenda

Aí estava sòzinha ao entardecer, quando uma sege entrou no pátio.

Leonor admirou-se: já ninguém a visitava de carruagem. A nova criada não conhecia as relações antigas. Disse-lhe que a procurava uma mulher, que não tinha jeito de senhora...

— Isso me quis parecer... — disse Leonor entre si — mas de carruagem!... Alguma nova credora, a quem eu hei-de pagar a carruagem...

— O boleeiro traz libré — disse a criada.

— Libré! — murmurou Leonor — Então enganei-me...

Era Eufêmia, a ama de Leite de Álvaro.

Fitou com espanto a sobrinha de sua ama, e pediu-lhe licença para a abraçar!

— Abraça-me, Eufêmia! e deixa-me chorar no teu seio, que não tenho mais ninguém! — disse a soluçar Leonor.

— Está muito infeliz, minha senhora?! — Perguntou Eufêmia.

— Estou pobre: escusas de perguntar-me mais nada. E minha tia vive feliz?

— Feliz, não! Com aquele filho sempre triste, como há-de ela ser feliz!... Pobre menina! Quem a viu e quem a vê! Era tão linda...

— E achas-me feia, Eufêmia?! — perguntou Leonor com um triste sorriso, expressão talvez da vaidade ferida, da vaidade, extremo reduto em que a mulher, que foi bela, ainda afronta a desgraça.

— Feia, não minha querida senhora... Acho-a mais magrinha, e sem aquelas cores de romã, que pareciam dar saúde à gente... Enfim, é conformar-se com a vontade de Deus, e pedir à Virgem Maria que dê saúde a sua tia, que é uma santa. De mando dela é que eu vim aqui trazer-lhe uma encomenda, e dizer a Vossa Excelência que, nos fins dos meses, cá venho trazer-lhe outra assim.

Eufêmia depositou sobre uma mesa um rolo de dinheiro.

— Dirás a minha boa tia — disse Leonor com as lágrimas estancadas nas pálpebras — que a pobre Leonor aceita a sua esmola, e lha agradece com este pranto que vês.

Eufêmia pediu nova licença para abraçá-la e disse-lhe por último:

— De hora a hora Deus melhora, minha menina. Lembre-se que sua tia padeceu onze anos ...

— Minha tia era um anjo de inocência, e eu estou expiando culpas enormes: ela consolava-se com a mesma injustiça, eu sinto que mereço o castigo.

Eufêmia deu conta da sua comissão a Maria da Glória, e retirou-se quando Álvaro entrava.

— Olha que está muito infeliz a pobre Leonor! — disse a mãe.

— Não lho tinha eu dito?! Aceitou?

— Aceitou e agradeceu com lágrimas.

— Deve de estar muito quebrado aquele génio pela desgraça! — tornou Álvaro — Aceitou a esmola!... Pobre mulher!... Deve estar mudada também de rosto...

— Diz a Eufêmia que muito, e até trajava com pouco asseio.

— Perguntaria por mim?

— Não sei, filho... Eu presumo que não teria força para tanto!... Fiz-te a vontade, Álvaro?

— E a sua vontade, minha mãe, não era socorrer também a infeliz?

— Era, era, meu filho...

— Pois não se esqueça de lhe mandar todos os meses o que a mãe julgar necessário à decência dela.

— Mas tu não pensaste ainda na parte que o marido há-de tomar neste socorro?

— Que importa, minha mãe? O nosso fim é melhorar a situação de minha prima, e só o podemos conseguir melhorando a situação de ambos.

— Esperava essa resposta: a tua generosidade, Álvaro, é desinteressada e nobre. Vejo que não pode nada contigo o ciúme...

— Não, minha mãe — disse Álvaro num falso tom de verdade, movimento de feições que não enganaria olhos e ouvidos mais amestrados.

— Assim é que eu entendo a virtude — continuou Maria da Glória — são estas as jóias de puro ouro que trazem do céu o sinal da sua valia. Se te deixasses levar de um cálculo, o mesmo seria lançares à balança das culpas estes punhados de ouro, Álvaro. Da antiga Leonor o que resta para ti é a mulher desgraçada, não é assim?

— Decerto ... Que mais pode restar?!

— Mais nada ... O Senhor te abençoe o coração e to encha de alegria e de santos estímulos para a caridade, sem lucro de glória, nem orgulho das boas acções.

Álvaro, logo que pode estar sòzinho com Eufêmia, perguntou:

— Minha prima não lhe perguntou por mim?

— Não, meu senhor.

— E Eufêmia proferiu o meu nome?

— Sim, senhor, disse-lhe que o menino andava sempre triste... e ela... ficou assim pensativa ... e falou noutra coisa.

— Mas ficou pensativa? e viu-lhe lágrimas?

— Ora, se vi!... quando lhe dei o dinheiro, as lágrimas rebentaram-lhe dos olhos como punhos.

— Mas a Eufêmia não lhe disse que eu sabia destas coisas de minha mãe?...

— Nada, não disse, porque o menino e a mãezinha assim mo ordenaram.

— Fez bem, e nunca lho diga, e escusa de dizer a minha mãe que lhe fiz estas perguntas.

— Não digo, esteja o meu filho descansado.

— Olhe, Eufêmia ... Leonor está muito acabada?

— Se está! nem parece ela! Lembra-se daquelas rosas que ela tinha no rosto? Nem sinal delas! Está muito magrinha, e tem à volta dos olhos umas pisaduras que parecem de tísica...

(O Romance dum Homem Rico).

3 — Amor de Perdição

— Onde é Monchique? — perguntou Simão a Mariana.

— É acolá, senhor Simão — respondeu, indicando-lhe o mosteiro que se debruça sobre a margem do Douro em Miragaia.

Cruzou os braços Simão, e viu através do muro do mirante um vulto.

Era Teresa.

Na véspera recebera ela o adeus de Simão, e respondera enviando-lhe a trança dos seus cabelos.

Ao anoitecer daquele dia, pediu Teresa os sacramentos e comungou à grade do coro, onde se foi amparando à sua criada. Parte das horas da noite passou-as sentada ao pé do santuário de sua tia, que toda a noite orou. Algumas vezes pediu que a levassem à janela que se abria para o mar, e não sentia ali a frialdade da viração. Conversava serenamente com as freiras, e despedira-se de todas, uma a uma, indo por seu pé às celas das senhoras entrevadas para lhes dar o beijo da despedida.

Todas cuidavam em reanimá-la, e Teresa sorria, sem responder aos piedosos artifícios com que as boas almas a si mesmas queriam simular esperanças.

Ao abrir da manhã, Teresa leu uma a uma as cartas de Simão Botelho. As que tinham sido escritas nas margens do Mondego enterneciam-na a copiosas lágrimas. Eram hinos à felicidade prevista: eram tudo que mais formoso podem dar ao coração humano, quando a poesia da paixão dá cor ao pensamento, e uma formosa e inspirativa natureza lhe empresta os seus esmaltes. Então lhe acudiam vivas reminiscências daqueles: a sua alegria doida, as suas doces tristezas, esperanças a desvanecerem saudades, os mudos colóquios com a irmã

querida de Simão, o céu aromático que se alargava à aspiração sôfrega de vagos desejos, tudo, enfim, que lembra a desgraçados.

Emaçou depois as cartas, e cintou-as com fitas de seda desenlaçadas de raminhos de flores murchas, que Simão, dois anos antes, lhe atirara de sua janela ao quarto dela.

As pétalas das flores soltas quase todas se desfizeram, e Teresa contemplando-as, disse: «Como a minha vida...» e chorou, beijando os cálices desfolhados das primeiras que recebera.

Deu as cartas a Constança, e encarregou-a de uma ordem, a respeito delas, que logo veremos cumprida. Depois foi orar, e esteve ajoelhada meia hora, com meio corpo reclinado sobre uma cadeira. Erguendo-se, quase tirada pela violência, aceitou uma chícara de caldo, e murmurou com um sorriso: «Para a viagem...» Às nove horas da manhã pediu a Constança que a acompanhasse ao mirante, e, sentando-se em ânsias mortais, nunca mais desfitou os olhos da nau, que já estava de verga alta, esperando a leva dos degredados.

Quando viu, a dois a dois, entrarem amarrados, no tombadilho, os condenados, Teresa teve um breve acidente, em que a já frouxa claridade dos olhos se lhe apagou, e as mãos convulsas pareciam querer aferrar a luz fugitiva.

Foi então que Simão Botelho a viu.

E ao mesmo tempo atracou à nau um bote, em que vinha a pobre de Viseu chamando Simão. Foi ele ao portaló, e estendendo o braço à mendiga, recebeu o pacotinho das suas cartas. Reconheceu ele que a primeira não era sua, pela lisura do papel, mas não a abriu.

Ouviu-se a voz de levar âncora, e largar amarras. Simão encostou-se à amurada da nau, com os olhos fitos

no mirante. Viu agitar-se um lenço, e ele respondeu com o seu àquele aceno. Desceu a nau ao mar, e passou fronteira ao convento. Distintamente, Simão viu um rosto e uns braços suspensos das reixas de ferro; mas não era de Teresa aquele rosto: seria antes um cadáver que subiu da claustra ao mirante, com os ossos da cara inçados ainda das herpes da sepultura.

— É Teresa? — perguntou Simão a Mariana.

— É, senhor, é ela — disse num afogado gemido a generosa criatura, ouvindo o seu coração dizer-lhe que a alma do condenado iria breve no seguimento daquela por quem se perdera.

De repente aquietou o lenço que se agitava no mirante, e entreviu Simão um movimento impetuoso de alguns braços, e o desaparecimento de Teresa e do vulto de Constança, que ele divisara mais tarde.

A nau parou defronte de Sobreiras. Uma nuvem no horizonte da barra, e o súbito encapelamento das ondas causara a suspensão da viagem anunciada pelo comandante. Em seguida velejou da Foz uma catraia com o piloto-mor, que mandava lançar ferro até novas ordens. Mais tarde, adiou-se a saída para o dia seguinte.

E, no entanto, Simão Botelho, como o cadáver embalsamado, cujos olhos artificiais rebrilham cravados e imotos num ponto, lá tinha os seus imersos na interior escuridade do miradouro. Nenhum sinal de vida. E as horas passaram até que o derradeiro raio do sol se apagou nas grades do mosteiro.

(Amor de Perdição).

4 — A Baronesa

Quando chegou à porta às 9 horas da manhã, sem ter convenientemente avisado, saía o barítono, e a Custódia vinha acompanhá-lo à porta, de penteador de rendas e tranças soltas, com as faces quentes do almoço e dos últimos beijos. O pai entrou pesado, melancólico, carrancudo.

— Podes limpar a mão à parede, fizeste-la boa, Custódia!

— Não me venhas afligir, meu pai — interrompeu a baronesa, desabrida. — Agora, acabou-se, não há remédio, é pegar-lhe com um trapo quente. Com que então, o tal senhor barão safou-se com tudo?

O pai explicou as tratantadas que ele fizera com os amigos. Que fora consultar o doutor Almeida e Brito, o doutor Fiel e o doutor Guimarães e não lhe achavam furo; que o aconselharam a não gastar vinte réis em papel selado; que o barão tinha a faca e o queijo. — Como pudera ela apanhar as jóias? — perguntou, abrindo um sorriso satisfatório, de aplauso. — Que fizera muito bem, porque os brilhantes valiam mais de doze contos, e ela, com essa fortunazinha, podia viver muito bem, sem mexer no capital. Que, se quisesse, entraria como sócia capitalista da fábrica de panos de Lordelo, dez contos podiam render vinte e cinco ou trinta por cento, três contos ao ano, e talvez mais, pondo-se ele à frente do negócio e doutros bicos de obra que podiam dar muito cacau.

A Custódia deixou-o falar e disse secamente que estava resolvida a sair de Portugal, pôr o seu dinheiro a render lá por fora, e viver com pouco onde a não conhecessem nem tivessem visto com carruagem e com as suas jóias; que no Porto não estava mais que oito

dias; e, logo que realizasse a venda de alguns brilhantes, ia-se embora.

— Então vais co troca-tintas do comediante? — perguntou Eusébio Macário.

— Já se deixa ver. — E, numa grande irritação, repeliu a injúria feita ao Bartolucci; que era um conde; que o troca-tintas era o irmão da Felícia; que se arrependia já de ter mandado chamar o pai; que a deixasse, que não queria saber de desgraças; que tanto ele como o José cuidavam que ela era uma besta de carga, pronta para os servir nos seus interesses, e que não havia de ter coração para amar a quem quisesse. Que estava farta de aturar o Bento, de levar bofetões; que levasse o diabo a riqueza, que parece que lhe tinha tirado dez arrobas das costas, que nunca fora tão feliz, e que não tinha inveja às mais pintadas.

— Valha-te o diabo! — resmoneou Eusébio; e muito comovido: — Aqui está p'ra que um pai cria uma filha!

E ela: — Então que quer? são destinos, nem mais nem ontem; mas se eu lhe estou a dizer que sou feliz, que têm vossemecês com isso? Quando me vir queixar, fará esses ingranzéus. É boa!

— Mas podias viver honradamente, empregares o teu dinheiro com juízo, e pode ser que o barão, passados alguns meses, voltasse para ti.

— O quê? Má peste o lamba. Eu quero cá mais contratos nenhuns com tal ladrão! Casa comigo, faz-me baronesa, muito luxo, muita farófia, e por fim, se eu não tenho habilidade de meter as jóias na algibeira, ficava praí, eu sei cá? Ia ganhar a vida por casa dos abades, como a Felícia e a Troncha, hein?

— Afinal, estás perdida — concluiu Eusébio. — Alguém me há-de achar, não se apoquente — refutou a filha, rufando com as unhas nas vidraças, e olhando

automàticamente para dois cevados que se afocinhavam, mordiam nas calugas e davam guinchos. Os galegos da cadeirinha, sentados no cômoro, apedrejavam os porcos, coçavam as pernas nuas e davam cascalhadas. Nas franças já desabotoadas das acácias e cilindras, passarinhos volitavam à procura das conhecidas ramarias dos seus ninhos. Eusébio sorvia pitadas com uma sofreguidão muito silabada nas fossas nasais obstruídas. A mulher do Brigadas abria a porta do pomar e metia no casebre da lenha o cirurgião Cruz. Um gato amarelo, muito magro, escorraçado pelos galegos, passava a fugir arripiado com a cauda no ar muito esfolada. Esta visão pôs uma saudade no coração de Custódia, voltou-se de repente para o pai e perguntou: — É verdade, que fim levaria o meu gato branco? — Eusébio, sacudindo os grânulos do tabaco da lapela: — Eu sei lá que fim levou o gato branco! Levou-o o diabo como a tudo mais! Enfim — e ergueu-se — adeus, Custódia. Eu volto para Basto...

Ia dizer alguma coisa tocante, a voz tinha as vibrações soluçadas do adeus derradeiro, quando Custódia viu chegar do lado da Prelada uma cadeirinha, e exclamou!...

— Ai! a Nazaré!... e eu de penteador!...

Saiu a recebê-la no patamar com um certo acanhamento, envergonhada, afrontada pela mulher honesta, a sua madrinha de casamento, que tantas vezes lhe dissera que a resignação era a felicidade.

Eusébio Macário estava a enxugar os olhos e punha-os muito lastimados na Maria de Nazaré, como a suplicar-lhe que salvassse sua filha. Pensava, se o ensejo viesse de molde, em propor de novo a Custódia, com aplauso da outra discreta senhora, o negócio da fábrica de Lordelo, os dez contos com trinta por cento seguros.

A Nazaré, enternecida pelos gestos lastimosos do velho Macário e pela especial natureza da sua triste mensagem, principiou chorando. A Custódia não podia airosamente esquivar-se ao seu quinhão de lágrimas naquela cena. Compungiu-se a seco; tapava os olhos rebeldes com os punhos do penteador.

— Que infelicidade, senhora baronesa, que infelicidade! — disse D. Maria.

— Então que quer, minha senhora? — disse a outra com os olhos no regaço. São destinos...

— Não há destinos, senhora baronesa; o que há são ilusões, enganos, sonhos de felicidade que o mundo não tem. Enfim, não venho mortificá-la com reflexões tardias quanto ao passado: venho pedir-lhe que me ajude a remediar o futuro.

— É isso, é isso, sr.ª D. Maria — concordou Eusébio, batendo com três dedos na tampa da caixa do rapé — é o que eu já lhe disse.

— O Senhor Barão — prosseguiu D. Maria — quando meu marido se foi despedir dele a bordo, disse-lhe que, a bem da Senhora Baronesa, o autorizava fazer o que quisesse, de modo que a sua dignidade ficasse salva. Parece-me que entrando a senhora num convento...

— Convento! credo! nem de rastos, minha senhora, nem de rastos; escusam de se cansar. Eu antes queria esganar-me, se não tivesse outro remédio. Por estes oito dias vou sair de Portugal, estou resolvida.

— Mas, se não pode ou não quer entrar num convento, aceite a minha casa, a minha franca amizade, até ver o que seu marido resolve; ele está ainda em Lisboa, e só parte para o Brasil no paquete de Maio. Escreve-se-lhe...

— Muito agradecida, minha senhora. Tanto se me dá que ele esteja como que parta. Eu é que vou, e cá

lhe deixo tudo; levo as minhas jóias; faço de conta que mas deu um brasileiro com quem estive amigada três anos; ainda assim foi preciso pagar-me pelas minhas mãos como os moleiros, senão ficava com o vestido do corpo e mais nada. Pôs-me fora de casa com uma bengala, o carreiro! Se cá estivesse meu mano José, quebrava-lhe os ossos. — Berrava, muito inflamada, de pé, pondo às vezes a mão na cintura, conchegando o penteador para o peito, quando os gestos largos a descompunham.

A Nazaré parecia assombrada, com uma cara de medo, e olhava para aquela mulher, que proferia uma expressão que ela ouvira uma só vez a uma regateira, no pátio do mosteiro de S. Bento. «Amigada» tinha dito a irmã do Fistula. Ai! que punhalada sofreria a candura daquela incauta senhora, se lesse este livro e outros que, naquele tempo, as regateiras iam compondo em frases soltas pelo pátio de S. Bento e ali pelas barracas da Ribeira!

Toda a piedade de Maria de Nazaré retraiu-se, emudeceu.

Parecia corrida, envergonhada da sua situação, em frente da mulher do penteador, das tranças soltas, saias curtas e sapatos brancos de laço, ejaculando vocábulos piorados pela violência dos gestos. Lembrava-se da outra desgraçada, da Pascoela Trigueiros, que, na sua presença, em circunstâncias análogas, se tornara, pela humildade, tão digna de compaixão.

Ergueu-se, recuando para a porta, com um encolhimento medroso, e disse:

— Sinto vir afligi-la, Senhora Baronesa. Cuidei que poderia ser-lhe prestável.

O Macário abriu a porta, ela entrou apressada na cadeirinha; e a Custódia, muito agitada, a passear, esfregando as mãos:

— Vinha cá a santinha de pau carunchoso contar-me lérias! Anda que levaste pró teu tabaco! Convento! toma, que te dou eu! Ela, como foi criada de freira, anda a oferecer a espiga do convento a toda a gente. Pra cá vem de carrinho! O mano José dizia-me que foi ela quem meteu a Pascoela em Santa Clara, naquele inferno. Que trate da sua vida, e que não ande feita irmã de caridade pelas casas a converter pecadoras. Valha-te uma figa, impostorona!

Eusébio concordava com a filha — que sim, nada de convento, enterrar-se viva, quando tinha muito que comer cá fóra, na sua liberdade; mas que a ida para fora do reino com o cantador era a vergonha das vergonhas; que se deixasse estar no Porto, a viver dos seus rendimentos, bem administrados. Que não perdesse de vista o negócio da fábrica de Lordelo.

— E ele a dar-lhe e a burra a fugir! — disse a Custódia, dando aos ombros. — Já lhe disse que me vou embora, que não quero saber de fábricas. Que birra! Queria vossemecê que eu fizesse triste figura no Porto? É o que essa gente espera — essa canalha que tem pateado o Bartolucci, porque eu não dei cavaco a nenhum desses pelintras e o dei a ele! Dessa não se hão-de eles gabar. Ele é que é o meu marido, o homem do meu coração. Se casei com o outro, foi o pai e mais o José que me levaram a isso para fazerem figura; mas quem amolou as palanganas fui eu, foi a desgraçada que levava as bofetadas, e afinal, casando muito rica, não tinha nada de seu. Arre que os tais brasileiros, que fazem às mulheres o que fizeram às chinelas e aos barretes que levaram para o Brasil! Corja!»

(A Corja).

5 — A dor do remorso

Assim que a padiola entrou em Prazins, foi aviso à Marta que o pai estava a morrer com pancadas que lhe deram os ladrões de estrada. D. Teresa e o prior acompanharam-na. Quando chegaram, saía o pároco de o confessar e tocava o sino ao Viático. Havia uma agitação de angustiosa curiosidade no povo que confluía à igreja chamado pelo sinal. Dizia-se que eram ladrões que saíram ao lavrador em S. Tiago Dantas; havia opiniões mais individualistas: segredava-se o nome do pedreiro; um pastor de cabras dizia que vira passar de madrugada para as Lamelas o Patarro de Monte Córdova e mais outro mal encarado; mas todos à uma diziam que não tinham visto nada, nem queriam saber de desgraças, com medo à malta do Zeferino.

O Simeão estava ainda com a face arregoada de sangue, vestido sobre a cama, resfolegando com muita ansiedade, gemendo com dores, e a cabeça um pouco elevada sobre um magro travesseiro muito comprido, dobrado em três pelo vigário. Esperava-se o cirurgião. A filha teve um desmaio, quando viu a cara ensanguentada do pai, à luz mortiça de uma vela de cebo numa placa de lata.

D. Teresa, com a Marta nos braços, disse ao irmão: — Que miséria de casa! Pede luzes e água para se lavar aquele sangue. — E, assim que Marta voltou a si, levou-a para o seu quarto, — que a viria chamar quando o pai a pudesse ver. Queria retirá-la do espectáculo dos paroxismos.

Quando chegou a Extrema-Unção com o préstito clamoroso do Bendito e o tilintar espacejado da campainha, Marta carpia-se em altos gritos, e pedia que a deixassem despedir-se de seu pai.

Ela tinha ouvido dizer a uma das vizinhas que lhe invadiram a alcova: — Quem lhe bateu, ó mulheres, não foi outro senão o Zeferino das Lamelas. Juro que não foi outro. — Esta afirmativa cravou-lhe no coração o remorso de ser ela a causa da morte do pai. Queria ir pedir-lhe perdão; rogava à sua amiga que, pelas chagas de Cristo, a deixasse ir ajoelhar-se à beira de seu desgraçado pai. D. Teresa conteve-a, receando novo ataque de loucura, que esperasse que se fizesse o curativo; que o cirurgião não queria no quarto senão o barbeiro que lhe estava a rapar a cabeça.

Pouco depois, chegava o tio Feliciano da quinta da Retorta, onde residia, assistindo às obras. Vinha aterrado. Disse ao Osório que já estava arrependido de comprar a quinta; que Portugal era uma ladroeira e um bando de facínoras; que se ia embora muito breve. E, entrando no quarto, onde a sobrinha chorava, disse-lhe consternadamente que, se morresse o pai, fizesse de conta que tinha em seu tio um segundo pai.

O cirurgião saiu desconfiado do ferimento. Uma das pauladas despegara um pedaço de tegumento, deixando descoberto o crânio que o ferrador da Terra Negra chamara o miolo. A hemorragia era grande, e havia receio de comoção cerebral. O facultativo, depois de o sangrar, mandou-lhe pôr panos molhados na cabeça, de quarto em quarto de hora. Marta e Teresa não abandonaram um momento o catre do enfermo; o padre Osório passou a noite na saleta, atendendo o brasileiro que lhe falava muito na sobrinha, na paixão que ela tivera pelo José Dias, e não lho levava a mal, pelo contrário.

Aí pela madrugada, o ferido sentiu-se muito angustiado, tinha estremecimentos, dizia disparates; queria arrancar os pachos da cabeça, bracejava e puxava para o peito a face da filha lavada em lágrimas. O padre

acudiu e mais o Feliciano; receando que ele estivesse agonizando. Depois, aquela agitação esmoreceu num dormitar sobressaltado, com a cabeça no regaço de Marta que brandamente lhe compunha o pacho na ferida. Quando espertou da modorra, conheceu a filha e repeliu-a. Falou no pedreiro que o matara, e recaiu no estado comatoso. O padre Osório atribuía aquela sonolência a derramamento de sangue no crânio, um sintoma de morte provável. O cirurgião veio de madrugada, mandou-lhe deitar sanguessugas atrás das orelhas, e disse ao vigário de Caldelas que estava mal encarado o negócio; que aquele diabo de sono lhe parecia de mau agouro. Que ia ver uns doentes e voltava logo.

Marta fazia muitas promessas à Senhora da Saúde; dez voltas de joelhos ao redor da sua capela, um resplendor de prata, jejuar a pão e água seis meses a fio, não comer carne durante um ano, ir descalça à romaria da milagrosa Senhora. Com estas promessas sentia-se menos oprimida do seu remorso; o pai estava ali a morrer por causa dela, e a Maria de Vilalva já dizia também que fora ela a causa da morte do seu filho. Uma desgraçada, que vinha assim a causar a morte do noivo e do pai.

O ferido teve uma intermitência de repousada vigília. Olhou para a filha e disse-lhe que morria, que a deixava sem pai nem mãe. O Feliciano acudiu:

— Isso não lhe dê cuidado, mano Simeão. Nada lhe há-de falhar. É minha sobrinha, não tenho mais ninguém neste mundo.

— Eu morria contente — balbuciou o Simeão, lacrimoso — se ela fosse sua mulher...

Fez-se um silêncio esquisito. Marta abaixou os olhos; a D. Teresa olhou para o irmão a ver o que ele dizia; o padre Osório olhava para o brasileiro a ver

como se expressavam as suas ideias; o Feliciano esperava que os outros dissessem alguma coisa. E então o pai de Marta, aconchegando-a de si, com muita ternura:

— Casas com o teu tio, minha filha? É o último pedido que te faço...

Marta fez um gesto afirmativo e caiu de joelhos, curvada sobre o leito, a soluçar; depois, deu um grito e escorregou para o chão, em convulsões com o rosto muito escarlate e a boca a espumar. D. Teresa e o irmão conduziram-na ao seu quarto. Deitaram-na já sossegada, mas numa rigidez insensível, com a boca ligeiramente torta.

O cirurgião chegava nesta conjuntura e disse que a rapariga herdara a moléstia da mãe, que eram ataques epilépticos; e ao tio Feliciano disse-lhe particularmente que o pior da herança não era a epilepsia; era a demência que levou a mãe ao suicídio...»

(A Brasileira de Prazins).

6 — Como mataram a Marquesa de Távora

A aurora do dia 13 de Janeiro de 1759 alvorejava uma luz azulada do eclipse daquele dia, por entre castelos pardacentos de nuvens esfumaradas que, a espaços, saraivavam bátegas de aguaceiros glaciais. O cadafalso, construído durante a noite, estava húmido. As rodas e as aspas dos tormentos gotejavam sobre o pavimento de pinho. Às vezes rajadas de vento do mar zuniam por entre as cruzes das aspas e sacudiam ligeiramente os postes. Uns homens, que bebiam aguardente e tiritavam, cobriam com encerados uma falua carregada de lenha e barricas de alcatrão, atracada ao cais defronte do tablado. Às 6 horas e 42 minutos ainda

mal se entrevia a facha escura com umas cintilações de espadas nuas, que se avizinhava do cadafalso. Era um esquadrão de dragões. O patear cadente dos cavalos fazia um ruído cavo na terra empapada pela chuva. Atrás do esquadrão seguiam os ministros criminais, a cavalo, uns com as togas, outros de capa e volta, e o corregedor da corte com grande majestade pavorosa. Depois — uma caixa negra que se movia vagarosamente entre dois padres.

Era a cadeirinha da Marquesa de Távora, D. Leonor. Alas de tropas ladeavam o préstito.

À volta do tablado postaram-se os juízes do crime, aconchegando as capas das faces varejadas pelas cordas da chuva.

Do lado da barra reboava o mugido das vagas que rolavam e vinham chofrar espumas no parapeito do cais.

Havia uma escada que subia para o patíbulo. A Marquesa apeou da cadeirinha, dispensando o amparo dos padres. Ajoelhou no primeiro degrau da escada, e confessou-se por espaço de 50 minutos. Entretanto martelava-se no cadafalso. Aperfeiçoavam-se as aspas, cravavam-se pregos necessários à segurança dos postes, aparafusavam-se as roscas das rodas. Recebida a absolvição, a padecente subiu, entre os dois padres, a escada, na sua natural atitude altiva, direita, com os olhos fitos no espectáculo dos tormentos.

Trajava de setim escuro, fitas nas madeixas grisalhas, diamantes nas orelhas e num laço dos cabelos, envolta em uma capa alvadia roçagante. Assim tinha sido presa, um mês antes.

Nunca lhe tinham consentido que mudasse camisa nem o lenço do pescoço. Receberam-na três algozes no topo da escada, e mandaram-na fazer um giro no cadafalso para ser bem vista e reconhecida. Depois, mostra-

ram-lhe um a um os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como haviam de morrer seu marido, seus filhos, e o marido de sua filha. Mostraram-lhe o maço de ferro que devia matar-lhe o marido a pancadas na arca do peito, as tesouras ou aspas em que se lhe haviam de quebrar os ossos das pernas e dos braços ao marido e aos filhos, e explicaram-lhe como era que as rodas operavam no garrote, cuja corda lhe mostravam, e o modo como ela repuxava e estrangulava ao desandar do arrocho. A Marquesa então sucumbiu, chorou muito ansiada, e pediu que a matassem depressa.

O algoz tirou-lhe a capa, e mandou-a sentar num banco de pinho, no centro do cadafalso, sobre a capa que dobrou devagar, horrendamente devagar. Ela sentou-se. Tinha as mãos amarradas, e não podia compor o vestido que caíra mal. Ergueu-se, e com movimento do pé consertou a orla da saia. O algoz vendou-a; e ao pôr-lhe a mão no lenço que lhe cobria o pescoço, — não me descomponhas — disse ela, e inclinou a cabeça que lhe foi decepada pela nuca, de um só golpe.

CAPÍTULO VI

OUTROS ROMANCISTAS ROMÂNTICOS

TEXTOS DE:

Júlio Dinis
Rebelo da Silva
Arnaldo Gama
Silva Gaio

JÚLIO DINIS

(1839-1871)

Jenny

Jenny era ainda uma criança quando perdeu a mãe; no meio dos jogos e dos brinquedos infantis veio um dia surpreendê-la este profundo golpe no coração; ao seu lado, crescera o mal ameaçador e terrível, mas, no descuido de tão tenros anos, só dera por ele, quando a vítima lhe caía prostrada nos braços. Feliz idade, a de estas imprevidências! Num momento a vida inteira se lhe afeiçoou muito diversa, do como até então a antevira. Cedo, muito cedo, aquela criança franzina e débil, recebeu a solene investidura da sacrossanta missão da mulher; transmitiu-lha a mãe, já moribunda; legou-lhe, nos derradeiros instantes, a tarefa abençoada, que até o fim cumprira, sem um só dia de desalento. Apertando nas mãos já frias as da filha lacrimosa que só então vira a morte, que, tanto havia, a ameaçava nos seus mais queridos afectos, incumbiu àqueles poucos anos o pesado encargo da família; e com a voz trémula e os olhos turvados pelas sombras do adormecer final, disse-lhe que a essas mãos ia deixar entregue a paz da vida interior, a felicidade dos seus; que a elas confiava os tesouros e bálsamos de afeições e de carinhos, com que, no lar doméstico, se sanam tantas dores e desilusões, colhidas lá fora, nas lutas da sociedade; depois, cingindo ao peito

a filha, como em extrema recomendação, para a qual as palavras lhe faltavam já, morreu beijando-a; ungiu-a de suas últimas lágrimas e impressionou-lhe a mente infantil a ponto, que a órfã, depois de a chorar sobre o túmulo, levantou-se mulher, mulher apesar dos seus doze anos, mulher pela sisudez dos pensamentos, pela consciência viva e fervente da sua nova missão.

É um ensino eficaz o do infortúnio! Desde essa hora fatal, como que abriram os olhos de Jenny para verem mais fundo no coração daqueles que era dever seu tornar felizes. Só então principiou a reflectir que, entre corações mais nobres e puros, se estabelecem às vezes contrastes, de que podem resultar conflitos dolorosos; que o infortúnio e as misérias da vida nem sempre provêm da funesta influência do mal, de que se tenha deixado eivar completamente uma alma humana; que mais vezes é do encontro de duas paixões, na essência generosa, que a tempestade se origina. No alto mar, um vento dominante pode governar o movimento e a derrota de um navio, mas é necessário que seja extrema a sua violência para que ele, por si só, o faça soçobrar; penetre porém o vaso mais poderoso no seio desses redemoinhos, que formam os ventos encontrados, e a submersão será quase inevitável.

É assim na vida.

Não basta que sejam grandes e simpáticos os caracteres, que laços de família ou de sociedade prendem uns aos outros para que entre eles exista harmonia. Que nas suas órbitas os animem movimentos contrários, e serão já de temer os embates e as perturbações fatais.

A natureza física também nos mostra como venenos enérgicos resultam às vezes da combinação de elementos inofensivos.

Tudo isto se foi esclarecendo, à força de medita-

ções, no espírito da pequena Jenny, que tão precoce adeus teve de dizer àquelas espontâneas e não motivadas alegrias da infância, que nela findaram com o último suspiro da mãe.

E cedo foi, muito cedo para uma criança inglesa que, de ordinário, na idade em que as outras principiam já a querer ser senhoras, brinca alegre e descuidada nos parques, correndo, saltando, rindo, sem se afligir por a fímbria dos vestidos ainda se lhe não humedecer na relva.

Esta livre expansão, que sabem e costumam dar à alegria as pequenas inglesas, é talvez a causa de serem desafectadamente sérias, quando enfim a natureza, e não a arte prematura, as faz mulheres.

Cessaram, pois, em Jenny os risos dessa idade, risos expansivos e irreprimíveis, que a cada palavra, que à menor causa rebentam, como da laranjeira florida chovem sobre o prado as pétalas nevadas e fragrantes, à mais leve viração que lhe agita a folhagem.

Afez-se a reflectir, a votar-se toda à felicidade dos seus, procurando insinuar-se nos pequenos segredos de carácter de cada um, para os dirigir, sem luta funesta na mesma esfera de acção, no mesmo círculo, em que tinham de viver.

Desde essa época principiou a crescer e a vigorar com rapidez o predomínio de Jenny em toda a família — suave sujeição, grata aos que a suportavam, como uma bênção do céu.

Até então amara-se em Jenny uma criança meiga, cujas graças joviais faziam distrair o espírito de preocupações mais sérias; cedo, porém, tomou esse amor diverso o mais respeitoso carácter.

Em Mr. Richard Withestone à afeição protectora, de que rodeava a filha, principiou a misturar-se uma

deferência, que tinha seus vestígios de veneração; em Carlos, a familiaridade, que as idades quase iguais e os jogos e estudos comuns haviam feito nascer entre ambos, degenerou gradualmente em um sentimento de mais respeito, em uma dócil submissão, que em todos os seus actos se denunciava.

Forte com esta dupla preponderância, ia cumprindo Jenny religiosamente o legado da mãe, sempre com o pensamento nela, sempre com os olhos na sua imagem, na qual julgava entrever os reflexos da alegria ou da tristeza, que a sorte da família devia por certo despertar naquela alma de justa, que a contemplava do céu.

Este oráculo para todos mudo, só eloquente para os sentidos da filha, consultava-o Jenny com ardente fé ao encerrar-se sòzinha no quarto, onde a luz e o rumor de fora penetravam discretamente, como convinha a lugar de tão piedosos mistérios.

Era triste a imagem desta vez!

Triste porquê?

Se os lábios da irmã de Carlos traíssem naquele momento as ideias, que tão profundamente a absorviam, eles falariam deste modo:

— Pobre mãe! Porque venho encontrar-te assim tão triste? Não passaria ainda a nuvem desta manhã?... Mas era tão ligeira!... tão leve! que a mim mesma me inquietou pouco. Que adivinhas tu, boa mãe? — Isto pensava ao beijar o retrato. — Alegra-te; Carlos deve estar agora no escritório; pobre Carlos! É tão bondoso aquele coração! Como ele havia de amar-te, como havia de acariciar-te, mãe, se ainda vivesses connosco! Poucos o conhecem bem. Mas porque estás ainda triste? Hás-de ver como voltarão amigos. É fácil reconciliar aqueles corações que afinal tanto se estremecem! Uma ou outra nuvem, que passe entre ambos, gera-a o mesmo

excesso de amor. Parece-me que ia dizer como tudo se passou. A vista de Carlos foi bastante para dissipar todo aquele ressentimento... ressentimento próprio de quem muito estima!... Então! Já não tens confiança na tua filha? Bem vês como todos aqui me querem. Eles decerto vêem em mim alguma coisa do teu espírito, mãe, para serem assim tão dóceis com uma pobre rapariga. É à tua alma, à tua alma, que me acompanha, que eles obedecem afinal. Continua ao meu lado, mãe, e eu serei forte; não me abandones, e verás que não há fundamentos para apreensões. E ainda triste! — E beijava o retrato. — E ainda... e ainda... e ainda...! — Beijava-o repetidas vezes.

Depois tentava a razão dissipar aquelas piedosas ilusões.

— Estou louca! — pensava então Jenny. — Pois como pode um retrato...

Aproximava-se mais da luz.

As ilusões voltavam outra vez, como volta o enxame das abelhas que o vento afasta das flores.

— Não sei, não sei como isto é, não posso saber... mas a expressão é mais triste do que a de ontem... De que procede esta tristeza?... A maneira porque me falou do baile de ontem... O baile!... acaso... aquela máscara?... Mas que pode resultar dali?... Meu Deus, diria ainda que te puseste mais triste! Deverei pois acreditar...

Nisto ouviu passos fora da porta.

Quebrou-se o encanto! Como se extinguiu toda a expressão do retrato para os sentidos, meio alucinados, da comovida... visionária — chamar-lhe-ei assim? — Apressou-se em escondê-lo.

(Uma Família Inglesa).

REBELO DA SILVA

(1822-1871)

O fim de D. Gomes Lourenço

Ia desenlaçar-se a tragédia. Em breve uma alma violentamente separada do corpo havia de comparecer, envolta em sudário de sangue, diante da face do Juiz. Na primavera dos anos, o mais estimado dos cavaleiros da côrte acabava da morte dos grandes criminosos, sem um braço amigo a que se encostasse, nem um peito fiel aonde depositasse o fatal segredo da sua sorte. Seu irmão D. Egas, tão unido noutra época a todas as suas esperanças, achava-se longe, e alheio do golpe que ia feri-lo.

Tais eram para si e para o filho ainda de berço, os pensamentos de moço alferes. Numa carta ditada a Fr. Múnio para D. Egas, o desgraçado Gomes Lourenço dizia poucas palavras. Delas sabia que nem uma só deixaria de se lhe entalar no coração. Aquele era um amigo que não faltava.

«Escrevo-te», dizia a carta, «sobre a campa de uma sepultura. Vou morrer da morte dos justiçados, às mãos do antigo inimigo de Salzedas. Martim Pais é o meu assassino. Quando este pergaminho te for entregue, o coração com que te amei estará já frio. Pago com a vida o amor criminoso, pelo qual te esqueci a ti, ao filho do meu sangue, e ao nome de nosso pai... Deus casti-

ga-me com justiça! Depois de três anos de martírio, vou enfim repousar de tanta dor. Egas, meu irmão, pelo amor da nossa infância, pela ternura de nossa mãe, agora uma santa no céu, peço-te, quero que vivas; o meu filho, o meu Afonso sem ti ficará sem pai. Mas o desgraçado nunca o teve! É o remorso que levo atravessado. Eis o legado que te deixo, e que hás-de cumprir. Meu irmão, até ao dia em que Deus nos há-de ajuntar no céu.»

Cravado em cera, o selo com que se fechou a carta foi assente com mão firme. Um pergaminho devia ser apresentado aberto a D. Afonso, em Coimbra.

Era breve e singelo o discurso dele:

«Senhor, morro em Santa Olaia assassinado, sem tempo para mais do que para orar a Deus pela minha alma. Martim Pais da Ribeira foi o meu verdugo. À hora da morte recomendo-vos, pelas dores de pai, o filho órfão que deixo. É a última mercê que pede o vosso colaço Gomes Lourenço.»

Depois, sem querer saber mais nada do mundo, despiu a armadura e voltou a alma para o céu. Fr. Múnio e o abade de Santa Olaia começaram a rezar por este homem, no vigor da saúde e na flor dos anos, as orações do ofício da agonia, e ele, contrito e humilde, ouvia-os em silêncio. Os dois padres, mais brancos do que as pedras que pisavam, tinham os olhos arrasados de lágrimas. Só o rosto do mancebo não denotava mudança; parecia indiferente como se apertasse a lança, e saltasse o corcel para um encontro na fronteira.

«Senhor, ponde em mim os olhos. Não retireis do meu coração o vosso espírito.»

«Purificai as minhas mãos de sangue e esta língua cantará os vossos louvores. Pesai na balança o sacrifício, e compadecei-vos da vítima, que vos chama.»

O canto parou e a voz comovida de Fr. Múnio soou, dizendo:

— «D. Gomes Lourenço, que foste cavaleiro e rico-homem, deixais as vaidades do mundo, e para em tudo despirdes o homem velho, trocais pela estamenha da humildade o arnês e a espada de cavaleiro?»

— «Sim, padre!»

— «Ajoelhai, irmão!»

Depois de outra pausa breve, em que se fez a cerimónia da tonsura, a mesma voz tornou a levantar-se:

— «Recebei a veste do esposo.»

«Senhor, vede o meu holocausto, e arredai de mim as tempestades do mundo.

Cantaram os sacerdotes amortalhando o cavaleiro, e cobrindo de cinzas de penitência a cabeça aonde se erguia o elmo de guerra.

D. Maria Pais tinha-se levantado a pouco e pouco. O terror daquela oração esfriava-lhe o coração. Saiu da sala, e desceu dois degraus; porém não teve forças para mais. Irresoluta entre o desejo de salvar o mancebo e a sede de vingança, ficou na dolorosa imobilidade que depois da amputação entreva os membros. Lá dentro o orgulho, o remorso, e o ódio desenfreavam-se em luta medonha.

De novo soaram aquelas vozes que a gelavam de pavor. O canto era mais triste, acompanhando as palavras que a Igreja prenuncia sobre os derradeiros soluços do moribundo.

«Sou chegado ao termo da vida do homem; e vou dormir ao lado de meus avós. Amanhã serei apenas cinza, pó e nada.»

«Compadecei-vos de mim, Senhor!»

«Peregrino, a terra foi o meu desterro; e os dias que vivi foram breves e amargosos. Nem chegaram aos de meu pai.»

D. Maria não pôde mais ouvir aquelas rezas que a trespassavam.

«Oh, não», exclamou com ânsia, «ainda é tempo».

E galgando a longa escadaria dirigiu-se à capela. Chegava à porta, quando outra vez a voz do Fr. Múnio a estacou.

«Senhor, resgatai a alma do vosso servo e enviai os vossos anjos para a receberem no paraíso.»

«Abri as portas do céu ao que chega purificado pelo martírio. Que o espírito das trevas não prevaleça contra ele.»

Sem poder dizer como, a dama de Lanhoso deu por si no meio da entrada da ermida. Iam descerrar-se os lábios para falar, e os pés iam mover-se para correr, quando as palavras se converteram num grito, e os joelhos vergando, lhe faltaram.

Era tarde.

A justiça divina trouxe-a ali para a castigar com o espectáculo do seu crime.

No momento, em que transpunha os umbrais, viu um homem envolto no sudário deitar a cabeça no cepo; o ferro alçar-se e luzir; o golpe silvar e descer; e cair destroncado o corpo.

Estava tão perto que o sangue espadanando foi salpicar-lhe o rosto e os vestidos.

— «Eis a obra do teu orgulho; regozija-te!» bradou Fr. Múnio. «O sangue imprimiu-te na testa o selo do inferno; e há-de queimar-te para sempre os dias e todos os afectos. Mulher, olha para essa cova que abriste! Mede-a e aplaude-te. A justiça de Deus sepultou nela a esperança, a ventura, e a salvação da tua vida. Irmã de Caim, em nome do céu que nos vê, sê maldita até à consumação dos tempos!»

D. Maria não respondeu; tinha a fala gelada na

garganta. Sem ver nem ouvir, depois da maldição do monge, proferida na presença do cadáver, e sobre o sangue fresco que lhe maculava o rosto, a orgulhosa dama permaneceu instantes, com os olhos pasmados, os lábios entreabertos, muda, hirta, insensível, como a imagem do horror. Decorridos poucos minutos, correu em redor a vista espantada e pousando-a no cadáver e no ataúde levou as mãos às faces e tapou os olhos. Depois, subindo a escadaria num ímpeto maquinal, e virando-se para Telo Ervigiz que a seguia com o cutelo ainda na mão, bradou que todos a ouviram:

— «Que me selem o meu cavalo. Vou partir. Os meus homens de armas que estejam prontos.»

Quando chegou ao terreiro, esperavam-na D. Nuno e Martim Pais. Cavalgaram sem dizer palavra, e dentro em pouco desapareceram na coroa do último outeiro. A sineta da ermida, dobrando solitária, levou-lhes muito tempo a voz importuna do crime, que se acabava de cometer.

(Ódio Velho não Cansa).

ARNALDO GAMA

(1828-1869)

Uma sessão no Tribunal da Bolsa

Vamos assistir à sessão da Bolsa em que o honrado negociante Diogo Lourenço, dono do galeão Cadramoz e do barinel Fortepino, que os corsários haviam apresado, ia dar parte ao tribunal da perda que sofrera, e requerer, ao mesmo tempo, que, segundo o regimento, lhe fosse reparado o dano pela Bolsa comum.

Diogo Lourenço estava de pé, em frente do tribunal e a pouca distância do parapeito da teia. Estava como embobado, com os olhos fitos no tribunal, trémulo e remexendo maquinalmente no chapéu, que tinha nas mãos. Causava dó a situação daquele pobre homem. Reconhecia-se à primeira vista que ainda nenhum outro ali fora em mais desgraçadas circunstâncias de que ele. Da decisão do tribunal estava dependente a sua abundância ou miséria futura, e, o que é mais, a abundância ou a miséria de uma esposa que adorava e de seis filhinhos que estremecia.

Reinava silêncio profundíssimo. O tribunal e os espectadores estavam vivamente impressionados. Fernão d'Álvares Baldaia, como juiz da Bolsa, rompeu por fim este silêncio em voz ligeiramente agitada, e como fazendo violentos esforços por dominar o abalo que interiormente sentia.

— Diogo Lourenço, amigo, vimos vossa petição... Crede que nos pesa profundamente esta desgraça... Vimos vosso requerimento, mas... mas... E bem, Diogo Lourenço, como assim tão sem siso enviastes vossas naves em azo tal?...

— Senhores — respondeu em voz trémula o pobre negociante — vós bem sabeis que as negociações do nosso trato dependem muitas vezes da ocasião, e que cumpre não perder o ensejo, senão perde-se com ele o cabedal.

— Mas vós bem sabeis, Diogo Lourenço — replicou rudemente Vasco Gil — que os andaluzes andavam no mar, e que a nossa armada se estava aparelhando para ir sobre eles.

— Mas eu não podia aguardar mais por ela — volveu cada vez mais agitado o requerente. — Naquela negociação, que era boa de uma vez, e que, se não fora minha mofina, daria valioso resultado, empenhara eu toda a minha fazenda e todo o cabedal que pude haver por meu crédito.

A armada não acabava de aparelhar-se, os dias iam correndo, e os pagamentos iam-se aproximando. Bem calculado, todo o tempo necessário para acabar aquela negociação apenas me chegava já para aquele que eu podia aguardar por ela. Vós bem sabeis que me prezei sempre de honrado e de cumprir minha palavra. Assim que fazer? Mandei dar à vela. Senhores, bem vedes minha razão: despachai-me, pois, segundo nosso regimento, e atendei que Diogo Lourenço nunca regateou o seu auxílio a ninguém.

O tribunal ficou silencioso. Diogo Lourenço passou então um olhar inquieto por cada um dos membros dele.

— Falai, por Deus, falai — exclamou com a mais viva expressão de ansiedade.

— Acaso pensais que vos minto?... que não foi verdadeira a minha perda?...

O tribunal continuou silencioso, mas os membros dele puseram os olhos no juiz, como a estranhar-lhe o não responder.

— Diogo Lourenço,... amigo... — tratamudeou por fim Fernão Álvares — é tal o pesar que sinto por vossa desventura, que mal posso falar. Mas, homem, não podemos despachar-vos como requereis. Bem sabeis.. que o regimento... é contra vós. Vossa perda não foi casual; resultou de... vossa temeridade e pouca cautela. Assim não podemos mandar-vos reparar... pela... Bolsa.

A voz de Baldaia ia abaixando gradualmente à medida que dizia estas palavras. Aqui, porém, atalhou-o um grito de terrível angústia e desespero, que irrompeu para fora dos lábios de Diogo Lourenço.

O desgraçado deu maquinalmente um passo para a frente, estendeu os braços, soltou aquele grito, e ficou assim, com os olhos espantados e os lábios semi-abertos, voltado para o tribunal. Este e os espectadores caíram em pavoroso silêncio.

— Senhores... senhores, que perdeis um homem honrado — bradou por fim Diogo Lourenço com terrível desespero. — A minha perda é verdadeira. O Cadramoz e o Fortepino perderam-se, foram tomados pelos anduluzes. Juro-o a Deus, à minha alma, à salvação da minha mulher, à boa sorte de meus filhos...

— Diogo Lourenço, homem, tornai em vós — bradou Vasco Gil em tom rijo, mas comovido. — Vede que desassisais. Nós não podemos al fazer. O regimento é contra vós, e nós não somos senhores do dinheiro da Bolsa...

— Por Deus... por Nossa Senhora, por vossos filhos, não me despacheis assim — continuou Diogo

Lourenço inteiramente fora de si. — Olhai que tenho mulher e seis filhinhos... Vede que ficam sem pai e morrendo de fome!... Não me desonreis... Olhai que cobris com o ferrete de ladrão um homem honrado. Aqueles que me emprestaram seus dinheiros dirão que o sou. E eu não sou ladrão... sou desgraçado! — exclamou num brado terrível. — E vós ainda me quereis fazer mais... Vós é que me roubais, porque me negais o que me é devido, porque calcais aos pés o regimento que manda reparar minha perda... Mentis... mentis como uns falsos!... o regimento não diz isso. Pois há-de o regimento dizer que se não acorra a um homem honrado, que sempre pagou lealmente para a Bolsa o que lhe tocava pagar de seus carregamentos e das fazendas que mandava vir de fora? Mentis... mentis... mentis...

Ao chegar aqui, parou de repente, soltou um novo grito, e cobriu o rosto com as mãos. Alguns minutos depois caiu de joelhos, estendeu os braços para o tribunal e disse sentidamente, fitando nele os olhos, donde as lágrimas corriam em fio:

— Perdoai-me... perdoai-me, pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo... perdoai-me que eu não sei o que digo. Tende compaixão de minha mulher e dos meus tristes filhinhos!... Tende compaixão de nós! Olhai que fico desonrado para sempre. Ainda ontem à tarde Gomes Bochardo me disse que se hoje me não despachasseis minha petição, me faria amanhã romper o banco e encarcerar por burlão e aleivoso... Tende compaixão de minha família. Eu já vos não peço por mim, mas ao menos tende piedade daquela triste, que está para sempre ligada à minha sorte, e daquelas seis criancinhas que tenho...

Aqui interrompeu-se de novo, e ficou silencioso

com os olhos fitos no tribunal. Todos os membros tinham as cabeças pendidas para o peito, e dos olhos de alguns corriam as lágrimas em fio. Então Diogo Lourenço ergueu-se de golpe, correu ao parapeito, ferrou convulsivamente as mãos nele, passou pelo tribunal um olhar desvairado e luzente, e por fim exclamou:

— Eleazar... Eleazar, nem vós, que sois tão bom e generoso para todos, nem vós falais por mim! Nem mesmo o perderdes as quinze mil dobras de ouro que vos devo vos faz abrir a boca em meu favor! Nem vós... nem vós tendes compaixão de mim!

A estas palavras o arabi ergueu a cabeça e pôs-se de pé.

Estava pálido como um cadáver.

— Juiz, dai-me licença para dizer duas palavras a este homem honrado — disse serenamente. — Diogo Lourenço, — continuou, voltando-se para ele, — o regimento é forçosamente contra vós; e al não podemos fazer que despachar-vos como vos despachamos. Mas o Senhor dos Senhores é grande, e ele proverá em vosso remédio. A quanto monta a soma que deveis?

Diogo Loureço recuou, como fascinado pelas palavas e pela serenidade do arabi.

— Quinze mil cruzados de oiro — balbuciou respondendo-lhe.

Eleazar estremeceu, como se momentâneamente abalado pela enormidade daquela soma; mas logo disse com majestosa serenidade, e sem que o mais ligeiro toque de soberba lhe assomasse no rosto nem nos gestos:

— Grande é deveras a soma em que estais empenhado, bom homem; mas eu sou rico, sou moço, não tenho filhos... e Deus é grande e omnipotente. Perdoadas vos ficam desde já as quinze mil dobras que me deveis; e amanhã de manhã ireis a minha casa buscar

o demais que vos é necessário para pagar a vossos outros credores. Vós me restituireis quando puderdes.

A estas palavras todo o tribunal e todo o auditório se pôs maquinalmente de pé. Diogo Lourenço ficou um momento a olhar o arabi, como embobado; depois pousou a cabeça sobre o parapeito da teia e desandou a chorar, abafado em violentos soluços.

Então Fernão d'Álvares Baldaia cingiu de golpe o arabi com os braços, apertando-o uma e muitas vezes frenèticamente contra si. As lágrimas corriam quatro a quatro pelas faces do honrado velho, e os lábios tremiam-lhe convulsivamente, e a palavra não lhe podia sair da garganta, que o sentimento cerrava com forças invencíveis. Assim esteve alguns momentos, com o arabi cingido nos braços e os olhos fitos no rosto dele, trémulo e sacudido pela comoção que o senhoreava.

— Homem generoso... homem mil vezes nobre! — tartamudeou por fim. E logo acrescentou, mais senhor de si: — Vós não ficareis só em acção tão excelente, Eleazar Rodrigues; não, que vo-lo não consinto. Eu tomo à minha parte o pagar metade da dívida de Diogo Lourenço.

— E eu?... e eu? por Satanás — bradou aqui em voz de trovão Vasco Gil, que já tinha por mais duma vez levado os punhos cerrados aos olhos, donde as lágrimas saltavam às lufadas. — E eu?... Eu também hei-de entrar para a companhia, e não me digais que não, que, pelo inferno!... Ah perro de mim! que não sejais vós cristão, Eleazar! Isto é para ensandecer!

Então o tribunal inteiro declarou que exigia participar da glória da acção generosa do arabi. Mal, através dos brados clamorosos com que a assembleia saudava este, se percebeu esta declaração, os espectadores lançaram-se de golpe de encontro ao parapeito, e, voz em

grita, declararam que exigiam também contribuir para aquele honrosíssimo feito.

E logo, inspirados pelo alto sentimento da caridade e pelo entusiasmo daquela rasgada franqueza e destemida generosidade que se apossa da gente do Porto nos lances por que verdadeiramente se deve aferir a altura dos espíritos começaram a fazer chover para dento da teia as escarcelas que traziam pendentes dos cintos, todas mais ou menos recheadas, e algumas mais que suficientemente abarrotadas de oiro.

O entusiasmo pelo arabi crescera a tal ponto que ninguém já se lembrava de Diogo Lourenço, que continuava com a fronte poisada sobre o parapeito da teia, abafado em lágrimas e soluços. De súbito estremeceu, ergueu a cabeça, rompeu então por entre a multidão, abriu uma das cancelas do parapeito, e lançou-se de um salto aos pés do arabi.

— Deus vos pague, Eleazar — exclamou, tendo-o, apesar dele abraçado pelos joelhos. — Deus vos recompense, senhores. A vossa acção generosa, Eleazar, salvou da miséria uma pobre mulher e seis desgraçadas criancinhas.

(A Última Dona de S. Nicolau).

ANTÓNIO DA SILVA GAIO

(1830-1870)

O Presbitério e o Padre Maurício

Caminhai para Leste, vinde comigo. Na falda dessa Estrela, desse velho Hermínio, vereis unidas a agricultura e a indústria; que dos alcantis da montanha lhes corre a água em torrentes, para em baixo ser transformada em motor económico.

Dizeis-me que estamos em Dezembro de 1828; que tudo agora ali está velado por farto lençol de neve, que atravessa o corpo o frígido vento, que de lá sopra; que toda aquela parte da Beira é como um corpo morto e amortalhado.

Vinde, porém, assim mesmo. A hospitalidade é lá generosa e franca, e na lareira das casas crepitam os cavacos e ramos secos.

Daquela altura parecer-vos-á planície, este imenso espaço até o Caramulo.

Levar-vos-ei ao presbitério de S. Romão: quereis vir?

É uma casa solitária, de um só andar, bem rasgada por janelas pouco acima do solo. Tem na frente um jardim, que parece guardado por duas grandes olaias, plantadas aos lados da entrada. Sobem-se dois degraus, e dá-se numa sala pequena com três portas ao fundo. À do meio aponta um corredor, sobre o qual se abrem alguns quartos, e que vai terminar em outra saída,

atravessando todo o edifício. Às dos lados correspondem duas salas; uma, das visitas; outra, quarto de dormir do actual possuidor.

São oito horas da noite; Dezembro vai no fim, e está nevando.

No fundo da casa vê-se o clarão brilhante, que da cozinha se expande para o próximo corredor. Sente-se de longe o rumorejar das fortes chamas, e o crepitar da lenha seca.

Sopra gélido vento! Brame nevosa tempestade! A lareira do presbitério de S. Romão é, a um tempo, conforto e alegria.

Lá fora pendem dos beirados as estalactites cristalinas, geladas lágrimas do inverno. Do cimo da serra, desce a grande toalha branca, que esconde, até muito longe, toda a verdura e toda a vida. As árvores cobertas de neve fazem lembrar rocadas de alvíssima lã, que alguém (feiticeira, decerto) emaranhasse, arrepelasse, desgrenhasse com fúria.

E voam, e revoam em confusão, os flocos de neve, encontrando-se, impelindo-se, afastando-se, subindo, descendo, pousando, erguendo-se; borboletas disformes, leves, subtis, a nadarem silenciosas no fluido atmosférico!

Sopra gélido vento! A lareira do presbitério tem calor e vida.

A lareira é ampla. Tem no topo a pilheira da cinza, e dos lados dois troncos aplainados. Está encostada à extremidade inferior do mais curto, uma cadeira de braços, coberta de sola, com grandes pregos de cobre luzente, e assentado nela um homem de cabelos brancos. É o vigário de S. Romão.

Uma mulher idosa, senhora no rosto, na linguagem e nas maneiras, entra na cozinha com os preparativos

para o chá da noite. Desprende do gancho, cravado na parede, comprida mesa, gemendo nos gonzos, desce até à ilharga do vigário, e se firma no pé, que lhe está apenso. Estende-lhe em cima branca toalha, fabricada em casa; dispõe o necessário para a refeição, e ilumina tudo com um candeeiro de três bicos.

— Valha-te Deus, Leonor! disse o vigário. És a abelha cuidadosa! Não podes chamar a criada?

— Não queres que eu te sirva, Maurício? A criada está a fabricar o pão.

— Vem, então, para aqui, irmã. Aproxima a tua cadeira.

— Que tempestade vai lá fora!

— E o rapaz sem vir, exclamou o vigário. Colheu-o, decerto, a neve pelo caminho, e ficou-se em algum povo.

— E nós aqui tão consolados, disse Leonor, levantando, um pouco, a saia, e mostrando quentes sapatos de orelo.

— Graças a Deus! lhe tornou o padre. Coitada da pobreza!

— É para os pobres, Maurício, o pão, que a criada está preparando. Ao menos, nenhum tem fome.

Acabado o chá, e levantada a mesa, pôs-se Leonor a fiar, e o vigário a ler, em voz alta, nos *Trabalhos* de Jesus Cristo, do nosso Frei Tomé de Jesus.

Cantava o fuso na mão de Leonor; fervia o cozido nas panelas enfileiradas aos lados da fogueira, e os testos arfavam com a tensão dos vapores. Suspensa de forte corrente, estava uma caldeira com a comida dos porcos, e sobre esta, comprida colher de pau, com que Leonor, às vezes, abrandava o ímpeto da fervura. Em cima, no caniço, estalava, de quando em quando, a casaca das castanhas. Tudo ali falava.

. . . . . .

O padre Maurício era um velho alto, de sessenta e quatro anos. O seu rosto magro, e pálido, faria lembrar as figuras ascéticas dos painéis religiosos, se uns olhos portugueses, de bondosa vivacidade, e uma boca de afável expressão, não suavizassem a séria gravidade das outras feições.

Tinha a fronte espaçosa, alta e bem coroada de cabelos brancos, que, rareados na frente, lhe caíam dos lados, em anéis.

Este velho abraçara o seu estado, como verdadeiro crente da religião católica, e convencido de que o celibato, no sacerdócio, era uma homenagem, e um sacrifício necessário. Pensava e ensinava, que o período mais sublime da história da humanidade era aquele em que Jesus havia consagrado a liberdade e a igualdade pregando no meio do aniquilamento geral das nações sujeitas a Roma.

Conhecia bem a história do Papado, e condenava-lhe os abusos; mas cria e sustentava que eram, e seriam sempre, úteis e grandiosas a autoridade e unidade da Igreja. Lera Voltaire, e achara-o tão torpe como as máximas daqueles que, fazendo da religião uma arma política, haviam querido abafar a razão humana, e a liberdade do pensamento. E no meio destas altas questões, que sabia tratar com ânimo seguro e reflectido, conservara sempre as tendências e os prazeres de um poeta namorado da natureza!

Nos seus largos passeios, ao descair do dia, punha-se a olhar para o sol no ocaso, ou para a nuvem de colorido inconstante, ou para as flores do campo, ou para as árvores seculares, como se naquele peito houvesse um coração de vinte anos. Espreitava o lidar do insecto, e quantas vezes arredava obstáculos, que lhe empeciam o trabalho! Quantas vezes se afastava de um lugar por

supor que o voejar de tímido passarinho denunciava ninho próximo! Para que havia de inquietar a pobrezinha da ave, ele, que tanto se enlevava nos seus cantares; ele, que, dois passos mais além, achava, como atrás, como ao lado, a nervura da folha para admirar, o gomo do ramo para lhe imaginar a vida interior, a flor da árvore para lhe embalsamar o ar, o azul do céu, de além do qual o via Deus?!

E então da sua alma subiam para o criador de tantas harmonias, de tantas vidas, hinos santos. Cantava-os, mais e melhor que as palavras, o seu agradecido olhar.

— Deus! Deus! — clamava ele de mãos postas.

Os aldeões, ao vê-lo sereno e grave, sòzinho, olhando, como em êxtase, para o longínquo horizonte, perguntavam de longe uns aos outros:

— O nosso vigário estará a rezar ali?

E estava! Orações sem palavras, que o céu entende muito bem.

Às vezes procurava um e outro dos seus fregueses, longe das casas, no meio das lavouras. Deixava aqui um conselho; além fazia um pedido; mais adiante, repreendia com severidade. Dias depois, havia mais alegria numa casa; noutra, viam-se mais lavados os filhos; naquela, havia no domingo o salário da semana, porque o homem o não fora jogar no sábado à noite; nesta, o Manuel não batera na mulher, antes era bem falante, e agradecia, mal ou bem, a alvura e o engomado da camisa.

(O Mário).

CAPÍTULO VII

DIVERSOS HISTORIADORES ROMÂNTICOS

REBELO DA SILVA

(1822-1871)

Febus Moniz

O primeiro rebate da resistência nas cortes foi dado por Febus Moniz, procurador de Lisboa, escolhido em lugar de Salema.

Moniz era cavaleiro da Ordem de Cristo, camareiro de el-rei, e quando entrou nos estados contava mais de sessenta anos de idade.

Mas as cãs e a debilidade da saúde não haviam quebrado nele a rija têmpera de uma alma firme e incapaz de transigir com o que a consciência lhe repreendesse.

Competindo-lhe presidir à assembleia dos deputados das vilas e cidades, e olhado a princípio pelos amigos da independência como suspeito, soube conquistar todas as simpatias pela decisão do seu procedimento.

Erguendo a voz no recinto das deliberações, e desprezando as consequências dos ódios, que desafiava, entre o dever e a verdade não hesitou.

Apenas a primeira insinuação, tentada para mover os procuradores a votarem com o braço eclesiástico e com os fidalgos a eleição de Filipe, lhe chegou aos ouvidos, renasceram de repente no coração do velho cavaleiro todos os brios da juventude, e queixando-se com mágoa na sessão de 13 de Janeiro, de que para tão doloroso ofício o fossem arrancar aos ócios e à tranqui-

lidade da vida particular, em frases vigorosas exprobrou a falta de fé em uns, e a cumpliciade em outros, lamentando que perante portugueses se ousassem elogiar o domínio estrangeiro, sempre cruel e pesado para um país afeito às liberdades conquistadas pela sua espada.

Entre outros trechos inspirados pelo sentimento do que sabia e via, dirigindo-se ao rei, Febus exclamou: «Que foi isto, senhor? Quem vos mudou em outro? Quem vos tirou o ânimo de vossos antepassados, o retrato do seu esforço, e o serdes imitador de sua glória, que pelo receio de uma guerra injusta quereis fazer tão injusto concerto?»

Depois notava com eloquência, que sendo Filipe II cristão nunca podia mover as armas contra cristãos por uma causa duvidosa, e que se as movesse faria Portugal o que sempre havia feito, arriscando todos a vida para conservarem os foros da nação.

Pela energia dos conceitos a peroração não desmentiu o resto do discurso.

Obsecrando o monarca moribundo, e invocando o antigo valor do nosso, as lágrimas dos órfãos, o remédio da nobreza, a miséria das viúvas, privadas do amparo de um rei natural, Moniz pedia-lhe que se compadecesse do reino, e que esquecendo os brasões e vitórias dos seus antecessores, não quisesse entregá-lo em cativeiro a um príncipe estranho, surdo aos clamores do povo e aos da própria consciência.

Não sabemos se o Cardeal ouviu esta fala, mas decerto não faltaria quem o advertisse dela. Febus Moniz passou logo, pois, a ser reputado pelos embaixadores e pelos cortesãos, como um dos decididos adversários de Castela, e é de supor que, tanto o duque de Bragança, como D. António se não poupassem a diligências para o atrair.

Entretanto parece que ele não escutou as propostas dos pretensores, porque o vemos, até ao fim, solto dos vínculos de partido, defender o princípio da eleição do rei pelas cortes, e a necessidade de se responder com as armas na mão às ameaças da Espanha.

Em época minada por tão profunda corrupção, homens como Febus Moniz, como o conde de Vimioso, como Diogo Botelho, como Cipião de Figueiredo, e outros, são raros, e por isso mesmo dignos da grande memória, e dos bons exemplos, que deixaram de elevação do espírito, e de inteireza do carácter.

A voz do procurador de Lisboa foi como um despertador, e fez levantar de súbito nas cortes os que já começavam a adormecer embalados pelas promessas e seduções de D. Cristóvão de Moura, do bispo Pinheiro, e dos outros ministros do Cardeal.

Muitos deles, acordando, envergonharam-se da apatia, outros por ciúme de influência apressaram-se para que Moniz não aparecesse só, e a grande maioria confirmou-se na ideia, de que era indispensável insistir na opinião, de que só aos povos pertencia por todas as razões o direito de eleger o rei na falta de sucessor reconhecido.

O bando castelhano, e o rei, tão ligado com ele, não ignorando nenhum dos passos, que se adiantavam atribuíram ao prior do Crato o mau aspecto apresentado pelas cortes; e o Cardeal, submisso em subscrever a tudo o que lhe inculcavam os estrangeiros, mandou lançar novo pregão pelo reino contra os que hospedassem em sua casa a D. António, sob ásperas penas, suscitando os termos da sentença fulminada em 23 de Novembro de 1579.

As suas violências, porém, já não assustavam ninguém. A desobediência era pública e geral, e os

parciais do sobrinho, imputando os decretos ao temor, à demência senil, e à inimizade pessoal, desprezaram-nos inteiramente.

Em Coimbra os magistrados não disfarçavam as simpatias em favor do filho do infante D. Luís, e a efervescência, aumentando, parecia ameaçar algum tumulto. Martim Correia da Silva, incumbido pelo monarca de abrir devassa e de castigar os mais criminosos, não julgou prudente desempenhar a missão, e retirou-se sem executar as ordens, que levara.

Ao mesmo tempo D. Henrique, quase nos derradeiros bocejos da vida, mandava o bispo D. António Pinheiro em 15 de Janeiro, para em seu nome declarar aos estados, que o direito da sucessão sòmente podia pertencer a D. Filipe ou à duquesa de Bragança, não alegando os outros pretensores razões dignas de serem atendidos. As cortes não responderam no sentido que ele talvez esperava, porque, se o clero e a nobreza em grande parte se encostavam a Castela, e estavam dispostos a jurar o rei católico sem dificuldade, os deputados do braço popular cada dia se mostravam menos inclinados à união, pungidos pelos discursos de Febus Moniz, e pelos conselhos dos confidentes do duque de Bragança e de D. António.

Assim mesmo os fidalgos, apesar do vasto sistema de corrupção empregado pelos agentes espanhóis para seduzir, não cederam tão de leve como no começo se cuidara.

No seio da assembleia não faltou quem censurasse a docilidade suspeita dos que se mostravam tão dóceis em se lançarem aos pés do príncipe estrangeiro, ao primeiro aceno dos válidos do Cardeal. De vinte e oito votos, que tantos eram os procuradores da nobreza, Filipe II só triunfou por um; pequena vitória depois de

tão largos e onerosos esforços, e sobretudo bem inútil, porque o exemplo não arrastou o braço do povo, antes, pelo contrário, ainda o tornou mais oposto à concórdia secretamente ajustada com o filho de Carlos V.

Nesta perigosa extremidade, divididos entre si os estados, e começando as murmurações do povo a assumir um carácter grave, os confidentes do velho soberano ditaram-lhe uma decisão, que, por menos reflectida, se não compadecia com a inquietação dos ânimos, e com a política hábil e suave, que as circunstâncias apontavam.

D. Henrique, sentindo aproximar-se a morte, e devorado pela impaciência de cortar por uma vez todas as esperanças ao prior do Crato, enviou de novo D. António Pinheiro ao congresso dos deputados das vilas e cidades para lhes advertir, que a sua primeira mensagem não fora entendida.

O bispo de Leiria aceitou gostoso a segunda missão, e em 18 de Janeiro apresentou-se aos procuradores, e leu-lhes da parte de Sua Alteza um papel, no qual o príncipe asseverava que a sucessão da coroa só competia a D. Filipe II de Castela, porque as alegações da duquesa de Bragança não tinham fundamento.

Foi então, que Febus Moniz, presidente da reunião, alvoroçado com a leitura, levantando-se, e rebentando-lhe as lágrimas pelos olhos fora, colocado diante de um crucifixo, começou a soltar palavras e queixas magoadas, arrancando as barbas de desespero, por ver semelhante sem razão.

Nessa mesma noite, Moniz e os procuradores, que o seguiam, congregaram-se e expediram correios para as terras, avisando-as de tudo, e instando para que não permitissem que prevalecesse a injustiça.

(*História de Portugal* nos séculos XVII e XVIII, tomo I).

PINHEIRO CHAGAS

(1842-1895)

O Terramoto de Lisboa

Estava-se no ano de 1775, que desde o princípio se anunciava ao mundo como devendo ser fértil em abalos desse género. No dia 25 de Abril houvera um terrível terramoto na cidade de S. Francisco da América; no dia 24 de Agosto sentiu-se um violento tremor de terra nas cidades de Orzeg e Mora em Espanha, e em alguns pontos das nossas províncias do Alentejo e do Algarve. Em Setembro e Outubro iguais abalos se repetiam na Groenlândia e na Islândia.

Lisboa, porém, não sentira o mais leve abalo que lhe prognosticasse o imenso desastre que estava para a fulminar. O mês de Outubro correra plácido e sereno, um pouco mais quente do que é uso nessa estação. Alvoreceu, enfim, o dia 1 de Novembro de 1775, sossegado e radioso. O rio espreguiçava brandamente as suas leves ondasinhas, indo-as quebrar em suave murmúrio no cais da cidade; o céu ostentava-se azul sem mancha; soprava um ligeiro vento de nordeste, o termómetro Réaumur marcava 14 graus, e os habitantes da cidade corriam às igrejas para ouvirem a missa da festa, porque era dia de todos os santos. Reinava por toda a parte o maior sossego e a maior despreocupação.

De súbito, e alguns minutos depois das nove e meia da manhã, sente-se um rumor subterrâneo, imediatamente principia a arfar o solo com violência, depois

oscila com um movimento semelhante ao balanço dos navios, de norte a sul e de nascente a poente, exactamente como a embarcação ora se balouça de popa a proa, ora de bombordo a estibordo. No breve espaço de sete minutos, o tremor aumentou de intensidade numa progressão espantosa.

As casas, sacudidas violentamente pelos abalos de terra, primeiro estalam pelos forros dos sobrados, logo despegam-se os rebocos, desabam enfim as abóbadas, abrem-se as paredes e as torres, e num momento apresenta a plácida Lisboa o mais terrível espectáculo de desolação e ruína.

O quadro era sinistro, e os diversos estrondos davam-lhe ainda um toque mais lúgubre e assustador. O trovão subterrâneo rugia com um som rouco e profundo, confundia-se com esse ruído e estalar dos vigamentos o medonho estampido das casas que desabavam, o toque dos sinos que a agitação do solo produzia, e que entornavam na atmosfera a sua urna de desesperados gemidos. Voavam as telhas de um para outro lado como folhas desprendidas das árvores, o sol escurecia-se, porque lhe extinguiam a luz as nuvens formadas pela concentração dos vapores, que se exalavam das fendas enormes, em que a terra por toda a parte se rasgava.

O desabar dos edifícios levantava também do solo turbilhões imensos de poeira, que ainda aumentavam as trevas. As exalações mefíticas povoavam de miasmas o ambiente. O rio fugia, como que horrorizado, das margens, repelido para longe pela convulsão da terra; as águas da maré, encontrando-se com as que se retraíam das praias, lutavam em furioso embate, encastelavam-se em montanhas enormes e, arrojando-se de novo sobre as praias, desabavam na cidade e submergiam os cais, entravam por Lisboa dentro até distâncias enormes, chegando às portas de Santo Antão, e de novo se retiravam, e vol-

tavam de novo, mais aglomeradas, mais furiosas, mais espumantes, alagando as ruínas, quebrando nas paredes dos edifícios, trazendo consigo, enrolada nas ondas, a morte debaixo de um novo aspecto. Era a formidável confusão da natureza, era a medonha luta entre todos os elementos, era o horror debaixo de todas as suas formas, a convulsão da terra, a tempestade das águas, a lúgubre escuridão, os boqueirões do inferno mostrando as fauces hediondas e mefíticas, o incêndio que principiava, a imagem tremenda do caos, o ideal sinistro do báratro.

E o vento soprava brando e meigo, sem contribuir de modo algum para esta desolação.

Os navios sentiam-se também nas garras do cataclismo. O balanço formidável lembrava aos tripulantes as mais formidáveis oscilações das grandes tempestades: uns, quebrando-se-lhe as amarras, eram arrojados de encontro à terra, outros rodopiavam no vértice das ondas num doido movimento giratório; barcos grandes voltavam-se de quilha para o ar, como se fossem cascas de noz; os botes mais pequenos, ancorados junto dos cais, desapareciam, incapazes de resistir às agitações que os envolviam. No mar, na terra não havia lugar seguro de refúgio para os desgraçados habitantes de Lisboa, surpreendidos por tão formidável desastre.

E o que faziam eles no meio desta catástrofe tremenda? A pena não pode traçar senão seguidamente os diversos episódios desta imensa tragédia; mas o leitor deve compreender bem que todas estas desgraças se realizaram simultâneamente. O abalo durou sete minutos, teve três intervalos de remissão, e foi nesse curto espaço de tempo que desabaram os edifícios, que se abriu a terra, que se escureceu o sol, que as águas fugiram da praia e voltaram a inundá-la, que se submergiram os botes, que se despedaçaram os navios.

LATINO COELHO

(1825-1891)

Origens de Portugal

Nunca em breve e quase obscuro território nasceram e se criaram, como no estreito solo português, mais ambiciosas aspirações, nem brios mais audazes e desconformes à grandeza, não ao esforço varonil de uma nação, de um condado espanhol, ligado por vínculos feudais à coroa de Leão, brotara um povo livre, independente, logo desde a infância mal sofrido de estranho jugo e sujeição. Como quem desde o berço viera já fadado não a render homenagem a suseranos na terra das Espanhas, senão a intimar vassalagem e tributos a potentados e monarcas em novas e apartadas regiões.

O seu primeiro caudilho é um soldado aventureiro, que de longe vem aos extremos confins da Europa ocidental em busca de cavaleirosas aventuras nas requestas frequentes de cristãos com os maometanos invasores. Nem a pátria se lhe sabe, ignora-se a família. Quase disséramos que a Portugal, que havia de ser nação conquistadora, coubera como a Roma por destino o ser fundado por um temerário forasteiro, cuja história se esconde em grande parte no espesso nevoeiro da lenda romanesca ou mitologia. Ao Conde Henrique, ainda vassalo nominal do leonês, sucede o filho, mais ousado e feliz na porfia sanguinosa contra o mouro. Circunda-lhe o trono desde o começo o favor celeste, e a consagração miraculosa demonstrada na aparição do

Redentor. A sua crónica entretece-se de mitos. Os portugueses denunciam desde logo na grandeza dos princípios, que atribuem à sua modesta, mas vigorosa nacionalidade, o quilate das sùas ambições, e o grau, em que se julgam predestinados para invencíveis e poderosos dominadores. Ao leonês basta apenas para santificar-lhe as batalhas contra o Islam, que o apóstolo da Espanha apareça cavalgando o corcel branco, guiando as temerosas remetidas contra a gente muçulmana, e tingindo no sangue de Ismael o gládio flameante. À fantasiosa arrogância do português, já não é proporcionada a brilhante aparição do bem-aventurado paladino de Clavijo. Venha Cristo em pessoa, refulgente de luz e divindade, visitar no arraial de Afonso Henriques o cristão aventureiro, e redobrar-lhe o esforço e o brio, e infundir-lhe com a dextra omnipotente a certeza da vitória. O reino de Portugal será a monarquia dilecta do divino Crucificado. O seu brasão e o seu emblema será, dada por Deus, a própria insígnia da Redenção. A cruz já outros a tomaram por divisa. Tenha pois a nascente monarquia por sistema divino as cinco chagas. Esta ascendência milagrosa sempre em sua piedosa credulidade a tiveram em grande preço os nossos portugueses de outras eras. Tão alto levantaram o seu próprio conceito e reputação, que as raízes do seu poder e senhorio no céu, e não na terra, se gloriavam de as firmar.

Entre o clangor das armas se fundou; cresceu e se foi educando desde o berço o novo Portugal. Avigora-se o esforço português na guerra contra o bravo sarraceno, que em boa parte de terra lusitana assentara por conquista a sua morada. Desde Afonso Henriques até Afonso III, a vida nacional é cifrada principalmente na peleja tenacíssima, incessante, sanguinosa contra os guerreiros do islamismo. A nação cresce e toma vulto

entre os estados da Península ao compasso das empresas, com que vai dilatando o território, reconquistado heròicamente aos invasores. Portugal é essencialmente trabalhador e belicoso. As suas feições morais reproduzem fielmente a sua índole guerreira, insofrida, ambiciosa. Para as artes da paz e para o trato das letras e ciências, qual o consentia a rudeza e barbarie medieva, não lhe deixa ócios prolongados o ofício das armas, que professa por necessidade e vocação. Durante os reinados, que antecedem a pacífica e florente monarquia de D. Dinis, a história de Portugal resume-se num feito capital, continuado, perseverante por dois séculos de esforço e valentia: a sucessiva expulsão dos Muçulmanos. Quando na terra portuguesa não há já uma só povoação, um castelo, uma atalaia, onde flutue aos ventos o guião dos agarenos, ainda o restante das Espanhas, onde regem e batalham reis cristãos, dá guarida segura aos sectários do Alcorão. A cultíssima e poderosa monarquia de Granada ainda ali está no cúmulo da sua magnificência e esplendor, e ainda terá de esperar que mais de dois séculos depois a fortuna dos Reis Católicos lhe anuncie que é terminada finalmente a dominação dos Árabes na Espanha.

Quando o sucessor de Afonso III empunha ao mesmo passo o ceptro e a lira, como que para consociar fraternalmente a cultura intelectual e a renovação da sociedade, a nação está já consolidada. Já não ousam os Muçulmanos cursar, em novas algaras e gazuas, a terra portuguesa, nem o rei castelhano se lembra de invocar a sua feudal supremacia sobre um povo, que comprou com o sangue a liberdade, com as vitórias a terra, que povoa. Desde então as fronteiras portuguesas estão na carta da Europa definidas como hão-de permanecer, imutáveis e sagradas no decurso dos séculos vindouros. Sòmente a Portugal coube o raro condão e privilégio de

ter quase desde a infância o mesmo corpo, a mesma língua, a mesma raça, a mesma unidade nacional. A dois passos do seu berço já se amostra varonil. Sòmente em nossa pátria pode cada seu natural e cidadão, no burgo mais ilustre, ou na póvoa mais obscura, afirmar seguramente que Portugueses foram também seus remotos avoengos, e que o lar, a que se aquenta, e a herdade, que cultiva, não foram profanados de forasteiros inimigos, salvo em breves e bem vingadas invasões. Aqui pode gloriar-se cada um de que desde séculos não caiu em estranha dominação a terra onde repousam as cinzas de seus avós. Nem conquistamos, nem perdemos. Soubemos conservar a gleba herdada, sem inveja nem cobiça de alheios e vizinhos territórios.

E era certamente providencial e necessário que assim fosse. Cumpria a Portugal ser modesto na Península, porque lhe estava aparelhado por destino glorioso o expandir para longe os brios cavalheirosos de nação. Desde que fixou de vez os seus limites e talhou no mapa das Espanhas a zona ocidental, que lhe havia de servir de pátrio ninho, não andaram muitas vezes remissos os povos comarcãos em tentar de novo a sujeição e a conquista do nosso breve mas sagrado território. Lidamos em pelejas desiguais, mas com propício Marte, por defender e amparar a terra portuguesa. Remeteu por vezes contra nós o indómito leão, e outras tantas soubemos sofrear-lhe a ousadia. Herdavam-se então os reinos e principados como casas e morgados particulares. Dicidia-se pelo enlace dos potentados o destino das opressas populações. Adormecia livre e independente uma nação, e pela cláusula de um contrato nupcial acordava acorrentado à humilhante dominação de um estranho ambicioso, e perdia pelo sacrílego direito da herança dinástica o direito sacratíssimo da pátria.

2.ª METADE DO SÉCULO XIX

O Período Naturalista

CAPÍTULO I

LÍRICAS DE JOÃO DE DEUS

JOÃO DE DEUS

(1830-1896)

1—Carta

Maria! ver-te à porta a fazer meia,
Olhando para mim de vez em quando,
É o que nesta vida me recreia.

Acordo até de noite suspirando
Por que rompa a manhã e tenha o gosto
De te ver já tão cedo trabalhando.

Desde pela manhã até sol-posto
Que tu não tens descanso um só momento;
Por isso tens tão bela cor de rosto!

E eu pálido, Maria! O pensamento
Não é trabalho que nos dê saúde:
Esta imaginação é um tormento.

Que belo tempo aquele enquanto pude
Levar, como tu levas, todo o dia
Nessa vida chamada ingrata e rude!

Nunca soube o que foi melancolia,
Nunca provei as lágrimas salgadas
Com que a nossa alma as penas alivia;

Andava, sim, por essas cumeadas
Ao sol, à chuva, muita vez, sòzinho,
Vendo os vales das rochas escarpadas;

Descendo pelo córrego estreitinho,
De pontal em pontal cortando o mato
Pelas chapadas fora do caminho;

Mas não era que já o teu retrato
Mas andasse a mim no coração impresso,
Onde hoje o trago no maior recato,

E um desengano teu, que não mereço,
Me tivesse tirado a fé tão doce
De alcançar algum dia o que apeteço.

Não foi, não, a paixão que assim me trouxe
Tão erradio a mim, digo a verdade
E nem eu te negava se assim fosse:

É que a gente na sua mocidade
Não cabe em si, não pára de contente,
E assim fui eu na flor da minha idade.

Tu eras nesse tempo simplesmente
A flor que vai nascendo; e mais valia
Seres tão tenra ainda e inocente!

Já esse lindo pé que tens, Maria!
Esse quadril tão largo e cinta estreita
Me não vinha à ideia noite e dia;

Esses encontros de mulher perfeita,
Esse peito redondo e arqueado
Como o de pomba farta e satisfeita!

Talvez vivesse então mais sossegado,
Ou já que a minha sorte é sempre triste,
Ao menos não andasse enfeitiçado!

Esse belo pescoço... não existe
Outro assim torneado! o rosto é lindo
E a tão meiga expressão ninguém resiste!

A boca é tão vermelha que em te rindo
Lembra-me uma romã aberta ao meio
Quando já de madura está caindo!

Esses olhos azuis... que olhar! Receio
E desejo estar sempre a contemplá-lo;
Não há mais doce e mais custoso enleio!

Eu não ouso falar então, nem falo
De enlevado que estou, e juntamente
Gemendo e abafando os ais que exalo...

Oh nuvem da manhã resplandecente,
Manto real de seda delicada,
Cada fio um grilhão que prende a gente!

Bem podias, Maria! andar tapada
Só com o teu cabelo à semelhança
Do sol em nuvens de manhã dourada!...

É tudo encantador! A gente cansa,
Cansa de estar olhando e sempre vendo
Um novo encanto a cada olhar que lança!

E se essa linda voz nos sai dizendo
As mimosas palavras que costuma,
Sente-se a gente logo derretendo;

Que além de um rosto tão perfeito, em suma
Coube-te em sorte um coração perfeito,
E em ti não há, Maria! falta alguma!

Oh que ditoso, alegre e satisfeito
Não viverá o homem que algum dia
Sentir pular-te o coração no peito,

E que em deliciosíssima agonia,
Vendo-te já os olhos desmaiando
Como desmaia o céu à luz do dia,

Nas asas da ventura atravessando
Os espaços de um êxtase inefável
Abraçado contigo for voando
Lá para onde tudo é belo e estável.

2 — Adoração

Vi o teu rosto lindo,
Esse rosto sem par;
Contemplei-o de longe mudo e quedo,
Como quem volta de áspero degredo
E vê ao ar subindo
O fumo do seu lar!

Vi esse olhar tocante,
De um fluido sem igual;
Suave como lâmpada sagrada,
Bem-vindo como a luz da madrugada
Que rompe ao navegante
Depois do temporal!

Vi esse corpo de ave,
Que parece que vai
Levado como o sol ou como a lua
Sem encontrar beleza igual à sua;
Majestoso e suave,
Que surpreendente e atrai!

Atrai, e não me atrevo
A contemplá-lo bem;
Porque espalha o teu rosto uma luz santa,
Uma luz que me prende e que me encanta
Naquele santo enlevo
De um filho em sua mãe!

Tremo, apenas pressinto
A tua aparição;
E se me aproximasse mais, bastava
Pôr os olhos nos teus, ajoelhava!
Não é amor que eu sinto,
É uma adoração!

Que as asas providentes
Do anjo tutelar
Te abriguem sempre à sua sombra pura!
A mim basta-me só esta ventura
De ver que me consentes
Olhar de longe... Olhar!

3 — Encanto

Passavas como rainha,
E eu, que andava como morto,
Parece que me sustinha
No ar em êxtase, absorto...
É ela, dizia eu,
A minha estrela do céu!

Passavas lançando em torno,
Como a lua em noite amena,
Aquele olhar doce e morno
Que me dava gosto e pena...
Pena de não ser só meu
Esse reflexo do céu!

Mal sabes como em nossa alma,
À luz de uns olhos que atraem,
A tempestade se acalma
E as nuvens negras se esvaem!
Como a luz de um olhar teu
É uma bênção do céu!

De tal maneira me encanta,
Que até andei por exemplo,
Contigo a Semana santa,
Sem saber, de templo em templo...
Depois é que me ocorreu
Que esse olhar era do céu!

Nesse traje austero e grave,
Toda de preto, era um gosto
Ver não sei que luz suave
A banhar-te as mãos e o rosto...
Era a luz, suponho eu,
Que banha os anjos do céu!

Se um dia, estrela dos Magos,
Me abandonares na vida,
Deixa-me uns reflexos vagos
Como de estrela caída...
Ao menos verei no céu
Rasto da estrela que ardeu!

4 — Último Adeus

Prestes, se ainda à rocha de granito
Donde em tempo me vias te elevares,
Não olhes para a terra ou para os mares,
Olha sim para o céu, que é lá que habito.

Lá tão longe de ti, mas não do terno,
Bondoso Pai que os dois nos há gerado,
Só para mágoas não, que bem guardado
Nos tem também no céu prazer eterno.

Não se é só pó no fim de tanta mágoa!
Senão, diga-me alguém que alívio é este
Que sinto quando à abóbada celeste
Alevanto os meus olhos rasos de água!

Mentem os céus também?... Os céus maldigo!
Feras, tigres, também o céu povoam?
Também os lábios lá sorrindo coam
Veneno desleal em beijo amigo?

Mas, na dor é que os astros nos sorriem,
E os homens não sorriem na desdita;
Astros! fio-me em vós! E Deus permita
Que os infelizes sempre em vós se fiem.

Íntima voz do fundo, bem do fundo
De alma me diz (e as lágrimas me saltam):
Vês os milhões de sóis que o espaço esmaltam?
Pisa a terra a teus pés, ainda há mais mundo;

Há depois desta vida ainda outra vida:
Não se reduz a nada um grão de areia,
E havia de a nossa alma, a nossa ideia
Nas ruínas do pó ficar perdida?

— Isso que pensa e quer, (até me admiro!),
Isso que a luz nos traz, que a luz nos leva,
Isso que me abre o céu, que ao céu me eleva
Num teu cansado olhar, num teu suspiro!

Onde... não sei eu bem, mas sei que existe
Deus remunerador. Depois de mortos
Hemos de ver-nos, e um no outro absortos
Fartar de glórias este amor tão triste.

Tão triste! (E o coração que me adivinha?)
Neste suplício nosso, este tormento
Nunca dos lábios teus mínimo alento
Num só beijo bebi em vida minha!

E morro sem te ver! Cabeça douda,
Desassisado amor! Sonhar aflito
Um sonho até morrer!... Não! ressuscito:
Morto tenho eu vivido a vida toda!

CAPÍTULO II

ANTERO DE QUENTAL

O poeta e o pensador

ANTERO DE QUENTAL

(1842-1891)

1 — Hino da Manhã

Tu, casta e alegre luz da madrugada,
Sobe, cresce no céu, pura e vibrante,
E enche de força o coração triunfante
Dos que ainda esperam, luz imaculada!

Mas a mim pões-me tu tristeza imensa
No desolado coração. Mais quero
A noite negra, irmã do desespero,
A noite solitária, imóvel, densa,

O vácuo mudo, onde astro não palpita,
Nem ave canta, nem sussurra o vento,
E adormece o próprio pensamento,
Do que a luz matinal... a luz bendita!

Porque a noite é a imagem do Não-Ser
Imagem do repouso inalterável
E do esquecimento inviolável,
Que anseia o mundo, farto de sofrer...

Porque nas trevas sonda, fixo e absorto,
O nada universal o pensamento,
E despreza o viver e o seu tormento,
E olvida, como quem está já morto...

E, interrogando intrépido o Destino,
Como réu o renega e o condena,
E virando-se, fita em paz serena
O vácuo augusto, plácido e divino...

Porque a noite é imagem da Verdade,
Que está além das coisas transitórias,
Das paixões e das formas ilusórias,
Onde sòmente há dor e falsidade...

Mas tu, radiante luz, luz gloriosa,
De que és símbolo tu? do eterno engano,
Que envolve o mundo e o coração humano
Em rede de mil malhas, misteriosas!

Símbolo, sim, da universal traição,
Duma promessa sempre renovada
E sempre e eternamente perjurada,
Tu, mãe da Vida e mãe da Ilusão...

Outros estendam para ti as mãos,
Suplicantes, com fé, como esperança...
Ponham outros seu bem, sua confiança
Nas promessas e a luz dos dias vãos...

Eu não! Ao ver-te penso: Que agonia
E que tortura ainda não provada
Hoje me ensinará esta alvorada?
E digo: Porque nasce mais um dia?

Antes tu nunca fosses, luz formosa!
Antes nunca existisses! e o Universo
Ficasse inerte e eternamente imerso
Do possível na névoa duvidosa!

O que trazes ao mundo em cada aurora!
O sentimento só, só a consciência
Duma eterna, incurável impotência,
Do insaciável desejo, que o devora!

De que são feitas os mais belos dias?
De combates, de queixas, de terrores!
De que são feitos? de ilusões, de dores,
De misérias, de mágoas, de agonias!

O sol, inexorável semeador,
Sem jamais se cansar, percorre o espaço,
E em borbotões lhe jorram do regaço
As sementes inúmeras da Dor!

Oh! como cresce, sob a luz ardente,
A seara maldita! como freme
Sob os ventos da vida e como geme
Num sussurro monótono e plangente!

E cresce e alastra, em ondas voluptuosas,
Em ondas de cruel fecundidade,
Com a força e a subtil tenacidade
Invencível das plantas venenosas!

De podridões antigas se alimenta,
Da antiga podridão do chão fatal...
Uma fragrância mórbida, mortal
Lhe ressuma da seiva peçonhenta...

E é esse aroma lânguido e profundo,
Feito de seduções vagas, magnéticas,
De ardor carnal e de atracções poéticas,
É esse aroma que envenena o mundo!

Como um clarim soando pelos montes,
A aurora acorda, plácida e inflexível,
As misérias da terra: e a hoste horrível,
Enchendo de clamor os horizontes,

Torva, cega, colérica, faminta,
Surge mais uma vez e arma-se à pressa
Para o bruto combate, que não cessa,
Onde é vencida sempre e nunca extinta!

Quantos erguem nesta hora, com esforço,
Para a luz matinal as armas novas,
Pedindo a luta e as formidáveis provas,
Alegres e cruéis e sem remorso,

Que esta tarde há-de ver, no duro chão
Caídos e sangrentos, vomitando
Contra o céu, com o sangue miserando,
Uma extrema e impotente imprecação!

Quantos também, de pé, mas esquecidos,
Há-de a noite encontrar, sós e encostados
A algum marco, chorando aniquilados
As lágrimas caladas dos vencidos!

E porquê? para quê? Para que os chamas,
Serena luz, ó luz inexorável,
À vida incerta e à luta inexpiável,
Com as falsas visões, com que os inflamas?

Para serem o brinco dum só dia
Na mão indiferente do Destino...
Clarão de fogo-fátuo repentino,
Cruzando entre o nascer e a agonia...

Para serem, no páramo enfadonho,
À luz de astros malignos e enganosos,
Como um bando de espectros lastimosos,
Como sombras correndo atrás dum sonho...

Oh! não! luz gloriosa e triunfante!
Sacode embora o encanto e as seduções,
Sobre mim, do teu manto de ilusões:
A meus olhos, és triste e vacilante...

A meus olhos, és baça e lutuosa
E a amarga ao coração, ó luz do dia,
Como tocha esquecida que alumia
Vagamente uma cripta monstruosa...

Surges em vão, e em vão, por toda a parte,
Me envolves, me penetras, com amor...
Causas-me espanto a mim, causas-me horror,
E não te posso amar — não quero amar-te!

Símbolo da Mentira universal,
Da aparência das coisas fugitivas,
Que esconde, nas moventes perspectivas,
Sob o eterno sorriso o eterno Mal,

Símbolo da Ilusão, que do infinito
Fez surgir o Universo, já marcado
Para a dor, para o mal, para o pecado,
Símbolo da existência, sê maldito!

(Os Sonetos Completos)

2 — A Santos Valente

Estreita é do prazer na vida a taça:
Largo, como o oceano é largo e fundo,
E como ele em venturas infecundo,
O cális amargoso da desgraça.

E contudo nossa alma, quando passa
Incerta peregrina, pelo mundo,
Prazer só pede à vida, amor fecundo,
É com essa esperança que se abraça.

É lei de Deus este aspirar imenso...
E contudo a ilusão impôs à vida,
E manda buscar luz e dá-nos treva!

Ah! se Deus acendeu um foco intenso
De amor e dor em nós, na ardente lida,
Porque a miragem cria... ou porque a leva?

3 — Salmo

Esperemos em Deus! Ele há tomado
Em suas mãos a massa inerte e fria
Da matéria impotente e, num só dia,
Luz, movimento, acção, tudo lhe há dado.

Ele, ao mais pobre de alma, há tributado
Desvelo e amor: ele conduz à via
Segura quem lhe foge e se extravia,
Quem pela noite andava desgarrado.

E a mim, que aspiro a ele, a mim, que o amo,
Que anseio por mais vida e maior brilho,
Há-de negar-me o termo deste anseio?

Buscou quem o não quis; e a mim, que o amo,
Há-de fugir-me, como a ingrato filho?
Ó Deus, meu Pai e abrigo! espero!... eu creio!

4 — Sonho Oriental

Sonho-me às vezes rei, nalguma ilha,
Muito longe, nos mares do Oriente,
Onde a noite é balsâmica e fulgente
E a lua cheia sobre as águas brilha...

O aroma da magnólia e da baunilha
Paira no ar diáfano e dormente...
Lambe a orla dos bosques, vagamente,
O mar com finas ondas de escumilha...

E enquanto eu na varanda de marfim
Me encosto, absorto num cismar sem fim,
Tu, meu amor, divagas ao luar,

Do profundo jardim pelas clareiras,
Ou descansas debaixo das palmeiras,
Tendo aos pés um leão familiar.

5 — O Palácio da Ventura

Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sóis, por noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota a armadura...
E eis que súbito o avisto, fulgurante
Na sua pompa a aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
Abri-vos, portas douro, ante meus ais!

Abrem-se as portas douro, com fragor...
Mas dentro encontro só cheio de dor,
Silêncio e escuridão — e nada mais!

6 — Sepultura Romântica

Ali, onde o mar quebra, num cachão
Rugidor e monótono, e os ventos
Erguem pelo areal os seus lamentos,
Ali se há-de enterrar meu coração.

Queimem-no os sóis da adusta solidão
Na fornalha do estio, em dias lentos;
Depois, no inverno, os sopros violentos
Lhe revolvam em torno o árido chão...

Até que se desfaça e, já tornado
Em impalpável pó, seja levado
Nos turbilhões que o vento levantar...

Com suas lutas, seu cansado anseio,
Seu louco amor, dissolva-se no seio
Desse infecundo, desse amargo mar!

7 — À Virgem Santíssima
Cheia de Graça e Mãe de Misericórdia

Num sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizível ansiedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as há na natureza...

Um místico sofrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

8 — Na Mão de Deus

(À Excelentissima Senhora D. Vitória de O. M.)

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.
Do palácio encantado da Ilusão,
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita
A ignorância infantil, despojo vão,
Depus do Ideal e da Paixão
A forma transitória e imperfeita.

Como criança, em lôbrega jornada,
Que a mãe leva no colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

(Dos *Sonetos*).

9 — A Inteligência

A inteligência entregue a si mesma, tomando-se como fim de si mesma e não como meio para os fins superiores da vida humana, por potente que seja, perverte-se e esteriliza-se. Essa inteligência sem rumores e sem governo só leva ao cepticismo e, daí ao desespero ou a uma indigna apatia epicurista. Em qualquer dos casos, suicida-se. O patriotismo, o amor da justiça e da

verdade, a realização dos ideais da vida moral, tal é o seu fim, o fim de que ela tem de ser o instrumento, e é ele que estimulando-a e, se assim posso dizer, moralizando-a, a torna vivaz e fecunda. Neste caso a superioridade da obra, reagindo sobre o instrumento, tempera-o, engrandece-o, aperfeiçoa-o.

E é por isso que a qualidade do instrumento, considerado em si mesmo, a potência maior ou menor da inteligência, é cousa secundária, quase diria indiferente. A têmpera da vontade, a energia com que afirma os seus altos fins, a paixão com que os ama e tende imutàvelmente para eles, isso é que é vital e essencial. O foco e centro de toda a grandeza é essa: é aí que a inteligência se apura, se avigora e chega porventura ao génio, não pelo seu poder próprio, mas na proporção daquele amor que a inspira e fecunda.

O grande Newton, a alguém que se extasiava diante do seu génio, respondia: «o génio é a paciência». E, de outra vez: «quanto fiz, consegui-o simplesmente querendo sempre a mesma cousa e pensando sempre nela».

Definição profunda e até sublime. O génio é a paciência, a vontade constante, a constante atenção; por outras palavras: o génio é o amor, porque o amor é tudo isso, ou implica tudo isso. Quem ama verdadeiramente, quer e pode. O amor da pátria, o amor dos homens, o amor da justiça, o amor da verdade transfiguram e elevam as mais vulgares inteligências. Os que sabem observar terão notado mais de um destes admiráveis e instrutivos exemplos.

Deixemos pois à turba dos espíritos superficiais o culto vão do talento. Não confiemos, se nos queremos elevar acima dela, nesses dons gratuitos e muitas vezes pérfidos da natureza. Não é só o pão do corpo que tem de ser comido, segundo a expressão bíblica, com o suor

do rosto. É também o pão do espírito. Abençoemos o esforço, manifestação da nossa íntima liberdade, e confiemos só nas inabaláveis determinações que o sentimento moral inspira à vontade. Amemos e queiramos: o resto virá por si e nos será dado de sobra.

(O Talento e a Vontade).

10 — O Conhecimento Científico

O erro comum em que laboram os positivistas das diferentes comunhões (são várias, e todas igualmente positivas) é este: que o conhecimento científico é o tipo do conhecimento, o conhecimento último e perfeito; e que, por conseguinte, esgotando o ponto de vista científico a compreensão da realidade, basta reunir em quadro as conclusões de todas as ciências, ou generalizar as ideias fundamentais comuns a todas elas para se obter a mais alta compreensão das cousas, a que nos é dado aspirar. Daqui a quimera de uma filosofia positiva.

Não seria quimera, se com efeito o conhecimento científico representasse o conhecimento supremo e definitivo, e não apenas uma determinada esfera do conhecimento. Nesse caso a generalização dos dados científicos corresponderia a uma verdadeira síntese e a abstracção suprema dos elementos da realidade tomaria o lugar das ideias da razão. Infelizmente ou felizmente (que isso importa pouco) a razão subsiste e com ela o ponto de vista das ideias metafísicas de *substância, causa e finalidade* às quais têm de ser referidas, em última instância, as conclusões da ciência. E porquê? Porque essas conclusões, ainda nas suas mais vastas e deslumbrantes generalizações não se explicam a si mesmas e, represen-

tando apenas as grandes linhas e como que a estrutura abstracta do mundo fenomenal, precisam elas mesmas de ser explicadas. Com o seu carácter abstracto são ainda factos, e os factos precisam do reflexo da razão para se tornarem inteligíveis. O conhecimento científico constitui apenas a região média do conhecimento, entre o senso comum, de um lado, e o conhecimento metafísico, do outro. É pois a razão que tem, em última instância, de se pronunciar sobre o valor e o lugar, na compreensão total do universo, dos dados quer do senso comum, quer da ciência. Essa compreensão total é que é a filosofia: edifício sempre em construção, sempre renovado nos seus materiais (que o progresso dos conhecimentos positivos lhe vai fornecendo dia a dia) sempre instável e ao mesmo tempo sempre de pé, e que sendo sempre incompleto nunca se pode dizer insuficiente, porque, tal como é, corresponde às mais altas faculdades do espírito humano, abriga as mais sublimes aspirações, tormento e glória ao mesmo tempo, deste misterioso animal racional chamado homem.

(A Filosofia da Natureza dos Naturalistas).

11 — Moral e Liberdade

Enganam-se pois singularmente os que sonham no progresso como que mecânico, caminhando por si e beatificando os homens independentemente da energia moral de eles: por outras palavras, um progresso realizado fora do espírito e sem a sua intervenção. Enganam-se, porque a essência do progresso está justamente nessa intervenção, cada vez mais larga e intensa, do espírito na humanidade. A natureza é o teatro da história, não o seu agente. As leis da história têm a sua última raiz

nas leis da consciência. A criação da ordem racional e o alargamento indefinido do domínio da justiça, tal é a definição do progresso. Facto da liberdade, ele consiste intimamente num desdobramento incessante da energia moral, numa reacção contínua da vontade sob o estímulo do ideal, e é por isso que a virtude é a verdadeira medida do progresso das sociedades.

Mas a ordem criada pelo direito, ampla e harmónica como é e com toda a soma de moralidade e liberdade que já em si contém, é ainda assim só formal. Não é esse ainda o fim último, mas apenas condição para a realização dele. Na consciência individual é que este se realiza, nela só tem o seu desfecho o drama divino do universo. Nela e por ela se conhece a força universal na sua pura essência, nela e por ela consegue a perfeita identificação consigo mesmo: despojando-se das formas que sucessivamente revestira na sua longa ascensão, formas limitadas, relativas e nunca isentas, ainda nos degraus superiores da evolução, ainda na própria ordem social e jurídica, do cunho de fatalidade, *é agora verdadeiramente,* porque só agora é puramente espírito. No mundo da consciência dissolvem-se todas as leis naturais e sociais na única lei moral. A lei moral, criada pelo espírito para si mesmo, ou melhor, expressão da unidade final realizada pelo espírito em si mesmo, da inteira compenetração da vontade com o seu ideal, é lei perfeita de liberdade, porque o próprio dever, à medida que a sua ideia se aprofunda, perde gradualmente o rígido carácter de obrigação, que lhe dava não sei que longes de fatalidade, e transforma-se em atracção pura, puro amor. A autonomia da vontade, só virtual até este momento, é agora real e completa: determinação, motivo e condicionalidade confundem-se com o seu próprio ser. Só agora é plenamente causa, porque só agora é plena-

mente fim de si mesmo. Esta perfeita identificação do *eu* com a sua essência absoluta, por onde a sua primitiva espontaneidade se define finalmente como liberdade, é que é a essência do bem. O bem é o momento final e mais íntimo da evolução do ser, em que o espírito se liberta na consciência de todas as limitações, criando em si, de si e para si um mundo completo, transcendente e definitivo. O indivíduo natural subsiste ainda, mas subsiste apenas como o ponto em que se dá este processo espiritual. O *eu* limitado, refluindo, se assim se pode dizer, para o seu centro verdadeiro, dissolve-se nalguma coisa de absoluto, já não individualizado mas ainda ligado ao indivíduo: transição do ser para o não-ser, que equivale, quanto cabe na realidade, à plenitude e perfeição do ser. É o que, na linguagem (que para nós não pode ser senão simbólica) do misticismo, se chama a união da alma com Deus: nós diremos simplesmente que é a união do *eu* com o seu tipo de perfeição, ou, talvez com maior simplicidade ainda, a realização na consciência do seu momento último e mais verdadeiro.

É por isso que só as obras do bem são verdadeiras na sua totalidade: em tudo mais há sempre uma parte maior ou menor de limitação, de necessidade, de erro, e, para tudo dizer numa palavra, de não existência. Só quem, dissolvendo a própria bondade na vontade absoluta e identificando-se com ela, renuncia ao *eu* limitado e a tudo quando é dele — o egoísmo, as suas paixões, o seu erro profundo e a sua inarrável miséria — só esse alcançou a vida eterna. Confundido com o que sempre permanece, com o que é em si e por si, entrou no ilimitado, no inalterável, e subsiste com ele eternamente. Esta renúncia, verdadeira imortalidade, é por isso mesmo a fonte de toda a virtude. O justo, na sua união com o ser perfeito, só vê no indivíduo limitado,

que é segundo a natureza, um resto de escravidão, de particularismo, de erro, que o impede, até onde subsiste, de realizar plenamente aquela união: é renunciando a ele que torna essa união efectiva, tanto mais efectiva quanto mais constante, mais completa for a renúncia. A renúncia a todo o egoísmo é para ele o caminho direito que o leva à liberdade, à perfeição, à beatitude. Como não há-de então o justo dar-se aos outros, dar-se a todos os seres, se com cada acto de dedicação conquista e firma a própria beatitude? Libertando-se, liberta-se: aperfeiçoando-os, aperfeiçoa-se: beatificando-os, beatifica-se. Para conseguir o próprio bem, tem de se fazer como que o instrumento do bem universal. E nem verdadeiramente para conseguir o próprio bem: porque, despojado de personalidade e egoísmo, morto para o *eu* individual, o bem atrai-o em si ou fora de si, indiferentemente, e tende a realizá-lo seja onde for, seja sob que forma for, simplesmente porque é o bem. A sua existência agora já não é a de uma individualidade particular, circunscrita no tempo e no espaço, condicionada pelo temperamento, pela raça, pela nação, pelo período histórico, pela educação, por mil circunstâncias fortuitas: não: é como que a existência de um princípio universal, impessoal, absoluto, actuando indiferentemente num ponto do espaço, e a sua obra, a virtude, não é também uma obra particular e transitória, mas universal e absoluta. A virtude, liberdade suprema, é por isso a realidade por excelência, a única realidade plena. Tudo mais são vagas, incertas aproximações do ideal, pálidas imagens, grosseiros símbolos de ser verdadeiro. A consciência do justo é o único templo do único Deus; e, nesse templo, a renúncia ao egoísmo é o único culto. Cessasse um só instante esse culto, esse holocausto do egoísmo nas aras do ideal, e imediatamente toda a vida moral se

suspenderia: no instante seguinte ter-se-ia dissolvido. O mundo moral só subsiste por esta renúncia. Ela enche de intrepidez o coração dos heróis, de constância a vontade dos justos, de unção a alma dos santos. Ela dá aos simples a candura e a graça: dá aos humildes a dedicação sem alardes: a uns e outros o perfume da virtude que se ignora. Ela é a inspiradora secreta da grande arte como do grande pensamento. Essa pouca justiça, que consegue penetrar neste mundo de luta, cegueira e egoísmo, vem toda dali, porque só ali tem a sua raiz profunda, superior ao destino, vencedora da fatalidade, mais profunda do que toda a ciência e toda a especulação, só ela torna patente o íntimo segredo das coisas e é, em si mesma, a única verdade evidente, o único saber sem dúvidas nem obscuridades. Ela vence a morte, porque faz compreender a significação do êxito final e apreciar quanto ele vale. Se pois só a perfeita virtude, a renúncia a todo o egoísmo, define completamente a liberdade, e se a liberdade é a aspiração secreta das coisas e o fim único do universo, concluamos que a santidade é o termo de toda a evolução e que o universo não existe nem se move senão para chegar a este supremo resultado. O drama do ser termina na libertação final pelo bem.

(Das *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*).

12 — Carta a Oliveira Martins

Ponta Delgada, 3 de Junho
de 1876

Querido Amigo:

Não lhe escrevi logo que aqui cheguei e pelo paquete que me trouxe, por essa minha dificuldade em fazer seja o que for dentro de um prazo fixo. Agora, porém, que tenho diante de mim tempo indeterminado, escrevo-lhe para lhe dizer que cá estou e não pior do que me achava em Lisboa, ainda que não melhor também — mas pode ser que ainda não seja tarde para que a mudança de clima opere favoràvelmente. O que tenho estado é triste bastante nesta casa onde vim ao mundo não sei para que — pensamento pouco religioso, bem sei, e contra que reajo, mas que afinal se me impõe em certas ocasiões. É uma fraqueza, que há-de passar; e sendo assim e nestes limites, a sensibilidade (ou *sensiblerie?*) tem também a sua utilidade na economia normal do homem.

Aqui me vou ocupando, como planeara, com certas questões metafísicas, mas entro a conhecer que estas questões não são daquelas que se resolvem de empreitada, e que o melhor método será ainda deixá-las entregues a uma ruminação lenta e quase insentida do pensamento. Pelo menos para mim, se algum método tem de me aproveitar, creio será este de preferência a qualquer outro. Terrível metafísica! É o nosso pecúleo, escreveu-me V. uma vez. E é. Mas, como é ela a essência da religião, tem cada qual, nestas épocas cruéis em que a grande crença colectiva se dissolve, de procurar sòzinho com o suor do seu rosto e a ansiedade do seu coração, para conseguir uma espécie de religião

individual, que no fim de contas nunca pode equivaler em firmeza, confiança, serenidade, àquela ampla comunhão espiritual, ideia-sentimento, em que a franqueza do indivíduo se ampara na potência da colectividade. Por este pouco que digo, já V. tem entendido que abundo no modo de ver do Hartmann, em quanto ao futuro da religião. A maneira, porém, por que ele define a religião, não me satisfaz; é deficiente e parece deixar margem ao maravilhoso, pelo menos ao imaginoso. Tenho, nestes últimos tempos, cismado bastante em volta disto, e creio ter chegado a conclusões definitivas sobre a natureza racional e sentimental (consciente, como diz Hartmann) e individual e colectiva da religião, conclusões que V. apreciará na primeira ocasião em que falarmos — se antes disso não tiver ensejo de lhas pôr por escrito.

E V. que tem colhido da literatura da História da Igreja? Bastante, sem dúvida, porque é leitura essa sugestiva (como dizem os ingleses) mais do que dúzias de filósofos. O grande filósofo é a Humanidade e desse grande filósofo o melhor e maior sistema (por ora) é o Cristianismo católico. Há ali abismos de génio, uma visão prodigiosa dos mais largos horizontes ideais, e ao lado disto um senso prático, uma prudência admirável, um profundo sentimento da estranha combinação de grandeza e miséria que é a natureza humana, de tal sorte que quem não conhece e compreende o Cristianismo, não pode dizer que conhece e compreende a Humanidade. Está V. por isto? Muito desejo sabê-lo.

Esta minha admiração não impede, já se vê, de reconhecer o lado fraco do Cristianismo, a lacuna, que, estabelecendo uma contradição fundamental, devia produzir, com o andar do tempo, a sua perversão e final dissolução. Essa é a ignorância da natureza. Incompa-

rável como religião metafísica e moral, está abaixo, como compreensão das condições positivas da realidade, do próprio Politeísmo. A razão deste fenómeno, que é talvez exclusivamente histórico, conhece-a V. perfeitamente. Se uma religião não é mais do que a síntese colectiva da concepção do Universo numa dada época, cada religião deve reflectir fielmente o grau de desenvolvimento dessa concepção, com o ponto de vista determinado pela tendência geral e os conhecimentos da época, as suas lacunas, o seu forte e o seu fraco. Ora a época em que se formou o Cristianismo é caracterizada por uma extraordinária preocupação pelos problemas metafísicos e morais, por um desenvolvimento excessivo e quase monstruoso neste sentido, enquanto o conhecimento positivo da natureza (apesar de estarem formadas ou em via de formação quatro ou cinco ciências, mas que só davam vistas parciais e insuficientes) não só entrava de modo algum na preocupação geral dos espíritos mas até era por ela contrariado. A religião que sair deste estado de coisas vinha pois fadada a uma desarmonia, um desequilíbrio irremediável. Forte e profunda, como concepção metafísica e moral da existência humana, falsa, inconsciente ou quase nula como concepção das condições naturais, fora das quais a metafísica e a moral só produzem sonhos, por muito sublimes que sejam, e por fim de certo tempo, perversão e abatimento. Quer-me parecer que, sem se fazer esta distinção, não é possível compreender a história do Cristianismo, história dominada por esta contradição: hostilizada pela razão, pela ciência, pelos instintos, por todas as coisas naturais, e ao mesmo tempo opondo-se triunfantemente a tudo isto, impondo-se e justificando-se por uma eficácia espiritual tão extraordinária, que é ela para os apologistas uma das maiores provas da inspiração

e origem divina do Cristianismo. Creio que a obra destes séculos mais próximos será, não destruir o Cristianismo (quero dizer, o espírito cristão, e ponto de vista de transcendência metafísica e moral) mas completá-lo com a ciência da realidade. A religião do futuro, de que nos fala Hartmann, não pode ser outra, e não julgo necessário ir procurar o Budismo, quando o que nele há de melhor se encontra no Cristianismo e com uma forma sentimental mais pura, mais humana.

Estabelecer em que termos normais se deve ser místico, dentro da realidade, de acordo com ela e considerando-a como um meio, um instrumento adequado para essa ascensão espiritual, tal é, meu querido amigo, a grande coisa, a obra da nova redenção. Fora disto só vejo um novo paganismo, uma nova e monstruosa superstição, culto do Grande Todo, culto da Humanidade, e outros cultos, que, sob forma refinada, reflectida, civilizada, são uma volta à bestialidade primitiva de onde partiu a nossa espécie.

Adeus, caríssimo. Receba um abraço do seu amigo e frater.

Antero.

(Das *Cartas*).

CAPÍTULO III

EÇA DE QUEIRÓS

EÇA DE QUEIRÓS

(1845-1900)

1 — Memórias do Átomo

Desembaraçado da majestade que lhe dava a peliça, o antigo Ega reaparecia, perorando com os seus gestos aduncos de Mefistófeles em verve, lançando-se pela sala como se fosse voar ao vibrar as suas grandes frases, numa luta constante com o monóculo, que lhe caía do olho, que ele procurava pelo peito, pelos ombros, pelos rins, retorcendo-se, deslocando-se, como mordido por bichos. Carlos animava-se também, a fria sala aquecia; discutiam o Naturalismo, Gambetta, o Niilismo; depois, com ferocidade e à uma, malharam sobre o país...

Mas o relógio ao lado bateu quatro horas; imediatamente Ega saltou sobre a peliça, sepultou-se nela, aguçou o bigode ao espelho, verificou a *pose,* e encouraçado nos seus alamares, saiu com um arzinho de luxo e de aventura.

— John — disse Carlos que o achava esplêndido e o ia seguindo ao patamar — onde estás tu?

— No *Universal,* esse santuário!

Carlos abominava o *Universal,* queria que ele viesse para o Ramalhete.

Não me convém...

— Em todo o caso vais hoje lá jantar, ver o avô.

— Não posso. Estou comprometido com a besta do Cohen... Mas vou lá amanhã almoçar.

Já nos degraus da escada, voltou-se, entalou o monóculo, gritou para cima:

— Tinha-me esquecido dizer-te, vou publicar o meu livro!

— O quê! está pronto?— exclamou Carlos, espantado.

— Está esboçado, à brocha larga...

O *Livro do Ega!* Fôra em Coimbra, nos dois últimos anos, que ele começara a falar do seu livro, contando o plano, soltando títulos de capítulos, citando pelos cafés frases de grande sonoridade. E entre os amigos do Ega discutia-se já o livro do Ega como devendo iniciar, pela forma e pela ideia, uma evolução literária. Em Lisboa (onde ele vinha passar as férias e dava ceias no Silva) o livro fôra anunciado como um acontecimento. Bacharéis, contemporâneos ou seus condiscípulos, tinham levado de Coimbra, espalhado pelas províncias e pelas ilhas a fama do livro do Ega. Já de qualquer modo essa notícia chegara ao Brasil... E sentindo esta ansiosa espectativa em torno do seu livro — o Ega dicidira-se enfim a escrevê-lo.

Devia ser uma epopeia em prosa, como ele dizia, dando, sob episódios simbólicos, a história das grandes fases do Universo e da Humanidade. Intitulava-se *Memórias dum Átomo,* e tinha a forma de uma autobiografia. Este átomo (o átomo do Ega, como se lhe chamava a sério em Coimbra) aparecia no primeiro capítulo, rolando ainda no vago das Nebuloses primitivas: depois vinha embrulhado, faísca candente, na massa de fogo que devia ser mais tarde a Terra: enfim, fazia parte da primeira folha de planta que surgiu da crosta ainda mole do globo. Desde então, viajando nas incessantes transformações da substância, o átomo do Ega

entrava na rude estrutura do Orango, pai da humanidade — e mais tarde vivia nos lábios de Platão. Negrejava no burel dos santos, refulgia nas espadas dos heróis, palpitava no coração dos poetas. Gota de água nos lagos de Galileia, ouvira o falar de Jesus, aos fins da tarde, quando os apóstolos recolhiam as redes; nó de madeira na tribuna da Convenção, sentira o frio da mão de Robespierre. Errara nos vastos anéis de Saturno; e as madrugadas da terra tinham-no orvalhado, pétala resplandecente de um dormente e lânguido lírio. Fôra omnipresente, era omnisciente. Achando-se finalmente no bico da pena do Ega, e cansado desta jornada através do Ser, repousava — escrevendo as suas *Memórias*... Tal era este formidável trabalho — de que os admiradores do Ega, em Coimbra, diziam, pensativos e como esmagados de respeito:

— É uma Bíblia!

(Do romance *Os Maias*).

2 — Uma Quinta no Minho

O casarão conventual que habitamos, e onde os cónegos Regrantes de Santo Agostinho, os ricos e nédios Crúzios, vinham preguiçar no verão, prende por um claustro florido de hidrângeas a uma igreja lisa e sem arte, com um adro assombreado por castanheiros, pensativo, grave, como são sempre os do Minho. Uma cruz de pedra encima o portão, onde pende ainda da corrente de ferro a vetusta e lenta sineta fradesca. No meio do páteo, a fonte de boa água, que canta adormecidamente caindo de concha em concha, tem no topo outra cruz de pedra, que um musgo amarelento reveste de melancolia secular. Mais longe, num vasto tanque, lago caseiro orlado de bancos onde decerto os bons Crúzios se

vinham embeber pelas tardes de frescura e repouso, a água das regas, límpida e farta, brota dos pés de uma santa de pedra, hirta no seu nicho, e que é talvez Santa Rita. Adiante ainda, na horta, outra santa franzina, sustentando nas mãos um vaso partido, preside, como uma náiade, ao borbulhar de outra fonte, que por quelhas de granito vai luzindo e fugindo através do feijoal. Nos esteios de pedra que sustentam a vinha há por vezes uma cruz gravada, ou um coração sagrado, ou um monograma de Jesus. Toda a quinta, santificada por signos devotos, lembra uma sacristia onde os tectos fossem de parra, a relva cobrisse os soalhos, por cada ferida borbulhasse um regato e o incenso saísse dos cravos.

Mas, com todos estes emblemas sacros, nada há que nos mova, ou severamente nos arraste aos renunciamentos do mundo. A quinta foi sempre, como agora, de grossa fartura, toda em campos de pão, bem arada e bem regada, fecunda, estendida ao sol como um ventre de ninfa antiga.

Os frades excelentes que nela habitaram amavam largamente a terra e a vida. Eram fidalgos que tomavam serviço na milícia do Senhor, como os seus irmãos mais velhos tomavam serviço na milícia de el-rei e que, como eles, gozavam risonhamente os vagares, os privilégios e a riqueza da sua ordem e da sua casta. Vinham para Refaldes, pelas calmas de Julho, em seges e com lacaios. A cozinha era mais visitada que a igreja e todos os dias os capões alouravam no espeto. Uma poeira discreta velava a livraria, onde apenas por vezes algum cónego reumatizante e retido nas almofadas da sua cela mandava buscar o D. Quichote, ou as Forças de D. Petronila. Espanejada, arejada, bem catalogada, com rótulos e notas traçadas pela mão erudita dos Abades — só a adega...

Não se procure pois, nesta morada de monges, o precioso sabor das tristezas monásticas, nem as quebradas de serra e vale, cheias de ermo e mudez, tão doces para nelas se curtirem deliciosamente as saudades do céu; nem as espessuras de bosque, onde S. Bernardo se embrenhava por nelas encontrar, melhor que na sua cela, a «fecunda solidão»; nem os claros do pinheiral gemente, com rochas nuas, tão próprias, para a choça e para a cruz do eremita... Não! Aqui, em torno do páteo (onde a água da fonte todavia corre dos pés da cruz) são sólidas tulhas para o grão, fofos eidos em que o gado medra, capoeiras abarrotadas de capões e de perus reverendos. Adiante é a horta viçosa, cheirosa, suculenta, bastante a fartar as panelas todas de uma aldeia, mais enfeitada que um jardim, com ruas que as tiras de morangal orlam e perfumam, e as latadas ensombram, copadas de parra densa. Depois a eira de granito, limpa e alisada, rijamente construída para longos séculos de colheitas, com o seu espigueiro ao lado, bem fendilhado, bem arejado, tão largo que os pardais voam dentro como num pedaço de céu. E por fim, ondulando ricamente até às colinas macias, os campos de milho e de centeio, e vinhedo baixo, os olivais, os relvados, o linho sobre os regatos, o mato florido para os gados... S. Francisco de Assis e S. Bruno abominariam este retiro de frades e fugiriam dele escandalizados, como de um pecado vivo.

A casa dentro oferece o mesmo bom conchego temporal. As celas espaçosas, de tectos apainelados, abrem para as terras semeadas, e recebem delas, através da vidraçaria cheia de sol, a perene sensação de farturas, de opulência rural, de bens terrenos que não enganam. E a sala melhor, traçada para as ocupações mais gratas, e o refeitório, com as suas varandas rasgadas, onde os

regalados monges pudessem, ao fim do jantar, conforme a venerável tradição dos Crúzios, beber o seu café aos golos, galhofando, arrotando, respirando a fresquidão, ou seguindo nas faias do páteo o cantar alto de um melro.

De sorte que não houve necessidade de alterar esta vivenda, quando de religiosa passou a secular. Estava já sàbiamente preparada para a profanidade: — e a vida que nela então se começou a viver, não foi diferente da do velho convento, apenas mais bela, porque, livre das contradições do espiritual e do temporal, a sua harmonia se tornou perfeita. E, tal como é, deslisa com incomparável doçura. De madrugada os galos cantam, a quinta acorda, os cães de fila são acorrentados, a moça vai mungir as vacas, o pegureiro atira o seu cajado ao ombro, a fila dos jornaleiros mete-se às terras — e o trabalho principia — esse trabalho que em Portugal parece a mais segura das alegrias e a festa sempre incansável, porque é todo feito a cantar. As vozes vêm, altas e desgarradas, no fino silêncio, dalém, de entre os trigos, ou do campo em sacha, onde alvejam as camisas de linho cru, e os lenços de longas franjas vermelhas mais que papoulas. E não há neste labor nem dureza, nem arranque. Todo ele é feito com a mansidão com que o pão amadurece ao sol.

(Da *Correspondência de Fradique Mendes*).

3 — Proeza de Gonçalo Mendes Ramires

Uma revoada de perdizes ergueu o voo dentre o restolho. Gonçalo galopou sobre elas, gritando, sacudindo o seu forte chicote de cavalo-marinho, que zunia como uma fina lâmina.

Em breve o caminho torceu, costeando um souto de

sobreiros, depois cavado entre silvados com largos pedregulhos aflorando na poeira; — e ao fundo o sol faiscava sobre a cal fresca de uma parede. Era uma casa térrea, com porta baixa entre duas janelas envidraçadas, remendos novos no telhado e um quinteiro que uma escura e imensa figueira assombreava. Numa esquina pegava um muro baixo de pedra solta, continuando por uma sebe, onde adiante uma velha cancela abria para a sombra de uma ramada. Defronte, no vasto terreiro que se alargava, jaziam cantarias, uma pilha de traves: passava uma estrada, lisa e cuidada, que pareceu a Gonçalo a de Ramilde. Para além, até um distante pinheiral, desciam chãs e lameiros.

Sentado num banco, junto da porta, com uma espingarda encostada ao muro, um rapaz grosso, de barrete de lã verde, acariciava pensativamente o focinho de um perdigueiro. Gonçalo parou:

— Tem a bondade... Sabe por acaso qual é o bom caminho para a quinta do Sr. Visconde de Rio Manso, a Varandinha?

O rapazote ergueu a face morena, de buço leve, remexendo vagamente no carapuço.

— Para a quinta do Rio Manso... Siga pela estrada até à pedreira, depois à esquerda a seguir, sempre rente da várzea...

Mas nesse instante assomava à porta um latagão de suíças louras, em mangas de camisa, a cinta enfaixada em seda. E Gonçalo, com um sobressalto, reconheceu logo o caçador que o injuriara na estrada de Nacejas, o assobiara na venda do Pintainho. O homem relanceou superiormente o Fidalgo. Depois, com a mão encostada à ombreira, chasqueou o rapazote:

— Oh Manuel, que estás tu aí a ensinar o caminho, homem! Este caminho por aqui não é para asnos!

Gonçalo sentiu a palidez que o cobriu — e todo o sangue no coração, num tumulto confuso, que era de medo e de raiva. Um novo ultraje, do mesmo homem, sem provocação! Apertou os joelhos no selim para galopar. E a tremer, num esforço que o engasgava:

— Você é muito atrevido! É já pela terceira vez! Eu não sou homem para levantar desordens numa estrada... Mas fique certo que o conheço e que não escapa sem lição.

Imediatamente o outro agarrou num cajado curto e saltou à estrada, afrontando a égua, com as suíças erguidas, um riso de imenso desafio:

— Então cá estou! Venha agora a lição... E para diante é que você não passa, seu Ramires de...

Uma névoa turvou os olhos esgazeados do Fidalgo. E de repente, num inconsciente arranque, como levado por uma furiosa rajada de orgulho e força, que se desencadeava do fundo do seu ser, gritou, atirou a fina égua num galão terrível! E nem compreendeu! O cajado sarilhara! A égua empinava, numa cabeçada furiosa! E Gonçalo entreviu a mão do homem, escura, imensa, que empolgava a camba do freio.

Então, erguido nos estribos, por sobre a imensa mão, despediu uma vergastada do chicote silvante de cavalo-marinho, colhendo o latagão na face, de lado, num golpe tão vivo da aresta aguda que a orelha pendeu, despegada, num borbotar de sangue. Com um berro o homem recuou, cambaleando. Gonçalo galgou sobre ele, noutro arremesso, com outra fulgurante chicotada, que o apanhou pela boca, lhe rasgou a boca, de certo lhe espedaçou dentes, o atirou, urrando, para o chão. As patas da égua machucavam as grossas coxas estendidas, — e, debruçado, Gonçalo ainda vergastou, cortou desesperadamente face, pescoço, até que o corpo

jazeu mole e como morto, com jorros de sangue escuro ensopando a camisa.

Um tiro atroou o terreiro! E Gonçalo, com um salto no selim, avistou o rapazote moreno ainda com a espingarda erguida, a fumegar, mas já hesitando aterrado.

— Ah cão!

Lançou a égua, com o chicote alto: — o rapaz, espavorido, corria lentamente através do terreiro para saltar o valado, escapar para as várzeas ceifadas!

— Ah cão, ah cão, berrava Gonçalo.

Estonteado, o rapaz tropeçara numa viga solta. Mas já se endireitava, largava, quando o Fidalgo o alcançou com uma cutilada do chicote no pescoço, logo alagado de sangue. Estendendo as mãos incertas, ainda cambaleou, abateu, estalou contra a aresta de um pilar, a cabeça mais sangue jorrou. Então Gonçalo, a arquejar, deteve a égua. Ambos os homens jaziam imóveis! Santo Deus! Mortos? De ambos corria o sangue sobre a terra seca.

(De *A Ilustre Casa de Ramires*).

4 — Na Biblioteca

Recolhemos à Biblioteca, a tomar o café no conchego e alegria do lume. Fora, o vento bramava como num ermo serrano: e as vidraças tremiam, alagadas, sob as bátegas da chuva irada. Que dolorosa noite para os dez mil pobres que em Paris erram sem pão e sem lar! Na minha aldeia, entre cerro e vale, talvez assim rugisse a tormenta. Mas aí cada pobre, sob o abrigo da sua telha vã, com a sua panela atestada de couves, se agacha no seu mantéu ao calor da lareira. E para os que não tenham lenha ou couve, lá está o João das Quintãs, ou

a Tia Vicência, ou o abade, que conhecem todos os pobres pelos seus nomes e com eles contam, como sendo dos seus, quando o carro vai ao mato e a fornada entra no forno. Ah! Portugal pequenino, que ainda és doce aos pequeninos! Suspirei, Jacinto preguiçava. E terminamos por mexer lânguidamente os jornais que o mordomo trouxera, num monte facundo, sobre uma salva de prata — jornais de Paris, jornais de Londres, semanários, magazines, revistas, Ilustrações... Jacinto desdobrava, arremessava: das revistas espreitava o sumário, logo farto; às Ilustrações, rasgava as folhas com o dedo indiferente, bocejando por cima das gravuras. Depois, mais estirado para o lume:

— É uma seca... Não há que ler.

E de repente, revoltado contra este fastio opressor que o escravizava, saltou da poltrona com um arranque de quem despedaça algemas, e ficou erecto, dardejando em torno um olhar imperativo e duro, como se intimasse aquele seu 202, tão abarrotado de Civilização, a que por um momento sequer fornecesse à sua alma um interesse vivo, à sua vida um fugitivo gosto! Mas o 202 permaneceu insensível: nem uma luz, para o animar, avivou o seu brilho mudo: só as vidraças tremeram sob o embate mais rude de água e vento.

Então o meu Príncipe, sucumbido, arrastou os passos até ao seu gabinete, começou a percorrer todos os aparelhos completadores e facilitadores da Vida — o seu Telégrafo, o seu Telefone, o seu Fonógrafo, o seu Radiómetro, o seu Gramofone, o seu Microfone, a sua Máquina de Escrever, a sua Máquina de Contar, a sua Imprensa Eléctrica, a outra Magnética, todos os seus utensílios, todos os seus tubos, todos os seus fios... Assim um suplicante percorre altares de onde espera socorro. E toda a sua sumptuosa Mecânica se conservou rígida,

reluzindo frìgidamente, sem que uma roda girasse, nem uma lâmina vibrasse, para entreter o seu Senhor.

Só o relógio monumental, que marcava a hora de todas as capitais e o curso de todos os planetas, se compadeceu, batendo a meia noite, anunciando ao meu amigo que mais um dia partira levando o seu peso — diminuindo esse sombrio peso da vida, sob que ele gemia, vergado. O Príncipe da Grão-Ventura, então, decidiu recolher para a cama — com um livro...

E durante um momento, estacou no meio da Biblioteca, considerando os seus setenta mil volumes estabelecidos com pompa e magestade como Doutores num Concílio — depois as pilhas tumultuárias dos livros novos que esperavam pelos cantos, sobre o tapete, o repouso e a consagração das estantes de ébano. Torcendo molemente o bigode caminhou por fim para a região dos Historiadores; espreitou séculos, farejou raças; pareceu atraído pelo esplendor do Império Bizantino; penetrou na Revolução Francesa de onde se arredou desencantado; e apalpou com mão indeliberada toda a vasta Grécia desde a criação de Atenas até à aniquilação de Corinto. Mas bruscamente virou para a fila dos Poetas, que reluziam em marroquins claros, mostrando, sobre a lombada, em ouro, nos títulos fortes ou lânguidos, o interior das suas almas. Não apeteceu nenhuma dessas seis mil almas — e recuou, desconsolado, até aos Biólogos... Tão maciça e cerrada era a estante da Biologia que o meu pobre Jacinto estarreceu, como ante uma cidadela inacessível! Rolou a escada — e, fugindo, trepou até às alturas da Astronomia; destacou astros, recolocou mundos: todo um Sistema Solar desabou com fragor. Aturdido, desceu, começou a procurar por sobre as rimas das obras novas, ainda brochadas, nas suas roupas leves de combate. Apanhava,

folheava, arremessava; para desentulhar um volume, demolia uma torre de doutrinas; saltava por cima dos problemas, pisava as Religiões; e relanceando uma linha, esgravatando além num índice, todos interrogava, de todos se desinteressava, rolando quase de rastos, nas grossas vagas de tomos que rolavam, sem se poder deter, na ânsia de encontrar um livro! Parou então no meio da imensa nave, de cócoras, sem coragem, contemplando aqueles muros todos forrados, aquele chão todo alastrado, os seus setenta mil volumes — e, sem lhes provar a substância, já absolutamente saciado, abarrotado, nauseando pela opressão da sua abundância. Findou por voltar ao montão de jornais amarrotados, ergueu melancòlicamente um velho *Diário de Notícias,* e com ele debaixo do braço subiu ao seu quarto, para dormir, para esquecer.

(De *A Cidade e as Serras*).

5 — A Bondade de S. Cristóvão

De novo Cristóvão correu o mundo, servindo os homens. Pelos descampados e pelos povoados, por longos invernos, por longas primaveras, correu o mundo, oferecendo os seus braços. Os anos tinham passado, e Cristóvão era mais velho que os mais velhos carvalhos. Os seus longos cabelos tinham embranquecido, e a sua força já não era tão forte. Mas cada dia o seu coração se enchia de uma ternura maior e mais vaga. Por vezes, sentado numa pedra à beira de um caminho, olhava as árvores, os campos, os montes, e as simples flores silvestres, e sentia então como o desejo de apertar toda a terra contra o seu peito. Depois pensava que sobre

ela viviam tantos miseráveis, tantos humildes, tantos enfermos, — e era um desejo de sondar até aos últimos recantos aquele mundo, e de curar cada dor, matar cada fome, tornar o mundo alegre, são, perfeito. Partia então — e através das estradas mendigava para dar aos mendigos. Colocava-se à entrada das pontes, como um socorro sempre pronto — a ajudar um velho, ou a carregar um fardo. O seu desejo seria sofrer ele só todas as opressões, carregar ele só todos os fardos humanos. E por vezes parava, olhava em redor, como procurando, nos vastos horizontes, serviços a prestar, fraquezas a socorrer. Depois pensava que eles, inumeráveis, de certo se apresentariam cedo aos seus olhos. E partia, ficando triste, quando durante o dia os seus braços tinham permanecido ociosos. Para que lhos dera então Jesus tão grossos e fortes? Ia então sentar-se à entrada das pontes, onde a passagem era maior, com uma força pronta a trabalhar, pronta a socorrer. Se era um cavaleiro que parava, corria a buscar água para dar ao cavalo. Se era um carreteiro, ajudava as mulas a empurrar o carro. Se era um mendigo mendigava para ele.

Pouco a pouco, a sua bondade ocupou-se dos animais. Também eles sofriam e tinham sobre a terra o seu quinhão de miséria e de dor. Quando via então um animal carregado, tomava sobre os seus ombros o fardo. Recolhia ossos, pelas esquinas dos mercados, para distribuir aos cães famintos. Era o enfermeiro dos animais feridos, a quem lavava as chagas, onde as moscas se prendiam. Um passarinho voando enchia-lhe o peito de ternura. E penetrava nas florestas na esperança de cuidar dos velhos lobos doentes, ou dos veados que morrem de fome pelos tempos de neve.

Depois, pouco a pouco, na sua alma densa e simples veio a nascer lentamente a ideia de que as árvores

também sofriam, bem como as florinhas dos campos. E desde então nunca mais cortou um tronco para dele fazer um cajado. Todo o ramo, partido e seco no chão, o compadecia. Arredava-se para não pisar a erva. E pelos tempos de seca fazia longas caminhadas ao rio para trazer água, e dar de beber às plantas sufocadas pelo pó dos caminhos. Nas pedras mesmo, veio por fim a suspeitar que podia haver um sofrimento. A picareta que as cortava, as duras rodas que as vincavam, o sol que as escaldava, a neve que as cobria, não lhes fariam uma dor, que elas guardavam na profundidade da sua mudez? E muitas vezes, com o seu vasto corpo, fez sombras às rochas; com as suas mãos, à maneira de longas pás, livrava as pedras das frialdades do gelo.

A sua ternura abrangia o universo. Por vezes, de noite, olhando o céu, vinha-lhe como um grande amor pelas estrelas. Elas eram claras e puras. Um momento brilhavam, depois partiam. E a lua que chegava então era tão triste, que um suspiro, sem som, levantava o coração de Cristóvão. Para onde iam assim todos aqueles astros, correndo, correndo? E viera a pensar que seriam almas subindo, subindo nos espaços, mais altas à medida que eram mais puras, ganhando uma légua por cada bondade que realizavam, e tendendo assim à perfeição, até se tornarem dignas de se abismar no seio sublime de Jesus.

(Do *S. Cristóvão*).

CAPÍTULO IV

DOIS PROSADORES:

OLIVEIRA MARTINS
E
RAMALHO ORTIGÃO

OLIVEIRA MARTINS

(1845-1894)

1 — O Triunfo de Paulo Emílio

Os clamores do povo não deixaram ouvir bem os toques dos clarins e trombetas *(cornicen, tubicen)* que agora saíam da porta Triunfal, quando a testa dos pelotões dos magistrados já se encaminhava para o Velabro. Depois o dia foi curto para o desfilar das estátuas de mármore, de bronze, douradas, pintadas a cores rutilantes, que homens coroados de louro levavam em andores aos ombros; foi curto para a procissão dos pendões onde iam escritos os nomes das regiões conquistadas — a Macedónia, a Tessália, a Trácia, a Ilíria, o Epiro — os nomes dos povos e dos reis vencidos, com os episódios das batalhas e cercos, como o eclipse de Pidna e o incêndio de Ambrácia, com os números dos combatentes, o valor das presas e mais detalhes; foi curto para o desfilar dos duzentos e cincoenta carros com figuras, ídolos, estátuas colossais, trazidos dos templos e das praças das cidades conquistadas... A multidão comentava o que via, e os que tinham andado pela Grécia com Flaminino, veteranos de Cinoscéfala, explicavam aos vizinhos como essas terras eram prodigiosamente ricas e os Gregos tão ridículos na sua afabilidade, nos seus entusias-

mos, na sua falácia... Entardecia; o povo não se cansava de ver, pasmado, corrompido até aos ossos por essa ostentação de grandeza que humilhava os pobres e os enchia de cobiças vagas. A grande ânsia das mulheres era Perseu, o rei que não cessava de chorar — o desgraçado! Ninguém arredou pé das tribunas durante a noite para não perder o lugar. Roma estava atulhada de gente que viera de toda a Itália. A noite passou-se bebendo, cantando, amando.

O dia seguinte foi consagrado ao desfilar das armas e das alfaias tomadas: era uma grande procissão de veículos, um nunca acabar de surpresas! — Os carros, tirados por juntas de bois engrinaldados, levavam as mais belas e as mais ricas armaduras, com incrustações de ouro e prata em lavores de uma delicadeza preciosa: armas de bronze e de ferro, capacetes e couraças, grevas e viseiras, escudos e botinas, paveses de Creta e da Trácia, morriões com as suas cristas pendentes, selas, bridões, freios e couraças de cavalos — aos montes, sem conta, despedaçados ou intactos, amolgados e desfeitos, ou novos em folha luzindo ao sol por entre os feixes de espadas, de lanças, de falaricas, de sarissas, que voltadas com as pontas para fora, davam a cada carro um aspecto ameaçador de monstro eriçado de agulhas em que a luz bailava despedindo centelhas. Andando, os carros ao saltar sobre as pedras da calçada, imprimiam aos montões de armas um bater seco e duro que, repetido, produzia um sussurro metálico de infundir medo. O povo em silêncio parecia tomado pelo horror de Marte; mas quando a procissão das armas terminou e começaram a aparecer os portadores das urnas com dinheiro, a multidão bateu palmas num delírio. Quatro homens traziam num andor aos ombros uma urna de bronze com três talentos de moeda de prata, depois outros quatro

outra urna, mais três talentos, e assim sucessivamente até ao número total de três mil homens, setecentas e cinquenta urnas e dois mil duzentos e cinquenta talentos (2.468 contos). Ladeando os andores com as urnas, vinham fileiras intermináveis de homens com crateras de prata, taças de formas extravagantes como armaduras de touros colossais, vasos e gomia singulares dispostos aparatosamente, mostrando a opulência elegante das formas e o primor das cinzeladuras. Tudo quanto a arte dos Gregos, já requintada pelo influxo asiático, já despida da sua primitiva singeleza; tudo quanto o ouro e o poderio da Macedónia, pátria de Alexandre, e do Epiro o antigo reino de Pirro, tinham acumulado em alfaias preciosas, em armas e armaduras rutilantes tudo passava nesse dia perante os olhos deslumbrados de Roma, atónita com tamanha riqueza, cansada quase de tantas maravilhas.

O terceiro dia porém excedia os anterioros em magnificência. Logo de manhã o cortejo, interrompido na véspera, começou a desfilar atroando o ar os clarins marciais, como na eminência de uma batalha: por essa música se substituira a orquestra de flautistas que costumavam preceder as vítimas destinadas ao sacrifício. Atrás dos clarins vinham arrastando pesadamente as suas carnes, vergando sob o peso dos mantos de púrpura que lhes cobriam o lombo, cento e vinte touros gordos, brancos todos, com as hastes douradas, e nas hastes, no lombo, por toda a parte, festões de flores, grinaldas e bandeirolas. Os áugures e sacrificadores seguiam-nos gravemente, mas o povo já sem veneração pelos colégios sacerdotais, pois pusera noutros a sua religião, olhava ainda com temor esses magistrados, homens poderosos cujos clientes os saudavam com respeito. Dois a dois os touros engrinaldados iam levados por rapazes com

aventais vermelhos, bordados, ao lado de outros que conduziam os vasos sagrados de prata e ouro com incenso e aromas sacramentais.

Aos touros e aos sacerdotes seguiam-se outra vez portadores dos tesouros: eram agora as urnas de ouro, setenta e sete, com três talentos cada uma. Os espectadores multiplicavam, pasmando diante da soma — duzentos e trinta e um talentos de ouro, com dois mil duzentos e cinquenta de prata na véspera — que riqueza! E no fundo dos seus corações aclamavam sinceramente Paulo Emílio, sem o aclamarem em altas vozes porque a plebe já se costumara a reagir contra os aristocratas e porque o general severo e duro indispunha contra si os soldados. Falava-se das larguezas e da longanimidade de muitos outros... Mas um grito de espanto saíu espontâneamente quando se viu passar a urna sagrada, de ouro maciço, do peso de dez talentos (kg. 231,78) cravejada de pedras preciosas — a urna que Paulo Emílio mandara fabricar para oferecer ao deus do Capitólio. Em torno dessa urna monumental, como satélites em volta de um sol, vinha um cortejo de vasos orientais deslumbrantes — os seleucides, os antigonides, formas inventadas pelos artistas gregos em honra dos célebres generais de Alexandre, e os tericleos, do nome do afamado joalheiro de Atenas; vinha toda a baixela de ouro de Perseu, e por fim o seu carro de guerra, recamado de douraduras e incrustações, e ao lado, num mastro erguido, a armadura rutilante do rei encimava pelo seu diadema constelado de pedraria.

Havia então um intervalo, uma pausa: e era necessário porque os olhos estavam cegos de tanto deslumbramento e as almas repletas de orgulho e de cobiça... E dizer que havia no mundo tanta opulência, e na Itália triste os cidadãos tinham de passar os dias arando a

terra para ganharem o seu sustento! A loucura das riquezas invadia todos os cérebros: passavam em visões palácios encantados, serranias de ouro fulvo, sarjadas pelas torrentes de sangue vermelho — das batalhas que era necessário ferir ainda para trazer a Roma tudo quanto havia lá pela Ásia, pelo Egito! guardado pelos Arménios e pelos Partos nos confins do Oriente misterioso, pelos Gétulos e Númidas nos recessos da África portentosa!...

Ouviu-se então um soluçar de lágrimas e o povo voltou-se todo para ver os cativos que se adiantavam a pé. Eram três crianças, dois pequenos e uma pequena: os filhos de Perseu, que olhavam espantados de se verem ali, chorando por imitação também; eram os aios, mestres e oficiais da corte que em soluços mostravam os príncipes ao povo pedindo compaixão; era finalmente o próprio rei vestindo um manto negro, com a cabeça descoberta, fazendo trejeitos, esgazeado e esbaforido como um doido. A turba não se amerceava dele nem dos príncipes; jamais o romano fora caridoso, muito menos o podia ser agora que todos os seus sentimentos estavam excitados por uma avidez febril. Quando fora do triunfo de Flaminino tinham visto passar, com a cabeça rapada e o gorro vermelho dos libertos, os mil e duzentos cidadãos, prisioneiros da guerra de Aníbal vendidos na Grécia, e com que os Gregos tinham presenteado o herói de Cinoscéfala, seu libertador, alforriando-os. Isto dera ainda que pensar: uma nuvem de terrores antigos passara diante dos olhos do povo: mas hoje essa nuvem dissipara-se de todo, fugindo no ar batida pelo furacão de risos que acolhia as preces e as lágrimas dos cativos. Os esgares loucos de Perseu provocavam tantas gargalhadas como as pantominas de comédia e os coros de sátiros que insultavam os cativos imitando-lhes os ges-

tos, as preces e as lágrimas. Petreia e Citéria, dois momos grotescos, escarneciam dos míseros, dirigindo chufas e ditos ao público; as Lamias colossais, bonecos medonhos com a bòca escancarada, dentes aciculados, e o ventre cheio de supostas crianças devoradas; o Manduco, papão majestoso que avançava de goela aberta, metiam medo às crianças e os seus choros de susto confundiam-se com os soluços dos cativos e com as gargalhadas francas de gente crescida — já ignorante da antiga significação terrível de esses monstros simbólicos agora reduzidos a um papel de palhaços de farsa.

A comédia acabou de passar, fùnebremente trágica, e todos calados, com a respiração suspensa, viam aproximar-se o cortejo do triunfador. Precediam-no quatrocentas coroas de ouro que as cidades da Grécia tinham mandado para a cerimónia do triunfo, ladeadas pelos embaixadores a quem fora concedida a honra de as trazer. Seguiam os doze lictores do general com a frente coroada de louros e nos feixes de varas ramos de oliveira. Por fim, num carro magnífico dir-se-ia uma urna levantada sobre o eixo das rodas — embutido de marfim *(currus eburneus)*, recamado de douraduras cinzeladas, tirado por oito cavalos brancos ajaezados de ouro, a par, erguia-se de pé o triunfador, vermelho todo no seu manto de púrpura, com a face vermelha também, pintada a mínio com as estátuas dos deuses. Parecia um deus; tinha na dextra um ramo de oliveira, sobre a fronte levava suspensa uma coroa de ouro que um escravo sustinha, e aparecia no meio de uma nuvem de incenso que outros escravos à volta queimavam incessantemente em caçarolas de prata. Quando o carro passou debaixo do arco triunfal erguido na Via Sacra, com troféus e estátuas, estandartes e galhardetes, construção transitória de madeira (ainda se não construíam

arcos triunfais de pedra e permanentes) as nuvens de incenso, batendo contra a abóbada de escudos, enovelaram-se, envolvendo o triunfador vermelho e o seu carro de marfim numa atmosfera incerta que esbatendo os contornos lhe dava o aspecto indeterminado das divindades. Ouvia-se já distintamente o trovão dos cânticos do exército, e a púrpura do general listrando de rubro as nuvens de incenso lembrava os raios de Jupiter, coruscantes, quando rasgam as nuvens do céu.

(Da *História da República Romana*).

2 — A Batalha de Alfarrobeira

O ribeiro de Alfarrobeira desce do norte serpenteando pela várzea, encastoada em duas linhas de ulmeiros e choupos que o encobrem, até aos terrenos nus marginais do Tejo, domínio das cheias, onde corre como uma vala. Junto do ribeiro estava o arraial do Infante, cercado já pelas tropas reais que, decididas a não assaltar, queriam vencer com o medo das trombetas concitando os ecos dos montes, e dos arautos e reis de armas que soltavam os mais espantosos pregões, a intimar aos sequazes do Infante o abandono do rebelde. Sucedia, porém, o contrário: as deserções davam-se do campo real para o de D. Pedro.

Nesta indecisão, uns besteiros do rei meteram-se à água, encobertos com as árvores, e de lá jogavam tiros sobre o arraial. Já havia feridos e mortos. Por outro lado, de um cabeço próximo, também atiravam. D. Pedro mandou então por fogo a umas bombardas que trazia encarretadas, apontando ao cabeço; mas a imperícia dos artilheiros atirou uma bomba junto da tenda de D. Afonso V. Perante um agravo destes, rompeu o

assalto espontâneamente. A peonagem que restava ao Infante debandou logo; e D. Pedro apeou-se, vendo chegar o momento por que a vontade suspirava e contra o que o instinto se lhe rebelara tanto. Estava levemente armado: uma cota, sobre ela uma jórnea de veludo carmezim e na cabeça a cervilheira. Nesse instante varreram-se-lhe de todo as esperanças na fraternidade de D. Henrique. Não acreditou na presença dele junto do rei, ao lado dos seus inimigos? Oxalá que levasse para a cova esta consolação.

Alto, magro, branco, movendo-se espectralmente, combatia a pé no meio do tumulto. De perto, os filhos fitavam-no com o espanto interrogador das crianças... quando uma seta perdida, ou mandada, lhe varou o coração. Caiu morto com esta só ferida; morreu com a consolação de não presenciar outras mortes; e o bispo de Coimbra, vendo-o por terra curvou-se, ajoelhou, e no meio da vozeria do combate, absolveu-o recolhendo-lhe o último suspiro. A história absolve-o também.

A cavalo, o conde de Avranches combatia, clamando, matando. O seu humorismo tornara-se em fúria.

—Senhor Conde, que fazeis? Que o Infante D. Pedro é morto! Gritou-lhe um moço.

—Cala-te, rugiu o Conde, aqui o não digas a ninguém!

Esporeou o cavalo foi à sua tenda, pediu que lhe dessem pão e vinho, vestiu as melhores armas, e saiu a pé pelo arraial, já de todos os lados entrado. Reconhecendo-o, caíram em chusma sobre ele, que com a lança, e, depois de partida com a espada, lavado em sangue, combatendo em volta, sem consentir que lhe tocassem enquanto esteve de pé, matava furiosamente. Vendo-se cansado, murmurou:

—Ó corpo, já sinto que não podes mais, e tu mi-

nha alma já tardas... E deixou-se cair por terra, a gritar, como um trovão:

—Fartar, rapazes! Vingar, vilanagem!

Num instante foi crivado de golpes. Despedaçaram-no, deixando-lhe o tronco em retalhos espalhados pelo chão. A cabeça, decepada, levou-a um seu velho amigo ao rei, pedindo por ela acrescentamento. Era tempo de começar o regabofe.

Três dias ficou insepulto o cadáver de D. Pedro, apodrecendo com outros numa choupana de onde o levaram por fim, numa escada por esquife, à igreja de Alverca.

Dos filhos de D. João I restavam apenas dois. D. Henrique, de que já contamos a morte, em 1460, no seu leito em Sagres, acabou feliz com a segurança de deixar a vida coroada pelo êxito, esquecido dos irmãos que imolara no altar dos seus desígnios. D. Afonso, o bastardo, morreu em 1461, vergando ao peso de oitenta e quatro anos, riquíssimo, poderosíssimo, na plena satisfação das suas grandes ambições. Estes derradeiros foram os vencedores da vida; os outros quatro morreram vencidos. D. João, quási em rapaz, levou-o sùbitamente uma febre, matando esse raro exemplo de ingenuidade de carácter, malogrando a mais bela das existências. D. Fernando acabou também, na flor dos anos, mártir, verdadeiro imolado ao destino da pátria portuguesa. D. Duarte, agonizando com a perda do irmão querido, desceu à cova, penitenciando-se em lágrimas de amargura, flor de modéstia ceifada pela fouce da fatalidade no vigor de uma vida sempre triste. D. Pedro, finalmente, a cujo acabar assistimos agora, fecha com o lúgubre selo do destino esta série de desgraças.

Ocorre, portanto, indagar qual vale mais, se vencer, ou ser vencido? Convém perguntar, se, num mundo

incompleto e imperfeito, como tudo quanto é real, a bondade, a virtude, a nobreza e esse bater de asas para o ideal, representado à imaginação dos Gregos na fábula de Ícaro, não serão em verdade causas de permanente desgraça? Feita de ironia, a realidade parece condenar aqueles que usam querer desvendar-lhe as leis, quebrando o selo terrível do mistério. Contraditório na essência íntima do seu próprio ser, o mundo esmaga quem se propõe vencê-lo, desflorando-lhe a intimidade dos segredos. Viver é ignorar.

Entre um cenário de dúvidas ou de ilusões, a vida corre deslisando suave para quem não cogita em lhe penetrar o destino, precipitando-se violentamente para todos os ambiciosos consumidos pelo ardor do ideal. O temperamento é por via de regra para os homens a causa determinante do destino que a sorte lhes reserva, e por isso a felicidade não passa de um fenómeno subjectivo, dependente sobretudo da estrutura mental do indivíduo. Para uns a felicidade concilia-se com as maiores contrariedades do mundo exterior; para outros o infortúnio nem se dissipa com a plenidude dos favores da sorte.

Dos infelizes martirizados pela sede do ideal, uns caminham tropeçando sem acessar na dúvida extenuante, outros seguem rectilìneamente no encanto de uma ilusão, levados atrás de miragens como as que no mar largo ou na vastidão dos desertos assaltam a imaginação atormentada dos viajantes. Na derrota desta vida, o mundo é como o mar, ou como o deserto, feito de água ou feito de areia, que ambas se levantam em ondas, ambas enganam, ambas giram à mercê do vento, ignoto gerador das tempestades.

Viver é ignorar, é esquecer, é deixar seguir os dias e os anos assistindo ao crescer e ao descair deste ser

que somos, como assistimos ao medrar e ao morrer de uma planta. Só desdobrando-nos em ser pensante e em ser vegetativo, realizando de um modo crítico a concepção primitiva de alma e corpo, formulada pelo instinto; só desinteressando-nos, por assim dizer, da nossa própria existência natural, só assim poderemos já agora fugir às tribulações deprimentes que uma civilização desencaminhada ou incipiente nos traz com o culto excessivo da vida natural.

Viver é ignorar, enquanto a inteligência, amadurecendo, não acorda para a curiosidade insaciável. Viver então parece consistir no contrário da ignorância: na agitação das ideias e no heroismo das acções. Mas assim que os homens, fechado o ciclo da adolescência ingénua, entram a cogitar na inanidade das coisas, viver torna-se outra vez ignorar, ou antes, esquecer a fatalidade natural e a triste condição da existência. Encerrado o círculo, volta-se ao começo: o túmulo é como o berço, a caducidade como a infância, a sabedoria suma igual ao instinto espontâneo.

Já hoje, nós os herdeiros desta velha civilização do Ocidente europeu, chegamos a uma idade que nos permite ver claro nas sombras do mundo, para apreciarmos apenas como fortuna suprema a liberdade moral resultante do esfacelamento de todas as ilusões.

E se a história é uma lição de física social no dinamismo dos elementos que a compõe, é também, na análise dos caracteres e dos motivos morais que a constituem, a mais completa lição de psicologia positiva. Um carácter bem estudado vale por um mundo visto. Quando os caracteres são como foram os dos filhos de D. João I, eminentemente acentuados e profundamente diferenciados, a galeria torna-se um verdadeiro curso da alma individual nos seus fenómenos mais sugestivos.

E quando, finalmente, a pléiada é, como esta foi para nós, a iniciadora da vida nova que tivemos na Renascença, a psicologia histórica eleva-se à altura de uma interpretação das causas determinantes do nosso heroísmo passado — mais milagroso que muitos milagres perante os quais os homens todavia ajoelham confundidos.

(De *Os Filhos de D. João I).*

RAMALHO ORTIGÃO

(1836-1915)

1 — No Dique do Helder

Quatro dias depois de ter estado em Broek fui ao Helder, subi ao alto do grande dique e olhei para o mar.

Desencadeava-se a primeira tempestade da série periódica do Outono. Soprava rijamente o noroeste. No céu cor de lousa, atormentado e revolto, riscado de través pelos aguaceiros, corriam em turbilhão as nuvens sobrepostas, espessas e pesadas como enormes avalanches de cebo enegrecido, amalgamadas, disgregadas, enoveladas, esfarrapadas no ar. O inclemente, o terrível, o tenebroso, o trágico mar do Norte, encapelado em ondas alterosas como montanhas, esbarrava na estreita ponta setentrional da Holanda a sua fúria recrudescente desde o polo, à qual o temerário dique do Helder contrapõe impávido o primeiro obstáculo do caminho.

Um rombo na muralha, que o mar embravecido desfaz e que a Holanda tenaz e paciente refaz minuto a

minuto, e — compreende-se bem e nunca mais o esquece quem uma vez assistiu a essa luta tremenda entre o dique e o mar — o país inteiro, côncavo como uma bacia, seria varrido de um cabo ao outro numa lúgubre baldeação aniquiladora.

Então perdi a vontade de sorrir do que tinha visto em Broek.

Um povo, que, para manter a ocupação do solo em que vive, sustenta em cada dia esse combate eterno e formidável com o oceano, tem sobre a terra direitos discricionários, e pode tratá-la como muito bem quiser a seu único sabor e capricho. A puerilidade dos seus gostos cativa o meu respeito enternecido. Todo o grande valor portentoso e descomunal é assim, por natureza ingénuo e simplesmente infantil. Os ociosos, enervados no luxo apático das civilizações tranquilas, divertem-se a caçar o javali e o tigre. O marinheiro destemido, que regressa das pescas da baleia ou das expedições do polo, entretém-se bordando ao bastidor ou fazendo meia encruzado no chão sobre o convés da embarcação vitoriosa, suavemente baloiçada em azul no porto manso e soalheiro.

Além disso, há no aspecto arquitectónico das aldeias e na decoração da paisagem da Holanda a expressão de uma felicidade tão caseira, uma intimidade tão meiga, um tal ar de candura, tanta bondade chãmente distribuída, tanta familiaridade comunicada sem restrição e sem reserva, que chega a gente a experimentar uma sensação mais doce que a simples curiosidade: uns longes inesperados de ternura; o reconhecimento da hospitalidade das coisas, a qual, ainda no meio da rua, parece guardar o que quer que seja do calor do lar; uma espécie de amizade de boa tia velha, que nos mostra a sua alcova antiga e virginal; finalmente um leve humedeci-

mento de vaga saudade, saudade de remotos dias castos, inocentes, alegres, esvaidos na penumbra cor de rosa das confusas recordações da infância.

A puerilidade no excesso do aceio é, segundo todos os viajantes que me precederam, o grande ridículo nacional da Holanda. Eu assim o confirmo, declarando porém para descargo da minha consciência, que a mais verde criancice de limpeza me repugna menos do que uma robusta hombriedade de porcaria. Horror por horror, prefiro uma árvore pintada a um pente sujo, e antes quero que nos meus pesadelos me apareça uma vaca em cima de um tapete, do que uma escova de dentes caída no lixo atrás de uma cómoda.

A impressão geral que deixou no meu espírito a paisagem holandesa assemelha-se, em resumo, à recordação de um desses vividos e pintalgados álbuns japoneses, em que as três mil ilhas do império do Nascer do Sol, banhadas na húmida vaporização cor da aurora, se nos deixam ver ou adivinhar de um relance, ridentes, fagueiras, envoltas nos meandros azuis da água, cheias de estranhos espelhamentos de sol, e encerrando uma vida exótica, calma de todas as revoltas dos nervos e de todos os estos do sangue, docemente penetrada até às origens pela mansidão contemplativa, cismadora, magnética dos brancos luares profundos e dos vastos lagos cristalinos e imóveis. Fecho os olhos e revejo ângulos luminosos de um arquipélago verdejante: minúsculas ilhas da variegada cor mimosa e tenra das flores dos jacintos, um encruzilhamento confuso de pontes rústicas, de uma das quais atravessada em arco entre chorões, se ri para mim com a sua enorme boca sem dentes uma velha fantástica, encantadora e alegre comadre, de touca branca e monumental como um obelisco, tamancos imensos e recurvos, mãos nas ilhargas, per-

nas abertas, bicos dos pés metidos para dentro; uma fita de canal em que voga lentamente ao sol-posto uma barca, puxada à sirga por uma rapariguinha de doze anos e levando dentro, sentado à popa, um velho adormecido; uma estrada plana, recta, calçada de tijolo, ao longo da qual trota um cavalo preto da Frisa ou da Zelândia, de longas clinas ao vento, sacudindo um argentino carrilhão, e levando à quermesse, na carreta rural engrinaldada de rosas, uma família em festa, que me parece estar presente ainda, voltando-se para trás, familiarmente, num gesto dedicado, para me dizer adeus!

(De *A Holanda*).

2 — Oliveira Martins como historiador

Como historiador, as suas faculdades dominantes e características são faculdades de arte. Em todo o livro de história há — me parece — que considerar três pontos capitais. Primeiro: as fontes da tradição, isto é, os textos em que se baseia a narrativa dos factos. Segundo: a crítica desses factos, determinando o valor que eles assumem perante as condições do meio físico e do emprego social em que se manifestam. Terceiro: o poder de execução literária, pondo os acontecimentos em quadro, rebatendo os homens, animando e movendo a grande multidão, confusa e anónima, dos segundos planos, fazendo enfim ressurgir integralmente uma época, viva e palpitante, aos olhos de quem lê.

Assim, teríamos de perguntar com relação a este escritor: Qual o seu trabalho de investigação? Qual

o seu processo de crítica? Quais os seus meios de expressão?

O temperamento literário de Oliveira Martins, pela fluidez caudal da sua escrita, pela sua tendência de improvisação, pelo seu espírito de repentismo, pela prontidão da sua vista, em abranger e correlacionar o máximo número de fenómenos, é verdadeiramente de um jornalista brilhante e não o de um investigador paciente. Ele fez a história dos grandes acontecimentos e dos grandes homens da sua pátria sobre a leitura das crónicas, confinado na sua escolhida livraria, assim como no gabinete do *Reporter,* durante o tempo em que redigiu esse periódico, fazia entre as onze horas e a meia-noite, sobre os telegramas do dia, as crónicas políticas de todo o Mundo — verdadeiras obras-primas, incomparáveis de análise e de indução instantânea.

Seria exactamente assim que as coisas se passavam? Assim o dizem os telegramas. Assim o consignam os cronistas. Ele coligiu, comparou e deduziu, apenas com a mais considerável lucidez, com a mais perfeita lógica.

Quando da leitura dos textos impressos — porque lhe repugnava, como a todos os improvisadores e a todos os artistas, a pesquisa arqueológica e o exame directo dos arquivos — surgia para ele a visão nítida de uma época ou de um personagem, de aparência conciliável com a sua concepção filosófica do espírito e do génio da raça, das origens e dos destinos da nacionalidade, a sua primeira aquisição estava feita, tinha lançado as bases de um novo livro, de que formulava metòdicamente os sumários, enumerava e abria os capítulos e fixava as conclusões. Da grande massa dos factos, laboriosamente coligidos, hermenêuticamente classificados, tomava então aqueles que tinham expressão caracterís-

tica, que abonavam uma hipótese, confirmavam uma teoria ou simplesmente lhe ministravam a frase sintética, a traço vivo e local, a imagem pitoresca e luminosa.

Na sua filosofia da história, à qual naturalmente se subordina todo o seu processo de estudo da interpretação dos acontecimentos sociais, tem um lugar subalterno essa influência anónima da massa, a que Augustin Thierry submete a determinação do indivíduo na elaboração do facto histórico, bem como a outra influência, ainda mais directa e mais remota, do meio cósmico e dos agentes físicos, que tão preponderante papel representam na crítica sociológica de Taine ou de Buckle. Agradam-lhe as conclusões suspensivas, as restrições atenuantes de sentenças absolutas, os raciocínios adversativos emaranhados de proposições pendulares, compensativas, de efeito aleatório. Toda a afirmação simplista, todo o argumento rectilíneo é coisa suspeita ao seu espírito flexuosamente especulativo, de uma elasticidade e de uma operosidade voltivaga, de casuísta.

No metafisismo dos seus sistemas de indagação há labirintos tortuosos e subterrâneos, que ele se compraz em percorrer com uma segurança altiva, com uma afoiteza superior, abrindo e fechando ignorados alçapões, recônditas portas falsas, de que possui o cabalístico segredo e as misteriosas gazuas. É pròpriamente para ele que a verdade habita o fundo de um poço. Para a descobrir há que largar o pé posto nas brancas estradas, recalcadas de gente e faiscantes de sol, para entrar desacompanhado, de lanterna em punho, pelas tenebrosas sinuosidades de uma mina.

Assim refractário a demonstrações positivas no estudo dos fenómenos morais, igualmente incrédulo das leis científicas e dos desígnios providenciais no regime das acções humanas, ele invoca frequentemente um

factor intermédio, vago, errante, despregado do mecanismo cósmico, independente da solidariedade universal, irredutível à crítica ao qual uma das vezes chama o *acaso* e outras o *destino*.

(De um artigo sobre a morte de Oliveira Martins publicado na *Gazeta de Notícias*).

CAPÍTULO V

POETAS LÍRICOS

TEXTOS DE:

Guerra Junqueiro
Gomes Leal
Guilherme de Azevedo
João Penha
Gonçalves Crespo
Cesário Verde

GUERRA JUNQUEIRO

(1850-1923)

1 — Morena

Não negues, confessa
Que tens certa pena
Que as mais raparigas
Te chamem morena.

Pois eu não gostava,
Parece-me a mim,
De ver o teu rosto
Da cor do jasmim.

Eu não... mas enfim
É fraca a razão,
Pois pouco te importa
Que eu goste ou que não.

Mas olha as violetas
Que, sendo umas pretas,
O cheiro que têm!
Vê lá que seria,
Se Deus as fizesse
Morenas também!

Tu és a mais rara
De todas as rosas;
E as coisas mais raras
São mais preciosas.

Há rosas dobradas
E há-as singelas;
Mas são todas elas
Azuis, amarelas.

De cor de açucenas,
De muita outra cor;
Mas, rosas morenas,
Só tu, linda flor.

E olha que foram
Morenas e bem
As moças mais lindas
De Jerusalém.
E a Virgem Maria
Não sei... mas seria
Morena também.

Moreno era Cristo.
Vê lá depois d'isto
Se ainda tens pena
Que as mais raparigas
Te chamem morena!

(De *A Musa em Férias*).

2 — A Moleirinha

Pela estrada plana, toc, toc, toc,
Guia o jumentinho uma velhinha errante.
Como vão ligeiros, ambos a reboque,
Antes que anoiteça, toc, toc, toc,
A velhinha atrás, o jumentito adiante!...

Toc, toc, a velha vai para o moinho,
Tem oitenta anos, bem bonito rol!...
E contudo alegre como um passarinho,
Toc, toc, e fresca como o branco linho,
De manhã nas relvas a corar ao sol.

Vai sem cabeçada, em liberdade franca,
O gerico russo de uma linda cor;
Nunca foi ferrado, nunca usou retranca,
Tange-o, toc, toc, a moleirinha branca
Com o galho verde de uma giesta em flor.

Vendo esta velhita, encarquilhada e benta,
Toc, toc, toc, que recordação!
Minha avó ceguinha se me representa...
Tinha eu seis anos, tinha ela oitenta,
Quem me fez o berço fez-lhe o seu caixão!...

Toc, toc, toc, lindo burriquito,
Para as minhas filhas quem mo dera a mim!
Nada mais gracioso, nada mais bonito!
Quando a virgem pura foi para o Egito,
Com certeza ia num burrico assim.

Toc, toc, é tarde, moleirinha santa!
Nascem as estrelas, vivas, em cardume...

Toc, toc, toc, e quando o galo canta,
Logo a moleirinha, toc, se levanta,
P'ra vestir os netos, p'ra acender o lume...

Toc, toc, toc, como se espaneja,
Lindo jumentinho pela estrada chã!
Tão ingénuo e humilde, dá-me, salvo seja,
Dá-me até vontade de o levar à igreja,
Baptizar-lhe a alma, p'ra fazer cristã!

Toc, toc, toc, e a moleirinha antiga,
Toda, toda branca, vai numa frescata...
Foi enfarinhada, sorridente amiga,
Pela mó da azenha com farinha triga,
Pelos anjos loiros com luar de prata!...

Toc, toc, como o burriquito avança!
Que prazer d'outrora para os olhos meus!
Minha avó contou-me quando fui criança,
Que era assim tal qual a jumentinha mansa
Que adorou nas palhas o menino Deus...

Toc, toc, é noite... ouvem-se ao longe os sinos,
Moleirinha branca, branca de luar!...
Toc, toc, e os astros abrem diamantinos,
Como estremunhados querubins divinos,
Os olhitos meigos para a ver passar...

Toc, toc, e vendo sideral tesoiro,
Entre os milhões d'astros o luar sem véu,
O burrico pensa: Quanto milho loiro!
Quem será que mói estas farinhas d'oiro
Com a mó de jaspe que anda além no céu!

(De *Os Simples*).

3 — Préstito Fúnebre

Que alegrias virgens, campesinas, fremem
Neste imaculado, límpido arrebol!
Como os galos cantam!... como as noras gemem!...
Nos olmeiros brancos, cujas folhas tremem,
Refulgente e novo passarinha o sol!...

Pela estrada, que entre cereais ondeia,
Uma pequerrucha, — tro-la-ró-la-rá! —
Vai cantando e guiando o carro para a aldeia...
São os bois enormes, e a carrada cheia
Com um castanheiro apodrecido já.

Oh, que donairosa, linda boeirinha!
Grandes olhos garços, sorrizinho arisco...
D'aguilhada em punho lépida caminha,
Com a graça aérea de ave ribeirinha,
Verdilhão, arvéola, toutinegra ou pisco.

Loira, mas do loiro fulvo das abelhas;
Fresca como os cravos pelo amanhecer;
Brincos de cerejas presos nas orelhas,
Na boquita rósea três canções vermelhas,
Na aguilhada, ao alto, uma estrelinha a arder!

Descalcinha e pobre, mas sem ar mendigo,
Nada mais esbelto, mais encantador!
Veste-a de oiro a glória do bom sol amigo...
O chapéu é palha que inda há um mês deu trigo,
A saíta é linho ainda há bem pouco em flor!...

E os dois bois enormes, colossais, fleumáticos,
Na aleluia imensa, triunfal, da aurora,

Vão como bondosos monstros enigmáticos,
Almas porventura de ermitões extáticos,
Ruminando bíblias pelos campos fora!...

Ao arado e ao carro presos noite e dia,
Como dois grilhetas, quer de inverno ou verão!
E, submissos uma pequerrucha os guia!
E nos sulcos que abrem canta a cotovia,
As boninas riem-se e amadura o pão!...

Levam as serenas frontes majestosas
Enramalhetadas como dois altares:
Madressilvas, loiros, pâmpanos, mimosas,
Abelhões ardentes desflorando rosas,
Borboletas claras em noivado, aos pares...

E eis no carro morto o castanheiro, enquanto
Melros assobiam nos trigais além...
Heras amortalham-no em seu verde manto...
Deu-lhe a terra o leite, dá-lhe a aurora o pranto...
Que feliz cadáver, que até cheira bem!...

Musgos, líquens, fetos — química incessante! —
Fazem montões de almas dessa podridão...
Já nesse esqueleto seco de gigante,
Sob a luz vermelha, num festim radiante,
Mil milhões de vidas pululando estão!...

Sempre à fortaleza casa-se a doçura:
Como o leão da Bíblia morto num vergel,
Do seu tronco ainda na caverna escura,
Um enxame de oiro rútilo murmura,
Construindo um favo cândido de mel!...

Oh, os bois enormes, mansos como arminhos,
Meditando estranhas, incubas visões!...
Pousam-lhes nas hastes, vede, os passarinhos,
E por sobre os longos, tórridos caminhos
Dos seus olhos caiem bênçãos e perdões...

Chorarão o velho castanheiro ingente,
Sob o qual dormiram sestas estivais?
Almas do avoredo, o seu olhar plangente
Saberá acaso misteriosamente
Traduzir as línguas em que vós falais?!...

Castanheiro morto! que é da vida estranha
Que no ovário exíguo duma flor nasceu,
E criou raízes, e se fez tamanha,
Que trezentos anos sobre uma montanha
Seus trezentos braços de colosso ergueu?!...

Onde a alma, origem dessas formas belas?
Em tão várias formas que sonhou dizer?
Qual a ideia, ó alma, convertida nelas?
E desfeito o encanto, que nos não revelas,
Que aparências novas tomará teu ser?...

Noite escura!... enigmas!... Ai, do que eu preciso,
Boieirinha linda, linda de encantar,
É dessa inocência, desse paraíso,
Da alegria d'oiro que há no teu sorriso,
Da candura d'alva que há no teu olhar!...

Grandes bois que adoro, p'ra fortuna minha,
Quem me dera a vossa mansidão cristã!
Arrotear os campos, fecundar a vinha,
E nos olhos garços duma boieirinha,
Ter duas estrelas virgens da manhã!...

E também quisera, mortos castanheiros,
Como vós erguer-me para o sol a flux,
Dar trezentos anos sombra aos pegureiros,
E num lar de choça, em festivais braseiros,
A aquecer velhinhos, desfazer-me em luz!...

(De *Os Simples*).

GOMES LEAL

(1848-1921)

1 — O Velho Palácio

Houve outrora um palácio, hoje em ruínas,
fundado numa rocha, à beira mar...
d'onde se avistam lívidas colinas,
e se ouve o vento nos pinhais pregar.
Houve outrora um palácio, hoje em ruínas...

Nesse triste palácio inabitável,
as janelas, sem vidros, contra os ventos,
batem, de noite, em côro miserável,
lembrando gritos, uivos, e lamentos.
Nesse triste palácio inabitável...

Só resta uma varanda solitária,
onde medra uma flor que bate o norte,
sacudida da chuva funerária,
lavada de um luar branco de morte.
Só resta uma varanda solitária...

Bate a flor entre as grades, oscilante,
pedindo orvalho aos céus desapiedados,
e à brancura da lua, soluçante,
falando de desejos sempre alados.
Bate a flor entre as grades, oscilante...

Como nessa varanda apodrecida,
em minha alma uma flor também vegeta...
toda a noite dos ventos sacudida,
intima, humilde, lírica, secreta.
Como nessa varanda apodrecida...

Vai tu, ó minha dor, a esse palácio,
e arranca-lhe essa flor!... Vai, sem tardança.
Como um guerreiro audaz do velho Lácio
arranca-a... e calca-a aos pés, porque é a Esp'rança.
— Vai tu, ó minha dor, a esse palácio!...

(Do *Fim de um Mundo*).

2 — A Samaritana

O sol roxeia o céu. — É no poente.

O Rabi vem andando lentamente,
mordido da poeira das estradas,
olhando as roxas nuvens desgrenhadas,
meditando na Lei, na paz eterna.

Nisto senta-se ao pé de uma cisterna,
que está junto a Sicar em Samaria,
e eis que chega, à mesma hora, ao fim do dia.
com o rítmico andar de uma Romana,
uma esbelta mulher Samaritana,
de um bíblico perfil firme e trigueiro.

— «Mulher! diz-lhe o Rabi, ao caminheiro
que vem de uma jornada amarga e dura,
nada o refresca mais do que a água pura,
que lhe minora a calma, a sede, a mágoa.

Dá-me, pois, de beber, Mulher! dessa água,
pois venho quebrantado dos trabalhos
da jornada, entre montes, entre atalhos
cobertos de urze e de tojal silvestre».

Mas a Mulher, então, replica ao Mestre:

— «Senhor! como é que tu, que és um hebreu,
não recusas, com uma tal como eu,
que sou uma mulher Samaritana,
de falar e beber da mão profana
a água que aqui jaz nesta cisterna?»

— «Eu sou, torna o Rabi, a água eterna.
Sou a linfa corrente da Verdade,
que corre sem cessar da Eternidade,
de uma nascente augusta e inexaurível.
Sou a água da Força, em que, impassível,
vem beber a Justiça intemerata.
Sou o veio ideal de branca prata,
em que bebem os Céus, os Bons, os Castos.

— «Beberei dessa água até de rastos.
Mas, não tendo tu vaso, como queres
tirá-la da cisterna onde as mulheres
das terras de Sicar usam tirá-la?»

— «Se tu soubesses quem contigo fala,
pedir-me-ias desta água eterna e forte!»

— «Deixa que eu beba dela até à Morte.
Mas acaso, Senhor! és mais potente,
e maior que Jacó, nosso ascendente,
que a cisterna nos deu, ó como legado,
e até dela bebeu, mais o seu gado,
mais os seus filhos, no calor da sesta?

— «Quem beber da minha água não lhe resta
jamais sede, Mulher, na vida eterna.
Mas quem água colher desta cisterna,
voltará a ter sede e a beber mais».

— «Não provaram dessa água os nossos Pais.
Mas dá-me dela tu, por Jeová!»

— «Vai. Chama a teu marido. E, após, vem cá».

— «Eu não tenho marido!»
— «Bem disseste.
Porque cinco maridos já tiveste.
E este, que agora tens, não te pertence».

— «Oh — por mais que cogite, estude, pense,
conheço que és Profeta! E as profecias
falam, todas, na vinda de um Messias,
que almejam nossos Pais, as nossas mães».

— «Mulher, diz-lhe o Rabi — aqui o tens».

(Da *História de Jesus*).

GUILHERME DE AZEVEDO

(1839-1882)

1 — Poema XLVI

Eu sou, mulher suave, aquele antigo louco,
O triste sonhador que o teu olhar cantou,
E que hoje vai sentindo, o sonho, a pouco e pouco,
Fugir como o luar dum astro que expirou!

Que morra, porque, enfim, bem longo ele tem sido
E tempo é já, talvez, da morte desposar
O sonho que em minha alma entrou como um bandido
E só da vida sai depois de me roubar!

Eu devera amarrá-lo à braga do forçado,
Como a Justiça faz aos desprezíveis réus,
E lançá-lo depois à vala do passado
Aonde o fulminasse a cólera dos céus.

Mas não; quero embalar-lhe os últimos momentos
Ao som d'uma canção das quadras juvenis,
E amortalhar depois — em doces pensamentos —
No manto da saudade, os seus restos gentis.

E quando ele seguir às regiões saudosas,
Aonde todos nós iremos repousar,
Ao esquife hei-de atirar-lhe as derradeiras rosas
Que dentro de minha alma houver por desfolhar!

Ninguém profanará seus restos adorados,
Que em paz irão dormir num fundo mausoléu;
E quando alguma vez já hirtos, regelados,
Acordem, porventura, à luz que vem do céu;

Em vão tu baterás, sonho, à fria porta
Que em breve hás-de sentir fechada sobre ti,
Porque a tua Memória, enfim, já estará morta,
E não te escutarei... porque também morri!

(De *A Alma Nova*).

OS PARNASIANOS

JOÃO PENHA

(1839-1919)

SONETOS

1

Mal pode fantasiar-te a mente acesa
Tão gentil como quando, venturoso,
Te vi a vez primeira, ébrio de gozo,
Extático de pasmo e de surpresa.

Que prodígio de esplêndida beleza!
Que lábios, que sorrir, que olhar piedoso!
Que opulento cabelo... um mar ondoso
Onde esconderas a gentil nudeza!

Assentada num banco de verdura,
Junto à margem do múrmuro Mondego,
De um Correggio venceras a pintura.

Ai! perdi, desde então, paz e sossego:
Se estavas tão graciosa em tal postura,
E comias um paio de Lamego!

(Das *Rimas*)

2

Oh ventura perdida, mal sonhada!
Quem dissera que tudo acabaria,
Com este meu charuto, em cinza fria,
Em fumo que se esvai no obscuro nada!

Deixaste-me, julgando-te adorada
Pelo moço de estranha galhardia,
Que no aspecto e nos gestos reflectia
O Manfredo sombrio da balada.

Abalroando ao penetrar na barra,
Senti do ciúme a lacerante pua:
Quis ir-te em cima, erguida a cimitarra.

Mas foi-se-me depressa a ideia crua,
Graças a um vinho de espanhola parra,
E à mudança benéfica da lua.

(Das *Rimas*).

GONÇALVES CRESPO

(1846-1883)

1 — O Rosário

Quando, à noite, contemplo taciturno
Estas contas antigas, o rosário
Das minhas orações,
Vejo em minh'alma o poema legendário
Dos velhos tempos, das longínquas eras
De santas devoções.

A cruz ebúrnea, onde agoniza o Cristo,
É dum lavor subtil, que nos revela
Um génio magistral,
Obra de monge em merencória cela,
Piedoso artista há muito adormecido
Em velha catedral.

Tem séculos: talvez que nestas contas
Passasse outrora suas mãos esguias
A castelã senil,
Pensando, triste, nos ditosos dias
Em que a seus pés um menestrel vibrava
O mimoso arrabil.

Talvez que este rosário minorasse
As saudades da noiva lacrimante,
Que debalde esperou
Em cada nau, que vinha do Levante,
O seu donzel amado, que partira
E nunca mais voltou.

Sobre a cota de um jovem cavaleiro,
Que o beijava por noites estreladas
Pensando em sua mãe,
Ele assistiu à guerra das Cruzadas,
Atravessou talvez a Terra Santa,
E viu Jerusalém.

Talvez alguma freira em triste claustro,
De seus anos na doce primavera,
Só dele confiou
Seus loucos sonhos de falaz quimera;
E, apertando o rosário ao peito ansioso,
Consolada expirou.

Isto o que leio no rosário antigo;
E, quando melancólico lhe beijo
As contas de marfim,
No ar escuto indefinido arpejo,
E então a crença, a mística toada,
Murmura dentro em mim.

(Das *Miniaturas*).

2 — Mater Dolorosa

Quando se fez ao largo a nave escura,
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrimosa estátua da amargura.

Dos céus a curva era tranquila e pura;
Das gementes alcíones o bando
Via-se ao longe, em círculos, voando
Dos mares sobre a cérula planura.

Nas ondas se atufara o sol radioso,
E a lua sucedera, astro mavioso,
De alvor banhando os alcantis das fragas...

E aquela pobre mãe, não dando conta
Que o sol morrera, e no luar desponta,
A vista embebe na amplidão das vagas...

(Dos *Nocturnos*).

CESÁRIO VERDE

(1855-1886)

1 — Contrariedades

Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrível! já fumei três maços de cigarros
Consecutivamente.

Dói-me a cabeça. Abafo uns desesperos mudos:
Tanta depravação nos usos, nos costumes!
Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes
E os ângulos agudos.

Sentei-me à secretária. Ali defronte mora
Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;
Sofre de faltas de ar; morreram-lhe os parentes
E engoma para fora.

Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas!
Tão lívida! O doutor deixou-a. Mortifica.
Lidando sempre! E deve a conta na botica!
Mal ganha para sopas...

O obstáculo estimula, torna-nos perversos;
Agora sinto-me eu cheio de raivas frias,
Por causa dum jornal me rejeitar, há dias,
Um folhetim de versos.

Que mau humor! Rasguei uma epopeia morta
No fundo da gaveta. O que produz o estudo?
Mais duma redacção, das que elogiam tudo,
Me tem fechado a porta.

A crítica segundo o método de Taine
Ignoram-na. Juntei numa fogueira imensa
Muitíssimos papéis inéditos. A Imprensa
Vale um desdém solene.

Com raras excepções, merece-me o epigrama.
Deu meia-noite; e em paz pela calçada abaixo,
Um sol-e-dó. Chovisca. O populacho
Diverte-se na lama.

Eu nunca dediquei poemas às fortunas,
Mas sim, por deferência, a amigos ou a artistas.
Independente! Só por isso os jornalistas
Me negam as colunas.

Receiam que o assinante ingénuo os abandone,
Se forem publicar tais coisas, tais autores.
Arte? Não lhes convém, visto que os seus leitores
Deliram por Zaccone.

Um prosador qualquer desfruta fama honrosa,
Obtém dinheiro, arranja a sua *coterie;*
E a mim, não há questão que mais me contrarie
Do que escrever em prosa.

A adulação repugna aos sentimentos finos;
Eu raramente falo aos nossos literatos,
E apuro-me em lançar originais e exactos,
Os meus alexandrinos...

E a tísica? Fechada, e com o ferro aceso!
Ignora que a asfixia a combustão das brasas,
Não foge do estendal que lhe humedece as casas,
E fina-se ao desprezo!

Mantém-se a chá e pão! Antes entrar na cova!
Esvai-se; e todavia, à tarde, fracamente,
Oiço-a cantarolar uma canção plangente
Duma opereta nova!

Perfeitamente. Vou findar sem azedume.
Quem sabe se depois, eu rico e noutros climas,
Conseguirei reler essas antigas rimas,
Impressas em volume?

Nas letras eu conheço um campo de manobras;
Emprega-se a *réclame,* a intriga, o anúncio, a *blague,*
E esta poesia pede um editor que pague
Todas as minhas obras...

E estou melhor; passou-me a cólera. E a vizinha?
A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?
Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. É feia...
Que mundo! Coitadinha!

(Do *Livro de Cesário Verde*).

CAPÍTULO VI

OS CONTISTAS

TEXTOS DE:

Teixeira de Queirós
Fialho de Almeida
Trindade Coelho

TEIXEIRA DE QUEIRÓS

(1849-1919)

O Lobo

Ao voltear um penedo, Simão viu inesperadamente, como duas tochas acesas, dois cometas fatídicos, dois olhos sanguíneos! Naquelas trevas pareciam dois grandes diamantes num abismo. Aquilo, causava umas frias sensações aterradoras, lembrando um morto com os olhos abertos! Simão afrontou-se, os cabelos levantaram-se-lhe, e o chapéu caiu-lhe ao chão.

O inimigo ousado, que ali estava, era um lobo!

Este animal tem a particularidade carniceira de gostar dilatadamente da vítima, primeiro com os olhos. Imóvel diante da presa, é malicioso como um namorado — pretende dominá-la primeiro com a vista penetrante. Tem o prazer especial dos toques cénicos, a bossa das comoções — é bárbaro como um dramaturgo e, apresenta-se inesperadamente àquele que deseja devorar, para apreciar a surpresa. Tirano como o imperador Nero, é capaz de dormir leves sonos, junto da própria vítima que tenta devorar.

É um salteador covarde, sanguinário como o tigre, mas também valente — ataca o boi pela rectaguarda, o cavalo pela frente e o homem de pulo. Só luta por necessidade; mas defende-se melhor que um chipanzé,

tem as manhas da raposa e dá saltos vistosos como um fadista.

Às vezes tem medos pueris e inexplicáveis: não gosta de lume e tem horror à música. Ainda mesmo esfomeado, retira-se vagarosamente, com evidentes sinais de aborrecido, se lhe acendem diante dos olhos um fósforo ou se lhe tocam uma viola.

Porém as exigências da alimentação é que o tornam verdadeiramente feroz: quando tem fome é um Ugulino brutal, e, de todos os animais estudados, o único que devora as carnes de seus próprios filhos. Tem a devassidão e imoralidade gulotona da hiena e, como disse alguém de um papagaio que fugiu, é capaz de se devorar a si mesmo.

O lobo é o animal mais temível das nossas montanhas. Tem o focinho comprido, a boca rasgada até às orelhas, a cauda raposina, o corpo esguio. Fareja mais finamente que um perdigueiro, despedaça como um bull-dog e corre como um cavalo inglês. Tem um grande poder muscular: dizem que uma chicotada da sua cauda dará com um valentão em terra.

Em abono deste nosso conterrâneo devemos acrescentar que só é verdadeiramente temível quando tem fome. Fora disso, é bonacheirão e fantasista, gosta dos largos passeios no cimo da montanha e, às vezes, encontra-se num grande aprumo, como um poeta, vendo a natureza do alto de um elevado penedo. Os que o tem encontrado, principalmente de noite, afirmam que perderam a fala e o sangue frio, que a vista se lhes perturbou e os cabelos se irriçaram tràgicamente. Há, nestes casos, qualquer perversão de sentidos, que popularmente se traduz por um poder extraordinário e sobrenatural atribuído ao lobo.

Procura ordinàriamente as altas montanhas para

respirar um ar forte, necessário à sua natureza selvagem e cruel; e também para se distanciar do povoado. Porém, as necessidades do comer, provocam-no para as terras baixas, e muitas vezes, pretende forçar as portas dos currais.

É então que os pastores o escorraçam accirrando os seus valentes cães de Crasto, que destemidamente o abraçam em luta tenaz. Outras vezes, porém, ele consegue tomar uma peça do rebanho, lança-a ao dorso com um meneio gracioso e de agilidade, e retira-se apressadamente, levando-a segura nos dentes aguçados.

E apesar disto, é um animal popular e benquisto. O nosso camponês, cioso da própria força e valentia, não acredita que, nos ardentes areais de África e nos bosques desabitados da Ásia, haja um animal mais valente chamado leão e outro mais feroz denominado tigre. Contam do lobo casos extravagantes, apresentando-o como um gracejador, uma inteligência espirituosa, um preparador de episódios para rir.

Se não é fácil imaginar a situação moral de Simão, é contudo crível, não ser ela perfeitamente tranquila, como a de Vossa Excelência, inquieta com as asperezas do seu bordado. Acometido de frente pelo amável verdugo, que parecia olhá-lo com indizível prazer, não era lícito avançar. Retroceder, pior ainda — neste caso o lobo salta e a presa é-lhe mais certa. Ficar extàticamente em contemplação era, além de absurdo, esquisito, pois que o animal teria seu rasgo... tomaria uma resolução.

Que fazer?!

Que respondam os anjos, eles que têm a intuição das cousas supremas. Aqui só o extraordinário, o heroísmo, a coragem o podia salvar. Sendo cobarde

podia-se-lhe afiançar a morte como recompensa e então era mil vezes melhor não o ser. Simão era rapaz valente e resolvido nas situações difíceis e graves. Que mais grave do que pugnar pela vida, exactamente no momento actual, em que ele tinha empenho em a prolongar?! Neste caso nem o sr. D. João VI fugiria! Ele havia de ter denodo e abrir combate.

O instinto da conservação, essa poderosa valentia interna, deu-lhe serenidade. A reflexão disse-lhe que questionasse a vida.

— Pois vamos a isso — pensou brutalmente.

E preparou-se.

O lobo olhava-o com a fixidez *daquela estátua célebre, naquele célebre banquete* que os senhores conhecem muito bem. Parecia um observador, um fisionomista aproveitando este momento para estudar uma cena cheia de emoções.

Mas as nuvens descondensaram-se e apareceu a paisagem iluminada por uma luz fraca. O animal, assentado, firme sobre as mãos, com o pescoço direito, o focinho apontado, as orelhas tesas, os olhos com uma fixidez sagaz e de brilho sanguíneo, conservava-se numa posição aprumada. Darwin, se estudasse este lobo, neste momento, diria que ele empregava metòdicamente a sua atenção e fazia doze raciocínios. Eu posso afirmar que, o pachorrento carniceiro, estava nos últimos momentos de uma feliz digestão. Os movimentos cadenciados da cauda denotavam grande sensualidade e caprichos nervosos. Talvez que as primeiras sensações da fome o dominassem. Neste período, ninguém pode dizer o que o lobo fará. Umas vezes retira-se inesperadamente, cheio de medos pueris; outras mostra-se em toda a sua ferocidade.

Simão, contudo, receava-o e procurava ensejo de se prevenir contra um ataque.

Além, no fundo vale escuro, um cão ladrou com uma voz cheia e prolongada. No vasto silêncio da noite aqueles sons distintos espalharam-se com lentidão soturna. Era um intermédio protector e amigo; pois que o lobo, instintivamente, sem prevenções, voltou o focinho naquela direcção. Isto deu ao criado do cura tempo de se preparar. Com um movimento rápido, envolveu o braço esquerdo na jaqueta, que trazia ao ombro, e armou a mão direita de comprida navalha, que tirou do forro do colete. O lobo pressentindo-o, levantou-se, ia a espreguiçar-se para formar um salto, quando Simão, sem o esperar, o acometeu com sua navalha.

O salto do lobo foi pouco valente. O agredido não lhe deixou campo. O ataque de Simão foi de habilidade. A comprida navalha acertou-lhe entre duas costelas e penetrou no peito do animal, no momento em que os seus dentes se apertavam no braço protegido pela jaqueta. Caíu, dando um grande uivo cheio de angústia e de raiva! O sangue borbolhava-lhe em cachoeira pela ferida e pela boca. Estrebuchando nas ânsias da morte, era mais de horrorizar que dominando sobranceiramente a sua vítima. Tinha o horripilante de um demónio escorraçado por água benta, segundo a pintura colorida de fecundos missionários.

(De Os Meus Primeiros Contos).

FIALHO DE ALMEIDA

(1857-1911)

Mater Dolorosa

No campo e de Verão, rompe o dia às três e meia, quando a cotovia faz a primeira ascensão nos céus, para dar do alto, aos voláteis emboscados nas folhas, nas ervas secas das barreiras, nas tocas, nos canaviais e nas balsas, rumor para a grande pastoral beethovénica da manhã. Acesa na palidez do horizonte, a estrela d'alva tem frémitos de pálpebra sonolenta.

Vai-se rasgando a névoa das alturas, de envolta com exalações silvestres dos vales — e cardumes de nuvenzinhas brancas ondulam as barbatanas de renda, por toda essa piscina cérula que é desconforme como uma ambição de rapaz. Foi quando Desidério Jacinto, retomando os alforges e a manta, assobiou aos rafeiros e fez partir o rebanho pela encosta da montanha. Mesmo no cabeço, alastrava-se uma clareira redonda, entre pedregulhos e restos de um moinho abandonado. E deitada numa atitude indiferente, cabeça no chão, o focinho coberto de mucos, a pobre ovelha viu partir as companheiras e deixou-se ficar de guarda ao cadáver do pequeno borrego, das suas entranhas nascido. Prolongou-se a manhã, acordaram os arvoredos e os pássaros, passaram, num voo pesado, bandos de perdizes a matar a sede lá baixo, nos raros pegos da ribeira... Veio o sol, abelhas zumbindo, bandos de borboletas fulvas, gafanhotos e sardaniscas nervosas, tudo o que

começava o seu dia alegremente, lutando, trabalhando, cantando.

E o rebanho já longe, fazia no toque dos chocalhos plangente uma poesia rústica, simples e penetrada de melancolias.

Quando de repente, dois corvos pousaram nos alicerces do moinho. Eram enormes esses corvos, com penas azuladas luzindo de cerúmen, crespas e afiadas como cutelos de bom aço. E impertigavam-se um para o outro, chegando os bicos num quase beijo de aliança, aos saltinhos nas pedras, firmando as patas, balanceando os rabos, com olhos oblíquos sobre a mãe e sobre o filho. E estendendo os bicos córneos, dentados miudamente no corpo, longos e negros, quedavam-se numa espécie de consulta, sem grasnar, sem mexer, como planeando campanha. O maior então atreveu-se a olhar de perto os dorminhocos do rebanho e veio marchando clareira fora contra o borreguinho morto, com sobrecenhos de inquisidor, sinistro e fero — enquanto o outro ficava à espera, todo inquieto, voejando, consultando as vizinhanças, mais cobarde talvez! A ovelha nem dera rumor.

Conservava a cabeça inerte para a terra, as pernas dobrando sob o peso do corpo, a orelha caída e mole, e sem movimento a cauda, parecendo morta. Aquela postura extinta animou o carnívoro, que veio mesmo ao pé do grupo, se pôs a andar de redor mansamente, assentando a pata com uma espécie de precaução, geitos desdenhosos de cabeça e surdos ruídos de cerra no bico poderoso. Mas nos alicerces afastados do moinho, dois corvos mais acabavam de poisar, ainda maiores e mais negros.

Já o sol causticava nos saibros e vinha seco um chiar de cigarras nas árvores. Atraídos uns pelos outros

agora, os malditos abatiam-se aos bandos, depois de voejar, em elipsóides muito altos, por cima da presa. E às dúzias, as cabeças fúnebres surgiam por trás das rochas, armando conclaves de momento, debandando como *fantoches,* vindo de novo redemoinhar aos saltinhos, ondulando, subindo, descendo e quebrando o circuito, como numa dança selvagem.

O ataque parecia ordenar-se à medida que se espessavam fileiras. Havia já um chefe, velho corvo sem cauda, ferozmente faminto e audaz, que afinal com um grande pulo, caiu no cadáver às picadas. Os mais cerraram-se, apertando círculo, cingindo os dois corpos imóveis, batendo o chão compassadamente, com ritmos de marcha guerreira. E mal um deles grasnou não sei que ordem de batalha, grasnaram também os mais, e um coro estridente e lúgubre, que abriu em risada, terminando em uma espécie de uivo gutural, e rouco.

Nesse momento a ovelha ergueu a cabeça devagar, firmou meio corpo nas patas dianteiras, e esteve a olhar de narinas altas sanguinolentas pela mordedura de moscardos gangrenosos.

Aquele movimento fez uma hesitação no exército de grasnadores fatídicos cujo círculo se alargou, vergando em receios de castigo. Viam-se os bicos alinhados, convergindo sob a ovelha e cria exânime, em ar de pontaria, e fazendo para dentro do círculo uma golilha negra de punhais. E se ao mesmo tempo as cabeças voltavam desses olhos chamejantes, inquietos e febris, fuzilavam um sardonismo feroz, uma como certeza de vitória e provocações mudas, em que havia inteligência. Quando a ovelha fitava um grupo, esse grupo imobilizava-se com atitudes marciais, as pernas em fila, as asas pendentes como abas de casaca, num enterro. Mas o resto convergia por detrás da Mãe aflita, de mansinho,

aos encontrões, com frémitos de impaciência, já, mas proferindo cansá-la pelo cerco, deixá-la agonizar para ali de impotência, junto do filho coberto de moscardos verdes. E, como se sentiam fortes pelo número, longe das vistas de homem, senhores do campo e espicaçados de calma, entravam já de escaramuça, armando sortida, aos pulos no mesmo sítio, enfunando as asas como para aligeirar os corpos, e prontos ao primeiro sinal. O corvo velho estava na frente contemplando o cadáver de cabeça reflexiva, com ideias talvez na presa do leão. E muitos picavam o terreno ao acaso, como a disfarçar os intentos, enquanto a ovelha se levantava custosamente, e com o corpo mirrado, pernas oscilantes e narina aflita, vinha cobrir os restos do seu pequeno defunto.

Chovia fogo do céu, embaciado e calmo, como de um capacete em brasa. Fumos sujos de queimadas, subiam direitos de onde a onde; e era a hora terrível em que a paisagem não tem sombras, nem correntes o ar, e vêm cintilas cruas de todos os ângulos e superfícies.

O borreguito morto estava de olho esbugalhado, numa espécie de êxtase à luz, meios risos na boca entreaberta, onde já havia larvas de insectos. E a ovelha guardava-o entre as patas, girando com a cabeça por um e outro lado, à medida que a petulância dos corvos recrudescia. Os seus balidos frouxos, vindos do fundo do peito, tinham modulações de desespero mortal, e umas vezes imploravam graça debalde, vibrando em lágrimas de sangue, referindo que era aquele o seu filho, contando a vida do rebanho, querendo abalar pela comoção; outras vezes, perdida a esperança, eram uma imprecação à insensibilidade de Deus e do céu, e rouquejavam de angústia. O corvo velho por fim saltou de vez, e com uma bicada gulosa arrancou um olho ao cadáver. Então os mais vieram em turbilhão, esbofeteando a mãe

com as asas metálicas, grasnando de voluptuosidade na disputa de algum bocado. Com esforços desesperados, a ovelha resistia, marrando nos algozes com a sua fronte sem cornos — e recuava; punha em rotação a anca e os membros posteriores, saltava bruscamente espicaçada, nessa grande luta desigual. Apenas, esses bichos todos lacerando a pele do cordeiro, lhe desnudaram a vermelhidão da carne, não houve mais resistência possível, tamanho o ímpeto da investida! Agonizando então, por todo o corpo ferida e escorrendo sangue em borbotões, a ovelha já não sabia que fazer. Balava rijo, erguendo o focinho coberto de mucos rutilantes, perdera um olho na peleja — mas investindo sempre, a desgraçada!

Quando era já tudo impossível, e o borrego, pelos rasgões do ventre bolsou os intestinos num começo de podridão, nada pode dar ideia da alegria selvagem e pantagruélico apetite, dessa canalha sem freio. Disputavam-se os bocados bico para bico; e os mais atrevidos alojavam-se por baixo da ovelha, no intuito de se banquetearem melhor.

Num derradeiro balido, em que se exalava também o esforço derradeiro, deixou-se a mãe caír para cima do filho, aniquilada, resignada sem queixa — e até à última convulsão defendeu o cadáver, oferecendo o triste corpo de múmia em resgate por aqueles queridos despojos. Já se não sentia ao largo o rebanho, e no silêncio adusto do calvário, por todo o dia à vontade, os corvos tiveram festa.

(De *A Cidade do Vício*).

TRINDADE COELHO

(1861-1908)

A Choca

Aquela tarde, a Choca recolhera ao poleiro mais cedo do que o costume. Atrás dela, lembrando doze novelitos de oiro a mexerem-se como por milagre, os doze filhinhos tinham seguido a mãe, — e lá dentro, qual deles com mais dificuldade, um a um tinham-se encarrapitado no velho cesto de palha onde faziam a cama, aninhando-se, o melhor que puderam, debaixo da asa materna.

Eles mesmos tinham estranhado recolher tão cedo aquela tarde, os pequenitos; — mas cá fora, o rancho das outras galinhas atribuía isso à doença da Choca, porque a pobre, com o gogo, metia dó com tamanho sofrer! Um pouco aterradas, tinham assistido havia três dias a essa operação que a Choca sofrera, e que certas delas, da grei, sabiam muito dolorosa. A pena que lhe espetara no pescoço a velha que cuidava delas, fora o mesmo que nada, — e se mal estava, pior ficara, a pobre! Ainda a trazia, essa pena, mas quase seca porque não purgava; e entretanto, sem bem lhe fazer, afligia-a como se fosse um estigma, — tanto ou mais que a própria doença...

Por isso recolhera cedo, a Choca; deixando fora, pelo terreiro, gozando ainda o seu resto de tarde, o rancho das companheiras.

Ai, eram bem felizes, essas! Pelo buraco do poleiro, sentia-as agora cacarejar, — e não tardaria que

o milho do recolher, que a velha, todas as tardes, trazia para elas no seu mandil, alvoraçasse no prazer do costume, em que por via dum grão, às vezes, havia entre todas rixas alegres, o bando das companheiras...

Só ela, doente, quase já não sabia o que era comer; — e ainda essa tarde, morta de sede, invejara a gotinha de água que um ou outro dos seus pintaínhos, beberricando na pia, deixava, depois de saciado, cair do biquinho como uma pérola.

Mas nem comer nem beber, ela, que era muita a gosma e não podia! E pelo que tocava a cacarejar, nem o bastante para a ouvirem os filhos, para os admoestar, para os dirigir, — quanto mais para uma dessas tiradas que outrora lhe haviam feito, ao romper a manhã, a sua fama de cantadeira! Galos que ela apaixonara, ciúmes em que fizera arder tantos rivais, ralhos, intrigas, combates, — como tudo isso ia longe, agora! Nos bebedouros, ela mesma se namorara da sua figura esbelta, muitas vezes; — e que o não adivinhara na devoção dos galos, de tantos que a tinham amado, e que ao aclarar das manhãs, todos os dias, lhe declaravam o seu amor dos poleiros à roda, — adivinhara-o na inveja das outras, esse prestígio mágico da sua beleza...

Certo galo, sobretudo, agora já velho — e, como ela, agora já também sem entusiasmo, dir-se-ia que o enfeitiçara; e agora mesmo, vendo-a recolher cedo com a ninhada, esse velho e trôpego apaixonado (mas belo, ainda assim, na sua justa decrepitude) não tardara a recolher-se também. Subtil, passara, sumira-se ao fundo na sombra densa; e erguendo um voo pesado, sentira-o aninhar-se onde passava as noites, numa trave a um canto do poleiro. Cansaço talvez da vida, talvez doença também, — quem lhe dizia a ela, entretanto, que ele se não recolhera por a ver recolher, por a ver

doente, por um impulso de compaixão, que era agora, talvez, como a agonia do seu velho amor?!

Pelo que respeitava às companheiras, as da sua geração eram já poucas; e essas, como ela própria, mais saudosas da mocidade, do que lembradas; e quanto às novas, muitas criara-as ela, — e, sobretudo, não era já dela que tinham ciúmes...

De resto, ela mesma era boa companheira; e tirante algum fogacho de génio por amor dos filhos, se tinha de os proteger ou se lhos ofendiam, até no comedouro era moderada e no bebedouro; — e muitos pintaínhos doutras ninhadas queriam-lhe como se fosse avó, e os frangos, uma vez por outra, ela própria, de manhã, ensinava-os a cacarejar.

Ah, mas esse bom tempo ia passado! Já chocara a ninhada com pouca saúde; e surpreendendo-se, às vezes, sem paciência para aturar os filhos, ignorava se seria por isso, se por a verem talvez doente, que eles mesmos, coitadinhos, pareciam às vezes também doentes!

...Entretanto, eles tinham-se aninhado todos, o melhor que lhes fora possível, debaixo da asa materna; — e embora muito enferma, ela era feliz, ainda assim, por ter tão quentes os pequeninos, — e agora, por certo, todos a dormir e talvez sonhando...

(De *Os Meus Amores*).

LITERATURA DO SÉCULO XX

De 1890 até à morte de Teixeira de Pascoais

CAPÍTULO I

OS SIMBOLISTAS

TEXTOS DE:

Eugénio de Castro
António de Oliveira Soares
António Nobre
Alberto Osório de Castro
Camilo Pessanha

EUGÉNIO DE CASTRO

(1869-1944)

1—Um Sonho

Na messe, que enlourece, estremece a quermesse...
O sol, o celestial girassol, esmorece...
E as cantilenas de serenos sons amenos
Fogem fluídas, fluindo à fina flor dos fenos...

As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crótalos,
Cítolas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

Flor! enquanto na messe estremece a quermesse
E o sol, o celestial girassol esmorece,
Deixemos estes sons tão serenos e amenos,
Fujamos, Flor! à flor destes floridos fenos...

Soam vesperais as Vêsperas...
Uns com brilhos de alabastros,
Outros loiros como nêsperas,
No céu pardo ardem os astros...

Como aqui se está bem! além freme a quermesse...
— Não sentes um gemer dolente que esmorece?
São os amantes delirantes que em amenos
Beijos se beijam, Flor! à flor dos frescos fenos...

As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crótalos,
Cítolas, citaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

Esmaiece na messe o rumor da quermesse...
— Não ouves este ai que esmaiece e esmorece?
É um noivo a quem fugiu a Flor de olhos amenos,
E chora a sua morta, absorto, à flor dos fenos...

Soam vesperais as Vêsperas...
Uns com brilhos de alabastros,
Outros loiros como nêsperas,
No céu pardo ardem os astros...

Penumbra de veludo. Esmorece a quermesse...
Sob o meu braço lasso o meu Lírio esmorece...

Beijo-lhe os boreais belos lábios amenos,
Beijo que freme e foge à flor dos flóreos fenos...

As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crótalos
Cítolas, cítaras, sistros
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

Teus lábios de cinábrio entreabre-os! Da quermesse
O rumor amolece, esmaiece, esmorece...
Dá-me que eu beije os teus morenos e amenos
Peitos! Rolemos, Flor! à flor dos flóreos fenos...

Soam vesperais as Vêsperas...
Uns com brilhos de alabastros,
Outros loiros como nêsperas,
No céu pardo ardem os astros...

Ah! não resistas mais a meus ais! Da quermesse
O atroador clangor, o rumor esmorece...
Rolemos, ó morena! em contactos amenos!
— Vibram três tiros à florida flor dos fenos...

As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crótalos,
Cítolas, cítaras, sistros,

Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

Três da manhã. Desperto incerto... E essa quermesse?
E a Flor que sonho? e o sonho? Ah! tudo isto esmorece!
No meu quarto uma luz com lumes amenos,
Chora o vento lá fora, à flor dos flóreos fenos...

(De *Oaristos*).

2 — Olhando as Nuvens

Ao comparar, Lucinda, o teu novo retrato
Com o outro que me deste há um mês, indo-te embora,
Em dúvidas cruéis me perco e me debato,
Pois ou um deles mente, ou tu és outra agora.

Não és a mesma, não! O teu sorriso tem
A mesma graça; a fronte e a boca voluptuosa,
O colo e as finas mãos são como eram... porém,
Tens a mais não sei quê, falta-te qualquer coisa.

O que é que te mudou, o pesar ou a doença?
Seriam da saudade as frechadas agudas?
Como foi que num mês fizeste assim diferença?
Como serás daqui a um ano, se assim mudas?

Ante os retratos, flor, meu peito mal suporta,
Cheio de confusão, a mágoa que o trucida:
Aquele que eu já tinha, é um retrato de morta,
E o que hoje recebi, duma desconhecida!

Enquanto assim padeço, ao céu os olhos ergo,
Ao céu, lagoa azul, onde as velas são asas...
Vejo as nuvens correndo... e nas nuvens enxergo,
Inflamado p'lo sol, um castelo de brasas.

O castelo rutila em faustuoso lampejo,
Qual torre de cristal onde dorme um tesouro;
De súbito, porém, sem saber como, vejo
O castelo mudado em lucífero touro.

Mas no dorso do touro uma Deusa se deita,
Sob o fardo divino eis que o touro galopa,
E assim, no céu aonde a lua ansiosa espreita,
Parece-me ver Zeus arrebatando Europa!

Deusa e touro depois transformam-se em navio,
Buscar o Velo de Ouro os Argonautas vão...
Desfaz-se a nau solene, e em nobre desvario
O amante de Medeia acutila o Dragão!

Mas já a noite desce... E a nuvem destroçada,
Que foi castelo a arder, touro, mulher divina,
Nau, herói e dragão... ei-la enfim desdourada,
Triste e sombria como um fumo de oficina...

Deste espírito enfermo os debates danados
Param; a nuvem alta aplacou-os, desfez-mos...
— Como a nuvem do céu, morremos aos bocados,
Como a nuvem do céu, nunca somos os mesmos...

Viver, agonizar... Cada instante é uma cova!
Um beijo é o falecer gostoso de um desejo...
E se te beijo a boca aromática e nova,
Não sou o mesmo já que te pedira um beijo!

Somos um para o outro, amor, qual fugidia
Sombra de ave, que passa em cristalina veia...
Ai de ti! Ai de mim! O olhar é uma agonia,
E a palavra é na boca o estertor duma ideia!

Quantas vezes cerrei os olhos, comovido,
A ouvir a tua voz de prata! e, ao despertar,
Parecia-me, meu bem, que me tinhas fugido,
E que outra se sentara ali, no teu lugar!

Nunca encontrei nos lábios teus o mesmo gosto,
Fonte onde vão beber à tarde os meus reveses...
Mil rostos tenho visto em teu magoado rosto,
E lábios mil beijei, se te beijei mil vezes!

Sou o mesmo para ti! Veloz, o tempo flui,
E ai quantos homens já em mim agonizaram!
Afinal o que sou? A campa do que fui!
Mil vezes te beijei? Mil homens te beijaram!

Ai de mim! ai de ti, pérola! Foi traçado
Que os nossos corações, mal noivem, logo enviuvem:
E ai! quanta, quanta vez temos enviuvado,
Ó nuvem para que sou também uma nuvem!

Ó morta, ó viúva, ó noiva! ó beleza celeste,
Beleza que só és na inconstância constante!
Afagando-te agora, o remorso me veste,
Pois julgo atraiçoar a que eras há um instante!

Não mudes mais, por Deus! És o monte de neve
Que se transforma quando o sol o descongela;
Teu mavioso olhar é um relâmpago breve,
E eu quisera mudado o relâmpago em estrela!

Pára! não mudes mais! Só tens de fixo o nome!
Lucinda, ao ver-te assim de hora em hora mudada,
De tal modo enlouqueço e a febre me consome,
Que te quisera ver aí petrificada!

Invejemos, Lucinda, as estátuas que a Arte
Ergueu, num repto audaz aos ventos do porvir!
Fora eu uma estátua, e pudesse beijar-te!
Foras tu uma estátua, e pudesses sorrir!

Se fôssemos de jaspe! Eu, Sátiro amoroso,
E tu, Ninfa gentil, nos meus braços tremendo!
Mas o que peço eu? Delírio doloroso!
Resignemo-nos, flor, continuemos morrendo...

Quando a Morte aclarar os supremos mistérios,
Das nossas almas vendo o lamentável fundo,
Encontraremos lá dois grandes cemitérios,
Mais vastos que o maior cemitério do mundo;

Cemitérios aonde, em grupos esfumados,
Pisando um trilho só de saudades florido,
Os mil fantasmas errarão, desconsolados,
Dos mil amantes que até lá teremos sido!

(De *A Sombra do Quadrante*).

ANTÓNIO DE OLIVEIRA SOARES

Sol entre nuvens

Sol entre nuvens. Céu brumal. Dia de chuva,
Em que tudo é sombrio e parece velar
A paisagem, um crepe imenso de viúva.

Há uma nostalgia, um nunca mais voltar
Do Sol em resplandor e um frio casto, interno
Oprime o Sonho erguido em um glorioso altar.

Ah! também o meu Céu, que foi d'azul eterno,
Perdeu o seu frescor de nupcial noivado,
E tem, depois do Outono, a tristeza do Inverno!

Continua a chover... O Céu embaciado
Perde todo o seu brilho, e agora me parece
Um manto de caixão, sinistro e carregado.

Meu Deus, tudo se vai! O Sonho que enloirece
As almas, é a flor, que se abre, noite alta,
Para murchar, cair, quando o dia amanhece.

Às vezes a neblina esvai-se e a chuva falta,
As nuvens, entreabrindo os pórticos cinzentos,
Deixam ver novo Céu, que d'oiro e azul se esmalta.

As nuvens vão fugindo aos ventos friorentos,
E o Céu agora é resplandecente e ao largo,
Povoado de Sol, de luzes, d'ornamentos...

E ridente ilusão depois deste letargo,
Surge no firmamento, hilariante de cores,
Depois do dia agreste e do Sonho amargo,

O Arco da Aliança, a Fonte dos Amores,
Roxo, vermelho, azul, anilado, amarelo,
Com arcos triunfais de palmas e de flores.

Festas e gala! Vai longe o Frio: o Desvelo
Reaparece já, alumiante e vai
Envolver tudo, tudo em um doirado velo.

O Céu, donde uma luz aureolante cai,
Como um diamante excepcional, vivo reluz...
A alma não se emove à tristeza dum ai.

E o Sonho boreal que a vida me seduz,
Como um viático ungindo a morte desta alma,
Sobe, como um falcão, ao Céu, em plena luz.

Mas, flor dum só momento, essa aparência calma
Pouco dura e a chuva, hiemal, volta já,
A enuviar do Céu a transparência calma...

Foge a alegria, a suavidade, não está
O Céu, florindo claro em claras flores d'íris,
Chegou a noite fria, a desventura má...

Ah! quando voltarão as luzes do arco-íris?

(Do *Exame de Consciência*).

ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO

Ouvindo sinos

Tocam os sinos, tocam os sinos,
ora dobrando, ora a rebate,
em brônzeos hinos
para o combate!
Tocam os sinos,
sons repicados
sons argentinos...
Lá vão meninos
amortalhados!
Que sons tão finos
de baptizados!
Riem os sinos, badalam sinos
para os noivados.
Lentos agora
tangem os sinos,
os tristes sinos
do Senhor-fora!
Ao fogo! ao fogo! sons purpurinos!
E a rebate
gritam todos, todos os sinos
para o combate...
Estão dobrando
angustiados,
e soluçando
pelos finados.

(De *A Cinza dos Mirtos*).

ANTÓNIO NOBRE

(1867-1900)

1 — Ó Virgens!

Ó virgens que passais, ao Sol poente,
Pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar...

Cantai-me, nessa voz omnipotente,
O Sol que tomba, aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar!

Cantai! Cantai as límpidas cantigas!
Das ruínas do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas

Que eu vi morrer num sonho, como um ai...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai!

(Do *Só*).

2 — Viagens na minha terra

Às vezes passo horas inteiras
Olhos fitos nestas braseiras,
Sonhando o tempo que lá vai;
E jornadeio em fantasia
Essas jornadas que eu fazia
Ao velho Douro, mais meu Pai.

Que pitoresca era a jornada!
Logo, ao subir da madrugada,
Prontos os dois para partir:
— Adeus! Adeus! é curta a ausência,
Adeus! — rodava a diligência.
Com campainhas a tinir!

E, dia e noite, aurora a aurora,
Por essa doida terra fora,
Cheia de Cor, de Luz, de Som,
Habituado à minha alcova
Em tudo eu via coisa nova,
Que bom era, meu Deus, que bom!

Moinhos ao vento! Eiras! Solares!
Antepassados! Rios! Luares!
Tudo isso eu guardo, aqui ficou:
Ó paisagem etérea e doce,
Depois do ventre que me trouxe,
A ti devo eu tudo que sou!

No arame oscilante do fio,
Amavam (era o mês do cio)
Lavandiscas e tentilhões...
Águas do rio vão passando
Muito mansinhas, mas, chegando
Ao mar, trnsformam-se em leões!

Ao Sol, fulgura o oiro dos milhos!
Os lavradores mai-los filhos
A terra estrumam, e depois
Os bois atrelam ao arado
E ouve-se além no descampado
N'um ímpeto, aos berros: — Eh! bois!

E, enquanto a velha mala-posta,
A custo vai subindo a encosta
Em mira ao lar dos meus avós,
Os aldeãos, de longe, alerta,
Olham pasmados, boca aberta...
A gente segue e deixa-os sós.

Que pena faz ver os que ficam!
Pobres, humildes, não implicam,
Tiram com respeito o chapéu:
Outros, passando a nosso lado,
Diziam: «Deus seja louvado!»
«Louvado seja!», dizia eu.

E, meiga, tombava a tardinha...
No chão, jogando a vermelhinha,
Outros vejo a discutir.
Carpiam, místicas as fontes...
Água fria de Trás-os-Montes
Que faz sede só de se ouvir!

E, na subida de *Novelas,*
O rubro e gordo Cabanelas
Dava-me as guias para a mão:
Isso... queriam os cavalos!
Que eu não podia chicoteá-los...
Era uma dor de coração.

Depois, cansados da viagem,
Repousávamos na estalagem
(Que era em *Casais,* mesmo ao dobrar...),
Vinha a Snr.ª Ana das Dores
«Que hão-de querer os meus Senhores,
Há pão e carne para assar...»

Oh! ingénuas mesas, honradas!
Toalhas brancas, marmeladas,
Vinho virgem no copo a rir...
O *cuco* da sala, cantando...
Mas o Cabanelas, entrando,
Vendo a hora: «É preciso partir».

Caía a noite. Eu ia fora,
Vendo uma estrela que lá mora,
No Firmamento português:
E ela traçava-me o meu fado:
«Serás Poeta e desgraçado!»
Assim se disse, assim se fez.

Meu pobre infante, em que cismavas,
Porque é que os olhos profundavas
No céu sem paz do teu País?
Ias, talvez, moço troveiro,
A cismar num amor primeiro:
Por primeiro, logo infeliz...

E o carro ia aos solavancos.
Os passageiros, todos brancos,
Ressonavam nos seus gabões:
E eu ia alerta, olhando a estrada
Que em certo sítio, na trovoada,
Costumavam sair ladrões.

Ladrões! Ó sonho! Ó maravilha!
Fazer parte duma quadrilha,
Rondar, à Lua, entre pinhais!
Ser Capitão! Trazer pistolas,
Mas não roubando — dando esmolas
Dependuradas dos punhais...

E a mala-posta ia indo, ia indo,
O luar, cada vez mais lindo,
Caía em lágrimas, — e, enfim,
Tão pontual, às onze e meia,
Entrava, soberba, na aldeia
Cheia de guizos, tlim, tlim, tlim!

Lá vejo ainda a nossa casa
Toda de lume, cor de brasa,
Altiva, entre árvores, tão só!
Lá se abrem os portões gradeados,
Lá vêm com velas os criados,
Lá vem, sorrindo, a minha avó.

E então, Jesus! Quantos abraços,
Qu'é dos teus olhos, dos teus braços,
Valha-me Deus! Como ele vem!
Toda admirada, de mãos juntas,
Toda me enchia de perguntas,
Como se eu viesse de Belém!

— E os teus estudos, tens-me andado?
Tomara eu ver-te formado!
Livre de Coimbra, minha flor!
Mas vens tão magro tão sumido...
Trazes tu no peito escondido,
E que eu não saiba algum amor?

No entanto entrava no meu quarto:
Tudo tão bom, tudo tão farto!
Que leite aquele! e a água, Jesus!
E os lençóis! rico cheiro a linho!
— Vá, dorme que vens cansadinho.
Não adormeças com a luz!

E eu deitava-me, mudo e triste.
(— Reza também o terço, ouviste?)
Versos bailando dentro em mim...
Não tinha tempo de ir na sala
De novo: — Apaga a luz! — Que rala!
Descansa, minha avó, que sim!

Ora, às ocultas, eu trazia
No seio, um livro e lia, lia,
Garrett da minha paixão...
D'ali a pouco a mesma reza:
— Não vás dormir de luz acesa,
Apaga a luz! (E eu ainda... Não!)

E continuava, lendo, lendo...
O dia vinha já rompendo,
De novo: — Já dormes, diz?
— Rff!... e dormia com a ideia
Naquela tia Dorotea,
De que fala Júlio Dinis.

Ó Portugal da minha infância,
Não sei que é, amo-te a distância,
Amo-te mais, quando estou só...
Qual de vós não teve na Vida
Uma jornada parecida,
Ou assim, como eu, uma avó?

(Do *Só*).

CAMILO PESSANHA

(1867-1926)

1 — Imagens que passais

Imagens que passais pela retina
Dos meus olhos, porque não vos fixais?
Que passais como a água cristalina
Por uma fonte para nunca mais!...

Ou para o lago escuro onde termina
Vosso curso, silente de juncais,
E o vago medo angustioso domina,
— Porque ides sem mim, não me levais?

Sem vós o que são os meus olhos abertos?
— O espelho inútil, meus olhos pagãos!
Aridez de sucessivos desertos...

Fica sequer, sombra das minhas mãos,
Flexão casual de meus dedos incertos,
— Estranha sombra em movimentos vãos.

(Da *Clepsidra*).

2 — Poema Final

Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas,
— Fulgurações azuis, vermelhas de hemoptise,
Represados clarões, cromáticas vesânias — ,
No limbo onde esperais a luz que vos baptize,

As pálpebras cerrai, ansiosas não veleis.

Abortos que pendeis as frontes cor de cidra,
Tão graves de cismar, nos bocais dos museus,
E escutando o correr da água na clepsidra,
Vagamente sorris, resignados e ateus,

Cessai de cogitar, o abismo não sondeis.

Gemebundo arrulhar dos sonhos não sonhados,
Que toda a noite errais, doces almas penando,
E as asas lacerais na aresta dos telhados,
E no vento expirais em um queixume brando,

Adormecei. Não suspireis. Não respireis.

(Da *Clepsidra*).

CAPÍTULO II

NEO-GARRETISMO

TEXTOS DE:

Alberto de Oliveira
António Sardinha
Afonso Lopes Vieira
Raúl Brandão.

ALBERTO DE OLIVEIRA

(1873-1940)

1 — Neo-Garretismo

Ele sonhou, com olhos de génio, uma literatura portuguesa nova, pujante, toda de regresso às tradições, com a melancolia, e o maravilhoso do povo, e logo procurou fornecer modelos para todos os géneros de arte: assim renovou o Teatro, organizou o Romanceiro, escreveu romances nacionais, exaltou a nossa Paisagem, enfim compôs esses divinos dois volumes das *Viagens na Minha Terra*. Garrett, mais que nenhum outro escritor português deste século, pela sua variedade de aptidões, pronta emoção e senso artístico, pela sua aguda e vasta inteligência crítica merece que inscrevamos o seu nome em nossos balsões de campanha, e de olhos fitos na sua obra, vamos seguindo os caminhos inexplorados que ele apenas indicou, sem ter tido tempo de os percorrer.

(Do *Neo-Garretismo no Teatro* — Cap. II das *Palavras Loucas*).

2 — Garrett e a liberdade na arte

Mas o Garrett, o Garrett! Sem ele ainda estaríamos no Castilho, ficaríamos, bisnetos de árcades, a fazer odes pelo método de Horácio. O Garrett que trouxe a liber-

dade às letras, como ajudou a trazê-la à Pátria. Quando saltou acolá no Mindelo, entre os 7.500, que é que ele trazia no bolso? A Carta Constitucional dos escritores, a que vocês desfrutam agora, ingratos sem nome!

(De *O Tio Garrett* — Cap. IV das *Palavras Loucas*).

3 — Portugal no Brasil

Levantemos as almas para o alto, ao menos nós, que alimentando-nos de sonho simulamos matar a fome! Ergamos a nossa pequena torre de marfim artística, todos quantos pensamos em arte, pintores, poetas, moralistas, sábios! Como havemos de esquecer-nos que somos portugueses, se a fatalidade ou felicidade da pátria é a causa da nossa pobreza como homens e como artistas, e se a única coisa que nos resta a salvar do naufrágio é a nossa Arte, perpetuada pela nossa língua, visto que lá está o Brasil infante para um dia a fazer célebre, e a pôr de novo triunfante e aclamada nos flancos dos seus galeões?

Amanhã, de aqui a dez ou a cinquenta anos, talvez já as serranias da Beira estejam povoadas de hotéis ingleses, e as viris e altivas florestas portuguesas, cheias hoje de árvores veneradas como velhos frades, se achem terraplanados e penteados bosques de chaminés de fábricas. Quem nos assegura que em meio século, as noites de luar não se poderão ver mais senão através da trama dos fios telegráficos que tornem internacional e prestável à Europa este bom *partido* geográfico que nós somos, noiva com nome ilustre destinada a cair nos braços sujos do primeiro negreiro milionário? Quem nos dá a certeza de que os nossos bisnetos, não terão já as veias mais ensanguentadas de sangue estrangeiro que palpitantes do nosso? Há algum pacto que nos segure por

um século ao menos, os olhos pretos das nossas mulheres, a virgindade das nossas árvores, e a inviolada cor azul do nosso céu meridional?

Entretanto o Brasil, do tamanho da Europa, quase todo por povoar e por cultivar, povo na infância, cheio de esperança e de futuro, impotente para nos salvar a casa, o corpo, será nomeado testamenteiro de nossa riqueza espiritual, e o herdeiro da nossa língua, dos nossos costumes, dos nossos poetas, será ele! Um dia que a Europa for uma velha entrevada, e a Raça Latina for um mausoléu perdido num campo-santo, o Brasil, trasbordando como uma colmeia de milhões de almas, espalhará a nossa linguagem no Mundo, ensinará aos seus contemporâneos na Terra a nossa história, e cada um dos nossos grandes homens, perdidos e inéditos hoje, só então receberá a bênção da Humanidade que lhes há-de tornar mais doce o sono do Infinito. Poderão os bárbaros do Norte extinguir a tua raça e a dinastia dos teus cabelos, violeteira morena de Coimbra, mas nenhum terramoto ou indústrias novas embaciarão o encanto dos versos de João de Deus, ou destruirão a armadura sombria dos sonetos de Antero. Tenho mais fé na imortalidade dos nossos poetas, que na de muitos poetas franceses deste século.

(Do Cap. XVI das *Palavras Loucas*).

ANTÓNIO SARDINHA

(1888-1925)

1 — Canção de Toledo

Mora a Saudade em Toledo,
— onde eu a fui encontrar!
Fez a viagem do Tejo,
custou-lhe pouco a chegar!

Toledo à boca da noite,
— canção de Sancho II...
Possa Toledo ir comigo,
quando eu me for deste mundo!

De tanto a ver nos meus olhos,
perdi o tento ao que digo!
Não sei se estou em Toledo,
se está Toledo comigo!

Desci ao rio à tardinha,
— Antes partir que ficar!
Disse-me o Tejo, apressado:
— «É se Toledo deixar!»

Essa palavra «saudade»,
se um português a inventou,
foi em Toledo, — jurava! —
que ele a chorar a soltou!

Sete-Partidas do Mundo,
ninguém as dá percorridas...
Pois sem sair de Toledo,
corri as Sete-Partidas!

Se a voz do Longe encarnasse,
tomava corpo em Toledo...
É cada pedra uma alma,
é cada alma um segredo!

Toledo, espelho da Morte,
nasceu de sangue real.
Filha das águas do Tejo,
tem um irmão: Portugal!

Se Portugal se partisse
em dois bocados no mundo,
era p'ra Mar o primeiro,
Toledo herdava o segundo!

Sou aprendiz de cigano,
falo uma fala estrangeira...
Por tua causa, ó Toledo,
não tenho já quem me queira!

Se Deus, depois de defunto,
me impõe eterno degredo,
busquem-me as cinzas na cova,
busquem-me a alma em Toledo!

Canção de Sancho II,
— Ó Dona Mécia traidora!
E sinto os olhos em água,
Como se eu próprio é que fora!

Saudade, coita de Sancho,
dentro do peito a moer...
Tu és, Toledo, um moinho,
moendo sem nos doer!

Alma penada penando,
não vejo às penas o fundo!
Toledo, meu purgatório,
eu já não sou deste mundo!

Se tu não foras, Toledo,
meu mal seria pior,
ó Portugal pequenino,
bocado de outro maior!

Andam cadetes na rua,
— canção de Iria à janela...
Meninas, lindas meninas,
nunca fiando — cautela!

Coita de Sancho, caluda,
— horas de ir descansar!
Longe, bem longe, Senhora,
no que estarás a pensar?!

«A vida acaba na morte,
não pode a alma morrer!»
Cantou-o alguém em Lisboa,
só p'ra Toledo o aprender!

Mora a saudade em Toledo,
— onde eu a fui encontrar?!
Fez a viagem do Tejo,
— custou-lhe pouco a chegar!

(De *Na Corte da Saudade*).

2 — Aleluia

Páscoa do exílio — coração desfeito...
E os sinos tocam p'la tardinha mansa!
Os sinos tocam dentro do meu peito
a melodia duma velha esperança!

Sobre o poente me aconchego e deito,
a ver se o coração assim descansa...
Quem te embalasse, coração, com jeito,
Como se embala o berço a uma criança!

E os sinos tocam...
Que aleluia de oiro
não vai pelo céu, afogueado e loiro,
Como se fosse uma romã ardente!

Páscoa de exílio, — coração desfeito...
Só dentro em mim, nas sombras do meu peito,
um sino dobra amarguradamente!

(Idem).

3 — Triste Fado

Nunca me deixa a tua sombra errante,
enchendo, lastimosa, a noite funda!
Alma penada, que ninguém se espante
dos tristes ais de que ela nos inunda.

Oiço-te o eco longo, arrepiante,
— quase te vejo a boca moribunda...
Nem nas tremendas criações do Dante
essa agonia se repete e abunda!

E penso em teu reinado que não finda!
Lembra-me alguém que está para vir ainda,
— teu sucessor em tão pesada herança!

Rei da Saudade, ó meu fantasma incerto,
quando é que tu, pelo braço do Encoberto,
Irás sentar-te nos jardins da Esperança?

(Idem).

4 — Aljubarrota

E Aljubarrota, ao desenlaçar-se a crise do Estado-Lusitano, já consolidado e agora aberto para os horizontes largos da sua expansão, foi a garantia segura e indispensável para que os Descobrimentos se realizassem e Portugal, nação do litoral, se metesse à empresa vasta das Descobertas.

Nas Descobertas se concentra, não só a base da nossa vitalidade nacional, mas a característica imorredoira do nosso génio de povo. De dois acontecimentos deriva a civilização moderna em todo o seu alto significado construtivo: — do Cristianismo e das Descobertas. Os Descobrimentos deslocaram o eixo da cultura humana dum mar interior, — o Mediterrâneo —, para a bacia imensa do Atlântico. Esse esforço sem igual, que fez filhas de Portugal as idades vindoiras do Mundo, não seria possível sem Aljubarrota.

E porquê? Porque, unido Portugal com Castela, ou Castela seguia o pendor da vertente atlântica a abalava connosco ao domínio do Mar, deixando pelas espaldas o Aragão, a política do Mediterrâneo e com ela o pesadelo do Turco e do Luteranismo, ameaçando subverter dentro de século e meio a ordem cristã na Enropa, — e a epo-

peia ultramarina da Península resultaria incompleta, deficiente e mesmo estéril; ou então cedendo ao impulso da vertente mediterrânea, o atalaiado reino da meseta volver-se-ia ùnicamente para os problemas internos do Continente, incapacitando Portugal, anexado e amordaçado, de chegar até onde chegou na dilatação da Fé e do Império.

(De *Ao Princípio Era o Verbo*).

AFONSO LOPES VIEIRA

(1878-1946)

1 — Saudades Trágico-Marítimas

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

Na praia, de bruços,
Fico sonhando, fico-me escutando
O que em mim sonha e lembra e chora *alguém:*
E oiço nesta alma minha
Um longínquo rumor de ladainha,
E soluços,
De além...

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

São meus Avós rezando,
Que andaram navegando e que se foram,
Olhando todos os céus;
São eles que em mim choram
Seu fundo e longo adeus,
E rezam na ânsia crua dos naufrágios;

Choram de longe em mim, e eu oiço-os bem,
Choram ao longe em mim sinas, presságios,
De além, de além...

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

Naufraguei cem vezes já...
Uma, foi na nau *S. Bento*
E vi morrer, no trágico tormento,
Dona Leonor de Sá:
Vi-a nua, na praia áspera e feia,
Com os olhos implorando
— Olhos de esposa e mãe —
E vi-a, seus cabelos desatando,
Cavar a sua cova e enterrar-se na areia.
— E sòzinho me fui p'la praia além...

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

Escuto em mim, — oiço a grita
Da rude gente aflita:
— Senhor Deus, misericórdia!
— Virgem Mãe, misericórdia!
Doidos de fome e de terror varados,
Gritamos nossos pecados,
E sai de cada boca rouca e louca
A confissão!
— Senhor Deus, misericórdia!
— Misericórdia, Virgem Mãe!
E o vento geme
No bulcão
Sem astros;
Anoitecemos sem leme,
Amanhecemos sem mastros!
E o mar e o céu, sem fim, além...

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar,
Ah! Deus por certo conhece
Minha voz que se ergue, branca e sòzinha,
— Flor de angústia a subir aos céus varados
P'la dor da ladainha!
Transido, o clamor da prece

Do mesmo sangue nos veio.
Deus conhece os meus olhos alongados
Onde o mar e o céu deixaram
Um pouco de vago anseio
Nesse mistério longo do seu halo...
Rezam em mim os *outros* que rezaram,
E choraram também;
Há um pranto português, e eu sei chorá-lo
Com lágrimas de além...

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.

Ó meu amor, repara
Nos meus olhos, na sua mágoa clara!
Ainda é de além
O meu olhar de amor
E o meu beijo também.
Se sou triste, é de outrora a minha pena,
De longe a minha dor
E a minha ansiedade.
Vê como te amo, vês?
Meu sangue é português,
Minha pele é morena,
Minha graça a Saudade,
Meus olhos longos de escutar sem fim
O além, em mim...

Chora no ritmo do meu sangue, o mar...

(Das *Ilhas de Bruma*).

2 — Pinhal do Rei

Catedral verde e sussurrante, aonde
A luz se ameiga e se esconde
E aonde, ecoando a cantar,
Se alonga e se prolonga a longa voz do mar:

Ditoso o «Lavrador» que a seu contento
Por suas mãos semeou este jardim;
Ditoso o Poeta que lançou ao vento
Esta canção sem fim...

Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
¿Que vedes no mar?
Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
Rei Dom Dinis, bom poeta e mau marido,
Lá vêm as velidas bailar e cantar.

Encantado jardim da minha infância,
Aonde a minh'alma aprendeu
A música do Longe e o ritmo da distância,
Que a tua voz marítima lhe deu;
Místico órgão cujo além se esfuma
No além do Oceano, e onde a maresia
Ameiga e dissolve em bruma,
E em penumbras de nave, a luz do dia.
Por estes fundos claustros gemem
Os ais do Velho do Restelo...
Mas tu debruças-te no mar e, ao vê-ló,
Teus velhos troncos de saudosos fremem...

Ai flores, ai flores do Pinhal louvado,
¿Que vedes no mar?

Ai flores, ai flores do Pinhal louvado,
São as caravelas, teu corpo cortado,
É lo verde pino no mar a boiar.

Pinhal de heróicas árvores tão belas,
Foi do teu corpo e da tua alma também
Que nasceram as nossas caravelas
Ansiosas de todo o Além;
Foste tu que lhes deste a tua carne em flor
E sobre os mares andaste navegando,
Rodeando a terra e olhando os novos astros,
Ó gótico Pinhal navegador,
Em naus erguida levando
Tua alma em flor na ponta alta dos mastros!...

Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
¿ Que vedes no mar?
Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
¡ Que grande saudade, que longo gemido
Ondeia os ramos, suspira no ar!

Na sussurrante e verde catedral
Oiço rezar a alma de Portugal:
Ela aí vem, dorida, e nos seus olhos
Sonâmbulos de surda ansiedade,
No roxo da tardinha,
Abre a flor da Saudade;
Ela aí vem, sòzinha,
Dorida do naufrágio e dos escolhos,
Viúva dos seus bens
A pálida de amor,
Arribada de todos os aléns
De este mundo de dor;
Ela aí vem, sòzinha,

E reza a ladainha
Na sussurante catedral aonde
Toda se espalha e esconde,
E aonde, ecoando a cantar,
Se alonga, e se prolonga a longa voz do mar...

(Das *Ilhas de Bruma*).

3 — A obra de Gil Vicente

Na realidade a obra de Gil Vicente, olhada no seu todo, é comparável a uma catedral. Anima-a o grande espírito colectivo e na sua fábrica enfeixam-se os sentimentos da poesia e as concepções da razão, os santos e os diabos, as cruezas e os êxtases, os heróis e as caricaturas, os apóstolos e as gárgulas, emolduradas em silvas simbólicas, entre decorações de vertiginosa fantasia, e tudo ressumando o mais intenso nacionalismo. Era também um crente fervoroso, mas cristão ao modo ousado dos primeiros franciscanos, os quais, porque sentiam Deus muito perto, desconfiavam da pureza dos intermediários e directamente o adoravam. Creio que ninguém hoje suspeita Gil Vicente de mau católico. É ele até, repito, o maior poeta mística da nossa linguagem, o trovador de Nossa Senhora. Mas, ao mesmo tempo, e em razão das suas mesmas crenças, crivou sempre de sátiras cruéis o clero corrompido, os frades gozadores, e acusou Roma de comprar ao próprio Demónio sujas mercancias. Esta sua liberdade de crítica às questões e entidades religiosas é realmente extraordinária e revela em D. João III uma capacidade intelectual superior à que teriam hoje muitas autoridades civis e eclesiásticas. No *Auto da Feira*, representado a este rei e no extra-

viado *Jubileu de Amor,* que ele também ouviu e que em Bruxelas, quando representado em casa do embaixador português Mascarenhas, tão gravemente escandalizou o Legado do Papa, Gil Vicente deita à cara da Cúria Romana os escândalos dos seus negócios e fá-lo com pujança inigualável, pois que Lutero injuria o Papa como rebelde e Gil Vicente mantém-se fiel à igreja ao pô-lo a par e par com o Demónio.

(Da Nova Demanda do Graal).

4 — A herança de Garrett

Garrett é sem dúvida o Avô que nós reconhecemos como quem com mais ternura nos ergueu a alma tão combalida de Portugal. Esse encantador Garrett, que é maior ainda pelo que adivinhou e insuflou do que pelo que escreveu, viu erguer-se na sua mansarda de emigrado, em Londres, a sombra da velha ama Brísida, que lhe contara os velhos contos de Portugal e as baladas do Romanceiro. Desde esse momento em que os olhos de Garrett se lhe encheram de lágrimas de saudade da Pátria distante além do mar, começa para o Portugal moderno uma consciência e um querer novos. A geração dos ultra-românticos, ainda que com poetas tão belos como Soares de Passos — oh! o tempo em que se riu do *Noivado do Sepulcro,* como se essa balada não fosse bela, sobretudo ao pé da chamada poesia *revolucionária* ou *social,!* — não recebeu condignamente a herança de Garrett, porque se serviu duma linguagem sem vida nervosa, mole ou espessa e desmúsica. Depois veio uma geração de homens de talento superior, artistas da linguagem, esses adestrados na bela cultura, e aos quais, mesmo através das negações que a sua época

lhes sugeriu, devemos comovida gratidão: — Eça de Queirós, confundindo às vezes através do seu monóculo, a Pátria e o conselheiro Acácio, mas acabando por fazer uma descoberta imprevista no fim da sua fina e discreta vida — a descoberta de Portugal; Oliveira Martins, negando a origem lógica da Nação, mas escrevendo belos livros de história; João de Deus, o poeta que exprimiu com mais íntima paixão a sensualidade espiritualizada pelo amor; e esse grande espírito de Antero de Quental, cuja sombra profética passa nestes dias por sobre a nossa angústia, que estende para a memória do herói moral as mãos implorativas, afogados como somos na negação do heroísmo? A geração contemporânea, afilhada de Garrett, deve a estes homens, como ao convulso nacionalismo de Camilo, uma gratidão ardente.

(Do *Diário de Notícias* de 28-4-920).

RAÚL BRANDÃO

(1867-1930)

A Morte do Arrais

Foz do Douro — Dezembro — 1893

Chegam os dias de inverno, e aquela voz colérica, que ouço desde pequeno, engrossa e mete medo. É um rebramir que acaba na mesma nota profunda — u-u-u, que entra pela terra e pelas almas dentro. Andam enro-

dilhados no ar farrapos de nuvens e espuma, que o vento cospe para o alto. Céu desordenado e negro como as águas. Os barcos da Foz, da Afurada e da Póvoa vêm arribados e procuram recolher-se a toda a pressa. Dominando a ventania, o bramido do mar ecoa cada vez mais alto: é outra voz imensa e trágica, clamorosa e trágica... A barra cerrou-se de todo em novelos sobre novelos de espuma esverdeada. Lá fora, para além da arrebentação, vinte, trinta barcos esperam uma acalmia para entrar. Grandes nuvens desgrenhadas pela lufada dispersam-se nos ares. A voz da tempestade e no céu a lividez da morte... Escurece mais: no horizonte fundo remexem cóleras indistintas, e quando a vaga se levanta, vêm-se os do mexoalho nos saveiros — quatro tábuas — algumas lanchas da Póvoa e as catraias da Foz esperando o momento decisivo. Durante alguns segundos aquela cólera aplaca-se: fica então um corredor estreito onde o mar não quebra, que é preciso atravessar a toda a pressa, à força de remo, num curto espaço de tempo, entre a vida e a morte. Tenho-os visto hesitar e desaparecer e enovelados a cem passos de distância. O piloto-mor está no cais e o salva-vidas a postos. Pelas estradas acorre o mulherio, com a saia pela cabeça, a correr, gemendo e chorando, cheias de angústia e de lágrimas. Algumas são muitas velhas e trotam desengonçadas com gritos de desespero:

— Ai o meu rico filho, que o não torno a ver!...

E a voz sobe, a voz redobra e aumenta, vagalhão sobre vagalhão que se despedaça nas pedras, domina o vento e os gritos, e varre em catadupas cerradas o farolim, o cabedelo e o cais, coorte atrás de coorte monstruosa, alagando tudo de espuma, numa fúria que chega às nuvens.

— Ai Jesus! ai Jesus!

Mais gritos, mais mulheres de todos estes sítios, com a boca torcida pela dor, salpicadas de espuma e amolgadas como trapos, com os pequenos agarrados às saias.

— Diz-me o coração que o não torno a ver.

— Não desespere, tiazinha. Talvez arribem a Leixões...

Vida de sobressalto, o coração retalhado, correndo sempre a costa, primeiro pelos homens, mais tarde pelos filhos e depois, pobres destroços sem serventia, pelos netos, mal podendo já com a carcassa, e vendo-os desaparecer um a um naquele mar profundo.

O piloto-mor mandou içar o camaroeiro, e, com a bandeira na mão, vai dar o sinal aos pobres seres, só angústia, perdidos na bruma, na cólera, na luz esfarrapada e lúgubre. O salva-vidas está a postos — mas quem se atreve?... Duns aos outros não medeiam talvez quinhentos metros — a morte. O cais está cheio de gente, todo o cais grita de dor. Estão aqui as mulheres, as mães, as velhas com a garganta sufocada, e que perguntam numa ânsia:

— Viram-nos? viram-nos?

— A lancha onde anda o seu homem não está na barra.

— Oh Jesus!

— Talvez não tivesse chegado ainda, talvez esteja já em Leixões.

E um velho pescador explica:

— Está aí a campanha do Jacintro. Vem lá ao fundo outra com a vela rasgada. Esperem... esperem.

— E os da ti Ana?

— Por ora não se sabe deles.

— O meu rico home! o meu rico home!

Reparo num grupo petrificado. Fixo uma mulher alta, ossuda, com cara de cavalo, toda vestida de escuro,

que geme baixinho a meu lado. A roupa encharcada pega-se-lhe ao corpo, as mãos magras e tisnadas, de unhas ruídas pelo trabalho, fincam-se-lhe no peito para conter os soluços que lho estalam. Geme sempre, e os olhos tem-nos presos ao longe no negro torvelinho de mar e céu que se confundem. É das poucas que não gritam, é das poucas, talvez, que compreendem... Mas não cessa de gemer, — não pode abafar de todo aquele rangido que lhe vem de dentro, e que é talvez o próprio coração esmigalhado pela desgraça... Mais adiante estão aquelas mulheres atarracadas e grosseiras da Póvoa, de saias pela cabeça e que exteriorizam a dor com espalhafato. Três homens, de sueste na cabeça e fisionomia grave, perscrutam e procuram adivinhar a momento em que o mar acalma, farto de violências. Na barra, para cá do cabedelo, o salva-vidas dança. Mais gritos. Um bando de mulheres chega à última hora, vindas de mais longe, com as mesmas lágrimas e os mesmos olhos de pasmo. Detenho-me em frente de outro grupo, com os pequenos agarrados às saias... Só aquela, acolá, é que não chora — como quem sabe que as lágrimas são inúteis, ou porque não tem mais lágrimas para deitar. Continua a gemer baixinho, na última trituração da dor.

— Senhor dos Navegantes, acudi-lhes!

Meu rico Senhor!...

Mas o mar e o céu exigem tragédia.

Alguns homens arriscaram-se para ir para o farolim e espreitam para longe. Longe é uma barafunda turva, um esvurmar de cóleras, um redemoinho onde só se distinguem alguns mastros oscilando, e quando a vaga cresce, os barcos sacudidos no alto da vaga. Rolos formidáveis desabam sobre o penedo do Cão e galgam o cais cobrindo-o de água a referver. Depois as ondas

recuam verde escuro, em placas movediças que deslizam sobre tons lívidos, babugens e riscos amarelados de areia que veio à tona.

Acolá ao fundo uma claridade turva, uma nódoa imóvel, talvez o sítio do sol; em baixo um movimento confuso de águas com pedaços de nuvens arrancadas ao céu fúnebre. Por fim, um largo espaço onde uma luz difusa incide e onde se passa uma tragédia maior. Não é a tempestade, é a ameaça; não é a desordem, é o pavor suspenso. Na barra as ondas avançam cada vez mais altas e mais cerradas, primeiro com uma crista lívida de espuma e depois a desabar em catadupas de água, em esguichos de água, em massas que se embatem revolvendo-se, enquanto outras se preparam lá para o largo. Varrem a costa, despedaçam-se nas pedras. Carreiros é um torvelinho esbranquiçado; no cabedelo, em Lavadores, até onde a vista alcança, o mesmo desabar infinito — toda a costa alastrada de espumas. E a voz imensa deste marulhar de água agitada sobe cada vez mais alto e enche todo o espaço de um clamor que mete medo — u-u-u...

É agora! é agora! O piloto-mor dá o sinal com a bandeira. Do seu olhar, do seu saber, da sua experiência, depende a vida daqueles homens. É agora! Os barcos, levantados no alto da onda ou arrastados para os abismos cavados entre vaga e vaga, avistaram-no lá de longe. Alguns mais atrevidos remam. No cais toda a gente sufocou numa rodilha de dor assombrada. As mulheres caem de joelhos.

— Pedi por eles, Senhor Jesus Cristo!

— O meu home! O meu rico home!

E as da Póvoa arrastam os joelhos nas pedras gritando:

— Ó Coração de Maria, pedi ao Senhor por eles!

Chagas abiertas, coração ferido, sangue derramado de Nosso Senhor Jesus Cristo, ponde-vos entre eles e o perigo!

Uma bate punhadas no peito, outra rasga a cara com as unhas:

— Perdão para o meu filho nessas águas marditas!

Aquela horrível suspensão dura dois minutos, três minutos. Alguns barcos passam; outros hesitam retardados e apanha-os a vaga, que os sacode e despedaça entre cóleras e espumas. No cais um grito — um grito inútil. Má raios partam o mar!

Lá vem agora a nossa catraia. Conheço-a e quase distingo um a um os homens curvados sobre os remos. São dezasseis vidas, contando com o moço, são dezasseis corações diante da morte, a dois passos das mulheres que lhes estendem os braços. À volta as ondas redemoinham. Sufocados, curvam-se e endireitam-se, mãos nos remos, pés nos bancos, num último esforço desesperado, fazendo parte do barco, corpo e tábua tudo ligado e unido numa só peça. Alguns remos partem. De pé, à popa, meio nú, agarrado ao leme, o arrais injuria-os para lhes dar ânimo:

— Ah malandros! ah ladrões!...

..., remem! remem! Força agora!...

E a mão convulsa não larga o leme.

Logo atrás do barco a vaga é monstruosa a desabar sobre eles — sempre maior! sempre mais perto!...

— Remem! remem! — berram de terra.

E os gritos no cais confundem-se num grito, e o rebramido ecoa nas almas. Um segundo, dois segundos, e estão salvos... Mas a onda quebra. Desaba em catadupas e outra enrodilha-os logo. O clamor das mulheres confunde-se com o eco da tempestade e é disperso pela lufada. O salva-vidas apanha um, outro acolá agarrado

a um remo... O moço! o moço!... O vento cresce, do mar mais escuro avança o negro torvelinho...

— Já não entra mais nenhum. Vão arribar a Leixões.

E as mulheres lá còrrem outra vez pela estrada fora, as saias pela cabeça, encharcadas de água, com o mesmo anh! anh!... de aflição, gemendo, chorando, implorando. Algumas velhas tem o olhar fixo do espanto e as mãos enclavinhadas sobre o coração que já não pode mais.

E rangem anh... anh... Trôpegas, descalças, sob o aguaceiro que desaba, tão amolgadas pela vida que parecem farrapos molhados de lágrimas e cuspidos de espuma. E lá seguem... — Talvez entrem em Leixões — ... E lá seguem tendo caminhado léguas, rezando, suplicando, chorando, ou pior, emudecidas pela dor, a tábua do peito apertada, a boca entreaberta e os olhos fixos no mar... — Ai Jesus! ai Jesus!...

O arrais é encontrado ao outro dia morto no cabedelo. O mar partiu o barco pela quilha, enterrando na areia a carcaça intacta da ré, e torceu-lhe o braço como quem torce uma corda. Mas nem o mar nem a morte conseguiram arrancar-lhe o leme das mãos crispadas.

(De *Os Pescadores*).

CAPÍTULO III

POETAS E POESIA NOVA

TEXTOS DE:

António Feijó
Augusto Gil
Florbela Espanca
Mário de Sá Carneiro
Fernando Pessoa.

ANTÓNIO FEIJÓ

(1860-1917)

1 — Felina

Galgam os gatos, guturais, gritando,
Nas gotejantes, glácidas goteiras,
As julietas maltesas namorando,
Em mios sensuais pelas trapeiras.

Chora, chapinha, chuviscando a chuva!
No deserto beiral do meu telhado,
Uma cinzenta graziela viúva
Contempla o seu «miau» envenenado...

Há lamentosos, lutulentos lances,
Por sobre a telha de Marselha, oblonga...
Sonhos, idílios, infernais romances,
Cavaleiros de Malta e barba longa!

Dum, conheço uma história muito triste,
Dum que lembrava o D. João doutrora,
Sempre com o bigode e a cauda em riste...
Mas era longo referi-la agora.

Pelos sítios escusos dos telhados
Há gatas sem pudor fazendo vistas,
Traições, banzés, focinhos arranhados,
Baralhas de saloios e fadistas.

Ouvindo-se, entre insónias horrorosas,
Paroquiais, pesados pesadelos,
Guloso, gloso gloriosas glosas,
E faço caracóis com os cabelos!...

2 — Hino à Dor

Aos Condes de Sabugosa

Sorri com mais doçura a boca de quem sofre,
Embora amargue o fel que os seus lábios beberam;
É mais ardente o olhar onde, como um aljofre,
A Dor se condensou e as lágrimas correram.

Soa como se um beijo ou uma carícia fosse,
A voz que a soluçar na Desgraça aprendeu;
E não há para nós consolação mais doce
Que o regaço de quem muito amou e sofreu.

Voz, que jamais vibrou num soluço de mágoa,
Ao nosso coração nunca pode chegar...
Mas o pranto, ao cair duns olhos rasos de água,
Torna mais penetrante e mais profundo o olhar.

Lábio, que só bebeu na fonte da Alegria,
É frio, como o olhar de quem nunca chorou;
A Bondade é uma flor que se alimenta e cria
Dos resíduos que a Dor no coração deixou.

Em tudo quanto existe o Sofrimento imprime
Uma augusta expressão... mesmo a Suprema Graça,
Dando aos versos do Poeta esse esmalte sublime
Que torna imorredoira a Inspiração que passa.

É por isso que a Dor, sem trégua nem guarida,
Dor sem resignação, Dor de estóico ou de santo,
Só de a vermos passar no tumulto da Vida
Deixa os olhos da gente enublados de pranto.

AUGUSTO GIL

(1873-1929)

1 — Oração

Outono. Morre o dia.
Cai sobre as coisas plácidas e calmas
Um véu de sombra e de melancolia
Que dulcifica e embrandece as almas.

Todo o meu ser se invade
De enervantes e místicas doçuras,
De mansidão, de paz, de suavidade,
De sentimentos bons, de ideias puras.

No coração perpassa
Uma piedade e compaixão serena
Por todos os validos da Desgraça,
Por tudo quanto sofre e quanto pena:

Pelos pequenos entes
Sem abrigo, sem lar e sem carinho,
Que são como avezinhas inocentes
Postas por mão cruel fora do ninho;

Pelos encarcerados
Que lançam, dentre as grades da cadeia,
Ao ar, à luz, aos montes afastados
A vista aflita e de amarguras cheia;

Pelos que vão pedindo
De porta em porta o pão de cada dia,
Tristes, que sempre a morte olham sorrindo,
Porque ela ùnicamente os alivia.

Pelos que andam distantes
Entre cruezas, fomes e perigos,
Sentindo a nostalgia lancinante,
Da pátria, da família, dos amigos;

E numa emoção crente,
Numa fé viva, forte e benfazeja,
A Deus suplico fervorosamente
Que os guie, que os socorra, que os proteja.

(Da *Musa Cérula*).

2 — O Passeio de Santo António

Saíra Santo António do convento,
A dar o seu passeio costumado
E a decorar, num tom rezado e lento,
Um cândido sermão sobre o pecado.

Andando, andando sempre, repetia
O divino sermão piedoso e brando,
E nem notou que a tarde esmorecia,
Que vinha a noite plácida baixando...

E andando, andando, viu-se num outeiro,
Com árvores e casas espalhadas,
Que ficava distante do mosteiro
Uma légua das fartas, das puxadas.

Surpreendido por se ver tão longe,
E fraco por haver andado tanto,
Sentou-se a descansar o bom do monge,
Com a resignação de quem é santo...

O luar, o luar claríssimo, nasceu...
Num raio dessa linda claridade,
O Menino Jesus baixou do céu,
Pôs-se a brincar com o capuz do frade.

Perto, uma bica de água murmurante
Juntava o seu murmúrio ao dos pinhais.
Os rouxinóis ouviam-se distante,
O luar, mais alto, iluminava mais.

De braço dado, para a fonte, vinha
Um par de noivos todo satisfeito.
Ela trazia ao ombro a cantarinha,
Ele trazia... o coração no peito.

Sem suspeitarem de que alguém os visse,
Trocaram beijos ao luar tranquilo.
O menino, porém, ouviu e disse:
— Oh Frei António... ¿o que foi aquilo?...

O santo, erguendo a manta de burel
Para tapar o noivo e a namorada,
Mentiu numa voz doce como o mel:
— Não sei que fosse. Eu cá não ouvi nada...

Uma risada límpida, sonora,
Vibrou em notas de oiro no caminho.
— ¿ Ouviste, Frei António? Ouviste agora?
— Ouvi, Senhor, ouvi. É um passarinho...

— Tu não estás com a cabeça boa...
Um passarinho a cantar assim!...
E o pobre Santo António de Lisboa
Calou-se embaraçado; mas, por fim,

Corado como as vestes dos cardeais,
Achou esta saída redentora:
— Se o Menino Jesus pergunta mais,
... Queixo-me à sua mãe, Nossa Senhora!

Voltando-lhe a carinha contra a luz
E contra aquele amor sem casamento,
Pegou-lhe ao colo e acrescentou: Jesus,
São horas...
— E abalaram p'ró convento.

(Do *Luar de Janeiro*).

FLORBELA ESPANCA

(1894-1930)

1 — Sem Remédio

Aqueles que me têm muito amor
Não sabem o que sinto e o que sou...
Não sabem que passou, um dia a Dor,
À minha porta e, nesse dia, entrou.

E é desde então que eu sinto este pavor,
Este frio que anda em mim, e que gelou
O que de bom me deu Nosso Senhor!
Se eu não sei por onde ando e onde vou!!

Sinto os passos da Dor, essa cadência
Que é já tortura infinda, que é demência!
Que é já vontade doida de gritar!

E é sempre a mesma mágoa, o mesmo tédio,
A mesma angústia funda, sem remédio,
Andando atrás de mim, sem me largar...

(Do *Livro de Mágoas*)

2 — Hora que Passa

Vejo-me triste abandonada e só
Bem como um cão sem dono e que o procura,
Mais pobre e desprezada do que Job
A caminhar na via da amargura!

Judeu Errante que a ninguém faz dó!
Minh'alma triste, dolorida e escura,
Minh'alma sem amor é cinza e pó,
Vaga roubada ao Mar da Desventura.

Que tragédia tão funda no meu peito!...
Quanta ilusão morrendo que esvoaça!
Quanto sonho a nascer e já desfeito!

Deus! Como é triste a hora quando morre...
O instante que foge, voa, e passa...
Fiozinho d'água triste... a vida corre...

(Do *Livro Soror Saudade*).

3 — Rústica

Ser a moça mais linda do povoado,
Pisar, sempre contente, o mesmo trilho,
Ver descer sobre o ninho aconchegado
A bênção do Senhor em cada filho.

Um vestido de chita bem lavado,
Cheirando a alfazema e a tomilho...
Com o luar matar a sede ao gado,
Dar às pombas o sol num grão de milho ..

Ser pura como a água da cisterna,
Ter confiança numa vida eterna
Quando descer à «terra da verdade»...

Meu Deus, dai-me esta calma, esta pobreza!
Dou por elas meu trono de Princesa,
E todos os meus Reinos de Ansiedade.

(Da *Charneca em Flor*).

4 — Quem Sabe?...

Queria tanto saber porque sou Eu!
Quem me enjeitou neste caminho escuro?
Queria tanto saber porque seguro
Nas minhas mãos o bem que não é meu!

Quem me dirá se, lá no alto, o céu
Também é para o mau, para o perjuro?
Para onde vai a alma que morreu?
Queria encontrar Deus! Tanto o procuro!

A estrada de Damasco, o meu caminho,
O meu bordão de estrelas de ceguinho,
Água da fonte de que estou sedenta!

Quem sabe se este anseio de Eternidade,
A tropeçar na sombra, é a verdade,
É já a mão de Deus que me acalenta?

(Idem).

MODERNISTAS

MÁRIO DE SÁ CARNEIRO

(1890-1916)

1 — Cinco Horas

Minha mesa no Café,
Quero-lhe tanto... A garrida
Toda de pedra brunida
Que linda e que fresca é!

Um sifão verde no meio
E, ao seu lado, a fosforeira
Diante ao meu copo cheio
Duma bebida ligeira.

(Eu bani sempre os licores
Que acho pouco ornamentais:
Os xaropes têm cores
Mais vivas e mais brutais).

Sobre ela posso escrever
Os meus versos prateados,
Com estranheza dos criados
Que me olham sem perceber...

Sobre ela descanso os braços
Numa atitude alheada,
Buscando pelo ar os traços
Da minha vida passada.

Ou acendendo cigarros,
— Pois há um ano que fumo —
Imaginário presumo
Os meus enredos bizarros.

(E se acaso em minha frente
Uma linda mulher brilha,
O fumo da cigarrilha
Vai beijá-la, claramente...)

Um novo freguês que entra
É novo actor no tablado,
Que o meu olhar fatigado
Nele outro enredo concentra.

E o carmim daquela boca
Que ao fundo descubro, triste,
Na minha ideia persiste
E nunca mais se desloca.

Cinge tais futilidades
A minha recordação,
E destes vislumbres são
As minhas maiores saudades...

(Que história de Oiro tão bela
Na minha vida abortou:
Eu fui herói de novela
Que autor nenhum empregou...)

Nos cafés espero a vida
Que nunca vem ter comigo:
— Não me faz nenhum castigo,
Que o tempo passa em corrida.

Passar tempo é o meu fito,
Ideal que só me resta:
P'ra mim não há melhor festa,
Nem mais nada acho bonito.

— Cafés da minha preguiça,
Sois hoje — que galardão! —
Todo o meu campo de acção
E toda a minha cobiça.

(De *Indícios de Oiro*).

2 — Caranguejola

Ah, que me metam entre cobertores,
E não me façam mais nada!...
Que a porta do meu quarto fique para sempre fechada,
Que não se abra mesmo para ti se tu lá fores!

Lã vermelha, leito fofo. Tudo bem calafetado...
Nenhum livro, nenhum livro à cabeceira...
Façam apenas com que tenha sempre a meu lado
Bolos de ovos e uma garrafa de Madeira.

Não, não estou para mais; não quero mesmo brinquedos.
Para quê? Até se mos dessem não saberia brincar...
Que querem fazer de mim com estes enleios e medos?
Não fui feito para festas. Larguem-me! Deixem-me
[sossegar!...

Noite sempre pelo meu quarto. As cortinas corridas,
E eu aninhado a dormir, bem quentinho—que amor!...
Sim: ficar sempre na cama, nunca mexer, criar bolor—
P'lo menos era sossego completo... História! era a
[melhor das vidas...

Se me doem os pés e não sei andar direito,
Para que hei-de teimar em ir para as salas, de Lord?
Vamos, que a minha vida por uma vez se acorde
Com o meu corpo, e se resigne a não ter jeito...

De que me vale sair, se me constipo logo?
E quem posso eu esperar, com a minha delicadeza?...
Deixa-te de ilusões, Mário! Bom édredon, bom fogo—
E não penses no resto. E já bastante, com franqueza...

Desistamos. A nenhuma parte a minha ânsia me le-
[vará.
Para que hei-de então andar aos tombos, numa inútil
[correria?
Tenham dó de mim. Co'a breca! levem-me para a en-
[fermaria!—
Isto é, para um quarto particular que o meu pai pa-
[gará.

Justo. Um quarto de hospital, higiénico, todo branco,
[moderno e tranquilo;
Em Paris, é preferível, por causa da legenda...

Daqui a vinte anos a minha literatura talvez se en-
[tenda;
E depois estar maluquinho em Paris fica bem, tem certo
[estilo...

Quanto a ti, meu amor, podes vir às quintas-feiras,
Se quiseres ser gentil, perguntar como eu estou.
Agora no meu quarto é que tu não entras, mesmo com
[as melhores maneiras...

Nada a fazer, minha rica. O menino dorme. Tudo o
[mais acabou.

FERNANDO PESSOA

(1888-1935)

1 — D. Dinis

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a haver,
E ouve um silêncio murmuro consigo:
É o rumor dos pinhais que, como um trigo
De Império, ondulam sem se poder ver.

Arroio esse cantar, jovem e puro,
Busca o oceano por achar;
E a fala dos pinhais, marulho obscuro,
É o som presente desse mar futuro,
É a voz da terra ansiando pelo mar.

(Da *Mensagem*).

2 — O Mostrengo

O mostrengo que está no fim do mar,
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: «Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?»
E o homem do leme disse, tremendo,
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?»
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso.

«Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?»
E o homem do leme tremeu, e disse,
«El-Rei D. João Segundo!»

Três vezes do leme as mãos ergueu,
Três vezes ao leme as reprendeu,
E disse no fim de temer três vezes,

«Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!»

(Da *Mensagem*).

3 — Adiamento

Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...
Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,
E assim será possível, mas hoje não...
Não, hoje nada; hoje não posso.
A persistência confusa da minha subjectividade objec-
[tiva,
O sono da minha vida real, intercalado,
O cansaço antecipado e infinito,
Um cansaço de mundos para apanhar um eléctrico...
Esta espécie de alma...
Só depois de amanhã...
Hoje quero preparar-me,
Quero preparar-me para pensar amanhã no dia se-
[guinte...
Ele é que é decisivo.
Tenho já o plano traçado, mas não, hoje não traço
[planos.
Amanhã é o dia dos planos.
Amanhã sentar-me-ei à secretária para conquistar o
mundo;
Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã...

Tenho vontade de chorar,
Tenho vontade de chorar muito de repente, de dentro...

Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não digo.
Só depois de amanhã...
Quando era criança o circo de domingo divertia-me toda
[a semana.
Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a se-
[mana da minha infância.
Depois de amanhã serei outro,

A minha vida triunfar-se-á,
Todas as minhas qualidades reais de inteligente, lido
[e prático
Serão convocadas por um edital...
Mas por um edital de amanhã...
Hoje quero dormir, redigirei amanhã...
Por hoje, qual é o espectáculo que me repetiria a in-
[fância?
Mesmo para eu comprar os bilhetes amanhã,
Que depois de amanhã é que está bem o espectáculo...
Antes, não...
Depois de amanhã terei a posse pública que amanhã
[estudarei.
Depois de amanhã serei finalmente o que hoje não
[posso nunca ser.
Só depois de amanhã...
Tenho sono como o frio de um cão vadio.
Tenho muito sono.
Amanhã te direi as palavras, ou depois de amanhã...
Sim, talvez só depois de amanhã...

O porvir...
Sim, o porvir...

(Das *Poesias* de Alvaro de Campos).

4 — Vem sentar-te comigo, Lídia

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos).

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,
Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansar-
[mo-nos.
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a
[voz,
Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre cor-
[reria
E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do
[outro,
Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento —
Este momento em que sossegadamente não cremos em
[nada,
Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim
[depois
Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te
[mova,
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos
Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu levares o óbulo ao barqueiro
[sombrio,
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim — à
[beira-rio,
Pagã triste e com flores no regaço.

(Das *Odes* de Ricardo Reis).

5 — Se, depois de eu morrer

Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha
[biografia,
Não há nada mais simples.
Tem só duas datas — a da minha nascença e a da mi-
[nha morte.
Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.

Sou fácil de definir.
Vivi como um danado.
Amei as coisas sem sentimentalidade nenhuma.

Nunca tive um desejo que não pudesse realizar porque
[nunca ceguei.
Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um acompa-
[nhamento de ver.
Compreendi que as coisas são reais e todas diferentes
[umas das outras;

Compreendi isto com os olhos, nunca com o pensa-
[mento.
Compreender isto com o pensamento seria achá-las to-
[das iguais.
Um dia deu-me o sono como a qualquer criança.
Fechei os olhos e dormi.
Além disso, fui o único poeta da Natureza.

(Dos *Poemas* de Alberto Caeiro).

CAPÍTULO IV

DIVERSOS GÉNEROS

Romance, Viagens e História

TEXTOS DE:

Carlos Malheiro Dias
Manuel Ribeiro
Antero de Figueiredo
Venceslau de Morais
Lúcio de Azevedo.

CARLOS MALHEIRO DIAS

(1875-1941)

O Jantar

No terreiro juntara-se o pessoal das quintas olhando a dança monótona dos fidalgos. Ainda subiam foguetes espaçados e barulhentos. Só os sinos da capela, que repicavam desde pela manhã, se haviam calado; e na tarde ardente, com o Sol ainda alto, a orquestra do Tresmonde ia ferindo e chorando as notas da polonesa entre o sussurro das conversas e o bocejo dos padres.

Mas de repente, no terreiro, uma viola trinou, palmas estalaram; senhoras acudiram às janelas a ver a dança do povo; e a polonesa expirou abafada pelo trinar agudo de cavaquinhos e violas, raspando o *vira galego,* para alegria das roliças moças de lavoura, sob o Sol fecundo de Agosto, por entre o pó e as bandeiras.

Quase ao mesmo tempo uma voz gritou do fundo da sala:

— Ao jantar! Ao jantar!

Houve uma ondulação em todo aquele mundo eclesiástico e devoto; um zunzum de aprovação correu a sala; e foi Benevides Cabral que abriu o cortejo, dando o braço a D. Margarida, seguidos pela Marquesa, que o morgado de Travancos arrastava, hidrópica e de roxo, como um monstro de romaria.

Na cabeceira, D. Margarida sentou a Marquesa, entre o cónego Arruda e Benevides Cabral, de comenda. D. Francisca estava em frente ao padre Abílio; as Cabrais vieram trazer o vermelho dos seus vestidos de tule para o meio dos homens, e a Condessa, a quem estava entregue a guarda de Luisinho, acomodara-se entre os abades, com solenidade, como um bispo entre o cabido da sua Sé. Para o fundo foram desterrados os músicos tristes do Tresmonde. João de Albergaria sentara-se perto do doutor Mendonça, sumido entre os convidados, numa obscuridade satisfeita de hóspede contente do seu lugar subalterno naquela festa paga com o seu dinheiro, em sua própria casa. D. Maria ficava presidindo ao jantar, rígida, no seu vestido de cetim preto, o peito insexual coberto com o *fichu* de rendas pretas, o lábio fino crispado por um sorriso de cerimónia. Era ela a alma fria e devota da festa, a senhora indiscutível das Amoreiras, glorificada pela Igreja, gozando o seu poder e a sua influência de proprietária e de cristã, dando de comer largamente ao seu povo.

Subtilmente, a casa de Vila Torre ia trabalhando a candidatura do padre Abílio, insinuando-a nos párocos, deixando-a transparecer como o complemento daquele jubileu das Amoreiras — a obra que devia coroar esse amplo edifício de solidariedade religiosa, em que todo o concelho fidalgo e devoto ali estava empenhado, em volta da mesa farta.

E ao terminar a sopa já D. Francisca tinha contado a recusa do ministro do reino em fazer visconde o brasileiro de Vista-Alegre, que ia guerrear o governo nas eleições, gastar dinheiro a rodos para se vingar da insolência daquele estadista, que lhe lembrara o seu negócio de borracha no Pará, o seu tráfico de escravos em Pernambuco e até a sua face congestionada, a sua pança,

o seu vozeirão cavernoso de antigo feitor de roça, para o rebolar com mais desprezo no escárnio de uma recusa.

D. Francisca quis logo saber a opinião do abade de Nespereira e só então se lhe notou a falta entre os convidados. Foi um espanto geral. Porque não teria vindo o abade? Fizeram-se suposições: festa de igreja, doença, casamento — mas nada pareceu bastante para desculpar aquela falta insólita, que privava uma freguesia com cem votos de estar representada naquele festim regional e católico.

Nisto, para os lados de Rendufe, um molho de foguetes estralejou, esfarrapando nos pinhais a sua fumarada alvadia. Todos se voltaram, pousando os guardanapos, num impulsivo movimento de curiosidade; e foi o cónego Arruda quem lembrou:

— Aquilo é arraial. Por isso o abade não veio... Mas o padre Pinheiro asseverou que em Rendufe havia apenas a festa de S. Brás em Setembro e o pároco de S. Martinho do Conde afirmou que ainda na véspera o abade andara às perdizes com o padre Souto no monte das Furnas. Ele vira-o passar com os perdigueiros.

Diante desse testemunho arredou-se a suposição de uma doença e só a terceira ficou frouxamente de pé, para calmar o azedo desgosto de D. Margarida, que via naquela falta uma desconsideração: — talvez algum casamento...

Servia-se agora o arroz de forno. A Marquesa sorvia as suas pitadas de esturrinho. O cónego Arruda, a propósito de casamentos, dissertava sobre a desmoralização de Lisboa, fazia o elogio do Patriarca, tão caridoso que as rendas fartas da mitra não lhe chegavam para sustentar as quatro mulas brancas a que o cerimonial o obrigava a apresentar-se em público na sua berlinda cardinalícia; e já o incidente do abade de Nespereira

ia esquecido, quando ele apareceu à porta, muito suado, com um guarda-sol imenso, pedindo desculpa por aparecer fora de horas, a meio do jantar, naquele trajo. Logo à entrada, a vista estacara-se-lhe na casaca de Benevides Cabral. E batia agora no peito, dobrado em frente a D. Margarida, asseverando que não quisera deixar de vir, ainda que tarde, felicitá-la por essa dupla festa, dos seus anos e da sua capela.

Doroteia chegara uma cadeira; o Tomás punha o talher. D. Margarida outra vez sorria, satisfeita, mandando que servissem a sopa, depressa, ao senhor cura.

O padre Abílio, logo de pé, com o guardanapo na mão, perguntou, em ar de chalaça:

— Então teve por lá festa na freguesia, ó abade? Mas ele, muito suado, limpando a testa húmida ao lenço vermelho, bufava de cansaço, com o guarda-sol entre os joelhos, e explicou longamente a sua demora, repetindo as suas desculpas de haver faltado à missinha.

Foi um desapontamento e um alívio quando o abade explicou que a demora fora devida a ter ido levar o viático a dois doentes: um velho paralítico e um pedreiro que esmagara uma perna debaixo de um esteio de ramada. Estava já a aparelhar a égua para vir, quando o tinham ido chamar a toda a pressa. Não tivera remédio. Eram os ossos do ofício...

E rematou com simplicidade, enxugando o pescoço:

— Uma estafa! Mais de légua pelo monte por causa de uma gente que nem a côngrua pagava!

— Mas não foi por causa do pedreiro que se deitaram foguetes, abade?

Ninguém se lembrava mais dos foguetes; e a nova interpelação do padre Abílio trouxe outra vez a toda a gente uma grande ansiedade.

— Os foguetes! A que eram os foguetes?

O abade sacudiu o enorme lenço tabaqueiro e a nova estalou, assombrosa, enorme, ao sabor das coisas enormes de Portugal: o brasileiro da Vista Alegre fora agraciado com a carta de conselho!

O padre Abílio, incontinente, com uma punhada na mesa, urrou:

— Patife! E mais patife quem fez daquela besta um conselheiro!

Iam-se-lhe pela água abaixo oitenta votos seguros; e aluiu na cadeira sufocado pelo desabafo daquele despeito, que lhe estragou o jantar.

(De *Os Teles de Albergaria*).

MANUEL RIBEIRO

(1879-1942)

O Monge Frei Bruno

O monge continuava orando. Quando se ergueu tinha ao pé Luciano que o estreitou num grande abraço comovido.

Frei Bruno, enternecido, os olhos húmidos, fixou-o com bondade.

— Obrigado por terdes vindo, não por mim mas por vós. Espero que haveis de salvar a vossa pobre alma transviada.

Luciano, recobrando-se, encarava o seu irrequieto e verboso amigo, cujo melhor parecer e boa cor rosada o surpreendia. Não era a figura emaciada e ascética do antigo padre cantor da Sé, entusiasta ardente da liturgia e da mística. Frei Bruno tinha um ar acolhedor e

calmo, de unção e docilidade e sorria gom toda a alma nos olhos, sereno, compenetrado e comovido. Apenas a sua palavra vibrava ainda, sacudida pela antiga vivacidade palradora e quente.

— Mas encontro-vos óptimo, padre Anselmo, perdão... Frei Bruno. Não me admiro nada. Eu próprio me sinto já outro com esta paz que tem não sei quê de angélica beatitude. Que ar é então este aqui dentro para embriagar assim a gente?

— Efeitos da oração, meu amigo. É a prece que cria a boa disposição e faz afluir aos olhos esta expressão de consciência repousada, de contentamento e de satisfação que radia em todos os monges. Não encontrareis aqui senão corações bondosos, almas cândidas que só sabem rezar e sofrer pelos pecados do mundo. Como quereis então que o reflexo de tanta pureza e santidade não torne tudo aqui dentro suave?

— E que suavidade, frei Bruno! Até as árvores, as pedras, a terra humilde, todas as coisas inanimadas, tudo parece ungido de religiosidade e mansidão, tudo parece rezar e meditar. Acreditai que tenho às vezes receio de perturbar com a minha presença este recolhimento em que se mergulha aqui. Tudo parece alheado, abstracto. Nos claustros, as arcadas sugerem-me pessoas de joelhos e aguardando a comunhão. As árvores tão quietas, submissas e abismadas, estão como atentas a uma voz de dentro. Tudo tem o ar de andar suspenso, a boiar, num ambiente fluído, diáfano, mas sensível como tépida luz dissolvida...

O monge sorriu satisfeito.

— Vejo que vos tendes dado bem e que sentis toda a suave penetração do claustro. Mas, contai-me o que tendes feito desde que estais aqui. O padre Prior deu-me apenas conhecimento da vossa chegada e do

encontro que hoje devíamos ter. Não ignorais que estou em vésperas de profissão solene e que passei a última semana num regime especial de preparação que me impediu de ver-vos logo.

— Sim. Dom Eduârdo explicou-me...

— Mas contais, dizei...

E Luciano relatou a sua primeira e horrível noite, a impressão formidável e terrificante das vigílias, a assiduidade paternal e carinhosa do padre Prior e a serenidade que encontrara no mosteiro, aquela paz elisiana como devia ser no céu. Custava-lhe crer que fossem seres de carne e osso como ele, esses vagos vultos que fugidiamente via perpassar no mosteiro com um evocativo ar bíblico nas suas alvas roupas flutuantes. Que gente era essa? Donde viera? Que tinham sido esses homens no mundo? Os conversos, esses adivinhava-os. Mas os impenetráveis monges do claustro grande? Que se ocultava detrás daquela austeridade? Quem eram?

— É uma das minhas maiores curiosidades, frei Bruno. Não me atrevi ainda a interrogar o padre Prior a este respeito. Receio parecer indiscreto.

— Nem ele vos diria nada. Escavar a vida anterior de um monge é profanar uma sepultura. Cada um destes homens quando se pôs a caminho para o claustro enterrou lá fora o seu passado — bom ou mau. Encontrareis aqui, evidentemente, as mesmas almas, mas o lastro de ideias, de pensamentos e preocupações mundanas, a jaça impura em que isso andou associado, tudo ficou do outro lado dos muros com os farrapos da outra pobre e quase sempre miserável vida. Inútil, pois, interrogar alguém. De mais o passado é uma coisa sem sentido aqui. Cá dentro há apenas monges. A sua história começa desde que transpuseram o umbral da cela. A vida antiga do

pecado, essa desapareceu, sumiu-se, delida e gasta pelas mortificações e penitências.

— Contudo...

— O que posso dizer-vos, meu amigo, é que Santa Maria de Miraflores é uma Comunidade ilustre dirigida por um homem que alia às virtudes monásticas, em que é modelo, primores de ilustração, e de saber, em que é mestre.

— Apreciei-o já, frei Bruno. Dom Eduardo fez-me logo uma grande impressão, majestoso sem dureza, grave sem rigidez. Na sua elevada figura, lembra-me aquele São Bernardo que Filippino Lippi pintou no memorável quadro da visão do santo cisterciense, que está em Florença na igreja da Badia. Presumo o que seja um claustro com tal pastor por guia.

— Pois a exemplo do seu pastor, a Comunidade de Miraflores é um viveiro de santos que se despojaram de todas as superfetações mundanas e vivem quase reduzidos a almas. Que edificante exemplo, à face das raivas e sofreguidões ambiciosas que atiram lá fora os homens uns contra os outros, o da renúncia destas criaturas simples que precisam apenas de um pouco de pão e cuja vida se consome inteiramente, noite e dia, em sincera e fervorosa súplica pelo bem estar e salvação dos homens! Como fez bem em vir, Luciano!

— Sim, é admirável, assombroso até! Mas um regime destes não depaupera as forças, frei Bruno! É verdade que tendes todos excelente aspecto...

— O que conserva a saúde é melhor do que tudo, a sobriedade. É mais prejudicial o excesso do que a privação. O homem alimenta-se de pouco, de quase nada; mas como em todas as coisas humanas reina o absurdo, sacrificou-se a função alimentar — como aliás outras necessidades fisiológicas — às perversões senso-

riais. E é a formidável resistência animal sempre na brecha que atalha as nossas tolices de racionais. Diz-se que a existência é bem precária; em grande parte somos nós que o queremos. O homem é o mais cruel inimigo de si próprio e não há luta maior do que a que se trava dentro dele entre a insensatez a atacar a vida e a vida a reagir com todas as forças do organismo! A doença é rara nos irracionais porque vivem conformes à natureza e não há morbo capaz de forçar as suas defesas orgânicas.

— A razão é então um mal?...

— Um terrível mal quando não se sabe aproveitar o enorme bem que há nela...

— E é essa vida natural que vos dá tranquilidade e paz?

— A vida simples que aqui levamos produz a paz nos nossos corpos. Há certamente, hereditariedades de que não temos culpa; como, porém, não são excitadas conservam-se latentes e não abrolham. Por isso é raro haver aqui doentes e a longevidade é notória. Conta Dom Le Masson que o papa Urbano V querendo piedosamente suavisar a regra das Cartuxas, cujo rigor lhe parecia abreviar a vida dos monges, ia quebrar com um decreto a tradição da abstinência perpétua, quando lhe surgiu em Roma para o dissuadir, uma comissão de 27 religiosos cartuxos, o mais novo dos quais contava 88 anos. Tão decisivo era o argumento que o pontífice não insistiu no decreto...

— Todavia, é certo que procuram voluntàriamente sofrimentos físicos.

— É verdade. O uso do cilício permanente, os longos jejuns extenuantes, a interrupção do sono e a enxerga dura em que estiramos o corpo, são voluntárias mortificações. Mas o costume atenua os incómodos. De

mais, não são mortificações físicas em si que nós temos maiormente em vista; é o gesto moral demonstrativo do desprezo por molezas e superfluidades. Aquele que pratica jejuns contínuos sabe que o seu organismo é insensível já a privações, que não lhe dão, portanto, um grande sofrimento; mas ao jejuar, o monge faz uma nobre afirmação moral — a sua repulsa aos excessos e imoderações da gula. O desprezo de cómodos e confortos não causa moléstia nem traz nenhuma dor orgânica, mas ao privar-se deles o religioso afirma o seu desdém por luxos e vaidades e combate indirectamente a riqueza e a opulência, mostrando com o seu desinteresse que em circunstância alguma se serviria delas. Deixai-me dizer-vos, porém, que, embora não utilizemos comodidades, não pretendemos que ninguém se prive delas. Não somos hostis à ciência, à higiene e ao progresso. A nossa abstenção — se nela se pode encontrar um protesto — é apenas um protesto mudo contra o desregramento e a ostentação faustosa que ultrajam Deus.

(De *O Deserto*).

ANTERO DE FIGUEIREDO

(1866-1953)

1 — A Terra Negra

No meio da suavidade da terra minhota, feita da verdura dos campos e da simplicidade das almas; nesta alegria construída com o riso das moças e com a desgarrada das violas, um lugar há, em pleno coração do Minho, entre Bougado e Famalicão, onde os pinheirais

gemem alto os seus remorsos; o vento endoideceu; as curvas dos atalhos são traição; mal cresce a erva nos lameiros; nos raros campos cultiváveis mingua o pão e o vinho; o céu é o dos cemitérios por entre ciprestres; na borda dos caminhos há cruzes pedindo, aos que passam, Padre Nossos pelos assassinados, e tudo aí é espesso de lendas de crimes, de roubos e de mortes... Esse lugar é a *Terra-Negra.*

¿Porquê, em pleno canteiro minhoto, este torrão desirmanado e desnaturado, que não sai ao pai nem à mãe? Para quê estes veios negros como carvão, e em vez de humo, esta escória vulcânica, insensível à beleza da verdura e ao exemplo da terra dócil que, ali a dois passos, produz pão e flores? Qual o motivo desta tristeza maléfica entre duas alegrias honradas — os vales de São Julião do Calendário e do Ribeirão? É que, como nos homens, há na terra lugares criminosos-natos, gerados por tenebrosas degenerescências encadeadas — índoles ruins, que induzem os maus e os endemoninham.

Neste valhacouto de perdição se abrigaram malavindos descoroçoados do trabalho, por os homens lhes pagarem rebaixadamente, sugando-lhes o suor, tirando-lhes a camisa e arrancando-lhes a pele; miseráveis que deixaram de ser honrados por verem que a honra era, para o maior número, coisa desapreçada, senão irrisória. Muitos corações em desespero, ludibriados nas ilusões do amor — sentido único da sua existência — se encheram do fel dos despeitos que tudo envenena, acabando por amarfanhar em si próprios os derradeiros pruridos do brio, numa rancorosa destruição, contra qualquer resto de beleza que, porventura, sentissem florir ainda em si; muitas almas, nascidas cegas para o bem, aí procuraram no mal o prazer de viver, no mesmo inconsciente desejo dos que, nascidos constitucionalmente

bons, o buscam na prática da bondade; refractários, desertores, foragidos das cadeias; antigos condenados, vindos dos degredos; salteadores de profissão, criminosos de toda a espécie; uns com fome de pão, outros com sêde de vingança; estes bons, mas que as más companhias perderam; aqueles, maus, e que as mesmas companhias pioraram; — todos irmãos no infortúnio e na desesperança, para aqui vieram, induzidos por outros a quem a cobiça do oiro e a atracção da aventura chamavam de longe com enganoso aceno.

O ataque à liteira, à caleça, à mala-posta, ao mercante, ao almocreve com a sua récua de machos, ao correio, ao peão; o assalto à casa rica, em que, mascarados, com chapéus para os olhos e lenço nas caras, bacamartes à bandoleira, facas à cinta, escalam janelas, arrombam portas, amordaçam homens e mulheres, lutando, matando, para arrancar à força, das mãos dos seus donos, arcas e baús cheios de sacos com peças de oiro, que, depois, entre gáudios, se repartem às mãos cheias: — tais façanhas, em cenários de noites negras e clarões de archotes, seduziam-nos màgicamente.

. . . . . .

Ao lusco-fusco de certa madrugada, os povos de vários lugares fizeram cerco às freguesias de Ribeirão, Bougado e São Martinho, para apanhar, ainda na cama, os assassinos da mãe de um padre, que, conduzidos à Cruz das Almas, foram aí mortos a tiro; e foi o braço do filho vingador quem comandou a escolta popular, e a sua boca quem pronunciou a voz de fogo contra esses malvados.

Na *Terra-Negra* ainda hoje se vê uma valeta, em que mal escorre o visgo de uma água sinistra, onde se encontraram os cadáveres de dois viandantes, roubados no pinhal e arrastados até ali, por cima de tojos e de

fetos verdes, que ficaram esteirados de sangue. Lá se aponta um poço para onde se atiravam os mortos que era preciso esconder; uma cruz de pedra indicava o sítio onde foi assassinado um viajante; e a pequena ermida do «Senhor dos Perdões», é voto de gratidão de certo feirante que, cheio de dinheiro, tendo atravessado incólume esse pinhal de salteadores, atribuiu a salvação a milagres. Sobre negras estalagens, hoje em ruínas, de lojas de sombras traidoras e de postigos velhacos, pesa a nódoa funesta dos crimes que elas viram cometer, após lutas sangrentas; e ainda se ouve certo afiar aspérrimo de faca de ponta e mola, nas bordas de um alguidar, preparando um crime que o acaso frustrou...

(Das *Jornadas em Portugal*).

2 — D. Fernando aos vinte e seis anos

D. Fernando tinha vinte e seis anos frescos e nobres. Alto, magro, mesurado nas atitudes de grão senhor, seus gestos sóbrios eram os da galhardia perfeita; e a postura da cabeça, o acolhimento das mãos estreitas, a transparência do olhar leal, a sedução do sorriso inteligente e bom, atraíam e prendia. Na face barbeada, muito branca, lustrada de encanto, desenhava-se a boca gentil e desejosa, mas ferida de fraqueza; os cabelos, louros e curtos, eram finíssimos; e nos olhos, de azul franco, ora se amolecia, cheia de doçura, uma pupila namorada, ora chispava a faúlha da ambição vaga e tonta, ora o súbito lampejo de uma efémera energia, logo amortecida. Amoroso, achegado e ledo, era, nas câmaras dos Paços, a atracção das donzelas. A sensualidade que nele ardia, iluminava-lhe a vida do prazer de viver; e seus

olhos, sua face, sua boca enfeitavam-se do sorriso dilatado de simpatia, a irradiar. Nas mulheres enxergava a beleza certa, muita ou pouca, que em todas há, quando as olha o poeta do instinto. Meigo, chorava com a facilidade com que chora uma criança; e, dado, os fidalgos gozavam na companhia dele o prazer de se sentirem menores, na ufania de se saberem iguais. De galharda disposição e de boa palavra, era senhor entre os homens e soberano entre os reis.

Cavalgando, direito em toda a sela, firme nas estribeiras, formoso e vistoso, a mesma esbeltez de apostura o assinalava; e sob as suas pernas hirtas, de extremada mestria, o corcel, bem corregido, obedecia, ora cortando, ora flanqueando a estacada, à vontade do cavaleiro, que brincava com a lança, regendo-a e lançando-a por alto, ante palanques, com sobrecéus guarnidos de balsões de insígnias coloridas e colgaduras historiadas, onde ricos-homens, donas, donzelas e donzéis, vestidos com gibões de cores e tabardos de finos panos, aplaudiam desvanecidamente os garbos do seu rei.

Ninguém mais do que ele amava o jogo da caça às aves, em campinas francas, com açores, falcões e gaviões; e aos animais de monte, com seus cães, a cavalo ou a pé, pelos extensos domínios realengos de Olivais de Alenquer, Ota, Almeirim, Peniche, Atouguia, em dilatadas, entre matas, serranias e fraguedos. Aí viviam coelhos, lebres, raposas, veados, porcos monteses, ursos e toda a espécie de aves — perdizes, pombos bravos, martinetes; e nos marnoceiros do termo de Lisboa, nas lagoas de Óbidos, no paúl de Magos e na pateira de Fermentelos, — patos e cisnes selvagens. A cavalo, seu gibão folgado, à cinta o punhal e a faca de mato, a tiracolo a buzina, na mão a lança, as pernas esticadas e os pés firmes nas estribeiras mouriscas — o rei caçava, com real aparato,

cercado de cavaleiros, de escudeiros, de besteiros de câmara, de mourisquinhos, no meio de dezenas de açoreiros, falcoeiros, gente de monte e buscantes, entre o alarido dos moços a bradar aos cães — ¡«*eylo vay, eylo vay!*» — e do cainçar dos sabujos, dos alões, dos galgos de raposa, dos podengos de mostra, ao clangor das trombetas dos monteiros armados de lanças e de escumas, espalhados em manchas de cores vivazes, pelos cabeços das colinas, em restevas secas douradas pelo sol, aqui e acolá, saindo dos painçais verdes, ou assumando nas cumeadas dos montes.

. . . . . .

Polido em extremo, sentimental e franco, D. Fernando era em tudo o oposto a um rei medievo: faltava-lhe a violência, a crueldade, a perfídia — admiradas manhas e virtudes com que, nesses refalsados tempos, se conquistavam os homens, se aterravam os povos — se vencia. Delicado, cheio de defeitos e de qualidades modernas, a sua arma era o trato mesurado e o bom agasalho, e não a traição e o crime. D. Fernando não era do seu tempo. ¡ Quem diria que ele houvera nascido a quando reinavam nas Espanhas os Pedros *cruéis*, os Carlos *maus*! Embora fosse de natural muito senhor de sua vontade e até assaz querençoso, o seu carácter, menos firme, esmorecia ao tentar a luta e falhava na acção pertinaz, deixando-se conquistar por corteses maneiras. Era um português com todas as qualidades de nobreza e de sentimentos, e com todos os defeitos da vontade quebradiça e do anseio fugidio.

(De *Leonor Teles*).

VENCESLAU DE MORAIS

(1854-1929)

1 — O Chá

No Japão toda a gente toma chá — ricos e pobres, nobres e plebeus: — bebe-se na ocasião das refeições e a toda a hora a pequeninos golos. No lar, quando entra o visitante, oferece-se-lhe, após as reverências, uma almofada de regalo e uma chávena de chá. O mercador quando quer ser amável com o freguês serve-lhe antes de tudo uma chávena de chá, palestra, fala da chuva e do bom tempo; só mais tarde se trata do negócio. Nos templos famosos, em Kioto por exemplo, o bonzo oferece chá ao peregrino antes de lhe mostrar as relíquias e os museus. Pelos caminhos mais agrestes, que vão serpeando pelas colinas arriba, há rústicos poisos espaçados aqui e acolá, onde o caminheiro descansa alguns minutos, bebe uma chávena de chá, troca um sorriso, deixando em retorno um cobre sobre a esteira. Um restaurante na pitoresca linguagem japonesa diz-se uma *chaya* — que quer dizer — casa de chá. De sorte que a chávena de chá, que acompanha os *bons dias* dados a quem chega, não constitui simplesmente uma norma rotineira, um hábito banal, tornou-se como que o símbolo da doce hospitalidade japonesa, um rito da bonomia desta gente, exercido religiosamente entre amigos, entre estranhos também, porque ao estranho que larga à porta as sandálias, vem ao nosso lar e nos saúda, deve-se já um sorriso e a sua parte de conforto.

Na casa, nua de móveis, porém mimosa de aceios requintados, figura sempre o braseiro sobre a esteira e,

nas brasas vai fervilhando a chaleira de ferro cheia de água; o *bon* (uma bandeja) está cerca, contendo o bule, as cinco chávenas (cinco, porquê? talvez por serem cinco os dedos em cada mãozita japonesa), os cinco pires de madeira ou de metal, o cofre de estanho contendo o chá em folhas e ainda o pequenino recipiente em porcelana chamado *yuzamashi*, cuja ordinária serventia vai muito em breve conhecer-se. O sentimento artístico japonês deprava-se naturalmente na indústria de hoje, em grande parte com destino à exportação para a Europa e para a América; é nos utensílios comuns de uso indígena, onde não intervém o modernismo, que ainda reside o gosto estético, puro e inconfundível, da gente japonesa, revelando por si o complicado conjunto de esmeros, de elegâncias, de quimeras, em que a alma deste povo se deleita. No que respeita ao serviço de chá, é inarrável a gentileza de todo este arsenal de bagatelas, minúsculas, dando a impressão de serem destinadas a um banquete de bonecas!...

A água passa da chaleira para o *yuzamashi* onde arrefece, pois é preceito fazer-se o chá com água que ferveu, mas já não ferve; prepara-se depois no bule a infusão que é oferecida aos hóspedes nas pequeninas taças de fina porcelana.

Eis a singela prática e eis a modesta oferta, actos da vida íntima não poucas vezes repetidos durante cada dia, desde pela manhã até à noite. Poderiam julgar-se sem méritos que valessem do estranho um instante de atenção e um comentário; mas não sucede assim. Para a alegria dos olhos, a simples preparação do chá imprime um relevo delicioso à graciosidade inata na *musumé*, na atitude que lhe é mais habitual, de joelhos sobre a esteira, junto do seu braseiro. A mímica é impressiva, única; privilégio daquela figurinha meiga e ondulante

e daquela buliçosa mão, de finíssimos contornos, da japonesa, que é, em suma, a Eva mais gentilmente pueril, mais cativantemente quimérica, mais feminina, enfim, de todas as Evas deste mundo. Parece certo que jamais o japonês, que ignora o beijo, haja poisado a boca naquela mão que exibe esplendores de graça para servir-lhe o chá; o forasteiro, em intimidade serena, pode ensaiar o galanteio se a fantasia o tenta; e então verá talvez, que a mãozita da *musumé* reconhecida ao afago, se conchega de encontro aos lábios, se demora, como uma rola dócil gulosa de carinhos.

O chá japonês, servido invariàvelmente sem leite e sem açúcar, que lhe prejudicariam o aroma, é a bebida mais suavemente agradável que possa oferecer-se ao nosso paladar (não de todos porém, mas um paladar sentimental, um tanto sonhador... que nisto dos nossos órgãos de sentir há temperamentos, aptidões afectivas características...) O *guyokuró*, por exemplo, que é o mais celebrado chá de Uji e de todo o Japão, instila tais subtilezas balsâmicas de sabor, que mais parece um perfume; poderia dizer-se que uma maravilhosa alquimia conseguiu liquefazer os aromas das flores — flores dos jardins, flores silvestres, — transferindo do olfacto ao paladar a impressão do gozo. Assim é o *guyokuró;* claro está que as palavras não podem traduzir senão por comparação as emoções sentidas; e esta, a do agridoce deliciosíssimo que nos fica nos lábios, persistindo, como na memória persiste uma reminiscência, uma saudade, é incomparável...

O chá japonês tem a virtude de mitigar a sede. Assim se explica o hábito dos japoneses não beberem água; mesmo na força dos calores, em pleno Agosto, a chávena de chá, saboreada a golos, lhes dá pleno consolo. Aponta-se-lhe mais outros condões: excita ligei-

ramente o organismo, combate o cansaço das vigílias, predispõe ao bem-estar, infiltra no cérebro não sei que subtil embriaguez, lúcida todavia, que nos torna mais afectivos às sensações de agrado e mais aptos às elaborações do pensamento.

(De *O Culto do Chá*)

LÚCIO DE AZEVEDO

(1855-1953)

1 — Para a História do Açúcar

Os portugueses, que por suas empresas marítimas facilitaram à Europa o abastecimento das especiarias do Oriente, igualmente foram os que, por efeito das navegações, e por sua indústria, popularizaram o consumo de dois géneros, um deles desconhecido, o outro raro e àvidamente buscado, dos quais se pode dizer constitui o uso feição característica da civilização actual: o tabaco e o açúcar.

Ambos apreciados em começo por virtudes medicinais que se lhes atribuíam, tornaram-se, à medida que a produção foi crescendo, objectos de primeira necessidade. Dando-se a circunstância de, além de satisfazerem no seu emprego desejos muitas vezes veementes, do organismo humano, um e outro facultarem desde logo, e continuarem a facultar, rendimentos de notável substância aos Estados.

Passando das aplicações médicas a ser condimento apreciado, o açúcar, até ao tempo da intervenção dos portugueses, no século XV, era como a pimenta droga de

luxo, acessível a poucos e usada sòmente dos beneméritos da fortuna. Antes de entrar nas lojas de víveres vendia-se nas boticas. Conjuntamente servia para acudir aos doentes e para a fabricação de apreciados e custosos manjares. Possuí-lo na copa era índice seguro de opulência. Já no declinar da Idade-Média, pequenas quantidades dele se mencionam em testamentos, como legados de importância, e chefes de Estado não dedignavam de oferecer e aceitar por brinde a gostosa mercadoria. Três pães de açúcar de cerca de 7 quilos, deixa em Paris, ao hospital dos pobres, para descargo de sua alma, certo ricaço penitente. Igualmente em França, quatro pães são arrolados de Joanna de Evreux, terceira mulher de Carlos V, falecido em 1372. O sucessor deste rei, Carlos VI, acolhendo em 1383 a Leão VI, soberano da Arménia, expulso de seus Estados pelos sarracenos, dá-lhe as boas vindas com presentes, nos quais se incluem 13 arráteis de açúcar. Um quintal dele, da mais fina qualidade, manda o Sultão com vários brindes, a Carlos, sétimo do nome, filho do precedente. Os que não frequentavam os paços régios, ou não eram das classes abastadas, adoçavam com mel de abelhas as poções dos doentes, e os rústicos bolos de seus festins.

O produto saboroso da cana mélica, como era designada, vinha de longe, do Levante, e trouxeram-no os venezianos aos mercados do Ocidente da Europa, do mesmo modo que a pimenta. A planta oriunda da Índia, e considerado o seu produto ramo da especiaria, cultivava-se largamente na Síria e no Egito. Transportada da Pérsia pelos Árabes, a eles se deve mais este contributo para a civilização actual. Eles a introduziram na Sicília desde o século x, e a ilha foi por muitos anos a principal fonte de abastecimento da Europa, até que a Madeira, S. Tomé e o Brasil a privaram da preponde-

rância, e por fim, arruinando-lhe a indústria pela baixa do preço, a excluiram da produção. Destarte, e assim como os Portugueses tinham suplantado Veneza no comércio da especiaria, assim também lhe arrebataram o privilégio de um negócio, cujo desenvolvimento adquiriu no século XVI extensão quase inconcebível. Ao mesmo passo, e da mesma forma que no tocante à especiaria, perdiam um manancial pingue de riqueza os Estados levantinos, islamitas, que igualmente por intermédio dos venezianos forneciam de açúcar a Europa cristã.

O produto da Síria e do Egito tinha chegado a Flandres pelo menos desde o século XIII; e já no século imediato, durante as primeiras décadas, as embarcações de Veneza visitavam Antuérpia. Até aí o tráfico fazia-se por terra, seguindo quanto possível as vias fluviais, e nas feiras de Champanha, seis por ano, em diferentes terras da província francesa, se efectuava a troca das mercadorias trazidas do Mediterrâneo, com os produtos das nações do Norte.

Quando os navios do Adriático empreendiam navegar no Atlântico, algumas vezes, passando em frente de Lisboa, entrariam no porto para reparações e refrescos. A um espírito arguto, e verdadeiramente dotado de génio mercantil qual era o Infante D. Henrique, não escaparia a notícia destes carregamentos, e do que eles representavam como valor comercial; nem o considerar as possibilidades que em domínios seus haveria para a rendosa agricultura. Com intuição, na realidade surpreendente, do futuro que aguardava esta indústria, mandou vir da Sicília as canas, e mestres hábeis na preparação do açúcar. É possível, todavia, que nesta ocasião já se tivesse ensaiado a cultura na Madeira, e o Infante, nada mais fizesse que preparar-lhe o alargamento e condições de prosperidade.

Muitos anos antes de ser descoberta a ilha, tinha-se experimentado esta lavoura em Portugal. Em 1404 foram coutadas por D. João I umas terras no Algarve, em favor de João da Palma, genovês de nação, para nelas plantar cana de açúcar. A concessão anulava outra, precedente, a certo indivíduo de nome Mestre João, também estrangeiro provàvelmente, a qual, por circunstâncias que se ignoram, não foi utilizada.

Génova entretinha desde a mais remota Idade Média relações comerciais com o Levante, e importava o açúcar em Itália pelo menos desde o XIII século. A experiência das plantações no Algarve, levada ou não a efeito, por Genoveses foi tentada; e Genoveses encontramos na Madeira, senhores de grandes engenhos, mais tarde, quando a indústria se achava no apogeu da prosperidade. Não custa a crer que algum dos muitos que Portugal atraía, passando à ilha, tivesse ensaiado a cultura. Pouco vale a objecção de haver proíbido o Infante a residência de estrangeiros na sua possessão, preceito de que as Cortes, em 1481, reclamavam o cumprimento. A tolerância datava dos primeiros tempos; e vemos o genovês Micer João casado na Madeira com a mais velha das oito filhas de Tristão Vaz Teixeira, primeiro capitão de Machico. Refere o historiador clássico das Ilhas, frei Gaspar Frutuoso, que o açúçar primeiramente vendido foi da vila de Machico, *onde se começou a fazer,* e montou a quantidade a treze arrobas, e o preço a cinco cruzados.

Os antecentes permitem aventurar que o genro do capitão-mor não seria estranho à tentativa. As canas podiam ter sido de Granada, onde os mouros mantinham pròsperamente a indústria; porventura de Chipre ou também da Sicília. O certo é que o produto saiu de qualidade excelente. Reconhecida a vantagem, outros

lavradores haviam de querer experimentar a cultura. E pode ser que então se desse a intervenção do Infante, mandando vir da Sicília as plantas e o pessoal esperto. Como quer que fosse, a tradição diz o contrário, e considera o caso do Machico sequência da iniciativa de D. Henrique.

O ensaio da nova plantação fez-se em terras hoje no centro da cidade, a que chamaram Campo do Duque, talvez em lembrança do facto. Um poeta do século XVII, israelita de origem, comemora a acção do Infante na obra que consagrou à história e descrição da Madeira, onde viveu muitos anos.

Daí se preparou por toda a ilha a planta, e com ela a sua lavoura. Neste período inicial obtinha-se o mel espremendo a cana em moendas de mão, designadas por alçapremas, sobre as quais o Infante cobrava um tributo. Depois, para ocorrer à produção crescente, a que os engenhos manuais não davam vazão, estabeleceu um lagar, de tracção animal, até que, em 1452, deu privilégio a Diogo de Teive para um engenho de água, concessão durável enquanto engenho e lagar bastassem para todo o produto dos canaviais. O fabrico era de grande rendimento para o senhor da ilha. Pelas prensas manuais uma e meia arroba de açúcar cada mês, imposto fixo. Em 1461 o infante D. Fernando, que era então o senhorio, elevou a prestação a um terço do género produzido. Outro tanto pagavam os lavradores, que se utilizavam do lagar do infante, e o proprietário do engenho de água privilegiado. Da cana não reduzida a açúcar tinham de dar a metade, por disposição no foral, outorgado por Afonso V.

Parece fora de dúvida que, pela introdução do engenho de água, a indústria adquiriu desde logo expansão notável. Zurara, que escrevia em 1453, não men-

ciona ainda o açúcar entre os produtos da Madeira. Dois anos depois, Cadamosto, passando pela ilha, calcula em mais de seis mil arrobas a quantidade anual, e com prospectos de maior desenvolvimento.

O presságio realizou-se, e porventura de modo que o viajante não supunha. O género, a princípio vendido para o reino, onde se consumia a maior quantidade e do resto se fazia a exportação, começou em 1472 a ser embarcado para Flandres directamente da ilha, sem passar por Lisboa. O tráfico ensaiou-se por dois navios. Em 1480 contavam-se já vinte naus de castelo de avante, e 40 ou 50 embarcações de menor porte, empregadas nele, todas de estrangeiros. No tocante à produção sabemos que em 1493 se elevava a 80 mil arrobas, havendo na ilha oitenta mestres de fabrico, o que deve corresponder a outros tantos engenhos, pelo menos.

(De *Épocas de Portugal Económico*).

CAPÍTULO V

TEIXEIRA DE PASCOAIS NO LIRISMO E NA BIOGRAFIA

TEIXEIRA DE PASCOAIS

(1877-1952)

1 — Os Montes

Ao Mário Beirão

Montes da minha aldeia;
Maré cheia
De terra e solidão,
Que parece invadir meu coração...
Por vós, divago apaixonado
De cada cousa humilde. Numa flor,
Sangro perfume vivo e viva cor
E em dois raios de sol estou crucificado
E nas lágrimas tristes de quem chora...
Subo às estrelas, beijo a aurora!
Seduz-me o abismo, sobre o qual
A vertigem esvoaça...
A Deusa do delírio, em síncope, espectral,
Ébria de horror e graça!
Seduz-me o abismo do infinito,
Com entranhas de nuvens e de brasas,
Sedentas de aquecer,
Flamantes de ígneas asas,
Onde rebrilha o ferro, o mármore, o granito
E a possibilidade astral do ser...

Montes da minha aldeia, à luz crepuscular.
Imagens indistintas,
Murmúrios e segredos,
Tristezas a rezar...
Brancuras de neblina, roxas tintas,
Aparições e medos...
Cinza de oiro e lilás, o vento norte...
Uma saudade vaga,
Uma auréola distante que se apaga,
Pressentimentos vãos da negra morte...

Montes da minha aldeia,
Ermos, cheios de graça, à luz da lua cheia
Que, sobre eles, num gesto aéreo, espalha
Lágrimas de alva e fria claridade...
A sombra se extasia, o vento cisma, orvalha...
Absorto, me concentro, e vou andando,
Por esse tempo, além do nascimento...
Como é remota e velha a nossa idade!
Como a recordação domina o esquecimento!
Ah, desde quando
Vivemos? Como eu sinto a minha vida,

Na primitiva noite, já acendida,
Já profunda, arraigada na memória,
Radiando a luz do amor:
O amor, o eterno sol anterior
Ao sol, que é a sua imagem transitória.

Ó píncaros soturnos,
As horas espectrais!
Carvalhidos de sombra e de rumor, nocturnos
Mochos piando, aos ais...
Blocos de peso e treva, densos montes,

Longínquos horizontes...
Térreas ondas abrindo em branca espuma
E pétalas de bruma...
Nas suas formas paradas,
Cintila, em brilho escuro, a palpitante
Fluidez de transparência marulhante
De quando foram vivas e agitadas...
Ó montes do oriente,
Cobertos de oiro e flores,
Reverdecidos,
Com ovelhas pastando ao sol que, de contente,
Soa na rude frauta dos pastores!
Verdes folhas mordidas de zumbidos,
Sons de água caindo, alando-se em frescura;
Ardendo em poeira os áridos caminhos,
Onde a sombra a rezar dos pobrezinhos
Parece feita duma cinza escura!

Ó sol amigo!
Ó sol da eira!
Ó sol do meu país, pintando a uva...
Ó sol bebendo as lágrimas da chuva,
Doirando o trigo,
Marcando as largas horas da canseira
E do trabalho...
Manto de S. Martinho! Ó sol dos nus!
Sol menino a sorrir no coração do orvalho,
Sol poente pregado numa cruz!
Sol das cigarras, sol divino do meu ser,
Ó sol da cotovia,
Nas pedrinhas do chão a resplender...

Ó sol, máscara eterna da Alegria!

Montes da minha terra;
Degraus que vão findar no grande templo—a serra,
Onde jaz um silêncio do outro mundo,
E tão profundo,
Que a gente ouve pairar, na quietação do vento,
Esse íntimo diálogo entre nós
E o nosso pensamento...
E assim se cria a Aparição, a Voz.
Montes que sois meu triste coração,
Onde morreu, cantando, um rouxinol...
Fraguedos de alma, em êxtase, subindo;
Sonâmbulos pastores, fincados no bordão;
Ovelhas, sobre os píncaros, balindo,
Fitando o pôr do sol...

Montes da minha aldeia... No mais alto,
Erguido em rocha dura,
Apregoavam as almas do Senhor,
Pela Quaresma escura...
Que estranha voz funérea e sobre-humana,
Lançando o sobressalto,
O sacro horror,
Na solitária e mísera choupana!
E assim pregais, ó fiéis, na soledade,
Toda abafada em erma escuridade:
Àlerta! A morte é certa!
E os ecos da quebrada: àlerta! àlerta!
E o silêncio, em fantástico alvoroço,
De súbito, acordado,
Orava ao céu remoto e constelado:
Avé-Maria... Padre Nosso...
E em cada lar humilde, que tristeza!
Rezavam orações,
Criaturas de outras eras: pobrezinhos,

Pastores, lavradores já velhinhos;
Vultos feitos de sombra e de magreza
E de recordações...

Lá fora, o escuro, o medo, os cães latindo...
Silêncios que se fazem, ais do vento,
Sombras de árvores bulindo...
E aquela voz de negro sentimento,
Distante e cavernosa,
Que entenebrece mais a noite misteriosa.
Vede o génio do povo que revela
A sua intimidade espiritual, nocturna,
Sem um luzir de estrela...
A Lembrança de luto, em lágrimas geladas,
Desce à Região soturna,
A libertar as almas condenadas.

Montes da minha aldeia,
Quando vem do Marão a lua cheia,
Nas tardes outonais
De nubloso crepúsculo profundo,
Em vós, irei dormir a eternidade...
Que a vossa terra e os vossos pinheirais
Se alimentem de mim, desta saudade
Que andou, em alma e carne, sobre o mundo.

2 — A Dor e o Medo

Quando sòzinho, noite morta, rezo,
E a minha voz dos medos me defende;
E a tudo, à terra e ao céu, me sinto preso,
Vejo que a dor é a força que nos prende.

Enlouquecido de alma, canto e rezo.
Aflige-me o silêncio. Quem no entende?
A sombra me sufoca. É negro peso;
E, em fumo, do meu corpo se desprende.

Ó noite triste, noite que apavora,
Golpeada de estrelas, a sorrir...
Desnorteado, o vento clama e chora!

E quem sou eu? quem sou? na noite escura...
— O medo à morte certa que há-de vir
E a dor de ser humana criatura.

3 — A Sombra do Homem

Quando, num sono aéreo, tudo dorme,
E a treva lembra luz adormecida...
E o silêncio, quimérico e disforme,
É só uma canção interrompida...

Quando um pinheiro, além, na indecisão
Da noite, que o perturba e lhe faz mal,
Se vê, perdido em vaga confusão,
Tornar-se um ermo e vago pinheiral;

Quando, na sombra espessa, ó minha fonte,
Desliza, anseio de água, a tua voz,
De som molhado o rosto do horizonte
Que sofre e chora, às vezes, como nós...

Quando em paz tudo dorme, eu sonho e cismo.
Remorso? Exaltação? Delírio a arder?
E ouço vozes, que vêm dum fundo abismo,
Por minhas mãos aberto no meu ser!

E ouço vozes e passos... Quem me fala?
És tu, ó chuva? ó vento? ou serei eu?
Ah, como distinguir a minha fala,
Das vozes que andam, tristes, pelo céu!

Já de tanto sentir a Natureza,
De tanto a amar, com ela me confundo!
E agora, quem sou eu? Nesta incerteza,
Chamo por mim. Quem me responde? O mundo.

Chamo por mim; e a estrela me responde.
Chamo, de novo; e diz o mar: quem chama?
E diz-me a flor: onde é que estás? aonde?
Vede a sorte terrível de quem ama!

Quem é sòmente amor desaparece;
Deixa, para ser tudo, de existir.
Por isso, enquanto o Amor nos entristece,
Tudo, em volta de nós, está a sorrir...

Qual é tua alegria, ó criação?
A dor da criatura. E, sendo assim,
A alegria do nosso coração
É a dor universal, que não tem fim!

Viver, é receber a vida alheia;
Mas quem falece entrega a própria vida;
E, para que dê luz minha candeia,
Quanta gota de azeite consumida!

E Deus se exalta e vivifica, em nós,
E nós, em Deus, morremos, por amor.
O silêncio divino é a minha voz
E a alegria divina é a minha dor!

Ó Deus, tu és, em mim, fragilidade;
Sombra que, por encanto, surge e passa...
E nele, sou profunda Eternidade,
Êxtase, Beatitude, Enlevo e Graça!

Orar é a gente ver a Deus em si
E ver-se a gente em Deus. Nessa visão,
Homens da terra, os olhos consumi;
A esse fogo deitai o coração!

Ah! cada coisa humilde ou criatura
É a lenha que conserva, sempre acesa,
A fogueira de Deus, na noite escura
E gélida e sem fim da Natureza!

(As Sombras).

4 — O Poeta

I

Ninguém contempla as coisas, admirado.
Dir-se-á que tudo é simples e vulgar...
E se olho a flor, a estrela, o céu doirado,
Que infinda comoção me faz sonhar!

É tudo para mim extraordinário!
Uma pedra é fantástica! Alto monte
Terra viva, a sangrar, como um Calvário
E branco espectro, ao luar, a minha fonte!

É tudo luz e voz! Tudo me fala!
Ouço lamúrias de almas, no arvoredo,
Quando a tarde, tão lívida, se cala,
Porque adivinha a noite e lhe tem medo.

Não posso abrir os olhos, sem abrir
Meu coração à dor e à alegria.
Cada coisa nos sabe transmitir
Uma estranha e quimérica harmonia!

É bem certo que tu, meu coração,
Participas de toda a Natureza.
Tens montanhas, na tua solidão,
E crespúsculos negros de tristeza!

As coisas que me cercam, silenciosas,
São almas, a chorar, que me procuram.
Quantas vagas palavras misteriosas,
Neste ar que aspiro, trémulas, murmuram!

Vozes de encanto vêm aos meus ouvidos,
Beijam meus olhos sombras de mistério.
Sinto que perco, às vezes, os sentidos
E que vou a flutuar, num rio aéreo...

Sinto-me sonho, aspiração, saudade,
E lágrimas voando e alada cruz...
E rasteirinha sombra de humildade,
Que é, para Deus, a verdadeira luz.

II

Eu sou bemdita esmola, ó pobrezinhos!
Meu coração é fonte que se alegra...
Vinde beber, cèguinhos;
Matai a sede negra!

Sou velho tronco, a arder, homens gelados!
Ó trevas, vinde a mim: sou claro dia.
Sou perdão: vinde a mim, ó condenados!
Ó tristes, vinde a mim: sou a alegria!

Meu pranto é doce orvalho, murchas flores.
Sou a luz do luar, ó noite escura!
Sou bálsamo suave, ó negras dores!
Ó pedras, vinde a mim! Sou a ternura!

Árvores, vinde a mim: sou Primavera!
E sou ninho de amor, aves do ar!
E sou antro de amor, ó bruta fera!
E sou praia de amor, ondas do mar!

III

O fogo que me abrasa,
É fogo de paixão.
Meu corpo tomba em cinza
E pó, que o vento leva...
E alcança a vida eterna,
Em mística ascensão,
Tudo o que, em mim, é dor, fragilidade e treva.

Vejo sob os meus pés,
Estrelas, a fulgir...
Vejo mudar-se em luz

A gélida penumbra.
Esta carne, que é terra,
Há-de outra vez florir.
Uma visão de Deus todo o meu ser deslumbra.

Lá vai meu coração,
Quimérico, a sonhar,
Qual infindo murmúrio

Ou hálito de dor
Ou perfume de lírio
Ou asa de luar,
Para uma vida nova e para um novo amor.

(De *Vida Etérea*).

5 — Senhor Absoluto da Verdade

... Paulo é o enviado da Vida a um cemitério, o maior do mundo, o que encerra mais imponentes mausoléus e maior número de covas miseráveis... *Acorda, ó tu que dormes!* Mas há mortos que não ressuscitam, completamente reduzidos a uma coisa inerte. E há outros, tão contentes da sua morte, que não querem ressurgir. Paulo conhece os vivos e os mortos, os corpos e os espíritos. Conhece a atmosfera que envolve a terra, o fluído azul em que ela se continua, mais vaga, a habituar-se ao frio absoluto, para não sentir o Vácuo de repente... E conhece a atmosfera que envolve as almas, eléctrica e nublosa, relampejante de instintos e desejos, mas nimbada de uma auréola, precursora de um novo sol. Conhece o Bem e o Mal ou a substância e a forma. A substância é o bem. Na forma reside o mal. A substância é a vida e liberdade; a forma é a lei de ferro. O mal é a forma imposta à substância pela lei. Destruida a lei, o mal desaparece. Fica o homem entregue ao seu espírito, o homem livre, alumiado pela graça de Jesus, o cristão.

Paulo conhece tudo, porque foi tudo, desde o carrasco ao santo. Viveu na intimidade da noite, como vive à flor da luz. E conhecer é ser.

Senhor absoluto da Verdade, caminha para a Roma de Nero, grandiosa e fictícia, barulho e nada. Cada

passo o aproxima da cidade, que aflige os povos oprimidos, com os seus palácios de mármore, templos de mármore, coliseus de mármore, basílicas e pórticos de mármore, estátuas em multidão de mármore, e leis, mais pesadas ainda, escritas, em letras de ferro, na mesma pedra mármore. Paulo já sustenta aquele peso bruto nos ombros, na corcunda; mas, nos seus olhos oftálmicos, fulgura um olhar estranho, de um outro ser invisível e omnipotente. Sem a força da paixão, que é o seu remorso divinizado, fraquejaria na empresa sublime. Roma surgiria, diante dele, como a Londres actual, diante de qualquer *touriste:* imensa metrópole onde um homem não é ninguém. Mas Roma que era para S. Paulo? O que é o vidro para a luz: transparência, matéria vaga...

Paulo caminha, ou é levado. Vai numa exaltação aérea, sob o impulso dum anjo, o mesmo que lhe falou, a bordo da nau, branco de neve, na escuridão tempestuosa. Mas outro anjo o persegue e dedicadamente o contraria. É a Primavera do ano 60. Cerca-o de uma carícia luminosa. O zéfiro não o respeita, e beija-o na cara. Aquela flor marginal tenta seduzi-lo; envia-lhe, num raio de luz, a sua imagem. A Primavera reage contra a doutrina do apóstolo. É um ídolo pagão que se defende. Nunca abdicará. Paulo despreza as formas e as cores, como despreza este mundo em que é impossível o absoluto. Este mundo é relativo, porque não é único. Relatividade é dependência. Neste mundo, não alcançamos o absoluto, nem o pensamento humano dirá a última palavra. Não seria ela o seu suicídio? Se todas as palavras o alimentam, a decisiva, a última, seria a sua fatal destruição. Ninguém atinge a meta na corrida. Não há destinos concluídos. O acabado é quimera. Há esboços. E, por isso, persiste a vida, que depende da

sua incapacidade realizadora, do seu esforço, inútil e constante, no sentido da perfeição.

O Universo é uma nódoa branca circular; e, nela, todos os pontos são de partida e de chegada, princípio e fim, antes e depois, ao mesmo tempo.

O nosso pensamento não dirá a última palavra. Essa palavra permanece num silêncio inviolável, que é a substância maravilhosa em que trabalhamos os nossos sonhos. Entram assim no domínio da existência, mas numa região crepuscular, onde a existência se dilui no Indefinido. O sonho humano adapta-se à realidade, dilatando-a em nova expressão idealizada. É nesta área que Deus vive, orientando o homem e embelezando-o, como a Eternidade ilumina as horas passageiras. É lá que os anjos nos aparecem, e Paulo, por graça divina, é o apóstolo de Cristo.

Foi para criar, na terra, um novo sonho verdadeiro, (todo o sonho superior é revelação da Verdade), que Paulo nasceu, em Tarso, e trilha o pó da via romana.

Agora, a Verdade é Jesus Cristo, morto e ressuscitado no coração do grande apóstolo. Jesus encontrou, no seu coração, uma nova gruta de Belém e o bafo acalentador da vaca, o hálito do Espírito Santo, que perpassa nas frases das suas epístolas, como o vento através das árvores.

(De *São Paulo*).

6 — Santo da tempestade

Outrora, nos dias de trovoada, as criadas de minha casa gritavam por São Jerónimo, ao fuzilar de cada relâmpago. Aqueles gritos desenhavam-me a figura do Santo, num instantâneo clarão vermelho, em negro fundo de ribombo carvernoso. Essa figura lívida ficou-me, na memória, com uma nuvem que pairou, sinistra

e cor de bronze, nos fraguedos do Marão; a serra das trovoadas e de São Jerónimo e de outros santos e santas da tempestade. Já decorreram mais de cinquenta anos; um número que, acrescentado de dois zeros, atiraria comigo para lá dos reis de Babilónia e dos Faraós do Egito. Viajo através do tempo...

Lembro-me dessa nuvem, e de rezar ao pé de minha avó, à luz da cera benta, luz parada, que parecia morta, diante de um crucifixo de marfim. Avisto ainda as fosforescências, rubras e azuladas, nos vidros das janelas, seguidas de um estrondo medonho de aéreos desabamentos. A voz do céu faz tremer o mundo. Até a nossa tristeza o impressiona e transfigura. O sonho domina a realidade. ¿Que é a nebulosa, senão um sonho de Deus? A própria História tem uma origem sonâmbula. Os seus primeiros factos são fabulosos, porque foram gerados durante os sonhos dos heróis. A Mitologia é a mesma História, no seu princípio, desenvolvida ainda em pleno sono ou esquecimento. ¿Quem se recorda de haver nascido? ¿Que homem ou povo se recorda? Este esquecimento indefine o começo da nossa existência, quimérico e ilusório, como o seu fim. O berço e o túmulo não são para os olhos de quem neles está deitado.

Na minha idade mitológica ou infantil, via, em São Jerónimo, o advogado dos trovões, esculpido numa nuvem de bronze, sobre um andor fantástico, aos ombros dos quatro ventos do Apocalipse. Cresci, aprendi a ler, apaixonei-me pelos Poetas, que trazem o mundo na cabeça, como Lucrécio, ou Deus no coração, como Paulo. No Apóstolo das gentes, a inspiração liberta-se de todos os resíduos animais ou anímicos, atingindo a perfeita espiritualidade. Mas São Jerónimo é sempre um escritor muito versado nos clássicos latinos. Depois das Epístolas de Paulo de Tarso, estudei as do monge dálmata, tão queridas de Santa Teresa de Ávila, a Ibéria feita

mulher. Teresa leu aquelas cartas, tantas vezes, que o seu olhar apegou-se, para sempre, às frases do velho eremita. Por isso, elas irradiam, além da sua claridade natural, um luar misterioso, como todos os poemas celebrados. Possui uma qualidade própria e transcendente. Então, o Santo desceu das nuvens de bronze, e revelou-me o seu íntimo drama de ascético poeta humanista, enlevado no culto da castidade e da amizade. Passou do Marão para Belém. O advogado dos raios converteu-se no doutor da Igreja. Mas não despreza o seu passado trovejante. Se o agridem, o caso é sério; o relâmpago fulgura-lhe nos dedos; e, com ele, fulmina os inimigos e os heréticos. E todavia há heréticos que o adoram, heréticos de boa fé, por obediência a uma lei divina, que nos manda ser o que somos. Deus ama a confissão do nosso pensamento, e não distingue entre crentes e descrentes. Conhece o valor da crença e o da descrença e o de todos os sentimentos humanos, feitos de uma substância, abstracta e viva, que tem o nome de inconstância, porque é ondulante e fugitiva.

Jerónimo, nas suas Epístolas, descreve-nos a sua existência nos salões aristocráticos de Roma, onde a ideia cristã se propagava. Fala-nos dos seus tempos de estudante, das suas viagens nas Gálias, da sua estada no deserto da Cálcida, enquanto a trovoada dos Bárbaros se acastelava no horizonte. E, outra vez, o Santo da minha infância se desenha num fundo negro tempestuoso, que não é o Marão, mudado em montes de som atroador; mas os Carpatos e os Alpes, as margens do Reno e do Danúbio, eriçadas de lanças lampejantes. Não lhes brilha na ponta a estrela de Homero, mas a sede de sangue, vermelha, a estalar em raios e coriscos.

Atormentado desse cataclismo social, — o desmoronamento do Império, — e de outros cataclismos naturais, arrasando vilas e cidades, nas costas mediterrâneas,

vemo-lo na gruta de Belém, já velho, esquelético e barbudo, diante duma Bíblia e duma caveira; e, ao lado dele, um leão, que descansa, nos seus pés descalços, a carranca enorme e humanizada. E os longes sempre acesos de relâmpagos, e um ruído etéreo e cavernoso, subterrâneo e celeste, qual revoada de penedos entrechocando-se, no ar.

Como Paulo é da minha paixão, Jerónimo é da minha simpatia. Paulo é o amor dramático; Jerónimo a lírica amizade. Este Santo, como aquele, tornou-se-me tão íntimo, que adquiriu, em mim, uma presença incompatível com o invisível. Tudo o que toma corpo, necessita de aparecer, à luz do sol. E aparecer é nascer. Ou o filho nasce ou morre a mãe. Há uma liberdade sacrossanta: a de criar.

Jerónimo, desde que li as suas Epístolas, é um dos amigos meus inseparáveis. Vou acompanhá-lo, durante a sua mocidade e velhice, como acompanhei São Paulo, retratando-o do natural, e fazendo alguns comentários sugeridos pelos incidentes do caminho. E espero ainda viver, com Napoleão, em Santa Helena. ¿ Quem não acaba como Napoleão em Santa Helena? ¿ Quem não traz a sua cruz às costas, como Cristo?

Tenho uma virtude que eu imagino comum a várias almas: admiro a grandeza e a beleza. Mas não há grandeza sem Deus, nem arte sem Beleza. Deus é a garantia dos valores espirituais, o oiro de moeda. Em toda a criatura, ainda não mecanizada, existe uma aspiração religiosa e estética, superior, que a anima e enleva etèreamente. É aquele encanto da vida que passa, por nós, como um relâmpago, em certos instantes maravilhosos... Se o fixássemos, em nós, e refizéssemos dele o nosso ser, participaríamos então da Divindade; seríamos anjos verdadeiros.

(De *S. Jerónimo e a Trovoada*).

INDICE

SÉCULO XVIII

Período da Decadência do Classicismo

Capítulo I — Novas Tendências Intelectuais

Luís António Verney: Págs.

Contra o preconceito da superioridade dos Antigos . . 5
Em referência a Descartes 9
Novos mestres 11
O conhecimento do corpo humano 14
Sobre Camões e o poema épico 16
Virtude e Nobreza 19

Francisco Xavier de Oliveira:

Sobre a educação da mulher 23
Contra as superstições e crendices 27
Faltas que cometem os homens 36

António Nunes Ribeiro Sanches:

Sobre o ensino que deve preceder as Escolas Maiores . 41
Consequências por não criarem as mães seus filhos. . 46
Ponderação sobre a Língua Latina 49

Capítulo II — A Arcádia Lusitana

Pedro António Correia Garção:

Sobre a Imitação dos Antigos 55
Oh mil vezes feliz 59
Ode III 61
Soneto XVI 63
Cantata de Dido 64

António Dinis da Cruz e Silva: Págs.

Proposição e Invocação 69
O Deão na Cerca dos Capuchos 69
Ode Pindárica 76

Domingos dos Reis Quita:

Écloga X 83
Idílio X 55
Canção 87

Francisco José Freire:

Écloga, sua origem, definição, estilo, virtudes e vícios . 91
Se a Tragédia deve constar de matéria verdadeira ou falsa 94
Da Fábula e suas propriedades 99
Da Comédia, sua origem, definição e matéria 101

CAPÍTULO III — **O Teatro no século XVIII**

Correia Garção:

Brás, Monsieur Arnaldo e os ditos 109

Domingos dos Rais Quita:

A Castro 120

António José da Silva:

Guerras do Alecrim e Mangerona 131

CAPÍTULO IV — **A Academia das Belas Letras ou Nova Arcádia**

Manuel Maria Barbosa du Bocage:

Sonetos 145
À morte de Inês de Castro 149
À morte de Leandro e Hero 154

José Agostinho de Macedo:

Proposição, Invocação e Dedicatória 161
O Homem primitivo 164

Curvo Semedo: Págs.
O Rouxinol e a Cigarra 167

Capítulo V — **A Poesia dos Dissidentes**

Nicolau Tolentino de Almeida:
A Guerra 171
O colchão dentro do toucado 179
Pouco progresso dos discípulos 179

Filinto Elísio:
Carta ao senhor F. J. de B.. 181

José Anastácio da Cunha:
Recordações de um objecto ausente 187
A Esfera amorosa 188
Ode 190

Abade de Jazente:
Sonetos 192

Marquesa de Alorna:
Aquele outeiro sombrio 195
Sensíveis Passarinhos 198
Os dois cisnes 200

Capítulo VI — **A Nova Literatura Portuguesa no Brasil**

Cláudio Manuel da Costa:
Sonetos 206

Inácio José Alvarengo Peixoto:
Soneto 207
A Bárbara Heleodora 208

Manuel Inácio da Silva Alvarenga: Págs.

Madrigal I 209
Madrigal XLVI 209
Glaura dormindo 210

Tomás António Gonzaga:

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro 212
Vou retratar a Marília 214
Acaso são estes 216
Nesta triste masmorra 219

José Basílio da Gama:

Morte de Lindóia. 221

José da Santa Rita Durão:

Moema 224

PERÍODO DO ROMANTISMO

Desde a publicação do poema «Camões» até 1865

Capítulo I — Almeida Garrett

Almeida Garrett:

Invocação do poema «Camões» 233
A conversar co'as pedras solitárias 234
Camões chora a morte de Catarina de Ataíde 237
Aben-Afan 241
As Minhas Asas 242
Os Cinco Sentidos 244
Guimar 245
Carta de Carlos a Joaninha 249
Frei Luís de Sousa 254

Capítulo II — Alexandre Herculano

Alexandre Herculano:

A Cruz Mutilada 263
Recordações 172

Págs.
Os Visigodos 275
O declínio da Nobreza e o poder real no tempo de D. João I. 278
Últimos tempos de D. Afonso Henriques 282
D. Sancho I 286

Capitulo III — António Feliciano de Castilho

António Feliciano de Castilho:
A Visão 295
À Ermitagem da Montanha 299
Da sua Lira 305
Médico à Força 306
Necessidade de estudar os Antigos Escritores . . . 312
Morte de Martim Moniz. 314

Capítulo IV — Poesia Ultra-Romântica

João de Lemos:
A Lua de Londres 321
O Sino da Minha Terra. 324

Augusto de Lima:
Infância e Miséria 230

A. Gonçalves Dias:
Inocência 330

Luís Augusto Palmeirim:
As Ondas 336

A. X. Rodriguss Cordeiro:
Imagem da vida 330
Trevas e Luz 339

Soares de Passos:
O Noivado do Sepulco 341
O Firmamento. 344

Capítulo V — Camilo Castelo Branco no romance passional

Camilo Castelo Branco: Págs.

Morte de um lobo 351
A Encomenda 353
Amor de Perdiço 357
A Baronesa 360
A dor do remorso 366
Como mataram a Marquesa de Távora 369

Capítulo VI — Outros romancistas românticos

Júlio Dinis:

Jenny 375

Rebelo da Silva:

O fim de D. Gomes Lourenço 380

Arnaldo Gama:

Uma sessão no Tribunal da Bolsa 385

António da Silva Gaio:

O Presbitério e o Padre Maurício 392

Capítulo VII — Diversos historiadores românticos

Rebelo da Silva:

Febo Moniz 399

Pinheiro Chagas:

O terramoto de Lisboa 404

Latino Coelho:

Origens de Portugal 407

SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

O Período do Naturalismo

Capítulo I — Líricas de João de Deus

João de Deus: Págs.

Carta 414
Adoração 417
Encanto 419
Último Adeus 420

Capítulo II — Antero de Quental

Antero de Quental:

Hino da Manhã 425
A Santos Valente 430
Salmo 430
Sonho Oriental 431
O Palácio da Ventura 432
Sepultura Romântica. 432
À Virgem Santíssima Cheia de Graça e Mãe de Misericórdia. 433
Na Mão de Deus 434
A Inteligência 434
O Conhecimento Científico 436
Moral e Liberdade 430
Carta a Oliveira Martins. 442

Capítulo III — Eça de Queirós

Eça de Queirós:

Memórias do Átomo 449
Uma quinta no Minho 451
Proeza de Gonçalo Mendes Ramires. 454
Na Biblioteca 457
A Bondade de S. Cristóvão 460

Capítulo IV — Oliveira Martins e Ramalho Ortigão

Oiiveira Martins: Págs.

O Triunio de Paulo Emílio. 466
A Batalha de Alfarrobeira 471

Ramalho Ortigão:

No Dique do Helder 476
Oliveira Martins como historiador 479

Capítulo V — Poetas Líricos

Guerra Junqueiro:

Morena 485
A Moleirinha 486
Préstito Fúnebre 488

Gomes Leal:

O Velho Palácio 491
A Samaritana 492

Guilherme de Azevedo:

Poema XLVI 495

OS PARNASIANOS

João Penha:

Sonetos 496

Gonçalves Crespo:

O Rosário 498
Mater Dolorosa 499

Cesário Verde:

Contrariedades. 500

Capítulo VI — Os Contistas

Teixeira de Queirós:

O Lobo 506

Fialho de Almeida: Págs.
Mater Dolorosa 510

Trindade Coelho:
A Choca. 515

LITERATURA DO SÉCULO XX

De 1890 até à morte de Teixeira de Pascoais

Capítulo I — Os Simbolistas

Eugénio de Castro:
Um Sonho 523
Olhando as Nuvens 526

António de Oliveira Soares:
Sol entre nuvens 530

Alberto Osório de Castro:
Ouvindo Sinos. 532

António Nobre:
Ó Virgens 533
Viagens na minha terra 533

Camilo Pessanha:
Imagens que passais 539
Poema Final 540

Capítulo II — Neo-Garretismo

Alberto de Oliveira:
Neo-Garretismo 443
Garrett e a liberdade na arte 543
Portugal no Brasil 544

António Sardinha:

Págs.

Canção de Toledo 546
Aleluia 549
Triste Fado. 549
Aljubarrota. 550

Afonso Lopes Vieira:

Saudades Trágico-Marítimas 551
Pinhal do Rei 554
A obra de Gil Vicente 556
A herança de Garrett 557

Raúl Brandão:

A Morte do Arrais 558

Capítulo III — Poetas e Poesia Nova

António Feijó:

Felina 567
Hino à Dor 568

Augusto Gil:

Oração 569
O Passeio de Santo António 570

Florbela Espanca:

Sem Remédio 572
Hora que Passa 573
Rústica 574
Quem Sabe?... 574

Os Modernistas

Mário de Sá Carneiro:

Cinco Horas 575
Caranguejola 577

Fernando Pessoa:

Págs.

D. Dinis 579
O Mostrengo 580
Adiamento 581
Vem sentar-te comigo, Lídia 582
Se, depois de eu morrer 583

CAPÍTULO IV — **Diversos géneros — Romance, Viagens e História**

Carlos Malheiro Dias:

O Jantar 587

Manuel Ribeiro:

O Monge Frei Bruno 591

Antero de Figueiredo:

A Terra Negra 596
D. Fernando aos vinte e seis anos 599

Venceslau de Morais:

O Chá 602

Lúcio de Azevedo:

Para a História do Açúcar 605

CAPÍTULO V — **Teixeira de Pascoais no lirismo e na biografia**

Teixeira de Pascoais:

Os Montes 613
A Dor e o Medo 317
A Sombra do Homem 618
O Poeta 620
Senhor Absoluto da Verdade 623
Santo da tempestade 625

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 064837914